

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



## **Coordenação, Subordinação Adverbial e Relações Referenciais entre Sujeitos**

Nádia Alexandra Santos Canceiro

Tese orientada pela Professora Doutora Gabriela Matos e pela Professora Doutora Madalena Colaço, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

2016



## **Agradecimentos**

Esta dissertação é o resultado de cerca de três anos de trabalho, neste período de tempo beneficiei da ajuda de muitas pessoas. As próximas linhas são uma tentativa de agradecimento por toda a ajuda e apoio.

Os meus primeiros agradecimentos são para as minhas orientadoras, Professora Doutora Gabriela Matos e Professora Doutora Madalena Colaço, a elas devo a concretização deste trabalho. Gostaria de expressar a minha sincera gratidão pelo olhar crítico, pela paciência e dedicação, por tudo o que me transmitiram neste espaço de tempo, por todo o apoio e palavras de incentivo. Agradeço ainda o facto de serem incansáveis na revisão exaustiva feita a esta tese, e por me terem inculcado o sentido de rigor no trabalho e entusiasmo pela investigação.

Agradeço aos informantes do meu teste experimental por terem perdido algum do seu tempo para me ajudar a recolher o material necessário a esta investigação. Agradeço também às minhas orientadoras por me permitirem aplicar o teste nas suas aulas.

Agradeço também aos meus professores de mestrado, principalmente à Professora Doutora Inês Duarte pelo seu seminário de Sintaxe no primeiro semestre deste mestrado. Graças a este primeiro contacto tão positivo com a Sintaxe, não só perdi o medo que tinha desta área, como também percebi o caminho que devia seguir.

Aos meus colegas de mestrado, especialmente ao Gonçalo Silva e ao Filipe Marques pelas conversas linguísticas, pelos bons momentos e, pelo que fica para lá das árvores da Sintaxe, a amizade.

Agradeço também à Silvana Abalada e à Aida Cardoso pela ajuda com o teste experimental, por me facultarem alguma bibliografia e pela disponibilidade em me ajudar.

À Maria Lima e ao Miguel Moiteiro Marques, amigos e colegas, pela ajuda com a revisão a este trabalho e, principalmente, pela companhia e pelas palavras de incentivo.

Às minhas amigas Diana Marques e Joana Melo pelas manhãs de estudo na Biblioteca da Faculdade de Letras, pelo incentivo, pelos bons momentos e pela amizade.

À Sílvia Cachaço e à Iotelma Jumpe, pela amizade além-fronteiras, pela preocupação e pelas palavras de apoio.

À Nádia Barros, pela amizade, por todo o apoio, por estar disponível para me ajudar, pelas sugestões ao meu trabalho (atual e futuro), e por ter acreditado sempre em mim e nas tontices que eu digo (linguísticas e não linguísticas).

À Mariana Vences, amiga e melhor professora de música do mundo, pelos bons momentos no trabalho, e principalmente fora dele, pelos projetos megalómanos e, acima de tudo, por me mostrar que tudo é possível porque “O que interessa é querer!”.

Por fim, agradeço aos meus pais e irmão por me permitirem seguir os meus sonhos e, além disso, por me apoiarem no caminho que percorro para os alcançar. Agradeço por me compreenderem e apoiarem em tudo o que faço, mesmo sem saberem ao certo o que é.

## Índice

<b>Agradecimentos .....</b>	<b>3</b>
<b>Lista de Gráficos.....</b>	<b>9</b>
<b>Lista de Tabelas .....</b>	<b>11</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>13</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo I – Introdução.....</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo II – Propostas na literatura para as estruturas coordenadas e subordinadas adverbiais .....</b>	<b>21</b>
<b>0. Introdução .....</b>	<b>21</b>
<b>1. Coordenação vs. Subordinação Adverbial .....</b>	<b>21</b>
<b>2. Coordenação frásica .....</b>	<b>28</b>
2.1. Propriedades gerais da coordenação .....	28
2.2. Aspetos estruturais da coordenação frásica .....	32
2.3. Coordenação integrada vs. coordenação não integrada .....	39
<b>3. Subordinação adverbial .....</b>	<b>42</b>
3.1. Subordinação adverbial integrada vs. não integrada.....	42
3.2. Aspetos estruturais da subordinação adverbial .....	48
<b>Capítulo III – Comportamento referencial de sujeitos em frases coordenadas e subordinadas adverbiais .....</b>	<b>57</b>
<b>0. Introdução .....</b>	<b>57</b>
<b>1. A Teoria da Ligação .....</b>	<b>57</b>
1.1. A versão clássica da Teoria da Ligação (Chomsky 1980, 1981, 1982, 1986).....	58
1.2. Desenvolvimentos da Teoria da Ligação clássica .....	62
1.2.1. Pronominais e Expressões-R.....	62
1.2.2. Formulações da Teoria da Ligação sem o conceito de regência .....	65
1.3. Alternativas à Teoria da Ligação .....	66
1.3.1. Reinhart e Reuland (1993) .....	66
1.3.2. Antonenko (2012) .....	70
<b>2. A omissão do sujeito em frases coordenadas e subordinadas adverbiais .....</b>	<b>71</b>
2.1. Sujeitos omitidos.....	72
2.1.1. Sujeitos omitidos em frases coordenadas finitas.....	73
2.1.1.1 Extração Simultânea (Across-the-board) .....	76
2.1.1.2. Movimento lateral ( <i>Sideward movement</i> ).....	79
2.1.1.3. Outras propostas .....	83
2.1.2. Sujeitos omitidos em frases subordinadas adverbiais .....	84
2.1.2.1. Sujeitos omitidos e controlo .....	85
<b>3. Conclusão .....</b>	<b>91</b>

<b>Capítulo IV – Identificação de relações referenciais entre sujeitos em estruturas coordenadas e estruturas subordinadas adverbiais .....</b>	<b>93</b>
<b>0. Introdução .....</b>	<b>93</b>
<b>1. Questões de investigação e Hipóteses.....</b>	<b>94</b>
<b>2. Aferição de interpretações preferenciais .....</b>	<b>96</b>
2.1. Teste 1 .....	98
<i>Teste</i> .....	99
<i>Informantes</i> .....	101
2.2. Teste 2.....	101
<i>Metodologia</i> .....	101
<i>Informantes</i> .....	102
<i>Condições</i> .....	103
<i>Recolha de dados</i> .....	108
2.3. Transcrição e tratamento de dados.....	109
<b>3. Apresentação dos resultados.....</b>	<b>110</b>
3.1. Teste 1: Resultados .....	111
3.1.1. Estruturas Coordenadas.....	111
3.1.2. Estruturas Subordinadas Adverbiais .....	112
3.2. Teste 2: resultados por tipo de estrutura .....	114
3.2.1. Frases Coordenadas Aditivas .....	114
3.2.2. Frases Coordenadas Adversativas.....	116
3.2.3. Frases Coordenadas Disjuntivas .....	118
3.2.4. Frases Subordinadas Adverbiais Integradas.....	119
3.2.5. Frases Subordinadas Adverbiais Não Integradas à direita .....	121
3.2.6. Frases Subordinadas Adverbiais Não Integradas à Esquerda .....	123
3.3. Teste 2: resultados por condição.....	125
3.3.1. Pronome Lexical _ Conjunção/Complementador _ Pronome Lexical .....	125
3.3.2. Expressão Referencial _ Conjunção/Complementador _ Pronome Lexical .....	127
3.3.3. Pronome Lexical _ Conjunção/Complementador _ Expressão Referencial .....	129
<b>4. Síntese .....</b>	<b>130</b>
<b>5. Discussão dos resultados e consequências relativamente à estrutura das frases coordenadas e subordinadas adverbiais .....</b>	<b>131</b>
5.1. Estruturas Subordinadas Adverbiais .....	132
5.1.1. Estruturas Subordinadas Adverbiais integradas e não integradas.....	132
5.1.1.1. Estruturas Subordinadas Adverbiais integradas .....	133
5.1.1.2. Estruturas Subordinadas Adverbiais não integradas à direita .....	137
5.1.1.3. Estruturas Subordinadas Adverbiais não integradas à esquerda .....	139
5.1.2. Estruturas Subordinadas Adverbiais não integradas à direita e à esquerda .....	142
5.2. Estruturas Coordenadas .....	143
5.2.1. Relações referenciais entre os Sujeitos de Estruturas Coordenadas Aditivas .....	144
5.2.2. Relações referenciais entre os Sujeitos de Estruturas Coordenadas Adversativas .....	147

5.2.3. Relações referenciais entre os Sujeitos de Estruturas Coordenadas Disjuntivas.....	150
5.3. Síntese Comparativa – Coordenação .....	153
5.4. Estruturas Coordenadas e Subordinadas Adverbiais: semelhanças e diferenças	156
5.4.1. Estruturas Coordenadas Aditivas e Subordinadas Adverbiais não integradas à direita.....	156
5.4.2. Estruturas Coordenadas Adversativas e Subordinadas Adverbiais integradas .....	158
5.4.3. Estruturas Coordenadas Disjuntivas e Subordinadas Adverbiais não integradas à esquerda .....	160
5.4.4. Estruturas Coordenadas Adversativas e Subordinadas Adverbiais não integradas à direita .....	161
5.5. Síntese.....	162
<b>Capítulo V – Conclusões .....</b>	<b>169</b>
<b>Referências .....</b>	<b>175</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>191</b>
<b>Anexo 1 .....</b>	<b>193</b>
<b>Anexo 2 .....</b>	<b>221</b>
<b>Anexo 3 .....</b>	<b>231</b>
<b>Anexo 4 .....</b>	<b>235</b>





## Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Resultados teste 1: Estruturas Coordenadas .....	112
Gráfico 2 - Resultados teste 1: Estruturas Subordinadas Adverbiais .....	113
Gráfico 3 - Resultados da Tarefa - Frases Coordenadas Aditivas .....	115
Gráfico 4 - Resultados da Tarefa - Frases Coordenadas Adversativas.....	117
Gráfico 5 - Resultados da Tarefa – Frases Coordenadas Disjuntivas.....	118
Gráfico 6 - Resultados da Tarefa – Frases Subordinadas Adverbiais Integradas.....	120
Gráfico 7 - Resultados da Tarefa – Frases Subordinadas Adverbiais Não Integradas à direita.....	122
Gráfico 8 - Resultados da Tarefa – Frases Subordinadas Adverbiais Não Integradas à esquerda.....	123
Gráfico 9 - Resultados da Tarefa – Condição PL_PL .....	126
Gráfico 10 - Resultados da Tarefa – Condição DP_PL.....	128
Gráfico 11 - Resultados da Tarefa – Condição PL_DP.....	129
Gráfico 12 - Resultados do teste 1: Frases Subordinadas Adverbiais integradas.....	134
Gráfico 13 – Referência dos Sujeitos em Estruturas Subordinadas Adverbiais integradas .....	135
Gráfico 14 - Resultados do teste 1: Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à direita.....	137
Gráfico 15 – Referência dos Sujeitos em Estruturas Subordinadas Adverbiais não integradas à direita .....	138
Gráfico 16 - Resultados do teste 1: Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à esquerda.....	140
Gráfico 17 – Referência dos Sujeitos em Estruturas Subordinadas Adverbiais Não Integradas à esquerda .....	140
Gráfico 18 - Resultados do teste 1: Frases Coordenadas .....	145
Gráfico 19 – Referência dos Sujeitos em Estruturas Coordenadas Aditivas.....	146
Gráfico 20 – Referência do sujeito em Estruturas Coordenadas Adversativas .....	148
Gráfico 21 - Referência do sujeito em Estruturas Coordenadas Disjuntivas .....	151
Gráfico 22 - Frases Coordenadas Aditivas .....	156
Gráfico 23 - Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à direita.....	157
Gráfico 24 - Frases Coordenadas Adversativas.....	158

Gráfico 25 - Frases Subordinadas Adverbiais integradas.....	159
Gráfico 26 - Frases Coordenadas Disjuntivas .....	160
Gráfico 27 - Frases Subordinadas Adverbiais Não Integradas à esquerda.....	160
Gráfico 28 - Frases Coordenadas Aditivas .....	231
Gráfico 29 - Frases Coordenadas Adversativas.....	231
Gráfico 30 - Frases Coordenadas Disjuntivas .....	232
Gráfico 31 - Frases Subordinadas Adverbiais Integradas .....	232
Gráfico 32 - Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à direita.....	233
Gráfico 33 - Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à esquerda.....	233
Gráfico 34 - Frases Coordenadas Aditivas .....	235
Gráfico 35 - Frases Coordenadas Adversativas.....	235
Gráfico 36 - Frases Coordenadas Disjuntivas .....	236
Gráfico 37 - Frases Subordinadas Adverbiais Integradas .....	236
Gráfico 38 - Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à direita.....	237
Gráfico 39 - Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à esquerda.....	237

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1 - Condições testadas – Teste 1 .....	100
Tabela 2 - Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à esquerda (Teste 1).....	100
Tabela 3 - Frases coordenadas aditivas, disjuntivas e subordinadas adverbiais integradas .....	102
Tabela 4 - Frases coordenadas adversativas, disjuntivas correlativas e subordinadas adverbiais não integradas à direita .....	102
Tabela 5 - Frases subordinadas adverbiais não integradas à esquerda .....	102
Tabela 6 - Informação dos dados de cada sessão .....	108



## Resumo

O presente trabalho possui um carácter exploratório e tem como objetivo a análise das ligações referenciais que se estabelecem entre sujeitos em frases finitas coordenadas e subordinadas adverbiais, integradas e não integradas. A observação do comportamento referencial destes constituintes permite obter pistas sobre as propriedades que caracterizam os sujeitos omitidos nestas construções e também sobre as configurações sintáticas que lhes estão subjacentes.

Tomando por base as propostas teóricas relevantes para a definição de coordenação e subordinação adverbial, também aquelas que dão conta das características dos sujeitos omitidos nestas frases, e considerando o facto de muitos trabalhos aproximarem, ou distinguirem, estas construções, acreditamos ser importante proceder a um estudo sistemático que permita definir com mais exatidão estes aspetos.

Avançaram-se 3 hipóteses: (i) há uma clara distinção entre coordenação e subordinação adverbial, mas, entre si, os diferentes tipos de frases coordenadas e adverbiais apresentam propriedades semelhantes; (ii) frases coordenadas e adverbiais apresentam estruturas semelhantes e, por isso, as diferenças não são estruturais; (iii) não existe uma distinção clara entre estas frases em termos estruturais, assim, as suas diferenças poderão estar relacionadas com, por exemplo, os graus de integração ou o nível em que ocorre a articulação dos dois termos coordenados ou da frase matriz com a adverbial.

De forma a complementar o estudo teórico, construiu-se um teste de cariz experimental baseado na Tarefa de Juízo de Referência, que tem como objetivo aceder à gramática mental dos informantes, de modo a obter todas as interpretações possíveis associadas a cada estrutura.

Os resultados desta tarefa permitiram perceber que, na generalidade, as frases subordinadas adverbiais apresentam um comportamento tal como descrito na literatura relevante, mas que, pelo contrário, no caso da coordenação, existem diferenças entre os vários tipos de frases contempladas neste estudo: aditivas, adversativas e disjuntivas. Com efeito, os dados aproximam algumas frases coordenadas de adverbiais e separam as coordenadas aditivas das adversativas e das disjuntivas.

Assim, este estudo permitiu perceber que as relações de c-comando que se estabelecem entre os constituintes em posição de sujeito, o aspeto crucial deste trabalho,

podem ser analisadas quer em termos de Especificador-Núcleo-Complemento, quer de Adjunção.

No entanto, o estudo mostrou, confirmando a hipótese (*iii*), que a diferença entre frases coordenadas e subordinadas adverbiais vai para além do que é tradicionalmente proposto, que existem diferenças entre os vários tipos de frases coordenadas e, além disso, algumas coordenadas apresentam semelhanças com as subordinadas adverbiais, que têm a ver com o nível em que ocorre a articulação das frases e o maior / menor nível de integração do segundo termo da coordenada, ou da frase adverbial em relação à matriz.

**Palavras-Chave:** coordenação, subordinação adverbial, relações referenciais, configurações sintáticas, frases integradas e não integradas.

## Abstract

This study is exploratory and its aim is to analyze the referential relations established between subjects in finite coordinate and adverbial (integrated and non-integrated) clauses. The observation of the referential behavior of these elements will provide us with clues regarding both the properties that characterize the omitted subjects in these constructions and the syntactic structures underlying these sentences.

Bearing in mind the relevant theoretical proposals for the characteristics of the omitted subjects, as well as those regarding coordination and adverbial subordination, and taking into account the fact that these sentences are analyzed by some authors as being similar, we believe that only a systematic study will allow us to better understand the properties of these constructions.

For this study, we considered three hypotheses: *(i)* the distinction between coordination and subordination is clear but, amongst themselves, the different types of coordinate and adverbial clauses present similar properties; *(ii)* coordinate and adverbial clauses have similar structures, therefore their differences are not structural; *(iii)* the distinction between coordination and subordination in structural terms is not clear so their differences might be, for example, related to their degree of integration or the level where occurs the articulation of both coordinated terms or the matrix and adverbial clauses.

As a way of complementing the theoretical study, we built an experimental focused task based on the Reference Judgment Task, whose objective is to access the mental grammar of the informants and, by doing so, obtain all of the interpretations associated to each sentence.

The results obtained showed that, in general, the adverbial clauses referential behavior is as described in the relevant literature. However, the coordinate sentences exhibit differences amongst the three types that were tested: copulative, adversative and disjunctive. In fact, coordinate and some adverbial clauses behave similarly, and copulative sentences behave differently than adversative and disjunctive.

Therefore, this study allowed us to understand that the c-commanding relations that are established between the elements in subject position, the crucial aspect of this study, can be analyzed in terms of Specifier-Head-Complement or Adjunction.

However, this work showed that the barrier between coordination and adverbial subordination goes beyond what is traditionally proposed, due to the differences found

amongst coordinate sentences and also to the fact that some coordinate and adverbial sentences behave in the same way. These differences, which confirm hypothesis (iii) may be due to their degree of integration and to the level of articulation shared between both coordinated terms or between the matrix and adverbial clauses.

**Key-Words:** coordination, adverbial subordination, referential relations, syntactic structures, integrated and non-integrated sentences.



## Capítulo I – Introdução

O presente trabalho enquadra-se na área da sintaxe, tendo por base a abordagem da gramática generativa atual (a Teoria de Princípios e Parâmetros, proposta em Chomsky 1981, e o Programa Minimalista, estabelecido em Chomsky 1995 e trabalhos seguintes), e tem como objetivo contribuir para a compreensão de aspetos relacionados com as relações referenciais que se estabelecem entre os constituintes em posição de sujeito em frases complexas envolvendo coordenação e subordinação adverbial e, consequentemente, contribuir para a caracterização das estruturas que lhes estão associadas. Tendo em conta a discrepância de juízos sobre a interpretação (cor)referencial dos sujeitos em algumas estruturas, que desde o início verificámos (cf. Canceiro (2013, 2016), optou-se por recorrer a uma tarefa de natureza experimental, seguindo o modelo da Tarefa de Juízo de Referência, utilizada no âmbito da linguística experimental, de forma a atestar a segurança dos dados a analisar.

As estruturas de coordenação têm sido alvo de estudo em diversas línguas, entre as quais o português, por vários autores, tais como Munn (1993), Johannessen (1993, 1998), Kayne (1994), Matos (1995, 2005, 2009), Colaço (1998, 2005), Matos & Raposo (2013), entre outros. As estruturas subordinadas adverbiais, por vezes aproximadas às coordenadas, têm também sido analisadas por autores como Chomsky (1981, 1986), Haegeman (1991), Kayne (1994), Cinque (1999), Ernst (2000, 2002), Lobo (2003, 2013), Valmada (2009), entre outros. Contudo, nenhuma destas análises se debruçou, no domínio destas frases complexas, de forma sistemática, sobre as relações que se estabelecem entre os sujeitos, sejam eles nulos, pronomes realizados ou expressões referenciais. Tendo também em conta que os trabalhos que tratam questões relacionadas com coordenação e subordinação não são consistentes nas suas abordagens, e que, dependendo das análises para as estruturas em estudo, são adotadas configurações de Adjunção ou de Especificador-Núcleo-Complemento, pretendemos avaliar a adequação das propostas. A comparação entre estas construções a partir das relações referenciais que se estabelecem permitirá uma melhor compreensão das estruturas envolvidas, e contribuirá para uma maior definição das diferenças que opõem a coordenação à subordinação. Ao mesmo tempo, essas relações referenciais permitirão distinguir diferentes tipos de estruturas de coordenação e de subordinação adverbial.

Por este motivo, o presente estudo tem como ponto de partida a análise comparativa das relações anafóricas estabelecidas entre os sujeitos de frases coordenadas

canônicas integradas (de diferentes subtipos: aditivas, adversativas, disjuntivas) e subordinadas adverbiais integradas, não integradas à direita e não integradas à esquerda.

De acordo com o descrito na literatura, as relações anafóricas que se estabelecem entre os sujeitos (realizados e omitidos) nestas frases estão sujeitas a princípios gramaticais, nomeadamente os Princípios da Ligação, e de interface gramática / discurso, como o Princípio Evitar Pronome (cf. Chomsky 1981), que estabelecem o que é ou não possível em termos de ligação. Além disso, será tido em conta que, classicamente, se assume que o comportamento referencial de constituintes omitidos nestas estruturas permite a sua distinção: a estratégia de Extração Simultânea (*Across-the-board*, ATB) é classicamente atribuída à coordenação, enquanto em estruturas de subordinação, outras estratégias, como por exemplo a existência de lacunas parasitas (*Parasitic Gaps*, cf. Engdahl (1983)), dão conta daquilo que ocorre. No entanto, propostas mais recentes, como a de *Sideward Movement* de Nunes (2001, 2004), defendem que as estruturas subjacentes a frases com constituintes ATB ou lacunas parasitas são idênticas.

Espera-se, por isso, que os dados obtidos relativamente ao comportamento referencial dos sujeitos omitidos nas construções coordenadas e adverbiais nos possam fornecer indícios sobre os aspetos que as aproximam e separam.

Assim, no princípio do Capítulo II, o confronto entre as propriedades das frases coordenadas e das frases adverbiais é apresentado, tendo em conta que tradicionalmente são por vezes aproximadas, embora apresentem aspetos que as diferenciam. De seguida, é feito o enquadramento teórico, no qual se descrevem as propostas clássicas para frases coordenadas, tendo em conta as construções coordenadas integradas, e não integradas justapostas e parentéticas. De seguida, apresentam-se as configurações sintáticas associadas ao foco do estudo, as frases coordenadas integradas (Especificador-Núcleo-Complemento (Kayne 1994; Matos 1995, 2003; Johannessen 1998; Colaço 1998, 2005) e Adjunção (Munn 1992, 1993, 1999)). Descrevem-se ainda as construções subordinadas adverbiais integradas, não integradas à direita e não integradas à esquerda, e apresentam-se as configurações sintáticas que lhes foram associadas (Adjunção (Chomsky 1981, 2004; Haegeman 1991; Ernst 2002; Lobo 2002, 2003) e Especificador-Núcleo-Complemento (Kayne 19994; Cinque 1999)).

Considerando que se assume que as relações anafóricas que se estabelecem podem contribuir para uma melhor compreensão destas estruturas sintáticas, apresenta-se no terceiro capítulo a Teoria da Ligação, cujo objetivo é descrever a distribuição de expressões nominais em domínios sintáticos, e algumas propostas que a pretendem

refinar. Na secção 2 deste capítulo serão apresentadas as principais estratégias que dão conta da omissão de constituintes em frases coordenadas e subordinadas adverbiais. As teorias revistas serão importantes para definir as propriedades dos elementos omitidos nestas estruturas. Na primeira secção deste capítulo, em relação à distribuição de anáforas, pronominais e expressões referenciais, apresentar-se-ão as seguintes propostas: Chomsky (1980, 1981), Haegeman (1994), Reinhart e Reuland (1993) e Antonenko (2012). As propostas de Reinhart e Reuland, e Antonenko, enquadram-se nos desenvolvimentos da Teoria da Ligação na área da Teoria da Reflexividade. Em relação aos sujeitos omitidos em estruturas coordenadas, descrevem-se as propostas de Extração *across-the-board* (Ross 1967; Williams 1978; Colaço 1993, 2005; Matos 2000; Zhang 2010) e *Sideward Movement* proposta por Nunes (1995, 2004) e também descrita em Colaço (2005). Na secção 2.1.2. referem-se as propostas que pretendem dar conta do comportamento de sujeitos omitidos em frases adverbiais. Apresentar-se-ão as propostas clássicas para frases subordinadas adverbiais finitas, que assumem a ocorrência de *pro* na posição de sujeito. Tendo em conta que existem autores que admitem que as propriedades dos pronomes omitidos em frases finitas não são (completamente) distintas das que ocorrem com sujeitos omitidos em frases infinitivas, referir-se-á a Teoria do Controlo. Descrever-se-ão as propostas de Chomsky (1981, 1995) e também brevemente as de Hornstein (1999) e Landau (2000, 2003a).

Com o intuito de aferir quais as relações que se estabelecem entre os constituintes na posição de sujeito nas frases coordenadas e subordinadas adverbiais, construiu-se uma tarefa de cariz experimental, baseada na Tarefa de Juízo de Referência constituída por frases coordenadas integradas e frases subordinadas adverbiais integradas e não integradas. Procedeu-se inicialmente a um teste com o intuito de aferir se, em frases em que o sujeito do primeiro termo coordenado ou da oração matriz é realizado e o do segundo termo coordenado ou da oração adverbial é omitido, a interpretação preferencial é a de correferência. Considerando que este primeiro teste, aplicado a 20 informantes, apenas nos deu pistas em relação aos constituintes omitidos e ao seu comportamento, fez-se seguidamente um outro teste experimental em que ambos os sujeitos da frase se encontram realizados. Este teste repartiu-se em duas experiências: na primeira, a tarefa realizou-se em apenas uma sessão; contudo, de modo a excluir a possível influência de fatores como cansaço, optou-se por realizar uma segunda experiência em que a tarefa foi dividida em duas sessões. A primeira experiência foi aplicada a um total de 40 adultos, com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, estudantes de licenciatura da

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Na segunda experiência participaram 33 alunos de licenciatura da FLUL, com uma média de idades de 19,7 anos. A metodologia experimental adotada é descrita na secção 2. do Capítulo IV, onde se apresentam as características principais da tarefa escolhida; a informação considerada relevante em relação aos participantes nas experiências; as condições testadas e não testadas, assim como os motivos que levaram à inclusão / exclusão das mesmas; a forma como foram recolhidos os dados; e, por fim, a transcrição dos dados e o modo como foram tratados.

Nas secções seguintes deste capítulo, descrevem-se os resultados obtidos através da tarefa realizada, tendo em conta cada tipo de estrutura e cada condição em análise. Considera-se relevante, dado o objetivo do estudo, a descrição dos resultados por estrutura e por condição, uma vez que ambas têm vantagens. Apresentam-se, assim, neste capítulo, os gráficos com os valores percentuais obtidos e descrevem-se as preferências expressas pelos informantes em relação a cada condição testada.

De seguida, os resultados são discutidos tendo em conta as hipóteses formuladas e o descrito na literatura relevante. Considera-se que os dados obtidos através da tarefa nos fornecem pistas quanto às representações estruturais subjacentes a frases coordenadas e subordinadas adverbiais, e em relação aos aspetos que aproximam e separam, não só estas construções, mas também os diferentes tipos de frases coordenadas entre si.

Por fim, no quinto capítulo, apresentam-se as conclusões gerais que advêm deste estudo e traçam-se caminhos para investigação futura.

## **Capítulo II – Propostas na literatura para as estruturas coordenadas e subordinadas adverbiais**

### **0. Introdução**

Tendo em conta o nosso objetivo, consideramos importante apresentar no início deste trabalho as propriedades classicamente associadas a frases coordenadas e subordinadas adverbiais. Acreditamos que a apresentação das características da coordenação e da subordinação adverbial, bem como daquilo que aproxima e separa estas construções, nos permitirá proceder, com maior rigor, à análise das ligações que se estabelecem nestes domínios complexos.

Assim, este capítulo iniciar-se-á com uma breve descrição das propriedades que distinguem a coordenação da subordinação adverbial (secção 1), seguidamente apresentar-se-ão as características gerais da coordenação frásica e das suas representações estruturais, na subsecção 2.3. serão referidos alguns aspetos relativos à coordenação justaposta ou parentética, por oposição à coordenação integrada. Este capítulo terminará com uma descrição das frases subordinadas adverbiais (secção 3), dos aspetos que diferenciam as frases adverbiais integradas e não integradas e, tal como no caso da coordenação, apresentar-se-ão as propostas de configurações estruturais existentes para dar conta destas frases.

### **1. Coordenação vs. Subordinação Adverbial**

As diferenças e semelhanças entre frases coordenadas e subordinadas adverbiais têm sido, ao longo dos anos, alvo de trabalho por vários autores, nomeadamente, Quirk *et al* (1972, 1985), Haspelmath (2004), Matos (2003, 2006) e Lobo (2003). Porém, esta distinção nem sempre é fácil de estabelecer. Os comportamentos sintáticos destes dois tipos de construções são parcialmente semelhantes por “constituírem proposições fechadas ou totais, não funcionando como argumento nuclear integrado noutra proposição nem como modificador de um argumento nuclear” (Lobo, 2003: 18). Os autores referem como distintiva a possibilidade de desempenhar ou não uma função sintática ou semântica na frase com que se conectam, visto que, classicamente, se considera que a oração coordenada não desempenha nenhuma função na coordenante e que, pelo contrário, a oração subordinada desempenha sempre uma função na subordinante; porém, por vezes,

não é clara qual é a função que a adverbial desempenha na subordinante, como Lobo salienta.

Essa distinção é ainda dificultada pelo facto de ambas as construções partilharem várias propriedades, como, por exemplo, o facto de ser possível, em algumas estruturas de coordenação frásica, inferirem valores semânticos usualmente associados às orações subordinadas adverbiais, como o valor temporal nos seguintes exemplos:

(1) a. Quando cheguei a casa, percebi que tinha havido um assalto.

b. Cheguei a casa e percebi que tinha havido um assalto.

(2) a. O Pedro entrou em casa quando a Maria estava a sair.

b. O Pedro entrou em casa e a Maria estava a sair.

Porém, a sensibilidade dos conectores (conjunções coordenativas vs. complementadores) à natureza finita ou infinitiva das frases que encabeçam é uma propriedade referida como distintiva da coordenação face à subordinação (Matos 2003, 2004, Matos & Raposo 2013). Em (3), apresentam-se frases coordenadas, que, por oposição às subordinadas em (4), não apresentam a sensibilidade referida<sup>1</sup>:

(3) a. Ele disse que queria ter boa nota *e* que estudou para isso.

b. Ele disse querer ter boa nota *e* ter estudado para isso.

(4) a. Ele disse que queria ter boa nota *porque* estudou para isso.

b. \*Ele disse querer ter boa nota *porque* ter estudado para isso.

c. Ele disse querer ter boa nota *por* ter estudado para isso.

Estas duas construções também diferem, por vezes, no que concerne à possibilidade de alterar a ordem em que os termos ocorrem, dado que várias frases complexas não mostram resultados agramaticais pela anteposição da subordinada adverbial (veja-se (6)), diferentemente das coordenadas, que não exibem esta

---

<sup>1</sup> Isto é, há uma relação entre a forma do complementador e a natureza finita ou não finita da frase.

possibilidade (veja-se (5)). Contudo, as orações relativas, consecutivas, comparativas<sup>2</sup> e um subgrupo das temporais mostram resultados agramaticais quando antepostas, mostrando, neste aspeto, um comportamento mais aproximado ao das estruturas de coordenação.

- (5) a. O Pedro come uma fatia de bolo e o João come uma tarte.  
b. \*O João come uma tarte (,) o Pedro come uma fatia de bolo e.  
c. \*E o João come uma tarte (,) o Pedro come uma fatia de bolo.
- (6) a. O João ficou em casa porque está doente.  
b. Porque está doente, o João ficou em casa.
- (7) a. A Maria lê tantos romances como o João policiais.  
b. \*Como o João policiais (,) a Maria lê tantos romances.

A extração de constituintes é outro dos aspetos tradicionalmente considerado como distintivo entre coordenadas e subordinadas. A extração de um constituinte só não provoca resultados agramaticais nas subordinadas completivas pós-verbais. Tal deve-se ao facto de as restantes subordinadas constituírem ilhas face à extração, no caso das estruturas adverbiais, Ilha da Frase Adjunta (cf. Huang 1982). Veja-se o contraste entre a oração completiva em (8), a oração adverbial em (9) e a frase coordenada (10):

- (8) a. O Rui acha que o Zé conhece a Ana.  
b. [Quem] é que o Rui acha que o Zé conhece [-]?  
(9) a. O Zé ficou doente por ter comido muitos doces.  
b. \*[O que] é que o Zé ficou doente por ter comido [-]?

Lobo (2003: 26)

Lobo (2003: 27)

---

<sup>2</sup> Matos e Brito (2003, 2008) tratam as comparativas como um caso de coordenação correlativa envolvendo estruturas quantificacionais.

(10) a. O João comprou um disco e o Zé comprou um livro.

b. \*[O que] é que o João comprou um disco e o Zé comprou [-]?

Lobo (2003: 27)

A extração de constituintes de estruturas coordenadas não é permitida pela Condição da Estrutura Coordenada<sup>3</sup>, exceto se a extração for simultânea (*Across-the-board*, *ATB*), como mostrou Ross (1967) e, para o português europeu (PE), Colaço (1993, 1996, 2005) e Matos (1997, 2000)), i.e., se extrairmos simultaneamente constituintes dos dois termos coordenados (11).

(11) Que livro é que o Pedro comprou e a Maria leu?

Colaço (2005: 303)

Esta extração opera sob um requisito de simetria entre os dois constituintes extraídos da coordenação. No entanto, como referido na literatura, as estruturas de subordinação apresentam uma estratégia próxima, as lacunas parasitas, o que torna a extração de constituintes um critério pouco eficaz na distinção de estruturas. A estratégia de lacunas parasitas (*parasitic gaps*, cf. Engdahl, 1983) consiste na ocorrência de um constituinte vazio na oração adjunta que é legitimado por um vestígio de movimento-A' na frase matriz, veja-se (12):

(12) a. Which articles did John file \_\_\_\_ without reading \_\_\_\_<sub>p</sub> ?

b. Which boy did Mary's talking to \_\_\_\_<sub>p</sub> bother \_\_\_\_ most ?

Engdahl (1983: 5)

Tendo em conta que a extração de constituintes só não provoca resultados agramaticais com construções completivas de verbo em posição pós-verbal e que a extração ATB de constituintes e as lacunas parasitas partilham algumas propriedades e

---

<sup>3</sup> A Condição da Estrutura Coordenada divide-se em duas partes:

- i) os termos coordenados não podem ser movidos;
- ii) nenhum constituinte contido num termo coordenado pode ser extraído.



são, por isso, difíceis de distinguir, consideramos que não constitui um argumento robusto para a distinção entre estruturas coordenadas e subordinadas.

Contudo, Lobo (2003), Matos (1995, 2004) e Colaço (2005) fazem notar que apenas em estruturas coordenadas (com exceção das adversativas e de algumas das correlativas) é possível articular mais do que dois constituintes, sendo que, nestes casos, as conjunções se encontram normalmente omitidas e apenas a última é realizada<sup>4</sup>.

(13) a. Fui à livraria, (e) fui ao cinema e fui ao café.

b. Ficaste em casa, (ou) foste ao cinema, ou foste ao café?

c. \*Não fiquei em casa, (mas) fui ao cinema, mas fui ao café.

Lobo (2003: 30)

Entre os vários tipos de subordinadas (completivas, relativas e adverbiais), os resultados não são semelhantes devido à dependência sintática que existe entre a subordinada adverbial e a matriz.

(14) O João disse \*(que) não vinha jantar, que ia ficar a trabalhar até mais tarde.

(15) Traz-me os livros \*(que) eu te dei, que estão em cima da mesa.

(16) O João gosta de passear na praia \*(quando) sai do trabalho, quando o tempo está bom.

Lobo (2003: 31)

No entanto, tendo em conta que este critério apresenta resultados diferentes no grupo de estruturas coordenadas, não se assume que possa servir como forma de distinguir frases coordenadas de subordinadas.

Classicamente também se assume que a possibilidade de articular constituintes não oracionais só se verifica nas frases coordenadas (17), que coordenam constituintes de

---

<sup>4</sup> Vejam-se os seguintes exemplos:

(i) Ela ou vai estudar, ou vai passear, ou vai ver televisão.

(ii) \*Ela ou vai estudar, vai passear, vai ver televisão.

várias categorias sintáticas e que podem articular constituintes de diferentes categorias, e que em frases subordinadas em que parecem ocorrer constituintes de natureza não oracional (vejam-se os exemplos (18a) e (18b)), o que ocorre verdadeiramente são estruturas elípticas (19):

(17) a. A Joana e o João comeram um bolo. (coordenação de DPs)

b. A Maria entregou os livros ao Pedro e ao João. (coordenação de PPs)

c. A Ana leu um livro recente e muito interessante. (coordenação de APs)

(18) a. \*O João está triste *porque doente*.

b. \*A Ana está a fazer um tratamento *para mais elegante*.

Lobo (2003: 32)

(19) O João está triste, mas eu não sei porquê.

Embora na literatura o padrão de colocação de clíticos seja comumente referido como fator distintivo da coordenação face à subordinação, Martins (2013) e Matos e Colaço (2014) fazem notar que, embora se assuma que em frases coordenadas só pode ocorrer ênclise, existem determinadas condições estruturais que permitem a ocorrência de próclise neste tipo de frases complexas. As autoras propõem que “a próclise na coordenação pode ser induzida ou pelos traços de algumas conjunções simples ou correlativas, ou pelo valor discursivo de algumas estruturas de coordenação correlativa.” (Matos e Colaço 2014: 2).

(20) a. Das duas uma: ou *as* faz ela ou *as* faço eu.

b. \*/?? Das duas uma: ou fá-*las* ela ou faço-*as* eu.

Matos e Colaço (2014:7)

Assim, e tendo em conta que os dados apresentados pelas autoras mostram que a próclise em estruturas coordenadas é possível, não poderemos considerar o padrão de colocação de clíticos em frases complexas como um fator distintivo da coordenação face à subordinação.

Segundo Lobo (2003), uma das propriedades que permitem incluir as orações adverbiais no conjunto de subordinadas é o facto de poderem ser coordenadas, tal como as relativas ou as completivas<sup>5</sup>:

(21) a. Oração subordinada adverbial

O João disse que a Sofia era boa aluna [porque estuda muito todos os dias] e [porque está sempre com atenção nas aulas].

b. Oração subordinada relativa

Encontrei o livro [que tu me recomendaste] e [que a Ana tanto aprecia].

c. Oração subordinada completiva

O Pedro disse [que o Paulo comprou *Os Maias* nesta livraria] e [que o Zé comprou *Os Lusíadas* naquela].

Lobo (2003: 28)

Em suma, retomando os argumentos apresentados ao longo desta secção, podemos perceber que existem propriedades que são realmente distintivas entre as duas construções, outras que são parcialmente aceites e algumas que podem ser questionadas.

Consideramos, por isso, que, dos aspetos apresentados, apenas dois permitem distinguir claramente frases coordenadas de subordinadas adverbiais: a sensibilidade dos conectores à natureza finita ou infinitiva das frases, uma vez que as frases coordenadas não exibem esta sensibilidade; e o facto de as frases coordenadas poderem ser formadas a partir da coordenação de constituintes de várias categorias sintáticas, ao passo que as frases subordinadas adverbiais são sempre compostas por elementos frásicos.

Em relação às restantes propriedades, assumimos que a possibilidade de alterar a ordem pela qual os termos ocorrem é apenas parcialmente aceite e, no que concerne a extração de constituintes, a possibilidade de articular mais do que dois constituintes e o

---

<sup>5</sup> Note-se, contudo, que esta propriedade não é exclusiva da subordinação, dado que as conjunções podem coordenar frases coordenadas de forma recursiva:

- (i) [A Ana não leu o livro mas foi ao teatro] e [ou gostou muito da peça ou foi vê-la outra vez por causa da Maria].

padrão de colocação de clíticos, mostrámos que existem argumentos que nos permitem questionar a robustez destes aspetos.

## **2. Coordenação frásica**

A coordenação permite a formação de estruturas frásicas complexas. As estruturas coordenadas podem ser classificadas como integradas, como em (22a), e não integradas, justapostas ou parentéticas, como em (22b) e (22c), consoante a coesão entre as frases que estão articuladas.

(22) a. O João toca viola e o Pedro estuda piano.

b. O João chegou a casa. E, passados 10 minutos, estava a dormir.

c. O João, e ele é muito amigo da Maria, não a foi visitar.

Embora o presente estudo se centre na coordenação integrada frásica, nas secções seguintes descrever-se-ão também brevemente casos de coordenação não integrada, uma vez que, mais tarde, serão referidos para dar conta dos dados empíricos analisados.

### **2.1. Propriedades gerais da coordenação**

Na coordenação integrada, os termos coordenados possuem núcleos que podem ser de diversas classes, visto que o processo de formação de uma estrutura coordenada pode incluir constituintes de várias categorias gramaticais, desde que tenham as mesmas funções sintáticas e semânticas. As estruturas coordenadas caracterizam-se assim por poderem formar estruturas complexas a partir de diversas categorias sintáticas, (veja-se (23) a (26)):

(23) [O João] e [a Joana] são colegas de trabalho.

(coordenação de sintagmas nominais, DPs)

(24) Ontem, o Pedro foi [ao teatro] e [ao cinema].

(coordenação de sintagmas preposicionais, PPs)

(25) Acho que [o João foi à faculdade] e [assistiu à aula de história].

(coordenação de projeções frásicas, TPs)

(26) O Pedro disse [que tinha uma nota baixa] mas [que ia estudar mais].

(coordenação de projeções frásicas, CPs)

As construções coordenadas, apesar de decorrerem maioritariamente da formação de uma estrutura complexa a partir de constituintes categorialmente idênticos, podem, no entanto, também ser constituídas através da articulação de elementos de categorias distintas, veja-se o exemplo em (27), retirado de Matos (2005: 85):

(27) a. A Ana está [<sub>AP</sub> cansada] ou [<sub>PP</sub> com sono].

b. Ela queria não só [<sub>NP</sub> sossego] mas também [<sub>CP</sub> que a deixassem trabalhar].

c. Estamos à sua disposição [<sub>AdvP</sub> hoje] e [<sub>CP</sub> quando precisar].

Outra das propriedades associadas à coordenação é a sua natureza recursiva. No exemplo (28), duas orações coordenadas correlativas disjuntivas constituem o segundo termo da oração coordenada copulativa, cujo primeiro termo é [A Ana foi ao teatro].

(28) [[A Ana foi ao teatro] e [[ou gostou muito da peça] ou [foi vê-la outra vez por causa da Maria]]].

As frases coordenadas caracterizam-se também por nenhum dos seus termos desempenhar uma função semântica ou sintática em relação ao outro, ou seja, o primeiro termo não é o sujeito de um constituinte do segundo termo, nem o segundo termo é um complemento selecionado pelo primeiro.

Tendo em conta a propriedade descrita, considera-se que existe na coordenação um requisito de simetria semântica, que impõe que ambos os termos coordenados possuam o mesmo valor semântico que teriam caso ocorressem de forma independente na oração, vejam-se (29) e (30) em que o requisito não é cumprido e as frases são, por isso, agramaticais:

(29) \*O Luís vai devolver o livro [SP ao Pedro] ou [SP ao final da tarde].

Matos e Raposo (2013: 1770)

Neste exemplo, por não ser cumprido o requisito de simetria, uma vez que *ao Pedro* é complemento indireto do verbo *devolver*, e *ao final da tarde* é um adjunto adverbial, a frase torna-se agramatical.

(30) \*A cena [SP do filme] e [Or que eu escrevi] passa-se em Chicago.

Matos e Raposo (2013: 1770)

O exemplo em (30) apresenta dois termos coordenados que não pertencem à mesma categoria sintática e que têm funções semânticas diferentes: *do filme* é um complemento do nome relacional *cena*, e *que eu escrevi* é uma oração relativa que atua como modificador restritivo do nome.

Também Matos (2005: 87) referia a necessidade de existirem, nas estruturas coordenadas, “propriedades formais e semânticas similares, ou *paralelas*”, dando exemplos de estruturas que, por não cumprirem este requisito, são anómalas, veja-se (31):

(31) a. # A Ana está [AP cansada] ou [PP de traje académico].

b. # A Ana está [AP cansada] e [AP alta].

A autora mencionou, no entanto, a possibilidade de coordenar termos semanticamente assimétricos em algumas circunstâncias, veja-se (32):

(32) Ou ele devolve o dinheiro, ou ela queixa-se à polícia.

(cf. Se ele não devolver o dinheiro, ela queixa-se à polícia).

Matos (2005: 88)

Com efeito, existem frases em que se considera haver um contraste entre a estrutura coordenada e um valor semântico de subordinação<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Veja-se, por exemplo, o trabalho de Culicover e Jackendoff (1997), em que os autores referem, à época, a possibilidade de ter um primeiro termo que é interpretado como subordinado (condicional) e um segundo

Desde que Ross (1967) propõe a Condição da Estrutura Coordenada<sup>7</sup>, que se associam as estruturas coordenadas à impossibilidade de mover constituintes coordenados. Tomando como exemplo uma frase coordenada como (33):

- (33) a. O Pedro comeu uma fatia de bolo e o João comeu uma tarte.  
b. \* E o João comeu uma tarte (,) o Pedro comeu uma fatia de bolo.  
c. \* O João comeu uma tarte (,) o Pedro comeu uma fatia de bolo e.

Verifica-se assim, através do exemplo, que a alteração da ordem dos termos coordenados torna as estruturas agramaticais, apesar de, frequentemente, os constituintes coordenados serem intercomutáveis, ou seja, constituintes que, pelo seu valor sintático e semântico, podem indiferentemente ocorrer como primeiro ou segundo termo coordenado, veja-se (34):

- (34) a. [O João comeu uma fatia de bolo] e [a Joana comeu uma tarte].  
b. [A Joana comeu uma tarte] e [o João comeu uma fatia de bolo].

De notar que Ross (1967) também admitia que existia uma possibilidade de ultrapassar a Condição da Estrutura Coordenada em frases que exibem coordenação paralela, recorrendo à estratégia de extração simultânea “across-the-board”, designada neste trabalho como extração ou movimento ATB. Embora o autor não tenha aplicado o movimento ATB aos sujeitos, assume-se que esta estratégia é uma forma, talvez preferencial, de, em frases coordenadas, obter sujeitos omitidos.

- (35) O João foi passear a Belém e comeu um pastel.

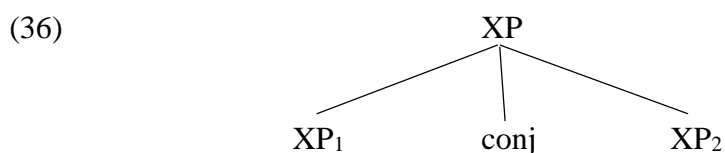
---

termo que é interpretado como se fosse uma oração principal subordinante. Também de acordo com os autores, este tipo de assimetria é diferente daquela associada a construções em que os termos da estrutura são categorialmente distintos.

<sup>7</sup> A Condição da Estrutura Coordenada (*Coordinate Structure Constraint*) será apresentada detalhadamente no terceiro capítulo.

## 2.2. Aspectos estruturais da coordenação frásica

As estruturas sintáticas das frases coordenadas foram alvo de várias propostas, sendo que alguns autores (veja-se Johnson (2002) e Borsley (1994, 2005)) adotam uma hipótese, que remonta aos anos 60, em que a frase coordenada não tem um núcleo a partir do qual se projete. Assim, estas estruturas seriam excepcionais, não obedeceriam à configuração X-barra, nem poderiam, no quadro teórico atual, ser derivadas por *merge*, uma vez que esta operação produz estruturas sintáticas binárias. Esta estrutura é excluída por vários autores, mas é a proposta que ocorre inicialmente e que ainda hoje é defendida explicitamente em Borsley (1994, 2005) e Pollard e Sag (1994)<sup>8</sup>.



As conjunções coordenativas são definidas, desde Ross (1967), como elementos que estabelecem uma relação mais estreita com o termo coordenado que, em línguas como o português e o inglês, ocorre à sua direita<sup>9</sup>. Este aspeto, e também o facto de a projeção de núcleo da conjunção coordenativa ser obrigatória, quer seja lexicalmente preenchida (coordenação sindética) ou não (coordenação assindética<sup>10</sup>) atestam a nuclearidade da conjunção nestas frases. Trabalhos como os de Munn (1992, 1993), Johannessen (1993, 1998), Kayne (1994), Matos (1994, 2000), e.o., assumem que a conjunção coordenativa é um núcleo funcional de uma projeção própria derivada numa estrutura X-barra.

Para este trabalho serão analisadas frases cujo núcleo é constituído pelas “três conjunções coordenativas mais frequentemente usadas em português” (Matos e Raposo 2013): *e*, com valor prototípico de adição; *mas*, com valor de contraste; e *ou* com valor de alternância.

Porém, o tratamento da estrutura sintática da coordenação integrada não é consensual. Autores como Munn (1992, 1993, 1999) optam por estruturas de Adjunção,

---

<sup>8</sup> Zhang (2010) refere, no entanto, que os argumentos chave contra a estrutura binária apresentados em Dik (1968) nunca foram refutados e que, por esse motivo, as duas possibilidades coexistem na literatura.

<sup>9</sup> Veja-se Johannessen (1998) para línguas como o árabe, em que esta relação se efetua com o termo que ocorre à esquerda.

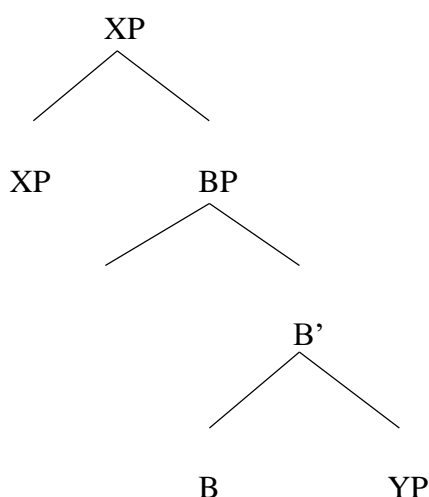
<sup>10</sup> Note-se que, na coordenação assindética, a conjunção omitida pode sempre ser recuperada.



e autores como Kayne (1994), Johannessen (1998), Matos (1995, 2003) e Colaço (1998, 2005), entre outros, por uma estrutura de Especificador-Núcleo-Complemento.

A estrutura proposta em Munn (1993) caracteriza-se por considerar a existência de um operador Booleano (B), que une categorias. Munn assume que o primeiro termo coordenado não se encontra na posição de especificador de BP, e que a projeção da conjunção (BP) se adjunge à direita do primeiro termo coordenado, designado por XP. Segundo o autor, a relação de adjunção da projeção da conjunção ao primeiro termo coordenado reflete de uma forma mais clara as propriedades da construção de coordenação, do que uma estrutura de Especificador-Núcleo-BP, que havia sido a sua proposta anterior (Munn 1987a).

(37) Estrutura de Adjunção proposta por Munn (1992, 1993, 1999)



O autor apresenta três argumentos principais a favor da hipótese de adjunção decorrentes de questões de ligação de constituintes e da definição de c-comando; da análise de estruturas com Extração ATB<sup>11</sup>; e da coordenação de constituintes assimétricos. Munn, querendo dar conta da estreita relação que se estabelece entre a conjunção e o segundo termo coordenado, refere que Ross (1967: 90-91) apresenta evidência desta relação com dados como (38):

<sup>11</sup>A estratégia de Extração *Across-the-board* será descrita pormenorizadamente no próximo capítulo.

- (38) a. John left, and he didn't even say good-bye.  
 b. John left. And he didn't even say good-bye.  
 c. \*John left and. He didn't even say good-bye.

Contudo, tal como referido em Matos (2005: 94), esta configuração estrutural apresenta alguns problemas, nomeadamente, o facto de não dar conta dos casos de concordância plena de sujeitos nominais coordenados com o verbo flexionado da frase, uma vez que o autor considera que o segundo termo coordenado é adjunto do primeiro, mas em estruturas de concordância plena, ambos os termos coordenados participam na relação de concordância especificador-núcleo.

Ainda de acordo com a autora, os dados de Extração ATB contrariam a proposta de Munn (1992, 1993), que assume “a existência de uma posição de especificador no ConjP adjunto, que é ocupada por um operador nulo” (Matos 2005: 94). Porém, a posição referida por Munn nunca pode ser preenchida por constituintes realizados, como acontece nos casos de Extração ATB, que tem contrapartidas de movimento paralelo, uma vez que isso origina estruturas agramaticais, vejam-se os exemplos apresentados por Matos (2005: 95):

- (39) a. \*A que teatro vai a Ana [a que cinema *e* vai a Maria]?  
 b. \*[CP a que teatro vai a Ana] [ConjP a que cinema] [Conj *e*] [CP vai a Maria]]]  
 c. A que teatro vai a Ana e a que cinema vai a Maria?

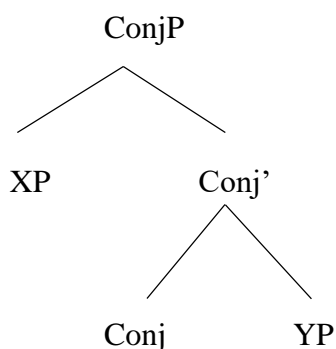
Os exemplos em (39 a.) e (39 b.) mostram que ao preencher o primeiro termo coordenado com [a que cinema] a estrutura se torna agramatical, contrariando, por isso, a proposta de Munn que prevê, tal como referido, que esta posição possa ser preenchida.

Matos (2005) refere ainda o facto de a adoção de uma estrutura de adjunção para as frases coordenadas as aproximar das subordinadas adverbiais em termos estruturais e sugerir que apresentam um comportamento idêntico, embora haja dados que contrariam esta aproximação.

A estrutura de Munn distingue-se da de Especificador-Núcleo-Complemento por não atribuir o estatuto de especificador ao primeiro termo coordenado, fazendo com que o primeiro termo ocorra fora da projecção da estrutura coordenada.

Johannessen (1993, 1998) adota a análise dos constituintes coordenados em termos de uma configuração de Especificador-Núcleo-Complemento, numa estrutura X-barra.

(40) Estrutura de Especificador-Núcleo-Complemento



No entanto, assume que esta estrutura é o resultado de uma derivação prévia, em que se aplica uma regra específica à coordenação, a regra *Coordinate-Alpha*<sup>12</sup>, que opera sobre CPs: o material idêntico que não for coordenado é suprimido, ficando apenas uma instância realizada. Em relação à natureza categorial dos termos coordenados, a autora afirma que:

(...) the specifier is in a spec-head agreement relation with the conjunction (the head), and gets direct access to the top node, whether it assigns or receives features. The complement conjunct, on the other hand, has no direct contact with the rest of the clause. The features it receives – if any at all – are either default features (licensed by the conjunction), or features inherited from the specifier because of a special conjunction entry thus specified. (Johannessen 1998: 169)

A nuclearidade da conjunção é atestada por Johannessen (1998), que, aplicando os testes de nuclearidade propostos em Abney (1987), apresenta vários argumentos, como o facto de o núcleo sintático ser também um núcleo semântico, e ser obrigatório, uma vez que, mesmo quando omitido, pode ser recuperado.

<sup>12</sup> Johannessen (1998: 176): "... coordinate-alpha can coordinate any category with any other category at any stage in the syntactic derivation."

A proposta de Kayne (1994) assume também que a conjunção coordenativa tem o estatuto de núcleo nestas construções, que devem ser derivadas em conformidade com a configuração X-barra, em Especificador-Núcleo-Complemento<sup>13</sup>.

A estrutura de Especificador-Núcleo-Complemento surge como alternativa à hipótese de Munn para as estruturas coordenadas integradas e, tal como referido, neste caso, *Conj* é o núcleo da estrutura coordenada. Esta análise foi adotada por vários autores, para a coordenação integrada, (parcialmente por Johannessen 1998, sistematicamente por Matos 1995, 2003 e Colaço 1998, 2005 entre outros). Adotando esta estrutura para as frases coordenadas integradas, assume-se que estas são derivadas, tal como qualquer outra, através de *Merge*, mais especificamente de *Set-Merge*<sup>14</sup>.

Este argumento motiva a nuclearidade da estrutura e vai também contra as propostas de estruturas de coordenação tripartidas, que defendem que os dois termos coordenados são equivalentes hierarquicamente. Adicionalmente, trabalhos como o de Zhang (2010) mostram que só uma estrutura binária pode dar conta das assimetrias que se verificam na ligação de constituintes e do facto de a conjunção apresentar sempre uma relação de maior proximidade com um dos termos coordenados. Zhang (2010: 2) retoma no seu trabalho argumentos de Kayne (1984) e Munn (1993) a favor de uma estrutura binária para a coordenação: “the asymmetry of conjuncts in binding, in possessive pronominalization (...)”.

Zhang refere o argumento da ligação de constituintes como um dos mais citados na literatura ao advogar a estrutura binária para as frases coordenadas, uma vez que todo

---

<sup>13</sup> Kayne (1994), adotando a teoria X-barra, apresenta o Axioma da Correspondência Linear (*Linear Correspondence Axiom*) como um argumento a favor da estrutura binária e assimétrica da coordenação, uma vez que o autor considera que as estruturas devem obedecer a um requisito de antissimetria. Desta forma, existiria uma relação próxima entre a estrutura hierárquica e a ordem linear. Esta teoria é baseada na noção de c-comando, definida por Reinhart (1976):

*A c-comanda B se: O primeiro nó ramificante que domina A ou domina B ou é dominado por um nó  $X_2$  que domina B e  $X_2$  é do mesmo tipo de categoria de  $X_1$ .*

e retomada por Kayne de forma a mostrar que, se existe uma relação de c-comando assimétrico entre A e B, então A precede B e B não pode preceder A. Assim, a noção de c-comando assimétrico irá refletir precedência linear e servirá para dar conta da linearização de estruturas e, consequentemente, da ordem de palavras.

<sup>14</sup> Diferentemente, as estruturas de adjunção são formadas por *Pair-Merge* (cf. Chomsky 2000).

o primeiro termo pode servir de antecedente a um constituinte contido no segundo termo coordenado, mas o contrário nunca pode acontecer:

(41) a. Every man<sub>i</sub> and his<sub>i</sub> dog left.

b. \*His<sub>i</sub> dog and every man<sub>i</sub> left.

Zhang (2010: 11)

A autora defende que as assimetrias de ligação, ilustradas pelos exemplos acima, mostram que o primeiro termo coordenado é estruturalmente mais alto do que o segundo e que, por isso, a estrutura é obrigatoriamente binária.

Retomando o que foi dito anteriormente, a hipótese de uma estrutura tripartida<sup>15</sup> é por isso excluída, uma vez que não permite captar os efeitos de assimetria do primeiro termo face ao segundo.

Matos (1995) apresenta argumentos que motivam a adoção da estrutura Especificador-Núcleo-Complemento para o Português Europeu, embora acrescente algumas considerações necessárias em relação ao núcleo Conj. De acordo com a autora, é necessário assumir que:

(i) Conj selecciona dois termos – um complemento e um especificador –, aos quais, dada a sua natureza funcional, não atribui relação temática.

(ii) Conj não impõe qualquer restrição categorial aos termos que selecciona (DPs, PPs, CPs, IPs, etc.), não exigindo mesmo (...) que os termos coordenados partilhem a mesma categoria (...).

(iii) como implicitamente sugerido na literatura (cf. Pesetsky 82 – ver esquema (8), neste trabalho), Conj é um núcleo categorialmente deficitário e transparente, que herda a natureza categorial do seu complemento. (Matos 1995: 311-312)

No entanto, em Matos (1997, 2000), a autora propõe que Conj assume por *Agree* (concordância) os traços do seu especificador (e não do complemento, exceto quando o especificador não está realizado). Com efeito, Conj é caracterizado como um núcleo subespecificado em termos categoriais, e, por concordância especificador-núcleo, o constituinte em posição de especificador fornecerá os seus traços ao núcleo e à projeção

---

<sup>15</sup> Veja-se a estrutura apresentada em (36).

ConjP que este núcleo projeta. Assim, ConjP será categorialmente idêntico ao primeiro termo coordenado, quando este ocorre na estrutura coordenada. A autora defende que desta forma é possível dar conta da relação de c-comando do primeiro termo sobre o segundo, uma posição conforme com a noção de c-comando de Reinhart (1976), apresentada anteriormente<sup>16</sup>. O facto de Conj ser subespecificado e, por isso, permitir a relação de c-comando do primeiro termo coordenado sobre o segundo, é particularmente relevante em casos de coordenação oracional.

Colaço (2005) assume que a subespecificação de Conj decorre do facto de a sua matriz lexical conter todos os traços das outras categorias (lexicais e funcionais), mas sem os seus valores estarem instanciados. Desta forma, quando o núcleo Conj é inserido numa derivação sintática, apresenta traços não-interpretáveis; porém a interpretação desses traços terá influência no sucesso da derivação. Colaço (2005: 223) admite que:

a eliminação dos traços categoriais não interpretáveis de Conj resulta da relação Agree que se estabelece entre o núcleo e o termo coordenado que, por Merge, é inserido na posição de especificador, permitindo a sua instanciação, a partir da qual, por percolação até ConjP, os traços categoriais associados ao constituinte coordenado são definidos.

Deste modo, é possível perceber que as estruturas apresentadas para a coordenação integrada não são consensuais. Admite-se que tanto a configuração de adjunção como a de Especificador-Núcleo-Complemento permitem a coordenação de elementos de categorias diferentes e também captar a preponderância do primeiro termo, face ao segundo. No entanto, apenas a estrutura de especificador-núcleo-complemento consegue captar o facto de ambos os termos serem selecionados pela conjunção e, por isso, como já foi referido, a hipótese de adjunção é objetada em alguns trabalhos (veja-se Matos 2005, 2009<sup>17</sup>). Além disso, em línguas como o Português, só a configuração Especificador-Núcleo-Complemento permite explicar porque é que a coordenação de duas expressões nominais singulares dá origem a uma expressão nominal plural:

(42) a. O João e a Maria chegaram.

b. \*O João e a Maria chegou.

---

<sup>16</sup> Veja-se a nota de rodapé 13.

<sup>17</sup> As orações não integradas parentéticas foram analisadas em Matos (2009), em Colaço e Matos (2010) e em Matos e Colaço (2011), como adjuntos do hospedeiro.

Em suma, para este trabalho, considerar-se-ão fundamentalmente estruturas coordenadas integradas. Serão objeto de estudo apenas aquelas que são classicamente assumidas como coordenadas aditivas, adversativas e disjuntivas.

### **2.3. Coordenação integrada vs. coordenação não integrada**

Os casos descritos até agora pretendem dar conta das propostas para a coordenação integrada, contudo, existem outras frases que mostram um diferente tipo de conexão e alguma independência estrutural e que, por isso, têm sido caracterizadas como coordenadas não integradas. Nestas frases ocorre uma conjunção coordenativa a iniciar um fragmento discursivo, ou a iniciar uma expressão parentética:

(43) O João chegou a casa. E, cinco minutos depois, ligou a televisão.

(44) O João, e ele é muito bom aluno, teve má nota no teste.

Note-se que estas construções levantam problemas diferentes dos que temos visto até agora, uma vez que não é evidente saber qual é o primeiro termo coordenado. Na literatura, no entanto, tem sido sugerido que, no caso da coordenação não integrada justaposta, o primeiro termo é constituído pelo fragmento discursivo anterior ou por um constituinte elidido, e, em relação à coordenação parentética, este pode corresponder a um constituinte hospedeiro, ou também a um primeiro termo omissivo. Descrever-se-ão de seguida as características principais da coordenação não integrada justaposta e as propriedades associadas à coordenação parentética. A comparação entre as propriedades que distinguem as estruturas coordenadas integradas das não integradas permite caracterizar de forma mais precisa cada um destes subtipos de coordenação, que usualmente não foram distinguidos.

As construções de coordenação integrada, de acordo com o que é descrito em Matos e Raposo (2013), caracterizam-se por serem aquelas em que toda a estrutura complexa “é parte integrante da oração que a contém, prosodicamente, sintaticamente e semanticamente”:

(45) a. [O João e o Pedro] foram ontem ao cinema.

b. A Maria foi [ao teatro e ao cinema].

Em (45 a.) e (45 b.) a frase coordenada (que se encontra entre parênteses retos) não apresenta uma rutura prosódica no interior da oração em que ocorre, sendo um constituinte que integra sintática e semanticamente essa oração.

As frases de coordenação não integrada justaposta, por outro lado, caracterizam-se por, nos seus termos, existir alguma independência sintática, semântica e prosódica. Veja-se o exemplo seguinte, que ilustra uma estrutura coordenada não integrada:

(46) O Pedro chegou a casa. E (cinco minutos depois) *pro* estava a ver televisão.

Em Matos e Raposo (2013) e em Colaço (2012), considera-se que estas frases envolvem estruturas de coordenação “completas”, em que o primeiro termo é omissivo, contudo as propostas quanto à natureza desse primeiro termo não são consensuais, tal como referido. De acordo com Matos e Raposo (2013), em frases como (46) considera-se que inicialmente a estrutura é composta por duas orações completas, sendo o termo omitido alvo de um processo de elipse.

Em relação aos casos de coordenação parentética, de acordo com Matos (2003, 2006, 2009), Colaço e Matos (2008, 2010), e Matos e Colaço (2011), as estruturas de coordenação parentética (ancoradas ou flutuantes) exibem também propriedades distintivas face às coordenadas integradas.

Contrariamente ao que ocorre na coordenação integrada, na coordenação parentética (caracterizada em Huddleston *et al* 2002 e Mendes 2013 como uma das instâncias de suplementação<sup>18</sup>), o termo coordenado designado por parentético forma, com a conjunção que o introduz, uma unidade autónoma. Este termo parentético, por ocorrer destacado da restante estrutura, não apresenta as mesmas características da coordenação integrada no que concerne os níveis de coesão sintática, semântica e prosódica (cf. Kavalova 2007 e trabalhos anteriormente referidos para o Português).

---

<sup>18</sup> “A coordenação parentética de orações é um tipo particular de conexão entre suplementos e âncoras oracionais. Os suplementos oracionais que se ligam por coordenação parentética a outra oração chamam-se orações (coordenadas) parentéticas. (...) as orações parentéticas são introduzidas por uma conjunção; no entanto, distinguem-se por formarem uma unidade autónoma, do ponto de vista prosódico e sintático, em relação à oração-âncora.” (Mendes 2013: 1728). Porém, note-se que muitos autores não aceitam que a autonomia sintática seja total, uma vez que a oração parentética tem de ter um hospedeiro sintaticamente realizado.



Veja-se (47), em que a expressão parentética, tal como descrito acima, apresenta propriedades específicas sintáticas, semânticas e prosódicas:

(47) a. O Pedro, *e (, pelos vistos,)* o João, decidiu tornar-se dador de sangue.

b. A Maria foi à aula de inglês, *e (, por acaso,)* encontrou o João.

As coordenadas parentéticas apresentam marcas prosódicas que separam a parentética da expressão da frase hospedeira e exibem frequentemente marcadores parentéticos apositivos, como *por sinal, pelos vistos, por acaso*, e.o..

Sintaticamente, as frases parentéticas cancelam os efeitos do Princípio C da Teoria da Ligação, uma vez que permitem que expressões referenciais plenas sejam correferentes com um pronome que lhes é exterior e que aparentemente as c-comanda (cf. (48 a.), ao contrário do que acontece no segundo termo das coordenadas copulativas integradas (48 b.)).

(48) a. Ele<sub>i</sub>, e o João<sub>i</sub> é o melhor aluno da turma, teve negativa no exame.

b. \*/?? Ele<sub>i</sub> é o melhor aluno da turma e o João<sub>i</sub> teve negativa no exame.

Neste tipo de frase, a expressão parentética e a conjunção que a introduz na construção ligam-se à oração designada hospedeira. Em estruturas de coordenação parentética flutuante, o termo parentético pode ocorrer em diversas posições: quando ocorre no interior da oração hospedeira constituirá uma interposição, ao passo que quando ocorre no final será uma adenda.

(49) A Igreja – *atalhou o Bispo* – não pode desinteressar-se do problema social.

(50) A Igreja não pode desinteressar-se do problema social – *atalhou o Bispo*.

Colaço e Matos (2008: 1)

Apenas nos casos de interposição se considera haver uma interrupção no fluxo prosódico normal da oração. As estruturas de coordenação parentética ancorada, pelo contrário, não apresentam mobilidade na frase hospedeira, “ocorrendo em adjacência ao constituinte com o qual estão nocionalmente relacionados, designado *âncora*” (Colaço e Matos, 2010: 2).

(51) a. A decisão do Tribunal da Relação [*– e agora a sua publicação –*] acontece depois de o Ministério Público ter recorrido da sentença (...).

b. \*A decisão do Tribunal da Relação acontece [*– e agora a sua publicação –*] depois de o Ministério Público ter recorrido da sentença (...).

Colaço e Matos (2011: 188)

Tal como referido anteriormente, em relação às frases justapostas e parentéticas, levanta-se a questão de perceber qual é o primeiro termo da estrutura. No caso das frases justapostas, considera-se que o primeiro termo pode corresponder a um elemento do fragmento discursivo anterior, ou a um primeiro termo omissa / elidido. Quanto às frases parentéticas, na literatura é assumido que este pode ser também um termo omissa / elidido ou um elemento hospedeiro.

À partida, este tipo de estruturas está fora do âmbito deste estudo, que se centra na coordenação integrada. Os casos de coordenação parentética ou justaposta só serão referidos quando forem pertinentes para dar conta dos dados em análise.

### **3. Subordinação adverbial**

As estruturas de subordinação adverbial caracterizam-se por corresponderem a frases articuladas por hipotaxe e por funcionarem como um modificador adverbial face à frase matriz. Por não serem seleccionadas pelo predicator, como acontece com os argumentos, manifestam opcionalidade, podem exprimir vários valores semânticos e apresentam um grau menor de coesão em relação à frase matriz do que as frases completivas. No entanto, nem todas as adverbiais apresentam o mesmo grau de coesão face à frase subordinante.

#### **3.1. Subordinação adverbial integrada vs. não integrada**

De acordo com o grau de integração entre as orações, estas serão designadas por orações adverbiais integradas, quando o grau de coesão é forte, ou, quando, pelo contrário, as orações subordinadas se encontram menos integradas na matriz, não integradas, ou periféricas. Estas últimas podem ainda diferir dependendo do facto de ocorrerem à direita ou esquerda da frase matriz (cf. Galán Rodríguez 1999; Fernández Lagunilla 1999; Giusti, Mazzoleni, Papi e Belletti 1991; e Lobo 2003).

Segundo Lobo (2003), um critério que permite incluir as orações adverbiais no conjunto das subordinadas com complementador conjuncional realizado é o padrão de colocação de clíticos, visto que as adverbiais também manifestam a próclise<sup>19</sup>:

(52) A Maria disse que ia ler esse livro porque o João *lho* ofereceu.

De forma a perceber que orações são integradas ou não integradas, designadas em Lobo (2003) como não-periféricas e periféricas, Lobo apresenta vários testes. As orações que podem ocorrer nestes contextos, sem se tornarem agramaticais, serão consideradas integradas, por oposição às não integradas, que se tornam agramaticais quando submetidas a estes testes. A autora retoma e desenvolve para o PE os testes aplicados em Espanhol e Italiano por Galán Rodriguez (1999), Fernández Lagunilla (1999) e Giusti, Mazzoleni, Papi e Belletti (1991). Os testes utilizados em Lobo (2003) são:

- (i) *Anteposição;*
- (ii) *Ocorrência em posição final sem haver quebra entoacional;*
- (iii) *Clivagem*
- (iv) *Escopo da negação (de foco)*
- (v) *Escopo de operadores de foco (só, até...)*
- (vi) *Resposta a interrogativas-Qu*
- (vii) *Interrogativas alternativas*
- (viii) *Negativas alternativas*

Lobo (2003: 148)

Lobo refere que apenas algumas adverbiais podem ocorrer em posição pós-verbal sem necessidade de uma quebra entoacional e, por isso, assume que estas estruturas ocupam, em relação à matriz, uma posição mais baixa. Segundo a autora, os dados mostram que a posição das adverbiais integradas será, por defeito, a posição final. Em relação às orações adverbiais integradas e não integradas em posição inicial, a autora refere que não parece haver diferenças relevantes.

---

<sup>19</sup> Contudo, Martins (2013) e Matos e Colaço (2014) mostram que a próclise também é possível em estruturas coordenadas.

(53) Adverbial integrada: Lobo (2003: 434)

- a. Quando terminaram a construção da ponte, o trânsito melhorou muito.
- b. O trânsito melhorou muito quando terminaram a construção da ponte.

(54) Adverbial não integrada: Lobo (2003: 447)

- a. Embora tivesse muito trabalho, o Zé saiu mais cedo.
- b. O Zé saiu mais cedo \*(||) embora tivesse muito trabalho.

Quanto ao teste de clivagem, é referido que a resistência das estruturas adverbiais não integradas à clivagem pode ser explicada através de incompatibilidades sintáticas ou semânticas, dependendo das análises adotadas.

(55) Adverbial integrada: Lobo (2003: 436)

Foi quando o director chegou que a sessão começou.

(56) Adverbial não integrada: Lobo (2003: 448)

\*Foi embora tivesse trabalho que o Zé saiu mais cedo.

No teste do escopo da negação, é necessário assumir que as orações adverbiais são usualmente analisadas como modificadores da frase subordinante. Assim, os elementos que se encontram associados a posições funcionais altas desta frase não podem estar sob o escopo da negação frásica da subordinante; pelo contrário, as orações adverbiais integradas, uma vez que estão sob o escopo da negação da frase subordinante, terão de se encontrar em posições estruturalmente baixas. A autora refere que: “O facto de um constituinte resistir à possibilidade de estar sob o escopo da negação poderá indicar que a posição estrutural que o constituinte em causa ocupa está fora do domínio de comando da negação.” (Lobo 2003: 169).

(57) Adverbial integrada Lobo (2003: 437)

A sessão não começou quando o director chegou. (Começou antes)

(58) Adverbial não integrada Lobo (2003: 448)

\*O João não saiu mais cedo embora tivesse pouco trabalho. (só saiu porque tinha de ir ao médico).

Em relação ao teste de escopo de operadores de foco, Lobo refere que as partículas focalizadoras se podem associar a constituintes que não lhes estão adjacentes, apresentando, neste aspeto, um comportamento semelhante à negação. A autora refere que, tal como acontece no teste da clivagem, a impossibilidade de certas estruturas ocorrerem sob escopo de elementos focalizadores é explicada através de restrições estruturais: “(...) sendo geradas acima do núcleo funcional focalizador, as adverbiais periféricas (de frase) nunca poderão estar sob o seu escopo, ao contrário do que acontece com as adverbiais não periféricas (de predicado).” (Lobo 2003: 170) e também restrições semânticas, tal como a autora refere para o caso da partícula *só*:

a focalização com *só* tem particularidades interpretativas que explicam que, por razões meramente semânticas, alguns constituintes resistam a estar sob o seu escopo. *Só* tem como função delimitar, restringir de entre um conjunto possível. É, por isso, (...) incompatível com constituintes que tenham uma interpretação genérica ou não específica.  
(Lobo 2003: 171)

(59) Adverbial integrada Lobo (2003: 438)

a. A sessão só começou quando o director chegou.

b. ?? A sessão começou só quando o director chegou.

(60) Adverbial não integrada Lobo (2003: 448)

\*Ele só/até saiu mais cedo embora tivesse muito trabalho.

Quanto ao teste de resposta a interrogativas-Qu, a autora afirma que, tal como acontece com os outros testes, também neste parecem estar relacionadas propriedades semânticas e estruturais:

O facto de as adverbiais periféricas (ou de frase) não poderem funcionar como respostas a interrogativas-Qu pode ter duas interpretações. Por um lado, admitindo que as adverbiais periféricas são inerentemente pressuposicionais, de um ponto de vista semântico-discursivo, pode-lhes estar vedada a possibilidade de ocorrerem em estruturas de focalização, tal como são as respostas a interrogativas-Qu. Por outro lado, pode acontecer que a própria estrutura das respostas a interrogativas-Qu (ver Ambar 1988, 1997, 1999 para algumas propostas) não permita que nelas ocorram determinados constituintes, mais periféricos estruturalmente. É possível pensar que, para que um constituinte esteja sob o domínio de um operador-Qu, ele tenha de ser c-comandado por esse operador. Lobo (2003: 173)

(61) Adverbial integrada:

- Quando é que a sessão começou?

- Quando o director chegou.

Lobo (2003: 439)

(62) Adverbial não integrada:

- Em que circunstâncias é que ele saiu mais cedo?

- \*Embora tivesse muito trabalho.

Lobo (2003: 449)

Os testes de interrogativas e negativas alternativas, de acordo com Lobo, estão diretamente relacionados com interrogativas-Qu e com negação de foco, e ambas as estratégias envolvem focalização. As negativas alternativas têm como propósito corrigir ou contrastar constituintes, ou seja, uma variável é negada e é fornecido um outro constituinte como alternativa, veja-se (63):

(63) O Zé não deu flores à Maria, mas sim à Ana.

Lobo (2003: 174)

Nas interrogativas alternativas são facultados valores alternativos, sendo que um deles pode fixar uma variável. Diferentemente daquilo que ocorre numa interrogativa-Qu, em que os valores para a fixação da variável não são fornecidos e, por isso, a possibilidade de respostas é maior, no caso das interrogativas alternativas, o conjunto de respostas é mais restrito, veja-se o exemplo em (64):

(64) Quando vens cá a casa: no sábado ou no domingo? Lobo (2003: 174)

(65) Adverbial integrada Lobo (2003: 440)

- a. A sessão começou quando o director chegou ou quando chegaram todos?
- b. A sessão não começou quando o director chegou, mas sim quando todos chegaram.

(66) Adverbial não integrada Lobo (2003:449)

- a. \*Ele saiu mais cedo embora tivesse muito trabalho ou embora ninguém reparasse?
- b. \*Ele não saiu mais cedo embora tivesse muito trabalho, mas (sim) embora ninguém reparasse.

Através da observação dos resultados dos testes aplicados por Lobo, é possível verificar que, de facto, as orações adverbiais integradas demonstram várias características que confirmam a sua maior ligação à oração matriz. Contrariamente, as adverbiais não integradas exibem o comportamento oposto, sendo inclusivamente marcadas por uma pausa entoacional.

Em Português, como descrito em Brito (2003) e Lobo (2003, 2013), o diferente estatuto das frases adverbiais é confirmado pelos contrastes observados em relações anafóricas envolvendo o sujeito das adverbiais, integradas pospostas e não integradas pospostas e antepostas. Estas relações referenciais serão analisadas no capítulo seguinte.

Lobo (2003:153) apresenta ainda, tendo em conta os resultados dos testes, a seguinte distribuição sintática destas orações:

- Orações adverbiais integradas: “um subconjunto das causais (com *por*, *porque*), as finais de evento (com *para*, *a fim de*), as temporais, um subconjunto das condicionais (com *se*, *caso*, *na condição de*), as modais, as adverbiais de circunstância negativa”;
- Orações adverbiais não integradas: “um subconjunto das causais (com *como*, *visto que*, *dado que*, *uma vez que*, *já que*), as finais de enunciação, um subconjunto das condicionais (com *desde que*, *contanto que*, *a não ser que*, *a + inf.*, e as condicionais ‘epistémicas’ com *se*), as concessivas e condicionais-concessivas”.

Com o intuito de justificar o diferente comportamento que se verifica no grupo de orações adverbiais, a autora apresenta uma proposta em que considera que as orações adverbiais integradas são subespecificadas no que concerne os traços discursivos “[ $\alpha$  pressuposicional] ou [ $\alpha$  esperável]” e que, pelo contrário, as adverbiais não integradas são “inerentemente especificadas como [+ pressuposicional] ou [+ esperável]”. Deste modo, assume que o conteúdo das orações não integradas não será informação nova, mas sim algo que ocorre de acordo com o esperável. Lobo (2003) propõe, por isso, que as adverbiais que tenham estes traços especificados sejam projetadas em posições periféricas e que as orações que apresentem estes valores subespecificados sejam projetadas em diferentes posições, dependendo da informação que veiculam.

### 3.2. Aspetos estruturais da subordinação adverbial

As propostas de análise das estruturas sintáticas para as orações adverbiais não são consensuais, uma vez que, tal como acontece para as coordenadas, as subordinadas adverbiais foram também analisadas quer em termos de Especificador-Núcleo-Complemento, quer em termos de Adjunção.

Das propostas que se apresentam, Chomsky (1981, 1986, 2004, 2008), Haegeman (1991), Barbiers (1995), Ernst (2002) e Lobo (2002, 2003) assumem as adverbiais como adjuntos. Pelo contrário, autores como Larson (1988, 1990), Kayne (1994), Bianchi (2000), Nilsen (2000) e Uriagereka (2001) consideram estas estruturas como projetadas em configurações de Especificador-Núcleo-Complemento da frase subordinante. Embora as representações das orações adverbiais se possam repartir em hipóteses de Adjunção e



de Especificador-Núcleo-Complemento, as propostas específicas dos vários autores diferem em vários aspetos.

Referem-se, de seguida, as propostas que se consideram mais relevantes: Chomsky (1981, 1986, 2004, 2008) considera as orações adverbiais adjuntos por as analisar da mesma forma que qualquer outro constituinte não argumental; Haegeman (1991) considera que as adverbiais ocupam posições de adjunção à direita de VP ou de uma categoria funcional mais alta, como IP; para Larson (1988, 1990) os constituintes adjuntos correspondem a complementos e ocupam uma posição mais encaixada na estrutura frásica, em sucessivas conchas verbais. Esta hipótese, por levantar vários problemas empíricos, é objetada por Jackendoff (1990), Williams (1994a, 1994b), Bianchi (1997, 2000) e Nilsen (2000). Cinque (1999, 2006) propõe que se considerem os adjuntos como estando em posição de especificador de núcleos verbais vazios, sendo que a posição final do adjunto é derivada através de movimentos sucessivos para a esquerda de VP ou IP. E, por fim, Valmada (2009) considera que as adverbiais em posição inicial estão sempre em posição de especificador (Spec, TopP, ou Spec, FocP), e que aquelas que ocorrem em posição final podem ser analisadas de acordo com a proposta de Larson (1988) e Kayne (1994), em que o adjunto está em posição de complementador ou segundo Cinque (1999, 2006), que, como referido, assume que os adjuntos estão em posição de especificador.

As frases subordinadas adverbiais, como vários autores fizeram notar, partilham várias propriedades com os constituintes classicamente designados adjuntos adverbiais, uma vez que é possível a ocorrência de frases adverbiais múltiplas (67a.), e tal como os adjuntos, a posição das orações adverbiais é variável (67a., b., c.).

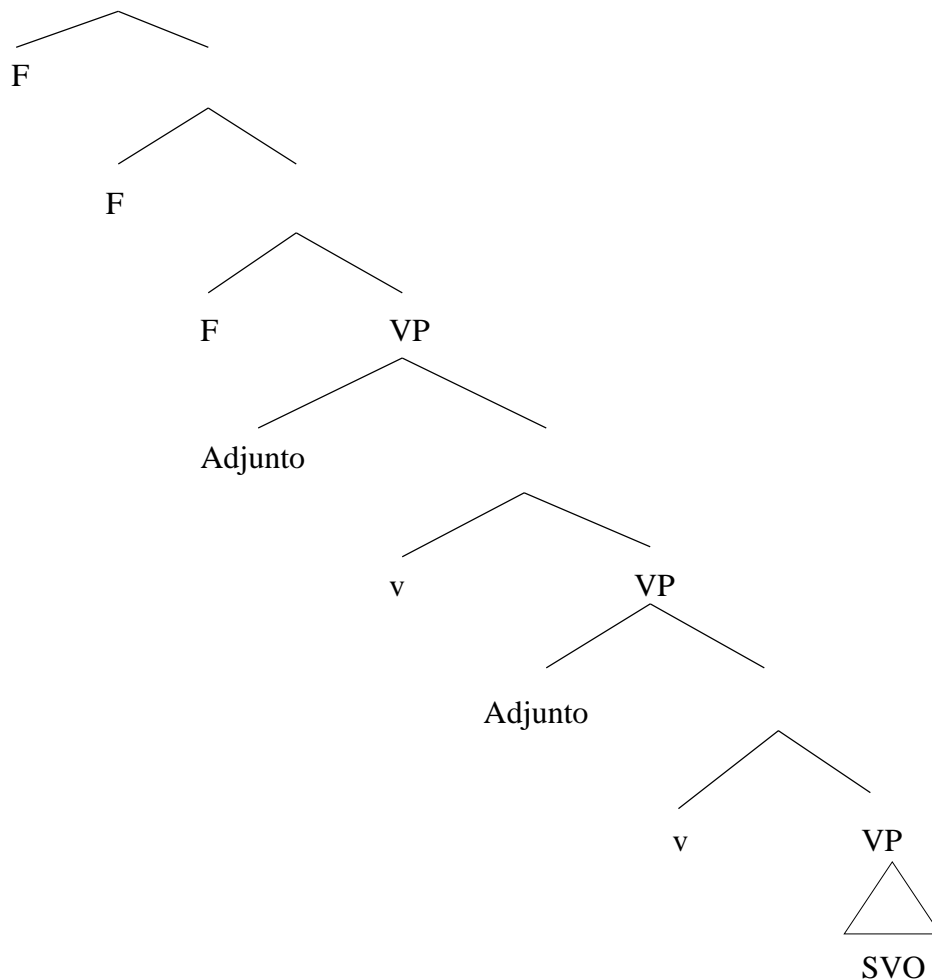
(67) a. Uma vez que está a chover, embora não esteja frio, acho que é melhor levares um casaco.

b. Embora não esteja frio, uma vez que está a chover, acho que é melhor levares um casaco.

c. Uma vez que está a chover, acho que é melhor levares um casaco, embora não esteja frio.

A hipótese de Especificador-Núcleo-Complemento proposta por Kayne e Cinque, ilustrada em (68), tal como apresentada em Lobo (2003) surge como uma alternativa à estrutura de adjunção à direita.

(68)



A análise das orações adverbiais em termos de Especificador-Núcleo-Complemento decorre das propostas de Cinque (1999, 2006) para a projeção de advérbios. O autor sugere que se considere a existência de várias projeções funcionais (cerca de quarenta), cada projeção codificando vários subtipos de modo, modalidade, tempo, aspeto e força ilocutória. Na configuração estrutural avançada por Cinque, cada um destes subtipos ocuparia uma posição de especificador definida, como por exemplo MoodP ou AspP<sup>20</sup>, na projeção funcional, e as relações relevantes seriam estabelecidas através da verificação de traços entre as adverbiais e os respetivos núcleos funcionais. A estrutura de Especificador-Núcleo-Complemento adotada pelo autor parece apresentar uma ordenação rígida para as projeções funcionais. Contudo, Cinque permite uma maior

---

<sup>20</sup> Veja-se Cinque (1999) para uma apresentação exhaustiva de todas as projeções funcionais.

variação na posição destes constituintes ao duplicar algumas das projeções, permitindo assim que possam ocorrer em contexto pré ou pós-verbal.

Assim, nesta análise assume-se que os modificadores adverbiais de VP são gerados basicamente à esquerda dentro de VP como especificadores de núcleos verbais vazios. De forma a derivar a posição final do adjunto, o VP seria movido sucessivamente para a posição de especificador de núcleos funcionais vazios, dando assim conta de questões de ligação e de escopo de constituintes.

Contudo, de acordo com Lobo (2003) e Kiss (2009), a hipótese de Cinque implica assumir vários núcleos verbais vazios para os quais não há evidência empírica; Lobo refere, além disso, que esta estrutura não dá conta da correlação entre o parâmetro OV/VO e a posição dos adjuntos, nem da obrigatoriedade / não obrigatoriedade de movimento em certos casos. Lobo (2003) refere ainda que esta configuração é problemática devido ao facto de as orações antepostas poderem ocorrer de forma recursiva e só uma estrutura de adjunção poder dar conta da ocorrência de múltiplos constituintes. Contudo, tendo em conta a proliferação de projeções na proposta de Cinque, é possível assumir que, desta forma, se dá conta de, por exemplo, adjunções múltiplas.

Os autores que defendem estruturas de adjunção (Williams 1994a, 1994b; Ernst 2000, 2002; Svenonius 2001; e.o.) assumem que, embora estas apresentem também alguns problemas, nomeadamente face ao requisito de antissimetria, são empiricamente menos problemáticas do que as configurações de Especificador-Núcleo-Complemento.

De acordo com Ernst (2000, 2002), a única forma de dar conta da posição das orações adverbiais é assumir que elas podem ocorrer à esquerda ou à direita, dependendo da direção núcleo-complemento (*Parameterized Direction Hypothesis*). Para o autor, a *Parameterized Direction Hypothesis* (PDH) decorre do Axioma da Correspondência Linear de Kayne (1994). Ernst considera que a proposta de Kayne apenas assume que os elementos mais à esquerda são mais altos do que os que estão mais à direita e que essa correspondência entre ordem linear e relações hierárquicas é demasiado rígida. O autor considera que a ordem linear dos adjuntos, e de outros elementos, decorre das suas posições hierárquicas, de Princípios de Direcionalidade e da Teoria do Peso. Os Princípios de Direcionalidade são, de acordo com Ernst, uma versão da noção clássica de que as línguas se dividem em línguas de núcleo inicial ou de núcleo final. Estes princípios assumem também que as posições de especificador ocorrem universalmente à esquerda dos núcleos ou que, pelo menos, assim é para a grande maioria das línguas. Para Ernst, uma teoria mais simples assumiria uma lista de projeções menor e iria considerar que os

adjuntos se podem adjungir apenas a VP e TP, sendo que as suas posições alternativas seriam justificadas por movimentos posteriores dos adjuntos.

Ernst (2002: 166) descreve os Princípios de Direccionalidade<sup>21</sup> da seguinte forma:

(69) “Directionality Principles:

- a. [+F] items are licensed only in F-Dir; otherwise
- b. Languages are parameterized for whether C-Dir is active or inactive:
  - If C-Dir is inactive, then all XPs are [-R];
  - If C-Dir is active, then for any [-F] YP in XP, if X<sup>0</sup> or YP bears a – complex feature, then YP is [+R].”

De acordo com o autor, o facto de a posição dos especificadores ser universalmente à esquerda é considerado como algo que advém do parâmetro F-Dir, sendo que C-Dir é o parâmetro responsável pela direccionalidade das línguas. O traço [+R], por sua vez, irá definir a direcção dos constituintes na Forma Fonológica, sendo que os constituintes com o valor de R positivo serão linearizados à direita do seu nó irmão.

Ernst (2002: 167-168) propõe que todos os adjuntos dentro de VP têm um núcleo relevante, X, da categoria V, que por ser uma categoria lexical, tem um traço C-complexo, e é marcado como [+R] e, conseqüentemente, adjungido à direita. Para projecções de núcleos funcionais acima de VP, o autor assume que nem o núcleo nem o adjunto têm um

---

<sup>21</sup> Note-se que, de acordo com o autor, C e F são complexos ligados a conteúdo e função, respetivamente. Vejam-se as definições apresentadas por Ernst (2002: 165):

“C-Complex: content: overtiness, tendency towards heaviness, PF conditioning

direction: right

F-Complex: function: may be covert, tendency towards lightness, LF conditioning

direction: left”

Acrescentam-se ainda as seguintes definições:

- [+F]: “[+F] is the most basic realization of F-Dir, and for the moment I take items bearing this feature to be in Spec position by definition.” Ernst (2002: 166)
- F-Dir: parâmetro responsável pela posição dos especificadores
- C-Dir: parâmetro responsável pela direccionalidade das línguas
- [+R]: traço que define a direcção dos constituintes em Forma Fonológica: um constituinte com o traço [+R] será linearizado à direita do seu irmão.

traço C-complexo, visto que os núcleos são [-Lex], e, por isso, em línguas de núcleo inicial, adjuntos acima de VP, podem ser pré ou pós-verbais. Assim, os adjuntos dentro de VP têm a sua posição especificada por serem [-F] e V ser [+Lex], mas os adjuntos que ocorrem acima de VP são subespecificados em termos de direção, uma vez que nem os próprios adjuntos, nem os núcleos das projeções funcionais têm um traço C-complexo.

O autor assume que a posição dos advérbios, em termos sintáticos, é bastante livre e eles apenas são proibidos em certas posições por estas não permitirem o cumprimento de alguns requisitos semânticos:

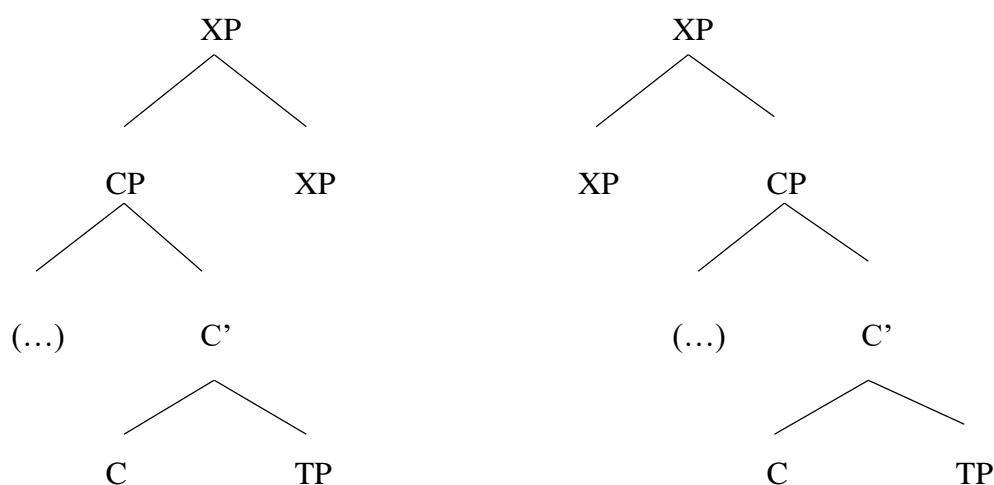
The main explanation for adverbials' hierarchical position – the major influence on their positions in a sentence – is the interplay between lexicosemantic requirements and compositional rules. In large measure, the theory predicts that a given adverbial may occur hierarchically wherever a well-formed semantic representation results.

(Ernst 2002: 439)

Assim, a adjunção de adverbiais pode ocorrer à direita ou à esquerda, desde que cumpra requisitos semânticos que possibilitem a sua interpretação.

Também Lobo (2002, 2003), seguindo estas propostas de adjunção, propõe que para o Português Europeu se assumam estruturas de adjunção à esquerda e à direita, dependendo da posição das orações (veja-se (70)).

#### (70) Estrutura de Adjunção



De notar que o que surge nestas representações como XP pode assumir vários valores (CP, TP, VP). Dependendo o nível onde ocorre a adjunção, assume-se que existirão diferentes níveis de adjunção e, por esse motivo, orações adjuntas a VP estarão mais integradas na oração matriz do que se estivessem adjuntas ao nível de TP ou, sobretudo, de CP.

Lobo (2003) refere os trabalhos de Haider (2000) e Costa (1998), que apontam alguns dos problemas das estruturas de adjunção, principalmente das de adjunção à direita, nomeadamente, o seu carácter pouco restritivo. Consequentemente, o facto de poderem gerar estruturas agramaticais e poderem sobre-gerar (*overgeneration*), problemas referidos pela autora (Lobo 2003: 220). Contudo, estes problemas podem ser solucionados se se tiver em linha de conta fatores prosódicos (efeitos de peso), diferenças na ordem de constituintes que se verificam entre as várias línguas, e princípios semânticos.

Assim, neste trabalho, e seguindo a proposta de Lobo (2003) para o PE, assume-se a estrutura de adjunção como a mais adequada para as orações adverbiais, uma vez que, apesar dos problemas que apresenta, se torna menos problemática por, por exemplo, não apresentar uma ordem tão rígida como a que Cinque (1999) propõe.

Através da observação das representações e das características apresentadas, é possível perceber que, independentemente das diferenças de comportamento que a coordenação frásica e a subordinação adverbial apresentam entre si, os dois tipos de processos de formação de frases complexas têm sido alvo de tratamentos semelhantes a nível estrutural e apresentam comportamentos sintáticos semelhantes.

Considerando estes aspetos, e também as propriedades distintivas referidas em relação a estas construções, no próximo capítulo serão descritos os princípios da Teoria da Ligação, de forma a melhor compreender as relações referenciais que se estabelecem entre os elementos em posição de sujeito, como meio de alcançar o nosso objetivo e obter pistas para as configurações estruturais destas frases. Neste capítulo serão também descritas as propostas que dão conta do que ocorre em frases coordenadas e subordinadas adverbiais em que um dos sujeitos está omitido, uma vez que as estratégias de extração de constituintes também nos podem fornecer informação relevante para este estudo. Ter-se-á em conta o facto de, tradicionalmente, algumas estratégias serem apenas permitidas em coordenação ou subordinação, embora outras propostas mais recentes também

considerem a possibilidade de as estruturas apresentarem mais semelhanças e poderem ser tratadas da mesma forma.

Contudo, tendo em conta os aspetos referidos para a distinção destas estruturas, nomeadamente a sensibilidade / insensibilidade do conector à natureza finita / não finita das frases que articula e à extração de constituintes de domínios ilhas, são tradicionalmente assumidas diferentes representações sintáticas para cada tipo de frase: as frases coordenadas são analisadas em termos de Especificador-Núcleo-Complemento e as adverbiais em termos de Adjunção. Porém, como veremos no capítulo IV, o aspeto crucial (c-comando), tendo em conta os nossos objetivos, pode ser explicado através de ambas as propostas apresentadas (Especificador-Núcleo-Complemento ou Adjunção).





## **Capítulo III – Comportamento referencial de sujeitos em frases coordenadas e subordinadas adverbiais**

### **0. Introdução**

Neste capítulo apresentaremos propostas da literatura que permitem dar conta do comportamento referencial dos sujeitos em frases coordenadas e subordinadas adverbiais quer nos casos em que ambos os sujeitos são realizados, quer nos casos em que um deles está omitido. Assim, neste capítulo, rever-se-á a Teoria da Ligação, e alguns dos seus desenvolvimentos, e propostas de estratégias relativas à extração ou omissão de constituintes em coordenação e subordinação adverbial.

Na secção 1. abordar-se-á a Teoria da Ligação e também algumas das propostas alternativas que pretendem reavaliar a validade da mesma. Serão considerados os trabalhos de Chomsky (1980, 1981, 1982, 1986, 1995) e formulações posteriores (cf. Haegeman (1994)) e serão brevemente referidas propostas alternativas, como as de Reinhart e Reuland (1993), que estão relacionadas com a Teoria da Reflexividade.

Na secção 2., considerando as estratégias que permitem dar conta das frases coordenadas em que um dos constituintes é omitido, serão fundamentalmente apresentadas as propostas de Extração *Across-the-board* (Ross 1967, Williams 1977, 1978; Munn 1993; Colaço 1993, 1996; Matos 1997, 2000) e de *Sideward Movement* (Nunes 2001, 2004; Colaço 2005). As frases subordinadas adverbiais finitas com sujeitos realizados e omitidos serão analisadas na subsecção 2.1.2, em termos das propostas decorrentes da Teoria da Ligação e de princípios de economia referentes à omissão do sujeito.

Na secção 3., apresentar-se-á uma breve conclusão dos aspetos mais pertinentes que serão necessários para a análise levada a cabo no quarto capítulo.

### **1. A Teoria da Ligação**

Tendo em conta que o objetivo do presente trabalho é aferir, através do comportamento referencial observado entre os sujeitos das construções, se as representações estruturais classicamente associadas a frases coordenadas e subordinadas adverbiais são adequadas e captam as propriedades destas construções, referir-se-ão nesta secção a Teoria da Ligação, tal como proposta por Chomsky (1980, 1981, 1982, 1986), e

as reformulações que se lhe seguiram. Tal será feito de forma a dar conta de alguns comportamentos que, de acordo com alguns autores, não podem ser captados pelos Princípios da Teoria da Ligação.

No âmbito da Teoria da Regência e Ligação, Duarte (1991) evidencia que a noção mais relevante é a de *independência* vs. *dependência referencial*. A autora refere que “nesta perspectiva, a teoria gramatical tem de definir os contextos em que uma expressão nominal é referencialmente dependente e aqueles em que é referencialmente independente.” (Duarte 1991: 149). Tendo em conta o quadro teórico da Teoria da Regência e Ligação, Duarte (1991: 145-146) explicita a existência de três tipos de relações entre constituintes: ligação, controlo e correferência. As relações de ligação e controlo serão tratadas com base na Teoria da Ligação e na Teoria de Controlo, respetivamente; quanto à relação de correferência, a autora refere que esta “é possível nos limites definidos pelos princípios da Teoria da Ligação e por outras condições formais de natureza sintáctica, mas regulada por “princípios” de natureza semântico-pragmática.”

Assim, ao longo deste capítulo, avaliar-se-á a capacidade das diferentes propostas apresentadas para dar conta dos dados a trabalhar neste estudo.

### **1.1. A versão clássica da Teoria da Ligação (Chomsky 1980, 1981, 1982, 1986)**

Chomsky, de forma a dar conta das relações referenciais que se estabelecem entre constituintes nominais em domínios sintáticos, propõe a existência de três princípios que captem o comportamento de anáforas, pronominais e expressões referenciais.

De acordo com o autor, anáforas são NPs que não têm capacidade de referência inerente (“inherent reference”, Chomsky 1981: 188), e, por isso, devem ser ligados; os pronominais são nominais que podem ter referência dependente ou independente e dividem-se entre aqueles que são realizados foneticamente e aqueles que não o são<sup>22</sup>. Os pronominais realizados ocorrem de forma livre onde as anáforas seriam ligadas; e, as expressões-R, que são constituídas por elementos nominais devem ser sempre livres.

---

<sup>22</sup> PRO, em Chomsky (1981, 1982, 1986) é caracterizado como simultaneamente pronominal e anáfora, e não pode, por isso, ser considerado como um pronominal puro.

Na sequência da caracterização das categorias nominais, considerando os três tipos de elementos referidos e a noção de categoria regente, Chomsky propõe um princípio para cada categoria:

(71) *Binding Theory*

(A) An anaphor is bound in its governing category.

(B) A pronominal is free in its governing category.

(C) An R-expression is free.

Chomsky (1981: 188)

Recorrendo ao conceito de regência, Chomsky (1981: 187) refere que a teoria da ligação será desenvolvida tendo em conta a noção de “categoria regente”:

(72)  $\beta$  is a governing category for  $\alpha$  if and only if  $\beta$  is the minimal category containing  $\alpha$ , a governor of  $\alpha$ , and a SUBJECT<sup>23</sup> accessible to  $\alpha$ .

Chomsky (1981: 220)

De acordo com Chomsky (1981: 52), os elementos regentes (*governors*) são núcleos do tipo  $X^0$  no sistema da Teoria X-barra: “[...] the only governors are categories of the form  $X^0$ , in the X-bar system (where  $X = [\pm N, \pm V]$ )”.

Associados a estes constituintes, e às relações que se estabelecem entre eles, estão os conceitos de ligação e c-comando. Assume-se que ligação implica coindexação, que marca partilha de referência e c-comando.

O conceito de c-comando, necessário para estabelecer ligações entre constituintes, apresenta-se, de seguida, tal como proposto por Reinhart (1976):

(73) A c-comanda B se: O primeiro nó ramificante que domina A ou domina B ou é dominado por um nó  $X_2$  que domina B e  $X_2$  é do mesmo tipo de categoria de  $X_1$ .

Tendo em conta os conceitos apresentados e também o que é estipulado pelo princípio A, referente às anáforas, assume-se que estas, por não terem autonomia

---

<sup>23</sup> De acordo com o autor, “SUBJECT” pode ser um NP ou apenas a flexão do verbo.

referencial, terão sempre de ser ligadas por outro constituinte na sua categoria regente para que se estabeleça a sua referência.

(74) A Maria<sub>i</sub> levanta-se<sub>i</sub> muito cedo.

No exemplo (74), acima apresentado, o pronome reflexo *–se* estabelece a sua referência, ao estar ligado ao constituinte [A Maria]. Desta forma, por o constituinte [A Maria] e o pronome reflexo possuírem a mesma referência, estabelece-se entre ambos uma relação de correferência.

Em relação aos elementos pronominais realizados, Chomsky assume que apresentam um comportamento em espelho, face às anáforas; assim, em contextos em que uma anáfora é ligada, um pronominal será livre. O autor considera, por isso, que anáforas e pronominais estão em distribuição complementar (Chomsky 1981: 190)<sup>24</sup>. Tendo por base esta propriedade, o autor refere que os pronominais podem ter uma leitura de disjunção, ou, se numa frase o sujeito é omitido, a leitura preferencial é de correferência. Vejam-se os seguintes exemplos:

(75) a. A Maria estuda língua portuguesa quando ela ouve música.

b. A Maria estuda língua portuguesa quando [-] ouve música.

Diferentemente das anáforas e dos pronominais, que de acordo com Chomsky se encontram em distribuição complementar, as expressões referenciais (expressões-R, doravante) apresentam um comportamento distinto. O autor considera que as expressões-R não podem ser ligadas e, por esse motivo, estabelece o princípio C, segundo o qual constituintes deste tipo devem ser livres (i.e., não ligados).

(76) a. A Maria<sub>i</sub> penteia-se<sub>i</sub>.

b. A Maria<sub>i</sub> diz que ela<sub>i/j</sub> só ouve música portuguesa.

(77) a. #A Maria<sub>i</sub> penteia a Maria<sub>i</sub>.

b. \*A Maria<sub>i</sub> diz que a Maria<sub>i/j</sub> só ouve música portuguesa.

---

<sup>24</sup> Contudo, como se verá mais à frente, esta assunção não é válida para todos os contextos.

A leitura de correferência em (76) é possível, porém em (77), de acordo com Chomsky, é impossível, uma vez que estes constituintes não podem ser ligados<sup>25</sup>.

Os princípios formalizados nesta teoria foram alargados a outros constituintes sem realização lexical, permitindo, dessa forma, dar conta do comportamento referencial de categorias vazias, tais como *pro*, PRO, vestígios de movimento-A ou vestígios de movimento-A'.

Chomsky propõe que as categorias nominais realizadas e nulas sejam caracterizadas pelos traços [ $\pm$  anafórico], [ $\pm$  pronominal]: as anáforas seriam [+ anafóricas, - pronominais], os pronominais [- anafóricos, + pronominais] e as expressões-R [- anafóricas, - pronominais] (cf. Chomsky 1982).

Black (1999), assumindo esta mesma perspectiva, apresenta um quadro que pretende resumir as propriedades e os traços de cada categoria:

Features	Binding Principle	Overt Nominals	Empty Categories
[- <i>pro</i> /+ <i>ana</i> ]	A	<i>e.g. himself</i>	trace of A-movement
[+ <i>pro</i> /- <i>ana</i> ]	B	<i>e.g. him</i>	<i>pro</i>
[- <i>pro</i> /- <i>ana</i> ]	C	<i>e.g. John</i>	trace of $\bar{A}$ -movement
[+ <i>pro</i> /+ <i>ana</i> ]	A and B		<i>PRO</i>

Black (1999: 45)

No que diz respeito aos pronominais não realizados, *pro* e PRO, *pro* é tratado por Chomsky (1982) como um pronominal, sendo, por isso, o seu comportamento referencial justificado em termos do Princípio B da Teoria da Ligação. Desta forma, *pro* pode ter, ou não, um antecedente no seu domínio local e, de acordo com vários autores, a alternância entre o pronominal realizado e omitido é possível sem que haja alteração no significado da frase:

(78) a. O João lê uma revista quando ele ouve música.

b. O João lê uma revista quando *pro* ouve música.

<sup>25</sup> Porém, a estrutura (77) não é assinalada como agramatical por alguns autores, visto que um contexto específico ou uma entoação especial permitem que exista uma relação de correferência na frase.

Chomsky, contudo, assume que casos como (78) devem ser tratados recorrendo a um outro princípio, no caso, de economia, o Princípio Evitar Pronome. De acordo com este princípio, no exemplo acima apresentado em que o pronome está realizado no segundo termo coordenado, a leitura preferencial deve ser de disjunção, uma vez que a omissão do pronome deve ocorrer apenas em casos em que se pretende induzir correferência.

PRO, uma vez que contraditoriamente obedeceria simultaneamente aos princípios A e B, não está sujeito à Teoria da Ligação. O comportamento é, de acordo com Chomsky, captado pela Teoria do Controlo, que será apresentada em 2.1.2.1..

## **1.2. Desenvolvimentos da Teoria da Ligação clássica**

A versão clássica da Teoria da Ligação sofreu alguns desenvolvimentos e refinamentos para dar conta da distribuição das expressões nominais, e também, no Programa Minimalista, a noção de regência, e consequentemente a de categoria regente, desapareceu; o conceito de domínio de ligação foi redefinido. Alguns aspetos relacionados com anáforas realizadas, i.e., reflexos, foram também reanalisados, tal como se referirá de seguida.

### **1.2.1. Pronominais e Expressões-R**

O trabalho de Haegeman (1994) pretende tornar os conteúdos abordados por Chomsky (1980, 1981, 1982, 1986) mais acessíveis e também reformular alguns aspetos relacionados com a distribuição das expressões nominais. A autora assume, como Chomsky, que existem três tipos de expressões nominais: anáforas, pronominais e expressões referenciais; e que estas se distinguem com base nos seus requisitos de ligação. Assim, as anáforas caracterizam-se por requererem obrigatoriamente um antecedente no seu domínio sintático relevante, uma vez que não possuem autonomia referencial; os pronominais não devem ter um antecedente no domínio local, mas, fora da sua categoria regente, podem ser ligados; por fim, as expressões referenciais possuem autonomia referencial e, por isso, o seu uso implica a identificação da identidade através do NP. Contudo, Haegeman refere que a capacidade de identificar uma entidade não faz parte das funções das frases, uma vez que a interpretação é possível através de um contexto

específico e de princípios comunicativos, algo que, de acordo com a autora, se relaciona com a área da pragmática:

This interpretation is not a function of the properties of [the] sentence (...), rather it derives from the use of the sentence for communicative purposes and it arises in a specific context. Interpretative matters which depend on the context outside the sentence are not regulated in a sentence grammar but are dealt with in the domain of study that is concerned with utterance interpretation. This area of study is often referred to as pragmatics. (Haegeman 1994: 190)

Haegeman (1994), referindo trabalhos anteriores de Chomsky, refere que a existência de argumentos implícitos, e de alguns pronomes possessivos e anáforas, é problemática para a Teoria da Ligação, uma vez que, de acordo com esta teoria, um pronome e uma anáfora que ocorram na mesma posição terão apenas leituras interpretativas diferentes (o pronome será livre e a anáfora será ligada). Tendo em conta estes aspetos, a autora refere que a diferença entre pronominais e anáforas não é assim tão linear, como é o caso dos adjuntos:

(79) Max saw a gun near himself/him.

Reinhart e Reuland (1993: 661)

Estrela (2006), apresenta também dados do PE, que corroboram que as anáforas e os pronominais não estão em distribuição complementar, uma vez que, em alguns contextos, podem ocorrer tanto pronomes como anáforas.

(80) a. Eles viram uma cobra perto deles.

b. Eles viram uma cobra perto de si.

Estrela (2006: 21)

Considerando os traços que caracterizam as expressões nominais ([± anafórico] e [± pronominal]), Haegeman argumenta que os princípios da Teoria da Ligação devem ser reformulados e propõe que as expressões referenciais não estejam sujeitas a estes princípios, visto serem especificadas negativamente para ambos os traços. Quanto aos pronominais e anáforas, definem-se da seguinte forma:

**(81) Principle A**

An NP with the feature [+ anaphor] must be bound in its governing category.

**Principle B**

An NP with the feature [+ pronominal] must be free in its governing category.

Haegeman (1994: 222-223)

Em relação à interpretação de pronomes, a autora propõe ainda uma regra para a interpretação de pronomes:

**(82) Interpretation of pronouns**

A pronoun must be free in its governing category;

where

- (i) the governing category is the minimal domain containing the pronoun, its governor, and an accessible subject / SUBJECT;
- (ii) free is not bound.

Haegeman (1994: 225)

Uma vez que a autora não postula nenhum princípio para as expressões referenciais (por serem valoradas negativamente para os traços [anáfora] e [pronominal]), considera que é necessário determinar qual a distribuição destes constituintes. Assim, assume que o seu valor referencial está associado às condições pragmáticas dos enunciados, mas que, em termos sintáticos, também estão condicionadas veja-se (83):

(83) Ele<sub>i</sub> gosta do Pedro\*<sub>i/j</sub>.

Nesta estrutura, assume-se que a leitura de correferência não está disponível e que apenas a interpretação disjunta torna a frase gramatical. Tendo em conta este tipo de dados, Haegeman (1994: 227) propõe um princípio semelhante ao Princípio C de Chomsky:

**(84) Principle of Interpretation of R-Expressions**

R-expressions must be free everywhere.



Contudo, a autora refere que Evans (1980: 356-7) assume que os efeitos do Princípio C podem ser ultrapassados por princípios conversacionais, como em (85):

(85)

- (i) I know what John and Bill have in common. John thinks that Bill is terrific and Bill thinks that Bill is terrific.
- (ii) Who loves Oscar's mother? I know Oscar loves Oscar's mother, but does anyone else?
- (iii) Everyone has finally realized that Oscar is incompetent. Even Oscar has realized that Oscar is incompetent.

Também Reinhart (1983) assume como possível o facto de o Princípio C não estar relacionado com restrições sintáticas, mas sim com aspetos pragmáticos.

Assim, Haegeman retém as propriedades centrais da versão clássica da Teoria da Ligação, aliando a esta alguns aspetos relacionados com princípios discursivos para o bom sucesso da comunicação.

### **1.2.2. Formulações da Teoria da Ligação sem o conceito de regência**

Chomsky no Programa Minimalista (1995: 158-159), descreve de uma forma simplificada os princípios da Teoria da Ligação sem recorrer ao conceito de regência<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> Büring (2005) é outro autor que reformula os princípios da Teoria da Ligação, de modo a não recorrer à noção de regência. O autor pretende fornecer uma reformulação relativamente aos princípios que regem a distribuição das expressões nominais, prescindindo de alguns conceitos presentes na proposta original de Chomsky, entre os quais o conceito de regência. O autor toma como ponto de partida os princípios de Chomsky e assume que elementos como pronomes reflexivos, precisam de um antecedente e esse antecedente tem de se encontrar na mesma oração (Princípio A da Teoria da Ligação). Büring aceita igualmente que, em relação aos pronomes não-reflexivos, estes podem ocorrer com ou sem um antecedente, mas caso tenham um antecedente, esse constituinte não pode ocorrer na mesma oração do pronome (Princípio B da Teoria da Ligação).

- (86) a. Se  $\alpha$  é uma anáfora,  $\alpha$  recebe uma interpretação co-referente com um constituinte que c-comanda  $\alpha$  em D.
- b. Se  $\alpha$  é um pronome,  $\alpha$  recebe uma interpretação disjunta de qualquer constituinte que c-comande  $\alpha$  em D.
- c. Se  $\alpha$  é uma expressão-r,  $\alpha$  recebe uma interpretação disjunta de qualquer constituinte que c-comande  $\alpha$ .

Chomsky define D apenas como domínio local relevante, Zwart (2000: 533) refere, em relação à definição de domínio local, que “The *local domain D* relevant to the principles of the binding theory is defined in various ways. The core intuition appears to be that D is the minimal maximal projection dominating the anaphor/pronoun that contains either *tense* or a *subject* (e.g. Lasnik 1989: 1)”.

### 1.3. Alternativas à Teoria da Ligação

A teoria da Ligação, tal como referido anteriormente, tem, ao longo dos anos, sido alvo de desenvolvimentos. Assim, as propostas de autores como Reinhart e Reuland (1993), e Antonenko (2012), assumem como relevante a noção de reflexividade. No trabalho de Reinhart e Reuland, a reflexividade é assumida como um traço inerente aos constituintes, sendo que, a partir do mesmo, é possível distinguir anáforas de pronominais, e também diferentes tipos de anáforas.

#### 1.3.1. Reinhart e Reuland (1993)

Reinhart e Reuland (1993) (doravante R&R), tentando dar conta da distribuição das expressões nominais, sugerem uma alternativa à Teoria da Ligação de Chomsky em que consideram que as propriedades lexicais inerentes aos constituintes é que irão ser relevantes para dar conta do seu comportamento. Assim, com base nestas propriedades, R&R propõem a Teoria da Reflexividade.

Neste trabalho, os autores apenas dão conta do comportamento de anáforas e pronominais, uma vez que consideram que o Princípio C e os efeitos de correferência pertencem a um módulo inferencial distinto:

We take the binding theory to consist only of Conditions A and B, and to govern only bound variable anaphora. Condition C and other coreference effects are argued in Reinhart 1983a to belong to a different, inferential, module. This position is further developed and developed and defended in Grodzinsky and Reinhart 1993.

(Reinhart e Reuland 1993: 657, nota 2)

R&R consideram a existência de dois tipos de anáforas, as anáforas de SE (anáforas de longa distância) e as de SELF (anáforas locais), estas distinguem-se dos pronomes, por serem referencialmente dependentes e por não estarem completamente especificadas em termos de traços- $\phi$ . Os autores aceitam que as anáforas são referencialmente defetivas e que, por isso, a ligação irá permitir a sua interpretação referencial. Devido às propriedades que distinguem os pronominais das anáforas, por um lado, e as anáforas de SE das anáforas de SELF, por outro, os autores propõem a seguinte tipologia para as expressões anafóricas:

(87)	SELF	SE	Pronoun
Reflexivizing function	+	-	-
R(eferential independence)	-	-	+

Reinhart e Reuland (1993: 659)

R&R consideram que as duas propriedades que dão conta da distribuição das expressões anafóricas, referidas em (87), são reguladas por diferentes módulos do conhecimento linguístico. A segunda propriedade (independência referencial) é, de acordo com R&R, essencialmente igual à proposta por Chomsky (1981), com a exceção de estes autores considerarem que, não só se aplica a expressões referenciais, mas também a pronomes. A primeira propriedade (função reflexivizadora) é aquela considerada relevante para a modificação dos princípios da ligação.

Relativamente ao Princípio B, tal como originalmente proposto em Chomsky 1981, os autores referem a existência de alguns problemas. Como acontece em outros trabalhos, R&R questionam a complementaridade distribucional entre anáforas e pronomes, uma vez que, tendo em conta o que está definido nos princípios A e B da Teoria da Ligação clássica, referidos anteriormente, é esperado que em todos os contextos em que não pode ocorrer um pronome, ocorra uma anáfora e vice-versa.

Contudo, os autores reconhecem que, embora em alguns contextos esta complementaridade seja possível, em frases com adjuntos não é viável manter os princípios tal como formulados.

(88) a. Max saw a gun near himself/him.

b. Lucie counted five tourists in the room apart from herself/her.

Reinhart & Reuland (1993: 661)

R&R referem ainda: “The environments where a pronoun must be free are thus much more restricted than the environments where an anaphor can be bound.” (Reinhart e Reuland 1993: 661).

Assim, os autores pretendem reformular a Teoria da Ligação e consideram que essas alterações devem começar com o princípio B: “The empirical coverage of the binding theory will therefore be significantly improved if we start by restating Condition B.” (Reinhart e Reuland 1993: 661-662).

R&R (1993) defendem que o princípio B da Teoria da Ligação não estará relacionado com a distribuição de pronomes, mas sim com a reflexividade dos pronomes. A função reflexivizadora é atribuída aos predicados. R&R propõem duas definições e uma condição:

(89) *Definitions*

a. A predicate is *reflexive* iff two of its arguments are coindexed.

b. A predicate (formed of P) is *reflexive-marked* iff either P is lexically reflexive or one of P’s arguments is a SELF anaphor.

(90) Condition B

A reflexive predicate is reflexive-marked.

Reinhart e Reuland (1993: 663)

Este princípio serve para dar conta do comportamento referencial de constituintes em frases como (91):

- (91) a) \*Max<sub>1</sub> critized him<sub>1</sub>.  
 b) Max<sub>1</sub> critized himself<sub>1</sub>.  
 c) \*Max<sub>1</sub> / he<sub>1</sub> critized Max<sub>1</sub>.

Reinhart e Reuland (1993: 663)

Assim, a estrutura em (91a) não pode ter uma interpretação ligada porque o predicado *critized* não está marcado reflexivamente. Contudo, R&R preveem que (91b) seja gramatical, uma vez que se assume que o verbo é marcado reflexivamente, possibilitando a interpretação ligada. No caso de (91c), a frase é marcada como agramatical pelo mesmo motivo de (91a).

Uma vez que a condição definida anteriormente dá conta do comportamento dos pronomes, R&R consideram necessário reformular o princípio A, de forma a dar conta do comportamento de anáforas.

(92) *Condition A*

A reflexive-marked predicate is reflexive.

Reinhart e Reuland (1993: 671)

Assim, de acordo com os autores, os princípios A e B não são exatamente simétricos, uma vez que o princípio B está relacionado com reflexivização semântica e o princípio A com marcação sintática de reflexivização.

R&R fornecem uma versão revista dos princípios de ligação:

(93) *Conditions*

A: A reflexive-marked syntactic predicate is reflexive.

B: A reflexive semantic predicate is reflexive-marked.

Os autores fazem notar que as condições A e B propostas não recorrem a conceitos como ligação, c-comando ou hierarquia de constituintes, uma vez que a noção mais relevante é a de reflexividade de predicados, independentemente da sua estrutura interna. Os autores referem também que o comportamento de anáforas se divide entre dois módulos:

The binding theory is sensitive only to the reflexivizing function, taking care of matching it with predicate reflexivity. All other aspects of local anaphora, which have to do with the R property, fall under chain theory. Traditionally, what was always believed to be sensitive to c-command, or other hierarchical restrictions, is precisely the issue of referential dependency, which we reduced here to R-relations.

(Reinhart e Reuland 1993: 715)

### **1.3.2. Antonenko (2012)**

Antonenko (2012) propõe uma abordagem bastante distinta face às propriedades que regem a distribuição de expressões nominais. Diferentemente de outras propostas, o autor assume a existência de um traço reflexivo associado a estes constituintes (o traço  $\rho$ ). Antonenko toma como ponto de partida a teoria de Reinhart e Reuland (apresentada anteriormente), mas, uma vez que a proposta de R&R tem algumas exceções e não permite, por exemplo, dar conta do comportamento de adjuntos, o autor afasta-se da noção de predicado semântico e constrói a sua teoria com base em pressupostos sintáticos, como a existência do traço referido.

Antonenko refere também que a sua proposta e a de R&R diferem no que concerne a coindexação de argumentos, ou seja, para R&R, um predicado é reflexivo se os seus argumentos estiverem co-indexados, contudo, para Antonenko, diferentemente, a presença do traço  $\rho$  pode resultar em coindexação dos argumentos de um predicado, mas tal não é obrigatório (Antonenko 2012: 105-106).

Assim, para o autor, para que se consigam estabelecer ligações entre constituintes, é necessário redefinir os conceitos de domínio de ligação, e, por isso, considera que cada domínio relevante irá corresponder a uma fase. Porém, a sua definição de fase é distinta da clássica, Antonenko assume que um domínio se torna uma fase quando os traços relevantes desse domínio são valorados. O autor defende que esta proposta permite dar conta de um maior número de fenómenos interlinguísticos e, além disso, é consistente com a arquitetura minimalista da gramática.

Em suma, as propostas de Reinhart e Reuland, e Antonenko, que se integram na Teoria da Reflexividade, não se adequam aos dados a analisar, uma vez que, a propriedade fulcral que visam captar é a reflexividade.

Assim, tendo em conta as teorias apresentadas nas secções anteriores, assume-se que a Teoria da Ligação clássica, repensada sem fazer apelo ao conceito de regência e tendo em vista as objeções que lhe foram feitas, é suficiente para descrever as relações que se estabelecem nestas frases.

## **2. A omissão do sujeito em frases coordenadas e subordinadas adverbiais**

O estudo da omissão de sujeitos em frases coordenadas e subordinadas adverbiais assume-se como relevante tendo em conta as pistas que se podem obter através da observação das relações referenciais que se estabelecem entre os sujeitos das frases conectadas. De acordo com princípios da gramática<sup>27</sup>, a posição de sujeito deve sempre ser projetada e ocorre em posição pré-verbal nas frases com ordem canónica do PE, que, no entanto, também apresenta casos de sujeitos pós-verbais.

Em frases complexas, coordenadas ou subordinadas adverbiais, entre os constituintes em posição de sujeito, poderão estabelecer-se relações de correferência ou disjunção. Apresentam-se agora estas definições de Chomsky (1995: 154-155):

(94) Se o índice de  $\alpha$  é idêntico ao índice de  $\beta$ , então  $\alpha$  e  $\beta$  são co-referentes.

(95) Se o índice de  $\alpha$  é distinto do índice de  $\beta$ , então  $\alpha$  e  $\beta$  são referencialmente disjuntos.

Ou seja, no exemplo (96 a.) temos um caso de correferência e, na frase em (96 b.), temos a relação de disjunção, onde é impossível que exista uma relação de partilha de identidade:

(96) a. A Ana<sub>i</sub> ouve música, quando ela<sub>i/j</sub> estuda inglês.

b. A Ana<sub>i</sub> ouve música, quando eu<sub>\*i/j</sub> estudo inglês.

---

<sup>27</sup> Chomsky (1982: 10) refere o Princípio da Projeção Alargada (*Extended Projection Principle*) que estipula que todas as estruturas devem ter uma posição de sujeito. No quadro Minimalista este princípio é captado pelos chamados traços EPP do núcleo funcional T.

No exemplo (96 a.), note-se que a correferência entre [A Ana] e [ela] não é obrigatória, é apenas possível graças à partilha de valores de traços- $\phi$ .

Considerando as propostas clássicas assumidas para construções com constituintes omitidos que partilham a referência com um antecedente, é possível distinguir as frases coordenadas integradas das frases adverbiais, visto que em frases coordenadas a estratégia de Extração Simultânea (Movimento *Across-The-Board*) é tida como preferencial (Ross 1967; Williams 1977, 1978; Pesetsky 1982; Munn 1993; Colaço 1993, 1996, 2005; Matos 1997, 2000) e em subordinadas adverbiais é comumente aceite que o constituinte não realizado que preenche a posição de sujeito é *pro* correferente (Brito 1991; Costa *et al.* 2000; Lobo 2013). Existem, contudo, outros trabalhos que consideraram a possibilidade de, em frases coordenadas finitas, o constituinte não realizado com a sua referência fixada por um antecedente ser um *pro* (e.g. Matos 1991; Costa, Faria e Matos 1998; Costa e Matos 2012; McNally 1992; Zhang 2010).

Contudo, as análises que se irão apresentar nesta secção mostram que nas frases finitas em que o sujeito do segundo termo da coordenada ou da subordinada adverbial é omitido, apesar das diferenças das propostas, a assunção de que a interpretação preferencial é a de correferência é unânime, sendo que aqui se assume correferência, num sentido lato, em que o constituinte é correferente se estabelecer uma relação de partilha de identidade com um antecedente (cf. Chomsky 1995: 154-155).

## **2.1. Sujeitos omitidos**

Apresentam-se nesta secção as principais propostas para dar conta das propriedades e estratégias associadas ao constituinte omitido em posição de sujeito. Tradicionalmente considera-se que frases subordinadas em que existe um constituinte foneticamente nulo cuja referência é fixada por um antecedente são estruturas de correferência ou controlo. Embora as estruturas coordenadas e adverbiais possam ser finitas ou infinitivas, neste trabalho consideram-se apenas frases finitas. Contudo, apesar de inicialmente as estruturas de controlo serem pensadas para dar conta de sujeitos omitidos em frases infinitivas, vários autores assumiram que os sujeitos nulos de frases subordinadas finitas estavam também sujeitos a controlo (Nunes 1995, 2004; Rodrigues 2004; Ferreira 2009; Holmberg & Sheehan 2010; Landau 2014). Nesse caso, para além dos efeitos de ATB em coordenadas, a questão do controlo é crucial (veja-se a subsecção 2.1.2.1).



### 2.1.1. Sujeitos omitidos em frases coordenadas finitas

Matos (1991) propõe, que, em casos de correferência nas frases coordenadas, a expressão nominal omitida que ocorre na posição de sujeito do segundo termo coordenado é um *pro* controlado estruturalmente, i.e., é um caso de controlo obrigatório (Costa, Faria e Matos 1998, notas 6 e 7), e não lexical, tendo em conta que o sujeito pré-verbal do primeiro constituinte determina a referência do segundo, pelo facto de o c-comandar.

[...] o controlo em estruturas de complementação é um processo lexicalmente governado, havendo verbos que determinam que SNs em posições argumentais diferentes da posição de sujeito possam actuar como controladores.

[...] nas estruturas de coordenação, não há controlo lexicalmente governado, mas apenas estruturalmente determinado. (Matos 1991: 136)

Porém, Matos (1991) não assume que esta estratégia seja extensível a todos os casos de sujeitos omitidos em coordenadas:

Finalmente saliente-se que a hipótese de a categoria vazia na posição de sujeito da frase coordenada ser *pro* só será plenamente confirmada quando conseguirmos explicar porque é que línguas especificadas negativamente quanto ao Parâmetro do Sujeito Nulo podem, em estruturas de coordenação frásica com sujeitos co-referentes, não realizar lexicalmente o sujeito da frase coordenada.

(52) L'homme aspire au boheur et Ø s'épuise à le trouver (Grevisse 1969: 53)

(53) John talked to Bill and Ø seemed upset (Sag 1980: 2002) (Matos 1991: 138)

Esta nova etapa de pesquisa sobre a coordenação levou Matos a admitir que a omissão de sujeitos na segunda frase coordenada pode dever-se a uma partilha de sujeitos, fenómeno designado na literatura como Extração Simultânea (*across-the-board extraction*), uma estratégia geral que ocorre tanto em línguas que não obedecem ao Parâmetro do Sujeito Nulo, como em línguas de Sujeito Nulo (veja-se Costa, Faria e Matos 1998; Costa e Matos 2012). Contudo, apesar de admitir que os sujeitos nas frases coordenadas poderiam resultar de movimento ATB, a autora nunca abandonou a ideia de

que também poderia haver ocorrência de *pro* como sujeito do segundo termo coordenado em contextos menos integrados ou menos locais ou em que o sujeito do primeiro termo coordenado não ocorre em posição pré-verbal.

Também McNally (1992) assume a ocorrência de *pro* na posição vazia do segundo termo. Contudo, tal como Zhang (2010: 228) refere, tem sido defendido que a possibilidade de preencher essa posição com *pro* implica que a alternância com um pronome não altere o significado da frase. Tal não se verifica preferencialmente no PE:

(97) a. A Maria fez um bolo e [-] ouviu música.

b. A Maria fez um bolo e *ela* ouviu música.

Matos (1991) assume, que embora não seja a interpretação preferencial, é possível nestas estruturas obter uma leitura de correferência.

Segundo alguns autores, a interpretação preferencial em (97 b.) é disjunta e esta preferência tem sido analisada como um efeito do Princípio Evitar Pronome (*Avoid Pronoun Principle*, Chomsky, 1981, 1982), segundo o qual, tal como referido, a produção do pronome induz uma leitura disjunta, uma vez que, num contexto de correferência, o falante iria optar por omiti-lo.

Chomsky atribui ao Princípio Evitar Pronome em estatuto ambíguo entre a pragmática e a sintaxe.

Diferentemente, considerando a subordinação completiva, Brito (1991: 115) não aceita a leitura de correferência como possível quando, no segundo termo, ocorre um pronome lexicalmente realizado:

(98) a) A Maria pensa que ela vai a Paris.

b) A Maria pensa que vai a Paris.

A autora justifica a sua preferência através do recurso a Princípios Pragmáticos, utilizados de forma a garantir o bom sucesso da comunicação (cf. Austin 1961, Searle 1969):

(a) *Estratégia do LOCUTOR*: Quando se está a usar uma estrutura sintática que permite a interpretação de co-referência pelo emprego de um pronominal nulo, então deve-se usá-la se a intenção é usar expressões para co-referirem, a não ser que se tenha alguma razão para evitar a co-referência.

(b) *Estratégia do ALOCUTÁRIO*: Se o LOCUTOR evita a opção de co-referência fornecida pela estrutura que está a usar e emprega um pronome lexicalmente realizado, então, a não ser que ele tenha razão para evitar a co-referência, ele não tinha intenção de que as suas expressões co-referissem.

Porém, é possível obter uma leitura correferente nos casos em que o pronome é realizado se se considerar que este é interpretado como focalizado.

Retomando o argumento de Zhang (2010), contra *pro* ocupar a posição de sujeito nestas frases, também o facto de a estratégia de extração simultânea poder ocorrer em línguas de sujeito nulo, como o Português Europeu, sugere a possibilidade de, nesta língua, o constituinte vazio não ser *pro*.

Porém, em Português Europeu, a ocorrência de um *pro* correferente no segundo termo coordenado parece ser legitimada pela ocorrência de um sujeito pós-verbal no primeiro termo (cf. Costa e Matos 2012) e que, neste caso, *pro* pode alternar com um sujeito pronominal, mantendo a interpretação de correferência, veja-se (99) e (100). Note-se que, neste contexto, não seria possível uma análise baseada na extração simultânea do sujeito, dada a sua posição pós-verbal, que não lhe permite o c-comando sobre o segundo termo coordenado.

(99) Chegou o João e *pro* arranhou logo problemas.

(100) Chegou o João e ele arranhou logo problemas.

A ocorrência de *pro* é também legítima em contextos de coordenação não integrada (cf. Costa e Matos 2012), em que se considera que o constituinte na segunda posição pode alternar com um pronome lexicalmente realizado sem haver alteração na interpretação da frase. Veja-se o exemplo seguinte:

(101) a. O João chegou a casa. E, passados cinco minutos, *pro* ligou a televisão.

b. O João chegou a casa. E, passados cinco minutos, *ele* ligou a televisão.

Os trabalhos de Costa, Faria e Matos (1998) e Costa e Matos (2012) mostram que, dependendo do contexto, tanto *pro* correferente, como sujeitos vazios resultantes de movimento ATB, podem ocupar a posição de sujeito das frases coordenadas.

### 2.1.1.1 Extração Simultânea (Across-the-board)

A impossibilidade de extrair constituintes de apenas um dos termos da estrutura coordenada, notada por Ross (1967), que propôs a Condição da Estrutura Coordenada, levou a que se considerasse que as frases coordenadas constituem ilhas face ao movimento sintático.

#### (102) *The Coordinate Structure Constraint*

In a coordinate structure, no conjunct may be moved, nor may any element contained in a conjunct be moved out of that conjunct.

Ross (1967: 161)

O mesmo autor refere que só é possível extrair constituintes de construções coordenadas, sem causar resultados agramaticais, aplicando a extração de forma simultânea a ambos os termos coordenados, tal como exemplificado em (103c), face à impossibilidade que se verifica em (103b):

(103) a. O João adora chocolate e o Pedro odeia chocolate.

b. \*O que é que o João adora e o Pedro odeia chocolate?

c. O que é que o João adora e o Pedro odeia?

Este tipo de movimento simultâneo (ou extração simultânea) de constituintes é designado por *Across-the-board Movement* (ATB movement, Ross 1967). Ross mostra que, uma vez que o movimento de constituintes de apenas um termo coordenado não é permitido, é obrigatório que o movimento afete ambos os termos coordenados. Desta forma, o movimento escapa à Condição da Estrutura Coordenada e é possível obter uma estrutura gramatical.

Tal como descrito em Colaço (2005), a estratégia de extração de constituintes ATB em frases coordenadas permite evitar, de acordo com princípios de economia da

gramática, a ocorrência de material redundante. Esta estratégia caracteriza-se, assim, pela omissão de material que seria repetido, mas que não o é pelo facto de o seu conteúdo ser discursivamente recuperável, estando presente também em diversas construções elíticas, como a elipse do sintagma verbal, ilustrada em (104b), (cf. Raposo 1986, Matos 1992)<sup>28</sup>:

(104) a. A Maria não tem escrito livros, mas o João tem escrito.

b. A Maria não tem escrito livros, mas o João tem.

Embora no exemplo (104a) a repetição de material não afete a boa formação da frase, existem alguns casos em que estas repetições podem alterar essa interpretação devido a fatores gramaticais ou pragmáticos:

(105) *A Maria* foi à livraria e *a Maria* comprou dois livros.

(106) A Maria despediu-se do *Pedro* e deu um beijo ao *Pedro*.

Colaço (2005: 289)

Assim, nesta perspectiva, a extração simultânea constitui, tal como outros fenómenos de não realização de material redundante, uma forma de garantir a economia da gramática.

A estratégia de movimento ATB foi já alvo de várias análises em relação ao local para onde e de onde se dá o movimento de constituintes. Alguns autores propuseram que o movimento se dava para o exterior da estrutura coordenada e de duas posições para apenas uma. Outras propostas apresentam a possibilidade de o movimento do constituinte ocorrer no interior dos termos coordenados.

A propósito da configuração sintática das estruturas com extração simultânea de clíticos, Matos (2000) apresenta argumentos que mostram que, nas frases coordenadas em que há extração simultânea de constituintes, é possível assumir que o elemento que comanda a categoria vazia a que está associado ocorre na periferia esquerda fora da estrutura coordenada, ou, alternativamente, ocorre no interior do primeiro termo.

---

<sup>28</sup> Movimento ATB e Elipse obedecem a uma estratégia de economia em que se omite tudo o que é recuperável. Porém, os constituintes omitidos resultantes de movimento ATB apresentam sensibilidade a ilhas, diferentemente daqueles que resultam de elipse. Recorrendo a esta e outras propriedades, Raposo (1986) e Matos (1992) distinguem objeto nulo (movimento de objeto) de elipse de VP.

Embora existam várias propostas no que concerne à posição de onde se dá o movimento nestas configurações, considera-se que, em frases em que há movimento simultâneo, a interpretação dos constituintes omitidos é de partilha dos traços referenciais, uma vez que se considera que o movimento de constituintes deixa um vestígio / uma cópia.

No que diz respeito a sujeitos omitidos em coordenadas, Costa, Faria e Matos (1998: 178) assumem que: “Nas construções coordenadas, a categoria vazia na posição de sujeito vê a sua referência obrigatoriamente fixada pelo sujeito da primeira oração sugerindo que entre o antecedente e a categoria vazia se estabelece uma relação de c-comando (...)”. As autoras referem ainda que o constituinte que ocupa a posição de sujeito do segundo termo coordenado pode apresentar características de vestígios de extração simultânea ou de um pronominal, sendo semelhante ao elemento que ocorre em frases-raiz com sujeitos nulos. Costa, Faria e Matos (1998: 179) assumem que “No primeiro caso, o problema da co-referência estaria explicado – numa cadeia de movimento, a identificação do vestígio é feita pelo seu antecedente sob c-comando local (...)”.

Ainda a respeito de correferência de sujeitos, Colaço (2005: 304-5) refere que se a intenção for induzir correferência, o falante optará por uma construção em que há extração simultânea e em que apenas o primeiro constituinte é realizado foneticamente. A construção de uma estrutura em que ocorrem constituintes semelhantes (expressões referenciais ou pronominais) nos dois termos coordenados será escolhida apenas para a obtenção de leituras disjuntas.

Tendo em conta alguns dos aspetos referidos, a autora conclui:

(i) A ocorrência de movimento simultâneo verifica-se em frases em que um constituinte está relacionado por movimento com categorias vazias que ocorrem em ambos os termos coordenados. Esta forma de movimento induz, geralmente, uma interpretação em que esse constituinte refere uma mesma entidade que participa nas predicções contidas nos dois termos coordenados.

(ii) A ocorrência de movimentos paralelos no interior dos termos coordenados verifica-se quando ocorrem constituintes referencialmente distintos nos termos coordenados. Neste caso, não é produzida a interpretação que decorre do movimento simultâneo.

(Colaço 2005: 304)

Diferentemente da teoria de Extração Simultânea (*Across-The-Board*), as propostas como Movimento Lateral (*Sideward Movement*, Nunes 2001, 2004), Multidominância (*Multidominance*, de Vries 2009) e *Merge* Paralelo (*Parallel Merge* Citko 2005) caracterizam-se por serem casos de *merge* externo<sup>29</sup>. Independentemente das várias propostas que concernem ao local de onde se dá o movimento, é unânime a ideia de que, nas estruturas em que há extração de constituintes *across-the-board*, há movimento de constituintes e não há *merge* de material novo.

### 2.1.1.2. Movimento lateral (*Sideward movement*)

Seguindo a linha da economia nas construções em que se pretende evitar a redundância, Nunes (1995, 2004) propõe a Teoria Cópia + Merge, em que a operação complexa *Move* se decompõe em quatro operações: *Copy*, *Merge*, *Form Chain* e *Chain Reduction*. Apresentam-se de seguida as condições necessárias, de acordo com o autor, para a formação de uma cadeia argumental<sup>30</sup>:

#### (107) *Conditions on Form Chain*

Two constituents  $\alpha$  and  $\beta$  can form the nontrivial chain  $CH = (\alpha, \beta)$  if

- a.  $\alpha$  is non-distinct from  $\beta$ ;
- b.  $\alpha$  c-commands  $\beta$ ;
- c. there is at least one feature  $F$  of  $\alpha$  such that  $F$  enters into a checking relation with a sublabel of the head of the projection with which  $\alpha$  merges and for any such feature  $F$  of  $\alpha$ , the corresponding feature  $F$  of  $\beta$  is accessible to the computational system; and

---

<sup>29</sup> De acordo com Chomsky (2005), *merge* externo é equivalente a *Merge*; e *merge* interno é equivalente a *Move*.

<sup>30</sup> Acrescentam-se as definições de *Sublabel* e *Closeness*, tais como propostas por Nunes (2004: 91):

- (i) *Sublabel*  
 $\sigma$  is a sublabel of the head  $H$  iff  $\sigma$  is a feature of  $H$  or a feature of some element adjoined to  $H$ .
- (ii) *Closeness*  
 $\gamma$  is closer to  $\alpha$  than  $\beta$  iff (a)  $\alpha$  c-commands  $\gamma$  and  $\gamma$  c-commands  $\beta$ , and (b)  $\gamma$  is not in the same minimal domain as  $\alpha$  or  $\beta$ .

- d. there is no constituent  $\gamma$  such that  $\gamma$  has a feature  $F'$  that is of the same type as the feature  $F$  of  $\alpha$ , and  $\gamma$  is closer to  $\alpha$  than  $\beta$  is.

Nunes (2004: 91)

Esta teoria permite criar instâncias de movimento lateral (*sideward movement*), que são obtidas através de apenas um item lexical que é copiado de um termo coordenado para o outro e, posteriormente, para o exterior do complexo coordenado, sendo ambos os termos derivados de forma independente. Tendo em conta os princípios de economia da gramática, Nunes propõe que os constituintes surgem apenas uma vez na numeração e que as cópias necessárias à derivação são geradas através de instâncias de *sideward movement* ao longo da derivação. Veja-se como exemplo a frase em (108), sendo que as unidades selecionadas para a numeração seriam as apresentadas em (109):

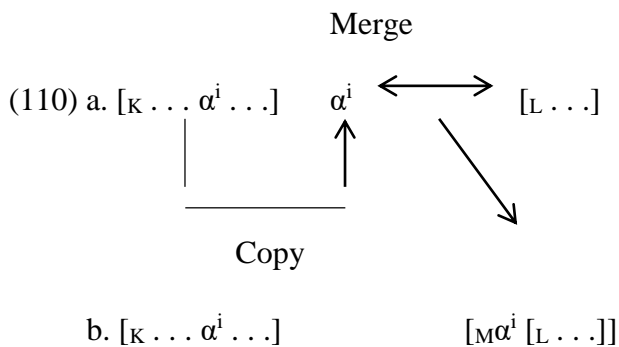
(108) Que livro o João comprou e a Maria leu?

(109)  $N = \{\text{que}_1, \text{livro}_1, Q_1, o_1, \text{João}_1, \text{comprou}_1, e_1, a_1, \text{Maria}_1, \text{leu}_1\}$

Colaço (2005: 317)

Diferentemente do que é assumido em outras teorias, Nunes propõe que os elementos que estão associados a duas posições diferentes na estrutura (*que livro*) surgem apenas uma vez na numeração e que a cópia necessária destes elementos é criada mais tarde através de *sideward movement*.

De forma a exemplificar a sua proposta, Nunes apresenta um exemplo de derivação de uma instância de *sideward movement*:



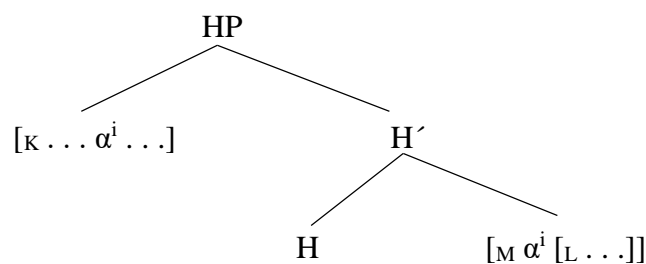
Nunes (2004: 94)



A derivação em (110 a.) mostra que o constituinte  $\alpha$  é copiado de K e combinado por *merge* com L, sendo os objetos sintáticos (neste caso, K e L) gerados de forma independente. Em (110 b.) é ilustrada a impossibilidade de as duas cópias de  $\alpha$  formarem uma cadeia, uma vez que não é estabelecida uma relação de c-comando entre ambas.

Na estrutura (111), Nunes ilustra a existência de um objeto sintático único (HP) que contém as duas cópias de  $\alpha$ . O autor refere que, mais uma vez, nesta configuração, a formação de uma cadeia entre as duas cópias não é possível devido à ausência de uma relação de c-comando.

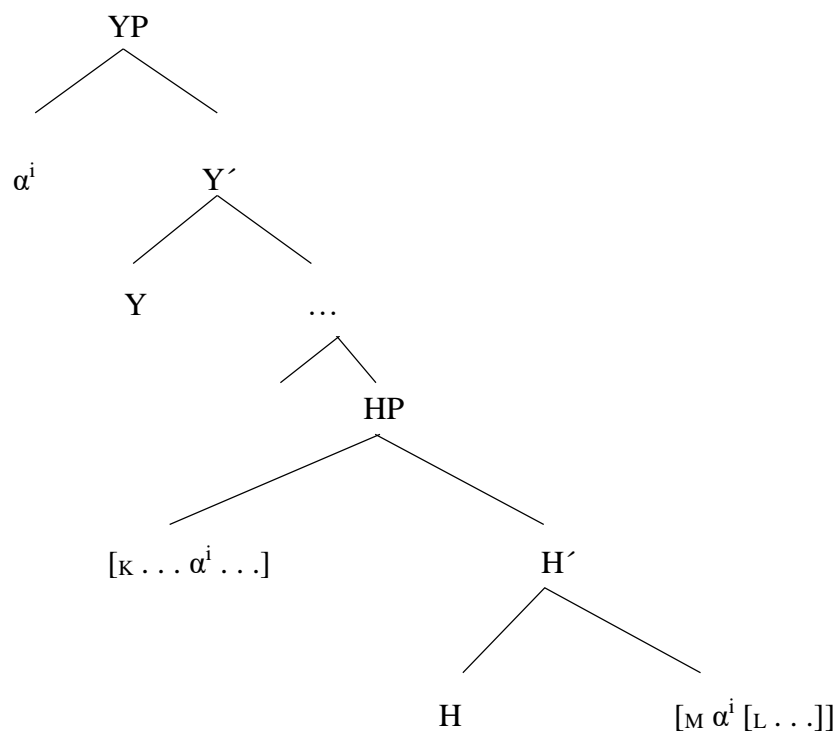
(111)



Nunes (2004: 94)

Na configuração (112), apresentada em Nunes (2004: 94), um novo elemento (Y) é combinado por *merge*, permitindo criar uma nova cópia de  $\alpha$ :

(112)



De acordo com Nunes, na estrutura apresentada em (112), a cópia estruturalmente mais alta de  $\alpha$  pode formar, com uma das cópias mais baixas, uma cadeia. O autor refere que, para que a formação da cadeia seja possível, é fundamental que não haja c-comando entre as cópias mais baixas de  $\alpha$ , sendo que a ausência de c-comando se deve ao facto de as duas cópias mais baixas estarem igualmente distantes da cópia mais alta; estes fatores levam também a que não surjam efeitos de intervenção. Nunes refere ainda que, caso a cópia mais alta forme uma cadeia com cada uma das cópias mais baixas, posteriormente será aplicada a operação de *Chain Reduction*, que fará com que o elemento mais baixo de cada cadeia seja apagado na componente fonológica.

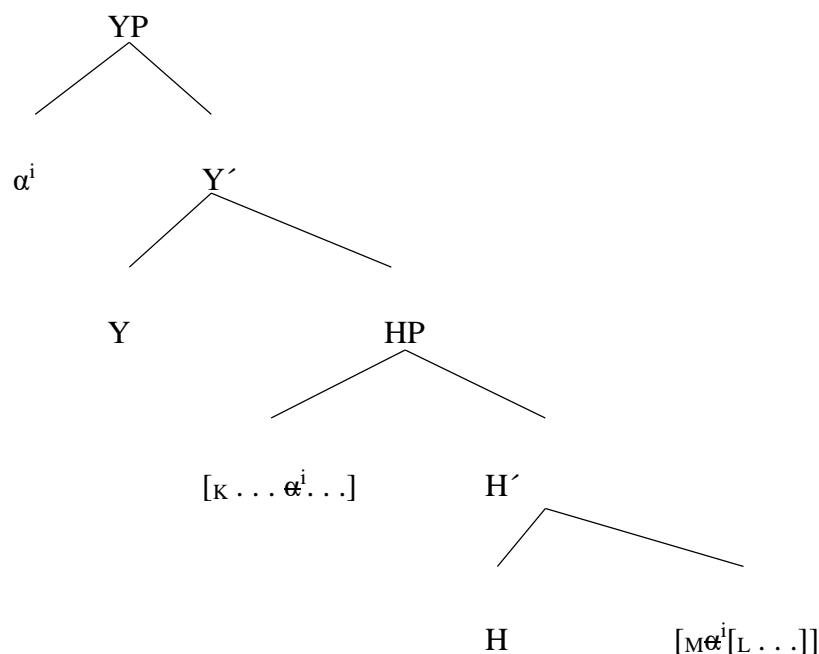
(113) *Chain Reduction*

Delete the minimal number of constituents of a nontrivial chain CH that suffices for CH to be mapped into a linear order in accordance with the LCA.

Nunes (2001: 308)

Através do apagamento das cópias mais baixas das cadeias, será possível obter uma estrutura como (114):

(114)



Nunes (2004: 95)

Nunes refere que estruturas semelhantes à apresentada em (114) podem ser analisadas em termos de *sideward movement*, uma vez que um elemento parece ser movido de mais do que uma posição de uma só vez.

O autor refere também que, por isso, esta teoria de movimento permite dar conta das principais características das construções ATB e de lacunas parasitas:

Thus, any construction that appears to involve movement of an element from more than one position “at once” is a good candidate for a sideward movement analysis. (...) two constructions that clearly appear to fit the above description: parasitic gap and across-the-board constructions. (Nunes 2004: 95)

A estratégia de *sideward movement* permite dar conta do facto de apenas ser possível obter uma interpretação disjunta com a ocorrência de constituintes distintos, embora semelhantes nos dois termos coordenados, uma vez que, de acordo com Nunes, a interpretação de correferência é obtida através da formação de cópias de um mesmo constituinte, e a disjunta obtém-se devido à existência de dois itens lexicais iguais na numeração.

### 2.1.1.3. Outras propostas

Além das propostas mais clássicas de Extração ATB e *Sideward Movement*, existem alternativas, tais como a proposta de *Merge Paralelo* de Citko (2005) e a proposta de Multidominância de de Vries (2009). As teorias destes autores sugerem que o constituinte associado a duas, ou mais, posições é partilhado através de uma operação de *remerge*. Os autores apontam, por exemplo, a inexistência de um mecanismo de cópia como uma das vantagens destas propostas. Contudo, o facto de serem necessárias estipulações adicionais para linearizar as estruturas, que não estão de acordo com a LCA, dificulta a sua aplicação.

Uma vez que o fenómeno do movimento simultâneo não é um aspeto central no presente trabalho, não desenvolveremos as teorias propostas por estes autores.

Portanto, pensando nas propostas de Movimento ATB e *Sideward Movement*, se considerarmos que os constituintes omitidos em frases coordenadas decorrem de extração ATB, então, esse elemento omitido apresenta propriedades de cópia de movimento; se, por outro lado, se assumir que estamos perante frases coordenadas parentéticas, ou não integradas, o constituinte na posição de sujeito será *pro*.

### 2.1.2. Sujeitos omitidos em frases subordinadas adverbiais

De modo a, posteriormente, proceder a uma análise das características dos constituintes omitidos nas construções em estudo, nesta secção serão analisados os casos de constituintes em posição de sujeito omitidos em frases subordinadas adverbiais finitas.

Note-se que, de acordo com a Teoria da Ligação, os sujeitos omitidos em frases adverbiais finitas, e com infinitivo flexionado, são pronominais, ou seja, *pro*, obedecendo, por isso, ao Princípio B. Assim, podem ser correferentes com um antecedente, ou apresentar também uma referência disjunta face a esse antecedente, sendo que, em termos de c-comando, o antecedente pode c-comandar, ou não, o pronominal, desde que o Princípio B seja respeitado.

Apresentam-se, de seguida, as relações possíveis entre os constituintes sujeito em frases subordinadas adverbiais integradas e não integradas (cf. Lobo 2013).

Em frases subordinadas adverbiais integradas à direita, é possível obter uma leitura de correferência quando o sujeito da oração matriz é uma expressão referencial e o da adverbial é foneticamente nulo. Contudo, se o sujeito da matriz for nulo e o da adverbial uma expressão-R (veja-se (115b)), a interpretação de correferência não está disponível, tal é justificado pelo Princípio C da Teoria da Ligação.

(115) a. O João não vai à escola quando [-] está doente.

b. \*[-] não vai à escola quando o João está doente.

Em estruturas subordinadas adverbiais não integradas à direita, a ocorrência de um sujeito nulo na oração matriz permite uma interpretação de correferência com o sujeito da oração adverbial, mesmo que este seja realizado como uma expressão referencial. Assumindo que o sujeito omitido em frases subordinadas adverbiais é *pro*, tal está conforme o Princípio B da Teoria da Ligação.

(116) a. O João<sub>i</sub> não vai à escola, embora [-]<sub>i</sub> já esteja curado.

b. [-]<sub>i</sub> não vai à escola, embora o João<sub>i</sub> já esteja curado.

Em estruturas subordinadas adverbiais não integradas à esquerda, como (117) e (118), é possível obter leituras de sujeitos correferentes, quando o sujeito da adverbial anteposta é nulo e o sujeito da matriz é realizado sob a forma de um pronominal ou de

uma expressão referencial. Tal como referido anteriormente, o facto de a posição de sujeito ser preenchida por *pro*, faz com que estas frases estejam sujeitas ao Princípio B e, por isso, permitam as interpretações de correferência. Além disso, note-se que, para o PE, trabalhos como os de Lobo (2003) e Brito (2003) já haviam atestado a ausência de efeitos de c-comando nestas frases, exemplificada em (119) e (120).

(117) Embora [-]<sub>i</sub> esteja triste, o João<sub>i</sub> vai à festa.

(118) Embora [-]<sub>i</sub> esteja cansado, ele<sub>i</sub> vai ajudar a Maria.

(119) Embora o João<sub>i</sub> esteja triste, [-]<sub>i</sub> vai à festa.

(120) Embora o João<sub>i</sub> esteja cansado, [-]<sub>i</sub> vai ajudar a Maria.

De seguida, apresentar-se-ão, brevemente, as propostas que pretendem dar conta das relações de partilha referencial dos sujeitos em frases infinitivas e finitas em termos de controlo.

### 2.1.2.1. Sujeitos omitidos e controlo

Inicialmente as estruturas de controlo foram pensadas para dar conta de sujeitos omitidos em frases infinitivas com infinitivo invariável (Chomsky 1981, 1986), como as ilustradas em (121 a.) e (122 a.). Porém, alguns autores admitiram que estavam também submetidos a controlo os sujeitos nulos de frases subordinadas com infinitivo flexionado, como (121 b.) e (122 b.), e de frases subordinadas finitas, como (123) (Nunes 2001, 2004):

(121) a. Eles pediram para PRO sair e para PRO visitar a Ana.

b. Eles pediram para *pro* saírem e para *pro* visitarem a Ana.

(122) a. Eles saíram apesar de PRO estar cansados.

b. Eles saíram apesar de *pro* estarem cansados.

(123) O João saiu depois que almoçou.

De acordo com Chomsky (1981, 1982, 1986), em configurações de controlo, o antecedente DP é gerado na sua posição de superfície, enquanto a posição do sujeito omitido é preenchida por PRO. A categoria vazia PRO tem o papel temático que lhe é atribuído pelo verbo encaixado e não requer verificação de Caso.

Tendo em conta os Princípios da Teoria da Ligação (*Binding Theory*), a distribuição de PRO é difícil de classificar, uma vez que esta categoria partilha propriedades com os constituintes pronominais (é livre no seu domínio relevante) e também com as anáforas (tem a referência controlada por um antecedente que as c-comanda). Assim, irá apresentar os traços [+ anafórico, + pronominal] e terá de respeitar os Princípios A e B da Teoria da Ligação, que se apresentam em (124):

(124) *Binding Theory*

(A) An anaphor is bound in its governing category.

(B) A pronominal is free in its governing category.

(C) An R-expression is free.

Chomsky (1981: 188)

Devido à impossibilidade de existir uma categoria que deve ser simultaneamente livre e ligada a um constituinte no seu domínio frásico, Chomsky desenvolve o teorema de PRO, em que estipula que PRO não é regido:

(125) *PRO theorem*

PRO is ungoverned.

Chomsky (1981: 191)

PRO mostra um comportamento distinto face a outros constituintes que obedecem aos Princípios da Ligação e também não parece apresentar as mesmas propriedades de vestígios de NPs, uma vez que (i) não é regido; (ii) embora possa ter um antecedente, não precisa de um, visto que PRO tem um papel temático independente; e (iii) quando PRO

tem um antecedente, a relação entre os dois constituintes não precisa de respeitar a Condição de Subjacência<sup>31</sup> (Chomsky 1981: 56).

Assim, Chomsky (1981) assume que a interpretação de PRO estará dependente da Teoria de Controlo que, de acordo com o autor, envolve vários aspetos: "[...] structural configurations, intrinsic properties of verbs, other semantic and pragmatic considerations." (Chomsky 1981: 78-9). Também Culicover & Jackendoff (2001: 495) defendem que "[...] there is a long tradition in the literature to the effect that the position of the controller is determined at least in part by semantic constraints [...]".

De notar que no seu trabalho de 1995, Chomsky, no quadro do minimalismo, reformula a teoria do controlo, sem recorrer às noções de regência e de categoria regente, assumindo que PRO ocorre em contextos de caso nulo.

Desde Williams (1980), que se considera que existem vários tipos de controlo em frases infinitivas, distinguindo as estruturas de controlo em Controlo Obrigatório (OC) e Controlo Não Obrigatório (NOC). Por OC, deve entender-se que a correferência entre o sujeito foneticamente nulo da oração encaixada e o seu antecedente na matriz é obrigatória, sendo que o OC é tipicamente associado a frases infinitivas. Nas frases de NOC, o sujeito nulo da oração encaixada pode ter como seu antecedente o DP da matriz ou outro constituinte que seja saliente (em termos semânticos ou pragmáticos); o sujeito da encaixada pode ainda ser arbitrário (veja-se (126)):

(126) É proibido fumar neste estabelecimento.

Landau (2000: 3), além das configurações de OC e NOC, estabelece a existência de mais seis tipos e subtipos de estruturas de controlo:

- a. *Obligatory Control* (OC): The controller and the infinitive must be clausemates.
- b. *Exhaustive Control* (EC): PRO must be identical to the controller.
- c. *Partial Control* (PC): PRO must include the controller.
- d. *Split Control*: Two matrix arguments jointly control (a plural) PRO.

---

<sup>31</sup> Chomsky (1977: 104) define esta condição da seguinte forma:

(i) *Subjacency Condition*

A cyclic rule cannot move a phrase from position Y to position X (or conversely) in ... X ... [ $\alpha$  ... [ $\beta$  ... Y ... ] ...] ... X ..., where  $\alpha$  and  $\beta$  are cyclic nodes. Cyclic nodes are S and NP.

- e. *Non-Obligatory Control* (NOC): The infinitive need not have a clausemate controller.
- f. *LD-control*: The controller and the infinitive are not clausemates.
- g. *Arbitrary Control*: PRO has no argumental controller.
- h. *Implicit Control*: The controller is not syntactically expressed.

De notar, que além da noção de controlo apresentada, se considera ainda possível que este conceito seja utilizado para dar conta de casos em que existem elementos cuja referência é pragmaticamente e / ou discursivamente controlada. Assim, assume-se que além das teorias que se vão apresentar incidindo sobre frases infinitivas, em que Controlo Obrigatório implica correferência e c-comando, e Controlo Não Obrigatório apenas correferência, sem o requisito de c-comando, é também possível existir um tipo de controlo estrutural em frases finitas em que há uma referência que é fixada por outro constituinte “controlador”. Assim, assume-se que, no quadro teórico atual, o conceito de controlo parece aproximar-se do de correferência.

Nas frases infinitivas com estruturas de controlo, um argumento da oração matriz parece receber dois papéis temáticos: um do verbo encaixado e outro do verbo da oração matriz. Assim, nestas frases, a posição de sujeito da frase matriz é temática e, por isso, os verbos de controlo impõem restrições de seleção aos seus argumentos externos, veja-se (127 a.), que ilustra a impossibilidade de sujeitos expletivos ocorrerem em estruturas de controlo, contrariamente ao que ocorre em estruturas de elevação (veja-se (127 b.):

(127) a. \**pro* Quis estar bom tempo.

b. *pro* Parece estar bom tempo.

Tendo em conta este aspeto, Perlmutter (1970) assume que os argumentos externos das estruturas de controlo devem preencher requisitos de agentividade, de modo a satisfazer as propriedades de subcategorização dos verbos: “[...] Perlmutter argued that when ambiguous verbs are used with an animate subject they function as control verbs, and when used with an inanimate subject they function as raising verbs [...]” (Becker (2014: 143)).



Nestas configurações, a interpretação do sujeito encaixado irá depender da relação que se estabelece entre este e o seu antecedente e também das propriedades semânticas dos verbos matriz e encaixado (cf. Landau 2000).

O trabalho de Hornstein (1999) analisa casos de controlo obrigatório de sujeito em adjuntos. De acordo com o autor, nestas estruturas não existe PRO a preencher a posição de sujeito controlado, não existem duas cadeias argumentais e, de forma a tornar a gramática mais económica, o módulo de controlo é excluído: “This article has argued in favor of eliminating the control module from the grammar.” (Hornstein 1999: 93).

A proposta de Hornstein (1999) pretende simplificar a gramática. Assim, propõe que os casos de controlo obrigatório sejam tratados como derivados por movimento, em que, no lugar de PRO, se considera existir um vestígio de NP; nos de controlo não obrigatório, Hornstein assume que *pro* se encontra na posição de sujeito controlado.

O trabalho de Hornstein refere que a proposta de Rosenbaum (1967), que diferencia estruturas de controlo de estruturas de elevação, deve ser reanalisada, uma vez que estas estruturas apresentam na realidade apenas uma diferença: o facto de uma das construções permitir elevação de constituintes para posições argumentais (estruturas de controlo obrigatório), e a outra construção apenas para posições não-argumentais (estruturas de elevação) (Hornstein 1999: 93).

Em relação à possibilidade de controlo obrigatório em adjuntos com sujeitos nulos, Nunes (2010) refere que tal é possível, desde que a instância de *sideward movement* com o sujeito encaixado ocorra antes da adjunção:

A referential null subject inside an adjunct island as in (i) below can in fact be controlled by the matrix subject, for the embedded subject can undergo sideward movement (in the sense of NUNES, 2001, 2004) from K to L in (ii) *before* K becomes an adjunct island. (...)

- (i) O João saiu depois que almoçou.  
the João left after that had-lunch.  
'João left after he had lunch.'

- (ii) K = [depois que [o João] almoçou]  
L = saiu

(Nunes 2010: 82: nota 4)

Assim, esta abordagem de controlo como movimento permite que se aproximem as estratégias de Extração ATB e Controlo, tal como pensado por Hornstein (1999) e Nunes (1994, 2005).

Landau (2000, 2003a, b) assume, face a Hornstein (1999), uma posição mais clássica, visto que não exclui da gramática o módulo do controlo, nem as propriedades associadas ao mesmo. Assim, Landau considera que existe um módulo de controlo na gramática e também que a categoria PRO é o sujeito controlado nestas estruturas.

(128) *The standard view of control*

- a. PRO exists, and it is distinct from NP-trace.
- b. Hence, control involves two argument chains, while raising involves one.
- c. The control module exists.

Landau (2003a: 473)

Para Landau, as estruturas de controlo são uma instância de *Agree*, sendo que, para que se estabeleça esta relação, os traços relevantes ([T] e [Agr]), que se encontram nos núcleos de I e C da oração encaixada, terão de determinar a distribuição do tempo verbal encaixado e de PRO. O autor refere ainda que a presença de [T] em C é legitimada pelo verbo matriz. De acordo com Landau, o traço [T] em C e I codifica informação semântica e, por isso, o domínio matriz pode impor restrições de seleção ao valor de [T] em C face ao domínio encaixado:

- (i) Se o verbo da oração matriz não seleccionar tempo verbal, o C encaixado não terá o traço [T] e, por isso, a oração do domínio encaixado tem um tempo verbal independente.
- (ii) Se o tempo verbal do domínio encaixado for seleccionado pelo verbo da matriz, então C encaixado terá ter o tempo verbal dependente (o traço [T] em C estará especificado para [+T]) e diferente do da matriz; ou, se o traço [T] em C estiver especificado para [-T], o tempo verbal encaixado será anafórico e igual ao da matriz.

Tal como referido anteriormente, para alguns autores a Teoria do Controlo pode ser aplicada também a construções finitas. Holmberg e Sheehan (2010: 151-152) refere que “control is possible into finite clauses which are strictly islands for movement: adjunct clauses (...)”. O autor refere que tal é possível, visto que o resultado que se obtém da relação de *Agree* entre o sujeito e o seu antecedente é também possível nas construções finitas, sendo apenas mediado de outra forma. Além disso, o trabalho de Landau (2014) apresenta dados das línguas Balcãs em que é possível encontrar casos de controlo em frases finitas.

### 3. Conclusão

Assim, neste capítulo, foram apresentadas as várias propostas para dar conta das relações que se estabelecem em frases em que ambos os sujeitos são realizados e também em frases em que o segundo elemento é omitido.

Observámos as propostas que dão conta da distribuição de expressões nominais, nomeadamente a Teoria da Ligação como inicialmente formulada em Chomsky, e reformulada parcialmente em trabalhos como os de Haegeman (1994). Vimos também as propostas de Reinhart e Reuland (1993) e Antonenko (2012) que se distanciam da Teoria da Ligação, visto que têm em conta aspetos semânticos e propriedades relacionadas com os traços presentes nos verbos das frases em questão. No entanto, tendo em conta que os princípios da Teoria da Ligação, tal como propostos por Chomsky, são adequados à descrição dos dados do PE, recorrer-se-á aos mesmos de forma a descrever os dados obtidos com este trabalho.

As propostas referentes às frases em que o segundo elemento é omitido distanciam-se pelo facto de algumas serem exclusivas de frases coordenadas ou subordinadas adverbiais, enquanto outras, como a de *Sideward Movement*, assumem que é possível tratar a extração de constituintes da mesma forma em ambas as construções.

Contudo, através da análise das propostas apresentadas verifica-se que, em estruturas de coordenação integrada, se assume que o constituinte que ocupa a posição de sujeito no segundo termo coordenado é c-comandado pelo sujeito do primeiro termo. Em casos de coordenações menos integradas ou parentéticas, tal como referido na literatura, assume-se que o constituinte em questão é um pronominal, como *pro*, que não pode ter um antecedente no mesmo domínio de ligação e que pode tê-lo, ou não, fora desse domínio.

Em frases finitas, assume-se que o elemento na posição de sujeito é *pro*, e que o tipo de controlo apresenta propriedades distintas das do Controlo apresentado por Chomsky, Landau e Hornstein.

Assim, a ocorrência de *pro* é possível em frases coordenadas e adverbiais não sendo, por isso, possível atestar as propriedades de cada estrutura através deste aspeto. Assume-se, pois que os sujeitos correferentes omitidos em frases coordenadas podem ser cópias-A ou *pro*, dependendo, respetivamente, de ocorrerem numa estrutura integrada com extração ATB, ou numa configuração parentética ou menos integrada; e que a posição do sujeito omitido em frases subordinadas adverbiais é preenchida por *pro*.

Tendo em conta estas propriedades, tornou-se necessário criar uma tarefa de cariz experimental que possibilitasse uma análise do comportamento dos constituintes. A construção da tarefa será descrita no próximo capítulo, assim como os resultados que se obtiveram.

## **Capítulo IV – Identificação de relações referenciais entre sujeitos em estruturas coordenadas e estruturas subordinadas adverbiais**

### **0. Introdução**

Tendo em conta a falta de consenso nos estudos relacionados com estruturas coordenadas e das suas semelhanças e diferenças face às subordinadas adverbiais, parece-nos importante testar o comportamento dos falantes relativamente às relações referenciais que se estabelecem entre os sujeitos nestas frases, de forma a melhor compreender o que aproxima e distingue estas construções.

A tarefa de tipo experimental realizada incidiu sobre frases finitas e sobre o sujeito do segundo termo coordenado e da oração adverbial. Foram dois os testes realizados no âmbito desta tarefa. Em primeiro lugar, foram testadas frases, envolvendo coordenação ou subordinação adverbial, em que o sujeito do segundo termo coordenado e da oração subordinada não estava realizado. O nosso objetivo era, essencialmente, o de aferir se, nestes casos, a relação referencial entre os sujeitos, em qualquer das construções, é necessariamente de correferência, a partir do momento em que os sujeitos mostram a existência de uma partilha de referência em termos dos valores dos traços- $\phi$ .

No entanto, os resultados da primeira tarefa não foram suficientemente esclarecedores para compreender, num âmbito mais alargado, os vários tipos de dependências referenciais que era possível obter entre os diferentes tipos sujeitos. A realização de uma segunda tarefa, em que foram consideradas frases com o sujeito do segundo termo coordenado e da oração adverbial realizado, permitiu atestar de uma forma mais abrangente o comportamento referencial dos sujeitos envolvidos nas construções testadas.

Considerando as propriedades consensuais associadas a cada construção em estudo, definiram-se as hipóteses de trabalho, que se apresentam na secção 1., e, a partir destas, construiu-se uma tarefa de natureza experimental que pretende aferir qual a interpretação associada a cada frase. A metodologia adotada na construção da tarefa será descrita na secção 2.; os resultados obtidos com a mesma serão descritos na secção 3.; na secção 4. far-se-á uma pequena síntese; e, as consequências dos dados, face às teorias classicamente assumidas, serão, por fim, apresentadas na secção 5..

## 1. Questões de investigação e Hipóteses

A descrição das propriedades das construções coordenadas e subordinadas, levada a cabo no capítulo II, mostrou a necessidade da existência de um estudo comparativo destas estruturas, de forma a melhor entender o que as aproxima ou separa. Por outro lado, a apresentação de algumas propostas que pretendem dar conta da distribuição de expressões nominais mostrou também que alguns autores estabelecem uma fronteira mais nítida entre a coordenação e a subordinação, enquanto outros propõem a existência de aspetos que se verificam, de uma forma aproximada, em ambos os casos.

Assim, interessa perceber se as fronteiras estabelecidas entre coordenação e subordinação adverbial são robustas ou se, pelo contrário, existem aspetos que esbatem esta fronteira, o que nos leva a colocar as seguintes questões de investigação:

- (i) Os diferentes tipos de coordenação (copulativa, adversativa, disjuntiva) apresentam, realmente, as mesmas propriedades estruturais?
- (ii) Existe uma diferença clara, em termos estruturais, entre subordinação adverbial integrada e subordinação adverbial não integrada?
- (iii) Nas construções com subordinação adverbial não integrada, a posição da subordinada adverbial relativamente à frase matriz tem efeitos relevantes sobre a estrutura?
- (iv) Deverá a diferença entre coordenação e subordinação adverbial ser pensada em termos estruturais? Se sim, que aspetos estruturais diferenciam as frases coordenadas das frases subordinadas adverbiais?

Consideramos necessário responder a estas questões e aferir qual o comportamento dos elementos nominais que podem ocorrer como sujeito da frase coordenada / subordinada e precisar as representações estruturais subjacentes a estas construções. Assim, colocamos três hipóteses de trabalho, que são apresentadas em seguida, juntamente com as predições que delas decorrem.

**Hipótese 1:** Há uma clara distinção estrutural entre coordenação e subordinação adverbial. Entre si, os diferentes tipos de frases coordenadas e os diferentes tipos de subordinadas adverbiais têm propriedades estruturais idênticas. Esta hipótese, conduz a um tratamento semelhante ao que é tradicionalmente proposto, separando coordenação de subordinação adverbial.

A predição da Hipótese 1 é a de que o comportamento referencial dos sujeitos será diferente em frases que envolvem coordenação e em frases que envolvem subordinação adverbial, embora seja idêntico relativamente aos vários tipos de coordenação (integrada) e aos vários tipos de subordinação adverbial.

**Hipótese 2:** As frases coordenadas e as subordinadas adverbiais têm todas elas estruturas semelhantes. Esta hipótese remete a distinção entre coordenação e subordinação para fatores não estruturais.

A predição da Hipótese 2 é a de que, nas frases que envolvem qualquer tipo de coordenação (integrada) e qualquer tipo de subordinação adverbial, o comportamento referencial dos sujeitos envolvidos é o mesmo.

**Hipótese 3:** Não existe uma distinção estrutural clara entre as frases coordenadas e as frases com subordinação adverbial, dado que nem umas nem outras apresentam propriedades estruturais homogêneas. De acordo com esta hipótese, a distinção a fazer poderá passar, mais por aspetos como o maior ou menor grau de integração das frases envolvidas, ou o valor semântico dos conetores que unem as frases, do que propriamente pela distinção clássica entre coordenação e subordinação.

A predição da Hipótese 3 é de que o comportamento referencial dos sujeitos nos vários tipos de coordenação não é idêntico, o mesmo acontecendo nos vários tipos de frases com subordinação adverbial.

Considerando as hipóteses que se apresentaram, e as predições a elas associadas, tornou-se necessário construir uma tarefa de cariz experimental que possibilitasse testar,

de uma forma sistemática, as relações estruturais que se estabelecem no interior de cada domínio. Essas relações estruturais serão identificadas a partir da observação do comportamento referencial dos sujeitos nestas construções, que permitirá aferir quais as propriedades de cada uma das estruturas em análise. As características da tarefa realizada, e dos informantes que dela fizeram parte, serão apresentadas na próxima secção.

## **2. Aferição de interpretações preferenciais**

A tarefa criada tem como objetivo perceber qual a interpretação preferencial associada aos sujeitos pré-verbais nulos e realizados em estruturas coordenadas e subordinadas adverbiais em frases finitas, tendo em conta as relações estruturais que se estabelecem entre as orações que ocorrem nestas construções.

Embora, em estudos anteriores sobre o português, tenha sido feito trabalho experimental envolvendo algumas das construções em questão, nenhum desses estudos foi orientado para o objetivo que seguimos: o de compreender as relações referenciais que se estabelecem entre os sujeitos como forma de chegar à compreensão das relações estruturais que os ligam e, a partir daí, das estruturas sintáticas que estão envolvidas.

Nos estudos de Morgado (2011), Luegi (2012) e Zheng (2013), os autores analisaram aspetos relacionados com a interpretação de pronomes nulos e realizados em frases complexas no âmbito de estudos sobre processamento sintático e aquisição de L2. No entanto, nenhum destes estudos se debruçou sobre as estruturas de coordenação frásica, nem sobre a comparação entre coordenação e subordinação adverbial.

Assim, considerámos necessário proceder a uma análise das relações referenciais dos sujeitos em estruturas coordenadas e subordinadas adverbiais, construindo paradigmas que permitissem uma comparação entre os dois tipos de frases complexas. De notar que, no que diz respeito à coordenação, a literatura baseia-se sobretudo nos dados fornecidos pelas coordenadas integradas aditivas, assumindo-se que as conclusões a que se chega são extensíveis aos restantes tipos de coordenação integrada, e que tem havido algumas divergências quanto à natureza dos constituintes nominais que podem ocorrer na posição de sujeito do segundo termo coordenado.

Tendo em conta os aspetos referidos, construímos uma tarefa de tipo experimental baseada no modelo da Tarefa de Juízo de Referência (TJR), de acordo com a que se apresenta de seguida e que é descrita por McDaniel e Cairns (1990a, 1990b).



McDaniel e Cairns (1990a, 1990b) descrevem a TJR para estudos relacionados com a aquisição da linguagem em que o objetivo do investigador é aceder à gramática da criança de modo a perceber qual a referência que se estabelece em determinada frase. No entanto, esta tarefa pode igualmente ser aplicada com vantagem a falantes adultos.

A escolha deste modelo para o presente trabalho justifica-se pelo facto de se pretender aceder à gramática mental dos informantes, de forma a perceber quais as interpretações associadas a cada frase e também se é possível atribuir-lhes mais do que uma interpretação. No âmbito das tarefas de compreensão, considera-se esta como a mais adequada, uma vez que aquilo que está em causa é a interpretação (ou as interpretações) de cada frase e não a sua gramaticalidade, e, por isso, não faria sentido aplicar uma tarefa de aceitabilidade / gramaticalidade. Da mesma forma, uma tarefa de *Act-out* não permitiria aceder a todas as interpretações associadas às frases testadas.

Assim, construiu-se uma tarefa de cariz experimental baseada na TJR, de modo a perceber qual a interpretação associada às frases finitas que correspondem a cada construção estudada. Esta tarefa, conforme o que foi descrito atrás, deu origem a dois testes de tipo experimental realizados de forma independente: um primeiro incidindo sobre sujeitos omitidos no segundo termo coordenado e na frase adverbial; e um segundo em que nestas frases ocorriam sujeitos realizados. Em qualquer um dos casos, a tarefa consiste numa série de frases, apresentadas sem contexto, seguidas de uma pergunta sobre o conteúdo das mesmas e três opções de resposta, como se exemplifica de (129) a (132):

(129) Ele deu aulas e [-] estudou Biologia.

Quem deu aulas?

- a. A mesma pessoa que estudou Biologia (interpretação de sujeitos correferentes)
- b. Outra pessoa (interpretação de sujeitos disjuntos)
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis (interpretação de sujeitos correferentes / disjuntos)

(130) A Rita podia comer um bolo porque [-] foi à padaria.

Quem foi à padaria?

- a. A Rita (interpretação de sujeitos correferentes)
- b. Outra pessoa (interpretação de sujeitos disjuntos)
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis (interpretação de sujeitos correferentes / disjuntos)

(131) Ele deu aulas e ele estudou Biologia.

Quem deu aulas?

- a. A mesma pessoa que estudou Biologia (interpretação de sujeitos correferentes)
- b. Outra pessoa (interpretação de sujeitos disjuntos)
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis (interpretação de sujeitos correferentes / disjuntos)

(132) A Rita podia comer um bolo porque ela foi à padaria.

Quem foi à padaria?

- a. A Rita (interpretação de sujeitos correferentes)
- b. Outra pessoa (interpretação de sujeitos disjuntos)
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis (interpretação de sujeitos correferentes / disjuntos)

Na tarefa criada, optou-se por não fornecer qualquer contexto, visto que tal poderia desambiguar de alguma forma a interpretação das frases no que diz respeito à relação referencial que se estabelece entre os sujeitos ou, de alguma forma, induzir uma determinada interpretação.

Uma vez que o objetivo era avaliar a possibilidade da existência de uma relação de correferência entre os sujeitos, em cada tipo de construção, as frases foram, em todos os casos, construídas de forma a que se verificasse uma coincidência em termos dos valores dos traços- $\phi$  (pessoa, número, gênero) entre os referidos sujeitos. Embora essa coincidência possa, eventualmente, ter conduzido, em certos casos, a interpretações preferenciais de correferência, a sua ausência iria obrigar a interpretações disjuntas, o que tornaria o teste ineficaz, tendo em conta o seu objetivo.

## **2.1. Teste 1**

Com o intuito de confirmar a interpretação de correferência associada a frases em que o segundo sujeito é nulo, antes de proceder à análise de construções em que ambos os sujeitos são realizados, construiu-se um teste composto por frases com estas características. Descreve-se, de seguida, a metodologia adotada para a criação do mesmo.

### *Teste*

O teste realizado é baseado na TJR e é constituída por 56 itens: 42 frases-teste (cada condição foi testada três vezes) e 14 frases distratoras, sendo que as frases distratoras correspondem a um terço das frases-teste. Todas as estruturas que constituem o teste (frases-teste e distratoras) foram aleatorizadas através da criação de quatro versões do teste. O teste foi realizado sem tempo limitado, uma vez que não se considera a velocidade de resposta um fator relevante, por se pretender testar conhecimento linguístico e não processamento, e num modelo *off-line* em suporte papel. Apresentam-se, de seguida, dois exemplos de frases testadas:

(133) Ele deu aulas e estudou Biologia.

Quem estudou Biologia?

- a. A mesma pessoa que deu aulas
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

(134) A Diana podia comer um bolo porque foi à padaria.

Quem foi à padaria?

- a. A mesma pessoa que podia comer um bolo
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

Como se vê pelos exemplos acima, neste teste testaram-se frases em que o primeiro sujeito é realizado como um pronominal realizado ou como uma expressão referencial, sendo que o segundo sujeito é sempre foneticamente nulo. As condições testadas apresentam-se de seguida, com as abreviaturas PL (pronome lexical), DP (expressão-R) e SuN (Sujeito nulo):

<b>Estruturas coordenadas</b>	<b>Estruturas Subordinadas Adverbiais</b>
PL_E_ SuN	PL_PORQUE_ SuN
PL_MAS_ SuN	PL_EMBORA_ SuN
PL_OU_ SuN	UMA_VEZ_QUE_PL_ SuN
DP_E_ SuN	DP_PORQUE_ SuN
DP_MAS_ SuN	DP_EMBORA_ SuN
DP_OU_ SuN	UMA_VEZ_QUE_DP_ SuN

**Tabela 1 - Condições testadas – Teste 1**

Note-se, em relação às frases subordinadas adverbiais não integradas à esquerda, que as condições com a ordem inversa, i.e. UMA\_VEZ\_QUE\_SuN\_PL e UMA\_VEZ\_QUE\_SuN\_DP, também foram testadas, obtendo-se resultados semelhantes:

<b>Condição</b>	<b>Correferência</b>	<b>Disjunção</b>	<b>Correferência / Disjunção</b>
<b>UMA_VEZ_QUE_SuN_PL</b>	70%	0 %	30%
<b>UMA_VEZ_QUE_PL_SuN</b>	75%	0 %	25%
<b>UMA_VEZ_QUE_SuN_DP</b>	85%	0 %	15%
<b>UMA_VEZ_QUE_DP_SuN</b>	80%	0 %	20%

**Tabela 2 - Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à esquerda (Teste 1)**

Optou-se por ter em conta para a análise os resultados das condições que se apresentam na tabela 1, de modo a manter um maior grau de paralelismo entre as frases testadas. Além disso, considera-se que o facto de se obterem resultados idênticos está conforme aquilo que é classicamente descrito na literatura, a ausência de c-comando nestas frases.

As condições apresentadas no quadro acima apresentam-se de forma abreviada e devem ser entendidas como os exemplos seguintes:

- DP\_E\_SuN

A frase em estudo é uma coordenada aditiva (E), sendo que o primeiro sujeito é uma expressão referencial (DP) e o segundo é nulo (SuN).

- DP\_EMBORA\_SuN

A frase em estudo é uma subordinada não integrada à direita (EMBORA), na qual o primeiro sujeito é realizado por uma expressão referencial (DP) e o segundo é nulo (SuN).

Tendo em conta as condições usadas e o facto de cada condição ter sido repetida três vezes, no total foram testadas 840 frases.

### *Informantes*

Participaram neste teste 20 sujeitos (12 do sexo feminino; 8 do sexo masculino), com uma média de 24,6 anos de idade. Todos os informantes são licenciados e 5 possuem também mestrado, contudo, nenhum tem formação teórica na área da Linguística. Todos cumprem o requisito de serem falantes nativos de português europeu e de não terem conhecimento prévio do objetivo do teste.

Na secção 3.1 apresentar-se-ão os gráficos que ilustram os resultados obtidos e analisar-se-ão os mesmos em detalhe.

## **2.2. Teste 2**

### *Metodologia*

No teste 2 acrescentamos contextos em que o sujeito do segundo termo coordenado e da oração adverbial se encontra realizado, de forma a comprovar algumas das relações que os resultados do primeiro teste sugerem.

Tendo em conta o tipo de tarefa e as condições em teste, esta tornou-se bastante extensa. Inicialmente, optámos por realizar a tarefa em apenas uma sessão. Posteriormente, considerando que alguns dos informantes realizaram a tarefa no tempo que se considerou máximo (40 minutos), e de forma a excluir a influência que o cansaço poderia ter nos juízos dos participantes, a experiência foi repetida. A segunda experiência foi, então, repartida por duas sessões, sendo que as condições testadas foram distribuídas pelas duas sessões tal como se apresenta na tabela abaixo. As condições testadas apresentam-se de forma abreviada: SuN (Sujeito nulo); PL (pronome lexical); e DP (expressão-R)<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> As condições em que o primeiro sujeito é nulo foram posteriormente excluídas da investigação, uma vez que a sua análise iria envolver variáveis pragmáticas / discursivas.

<b>Coordenadas Aditivas, Disjuntivas e Subordinadas Adverbiais Integradas</b>		
	1ª Sessão	2ª Sessão
SuN_PL (x 3)	X	
PL_PL (x 3)	X	
DP_PL (x 3)	X	
SuN_DP (x 3)		X
PL_DP (x 3)		X

**Tabela 3 - Frases coordenadas aditivas, disjuntivas e subordinadas adverbiais integradas**

<b>Coordenadas Adversativas, Disjuntivas correlativas e Subordinadas Adverbiais não integradas à direita</b>		
	1ª Sessão	2ª Sessão
SuN_PL (x 3)		X
PL_PL (x 3)		X
DP_PL (x 3)		X
SuN_DP (x 3)	X	
PL_DP (x 3)	X	

**Tabela 4 - Frases coordenadas adversativas, disjuntivas correlativas e subordinadas adverbiais não integradas à direita**

<b>Subordinadas Adverbiais Não Integradas à Esquerda</b>		
	1ª Sessão	2ª Sessão
PL_PL (x 3)	X	
DP_PL (x 3)	X	
PL_DP (x 3)		X

**Tabela 5 - Frases subordinadas adverbiais não integradas à esquerda**

### *Informantes*

Na primeira experiência deste teste, participaram 40 informantes (27 do sexo feminino; 13 do sexo masculino), estudantes de licenciatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma média de 19,8 anos de idade. Tal como referido, todos os participantes frequentam licenciatura e nenhum possui formação específica em Linguística que possa de alguma forma comprometer os resultados. Além disso, todos são falantes nativos de português europeu e nenhum teve conhecimento dos objetivos do teste.

Participaram na segunda experiência deste teste 33 informantes (30 do sexo feminino; 3 do sexo masculino), estudantes de licenciatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma média de 19,7 anos de idade. Todos os informantes

desta tarefa cumprem os mesmos requisitos da primeira: são falantes nativos de português europeu, não possuem formação teórica em Linguística e não tiveram conhecimento dos objetivos deste teste.

Devido ao facto de na segunda experiência a tarefa ter sido dividida em duas sessões, catorze informantes que estiveram presentes na primeira sessão não compareceram à segunda. Assim, apenas os dados dos informantes que completaram as duas sessões da tarefa (33) foram contabilizados.

Os participantes no teste frequentam diferentes anos de licenciatura e também diferentes cursos (Línguas, Literaturas e Culturas; Artes e Humanidades; Estudos Gerais; e Ciências da Linguagem) e, por estes motivos, assume-se que o padrão de respostas não poderá ter sido influenciado por uma formação académica específica dos informantes.

### *Condições*

Para esta tarefa, consideraram-se estruturas coordenadas e subordinadas adverbiais em que, na posição de sujeito, ocorrem expressões referenciais, pronomes realizados e sujeitos nulos.

Tendo em conta que não seria possível testar todas as condições, devido à extensão do teste, optou-se por não testar as seguintes condições:

- (i) Dois sujeitos nulos:

(135) [-] Foi para a faculdade porque [-] precisava de um livro da biblioteca.

Levantamos a hipótese que em estruturas em que nenhum dos sujeitos é realizado foneticamente, sendo coincidentes em termos dos valores dos traços- $\phi$  que lhes estão associados, a interpretação preferencial será sempre a de correferência, tanto na coordenação como nas duas orações que constituem a construção de subordinação.

- (ii) Dois sujeitos realizados como expressões referenciais:

(136) O Pedro só veio às 22:00 porque o Miguel saiu tarde.

As expressões referenciais caracterizam-se por, face aos pronomes realizados, apresentarem autonomia referencial, apontando para uma identidade específica. Assim,

frases como (136), que contêm nomes próprios, concretamente nomes próprios diferentes, impossibilita, logo à partida, interpretações de correferência<sup>33</sup>, pelo que a sua observação não ofereceria um contributo relevante para os objetivos deste trabalho.

As frases com ambos os sujeitos nulos ou realizados com expressões referenciais, embora não tenham sido testadas, foram, no entanto, incluídas no grupo de itens de controlo.

As condições consideradas foram as seguintes:

- Pronome Lexical\_Conjunção/Complementador\_Pronome Lexical
- Expressão Referencial\_Conjunção/ Complementador\_Pronome Lexical
- Pronome Lexical\_Conjunção/Complementador\_ Expressão Referencial

Salienta-se que a formulação das condições não corresponde a uma ordenação linear, mas sim a uma dependência hierárquica. Assim, o sujeito que é referido em primeiro lugar em cada condição corresponde ao sujeito do primeiro termo coordenado ou ao sujeito da frase matriz, e o segundo sujeito que é referido na condição corresponde ao sujeito do segundo termo coordenado ou ao sujeito da frase adverbial. Este aspeto é particularmente relevante no caso das adverbiais não integradas à esquerda em que o complementador e o sujeito da adverbial ocorrem à esquerda do sujeito da frase matriz.

De seguida, apresentam-se mais detalhadamente as condições testadas e descreve-se a informação que nos podem fornecer:

- Pronome Lexical\_Conjunção/Complementador\_Pronome Lexical
- Expressão Referencial\_Conjunção/ Complementador\_Pronome Lexical

Os resultados obtidos com estas condições fornecem-nos, sobretudo, pistas em relação ao âmbito de observação do Princípio Evitar Pronome (Chomsky 1981). Com efeito, de acordo com o princípio B da Teoria da Ligação, os pronomes são livres no domínio da oração em que ocorrem, podendo ser ou não ligados fora desse domínio.

---

<sup>33</sup> Assume-se que em frases em que os dois sujeitos são realizados pela mesma expressão referencial (como, por exemplo, *O João*), a interpretação preferencial será de correferência. De notar que, nos casos em que os sujeitos são realizados por expressões referenciais iguais, a impossibilidade de correferência pode ser ultrapassada por princípios conversacionais, e é apenas problemática em construções integradas.



Assim, a existência de correferência entre um sujeito pronominal, que ocorre no segundo termo coordenado ou na oração adverbial, e o sujeito do primeiro termo coordenado ou da oração matriz, nas construções em estudo, não implica a existência de uma relação estrutural de ligação entre os sujeitos e não nos indica que tenha de haver uma relação de c-comando entre o primeiro termo frásico e o segundo. Por este motivo, os resultados obtidos a partir desta condição não fornecem os dados mais relevantes para a determinação das configurações estruturais envolvidas. São, não obstante, interessantes no sentido em que permitem chegar a algumas pistas relacionadas com o grau de verificação do Princípio de Evitar Pronome.

- Pronome Lexical\_Conjunção/ Complementador\_Expressão Referencial

Os resultados obtidos a partir desta condição têm uma grande relevância em termos da compreensão das estruturas envolvidas nas diferentes construções estudadas. Com efeito, neste caso, torna-se fulcral o facto de ser possível ou não uma interpretação de correferência entre os sujeitos. Se a relação de correferência for permitida, a expressão referencial que instancia o segundo sujeito apenas respeitará o princípio C da Teoria da Ligação se não for c-comandada pelo primeiro sujeito, ou seja, pelo pronome. Inversamente, se a correferência entre sujeitos não for permitida, essa impossibilidade poderá ser atribuída a efeitos de princípio C, concluindo-se que, na estrutura em causa, a expressão referencial é ligada pelo pronome, isto é, que o primeiro sujeito c-comanda o segundo.

Apresentam-se de seguida, como exemplo, frases coordenadas aditivas com todas as condições testadas:

- Pronome Lexical \_ Conjunção \_ Pronome Lexical

(137) Ela aprendeu Inglês e ela estudou Arquitetura.

- Expressão Referencial \_ Conjunção \_ Pronome Lexical

(138) A Maria aprendeu Inglês e ela estudou Arquitetura.

- Pronome Lexical \_ Conjunção \_ Expressão Referencial

(139) Ela aprendeu Inglês e a Maria estudou Arquitetura.

No grupo de frases distratoras, optámos também por incluir alguns elementos que funcionam como frases de controlo. As frases distratoras não apresentavam, ao contrário das frases teste, ambiguidade e, quanto aos itens de controlo, foram consideradas frases com dois sujeitos nulos e com dois sujeitos realizados como expressões plenas (contendo nomes próprios).

Resultados sistematicamente errados nas respostas a itens de controlo permitiriam a exclusão dos dados desses informantes, visto que, embora alguns distratores apresentem estruturas semelhantes às das frases em teste, não são estruturas que permitam ambiguidade. Variou-se o padrão de resposta das frases distratoras e dos itens de controlo, de forma a que 1/3 das respostas incidisse na resposta a., 1/3 na resposta b., e 1/3 na resposta c..

Uma vez que nas estruturas em teste há sempre coincidência de valores de traços- $\phi$  das expressões nominais selecionadas e entre os verbos dos dois termos coordenados ou entre o verbo da frase matriz e o verbo da frase adverbial, estão criadas condições para interpretações de correferência dos sujeitos, a par de possíveis interpretações de disjunção. Desta forma, asseguraram-se também as condições de *plausible assent and dissent* (Crain *et al.*, 1996), de acordo com as quais um juízo só é legítimo se no contexto em que ocorre for plausível mais do que uma resposta. Nesta tarefa, por haver a opção de os sujeitos serem interpretados como correferentes, como disjuntos, ou aceites ambas as possibilidades, não seria possível ter uma escala de resposta sim/não. Por esse motivo, não é necessário controlar os efeitos *yes-bias* ou *no-bias*, visto não se considerar que existe tendência para favorecer qualquer resposta.

Optou-se ainda por construir os sujeitos realizados com expressões referenciais formadas por nomes próprios, uma vez que se considera que este tipo de constituintes não estabelece nenhum tipo de relação hierárquica (não se assume como possível a interpretação deôntica).

Os tempos verbais não foram controlados, embora a maioria dos verbos se encontre no pretérito, por permitir a interpretação de dois eventos que ocorrem no passado, contudo em pontos distintos do passado. Tendo em conta que, em algumas estruturas, o uso de verbos no presente do indicativo poderia levar obrigatoriamente a leituras de disjunção, por não ser possível a realização de duas ações distintas num mesmo intervalo de tempo, tentou-se sempre que, mesmo quando os verbos não estavam no pretérito, houvesse a possibilidade de as ações serem localizadas em pontos distintos do passado.

O tipo de verbo não foi também controlado, uma vez que se pretendia que as frases testadas fossem naturais e não estivessem condicionadas por esse fator, que em alguns casos poderia levar a que os informantes não respondessem de acordo com a sua interpretação devido à estranheza da frase. Tentou-se também que a interpretação atribuída às frases não fosse induzida pelo conteúdo de cada termo / oração. Veja-se o exemplo (140), uma estrutura presente na tarefa, por oposição a (141):

(140) Ela aprendeu Inglês e ela estudou Arquitetura.

(141) Ela aprendeu Inglês e ela estudou Francês.

Na frase em (141), o facto de o conteúdo dos dois termos ser semelhante (Francês e Inglês pertencem à área de Humanidades) poderia levar os informantes a assumirem uma leitura de correferência dos sujeitos. Deste modo, optou-se por frases semelhantes a (140) em que se considerou que o conteúdo não influenciaria a interpretação da frase e seria possível obter leituras de correferência ou de disjunção. Contudo, as proposições escolhidas também não se autoexcluem, uma vez que existe alguma compatibilidade entre a informação que veiculam. Por exemplo, uma frase como a que se apresenta em (142) não permitiria outra interpretação que não a de disjunção dos sujeitos, visto que o seu conteúdo semântico das proposições é incompatível.

(142) Ela tem três filhos e ela não tem filho nenhum.

Assim, frases com proposições como (142) não foram consideradas por não cumprirem um dos requisitos do teste, visto que não permitem, à partida, que a cada frase esteja associada mais do que uma interpretação.

A tarefa de tipo experimental construída no âmbito deste trabalho é composta por 135 itens na sua totalidade: 99 frases-teste (cada condição foi testada três vezes); 22 frases distratoras; e 14 itens de controlo; sendo que as frases distratoras e os itens de controlo correspondem a um terço das frases teste. As frases-teste, as frases distratoras e os itens de controlo foram aleatorizados, criando-se quatro versões do teste. Tal como referido, devido à extensão da tarefa, a segunda experiência foi dividida em duas sessões, tal como se apresenta abaixo:

<b>Teste</b>		
	<b>1ª Sessão</b>	<b>2ª Sessão</b>
<b>Condições</b>	17	16
<b>Frases Teste</b>	51	48
<b>Frases Distratoras</b>	11	11
<b>Itens de Controlo</b>	7	7
<b>Número total de frases</b>	<b>69</b>	<b>66</b>

**Tabela 6 - Informação dos dados de cada sessão**

De notar, em relação ao número total de frases teste, que na tarefa foram também testadas frases em que o primeiro sujeito é nulo e o segundo é realizado (por um pronome ou uma expressão referencial). Contudo, como foi já referido atrás, os resultados obtidos mostraram que a análise dos mesmos estaria fora do alcance deste trabalho, uma vez que parecem envolver aspetos de processamento sintático (cf. Zheng 2014). Por esse motivo, os gráficos serão apresentados em anexo, sem que seja feita uma análise. Desta forma, os resultados apresentados correspondem à análise de 3942 frases.

#### *Recolha de dados*

Em estudos experimentais de aquisição da linguagem, o teste é apresentado através de uma história ou de várias imagens. Contudo, uma vez que os informantes a que este teste se destina são adultos, optou-se, tal como referido, por um modelo *off-line*. A tarefa foi realizada em suporte papel, em sala de aula e sem tempo limitado. A opção por um teste em suporte papel justifica-se pelo facto de as frases poderem ser ambíguas, permitindo várias interpretações, sendo, por isso, preferível que os informantes tivessem acesso a toda informação, ao invés de terem as frases a surgir durante apenas alguns segundos no computador (como ocorreria numa tarefa *on-line*). Optou-se por não limitar o tempo de resposta ao teste, nem contabilizá-lo de outra forma, uma vez que não seria produtivo que os informantes considerassem que a velocidade de resposta era um fator relevante. De notar, contudo, que, embora a tarefa não tenha sido realizada com limite de tempo, foi pensada para não ultrapassar os 40 minutos, por se considerar que, a partir daí,

já poderia haver cansaço por parte dos informantes e que isso poderia deturpar os resultados.

Tal como referido, no teste 2, a tarefa dividiu-se em duas experiências: na primeira experiência, os informantes responderam a todas as questões numa sessão (com duração aproximada de 40 minutos) e, quando o teste foi realizado pela segunda vez, de modo a excluir a influência que o cansaço poderia ter, a tarefa foi dividida em duas sessões, concluídas, em média, em 20 minutos cada uma. Foi também pedido aos informantes que, sempre que considerassem necessário, colocassem vírgulas, ou outra pontuação, nas frases.

### 2.3. Transcrição e tratamento de dados

As respostas dos informantes foram anotadas numa folha Excel, procedendo-se à análise das respostas a frases distratoras e aos itens de controlo, uma vez que, tal como referido anteriormente, um número excessivo de respostas erradas a estas questões poderia funcionar como meio de exclusão de informantes<sup>34</sup>. Na primeira experiência, embora nenhum informante tenha respondido incorretamente a todos os itens de controlo, três dos sujeitos escolheram como resposta para todas as questões (frases testes, frases distratoras e itens de controlo) a hipótese correspondente à igual aceitação de uma interpretação de correferência e de disjunção e, por esse motivo, foram excluídos. Contudo, visto que todos os informantes da segunda experiência apresentaram resultados adequados acima de 50% a estas questões, todos os dados recolhidos foram contabilizados para o estudo.

A transcrição dos dados foi feita com base em dois parâmetros: *acerto* (distratores e itens de controlo foram classificados como *certo* ou *errado*) e *tipo de resposta* (para as frases em teste, considerou-se que em todas era possível obter leituras de *correferência*, *disjunção* e *correferência / disjunção*).

Durante a transcrição de dados, foi possível perceber a hesitação na escolha da resposta, no entanto foi sempre escolhida aquela que era assinalada como final. Em casos em que não era possível perceber qual a resposta escolhida pelo informante, ou quando nenhuma resposta era assinalada, era anotado na folha de resposta como *NA*. Por exemplo, um dos informantes, em todas as frases em que o primeiro sujeito era nulo, optou por não

---

<sup>34</sup> Consideraram-se para análise os dados referentes aos informantes que acertaram em 50% ou mais das respostas a este tipo de estrutura.

assinalar nenhuma das respostas, notando que a frase não fazia sentido porque não tinha sujeito; todas as frases em que tal aconteceu foram anotadas como *NA*.

De notar que os dados que foram anotados como *NA* foram contabilizados, uma vez que se considera que é possível que a ausência de resposta seja significativa, no sentido em que demonstra a dificuldade de atribuir uma interpretação precisa à frase em questão.

Através da análise dos dados, foi possível perceber que o juízo dos informantes em relação a determinada condição variava, uma vez que, para uma mesma condição, a resposta alternava entre as três hipóteses possíveis (correferência; disjunção; e correferência / disjunção)<sup>35</sup>. Tendo em conta que vários fatores podem pesar na interpretação atribuída a cada frase, e que as frases eram propositadamente ambíguas, estes dados não foram excluídos.

As classificações acima referidas foram posteriormente utilizadas na análise de percentagens que será apresentada nas próximas secções. Tendo em conta que apenas se pretende dar conta da possibilidade / preferência de respostas, não se procedeu ao estudo estatístico destes dados, uma vez que se assume como mais relevante o facto de os informantes aceitarem várias possibilidades de resposta, face à preferência por uma ou outra interpretação.

### **3. Apresentação dos resultados**

Nesta secção, serão apresentados os resultados obtidos através do teste experimental descrito no ponto anterior. Na secção 3.1 dar-se-á conta dos resultados obtidos com o teste 1 realizado, de forma a aferir se em construções em que o sujeito do segundo termo coordenado ou da oração adverbial é nulo a interpretação preferencial é a de correferência. Na secção 3.2, serão descritos os resultados tendo em conta cada tipo de estrutura e, na secção 3.3, a descrição será feita de acordo com cada condição em teste. Na secção 4, apresenta-se uma breve conclusão dos resultados mais relevantes obtidos com os testes 1 e 2. Na secção 5., apresentar-se-á a discussão dos resultados obtidos face às propostas da literatura referidas anteriormente.

A descrição dos dados será feita com base na análise dos valores percentuais associados a cada uma das interpretações. As leituras que apresentam um valor percentual

---

<sup>35</sup> Por questões práticas, a relevância da variação intra-falante será deixada para trabalho futuro.

superior serão consideradas como preferenciais. Contudo, de acordo com os resultados obtidos, em todos os tipos de estruturas e condições testados, é possível obter várias interpretações, por esse motivo, considera-se que, em trabalhos futuros, será necessário dar conta das leituras alternativas. Optámos por analisar os dados com base nos valores percentuais e não num tratamento estatístico, visto que consideramos que apenas após um estudo dos resultados obtidos com este trabalho será possível construir uma tarefa adequada a uma análise estatística.

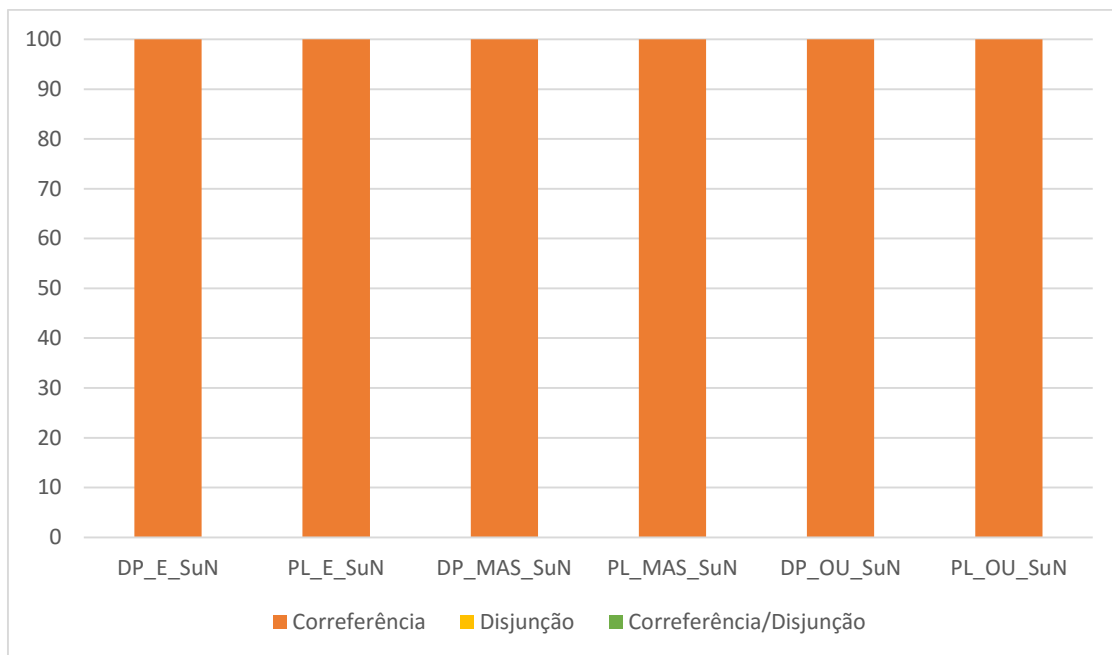
### **3.1. Teste 1: Resultados**

Apresentam-se, nesta secção, os resultados obtidos, de forma a perceber se o descrito na literatura corresponde aos juízos dos informantes.

#### **3.1.1. Estruturas Coordenadas**

O gráfico 1 ilustra os juízos dos informantes para estruturas coordenadas aditivas, adversativas e disjuntivas em que o segundo sujeito é nulo. No teste 1, consideraram-se estruturas em que, tal como referido, o sujeito do segundo termo coordenado é nulo (doravante SuN), tal como acontece nos exemplos seguintes:

- (143) Ele deu aulas e estudou Biologia.
- (144) O João deu aulas e estudou Biologia.
- (145) Ele estudou Linguística mas quer ser advogado.
- (146) O Pedro estudou Linguística mas quer ser advogado.
- (147) Ela estudou para o teste ou foi ter com as amigas.
- (148) A Sofia estudou para o teste ou foi ter com as amigas.



**Gráfico 1 - Resultados teste 1: Estruturas Coordenadas**

De notar que, em construções em que o sujeito do segundo termo coordenado não é realizado, para os informantes inquiridos, não só a correferência é a interpretação preferida, como é a única possível, uma vez que os resultados para todas as construções coordenadas são de 100%. Estes dados sugerem, desde já, a existência de uma relação de c-comando do sujeito do primeiro termo coordenado sobre o do segundo. No entanto, a existência desta relação terá de ser confirmada, uma vez que a correferência não implica necessariamente c-comando.

### 3.1.2. Estruturas Subordinadas Adverbiais

Os dados que o teste 1 nos fornece em relação às construções adverbiais mostram que, também neste caso, quando o sujeito da oração adverbial (ou, no caso das orações antepostas, o sujeito da matriz) é nulo, a interpretação preferida é a de correferência. As construções adverbiais testadas, tal como as coordenadas, caracterizam-se por terem um primeiro sujeito realizado (pronomes lexical ou expressão referencial), tal como nos exemplos seguintes:

(149) Ele jantou às 23.00 porque saiu tarde do trabalho.

(150) O João jantou às 23.00 porque saiu tarde do trabalho.

(151) Ela comprou um bolo, embora estivesse a fazer dieta.

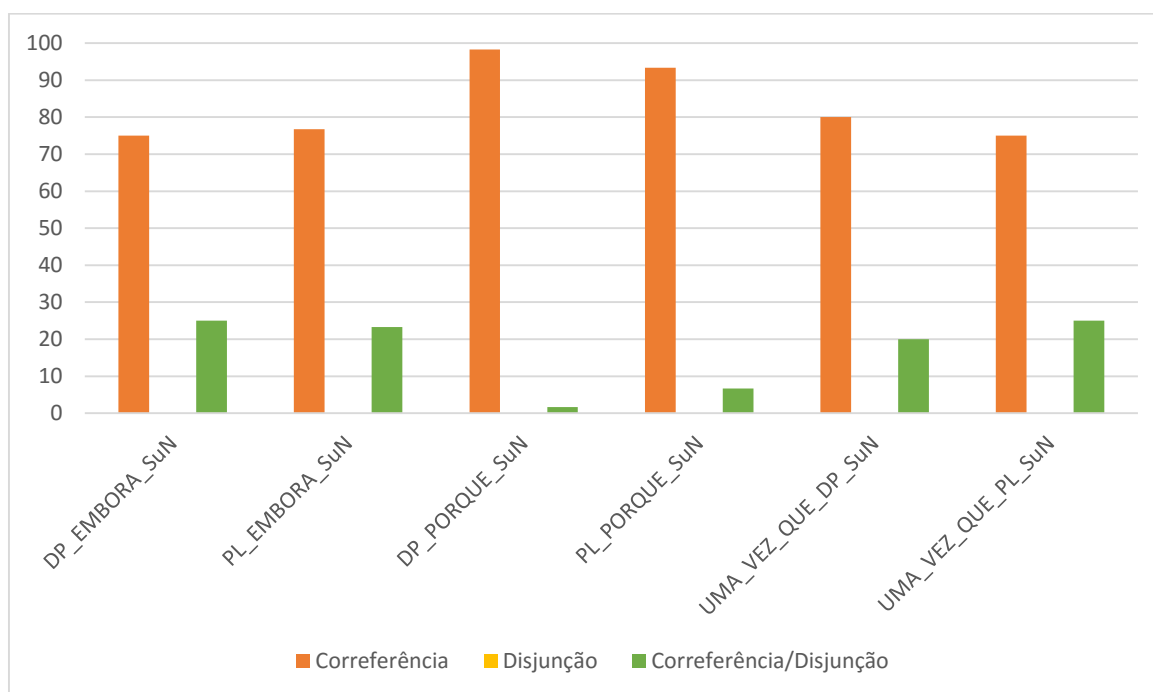


(152) A Violeta comprou um bolo, embora estivesse a fazer dieta.

(153) Uma vez que ela gosta de livros, comprou “Guerra e Paz”.

(154) Uma vez que a Mafalda gosta de livros, comprou “Guerra e Paz”.

O gráfico seguinte ilustra as preferências dos sujeitos inquiridos para construções tais como as anteriores.



**Gráfico 2 - Resultados teste 1: Estruturas Subordinadas Adverbiais**

Assim, verifica-se que, nestas frases, quando o sujeito da adverbial<sup>36</sup> é nulo, a preferência é por interpretações de correferência. Contudo, contrariamente ao que acontece com as estruturas coordenadas testadas, os juízos dos falantes inquiridos não são unânimes. Com efeito, diferentemente do que ocorre em coordenação, os resultados mostram que há informantes que atribuem leituras de correferência / disjunção.

Tendo em conta que estes resultados não permitem precisar com segurança as características dos constituintes nulos, tornou-se necessário aplicar um teste em que os sujeitos do segundo termo frásico estivessem realizados. Com efeito, considerámos que seria essencial criar um teste em que os sujeitos ocorressem realizados como pronomes e

<sup>36</sup> Ressalte-se, mais uma vez, que no caso das adverbiais antepostas é o sujeito da matriz.

expressões referenciais, de forma a que, através da análise dos resultados, fosse possível clarificar as propriedades dos elementos nulos e confirmar a existência ou inexistência das relações de c-comando que se estabelecem.

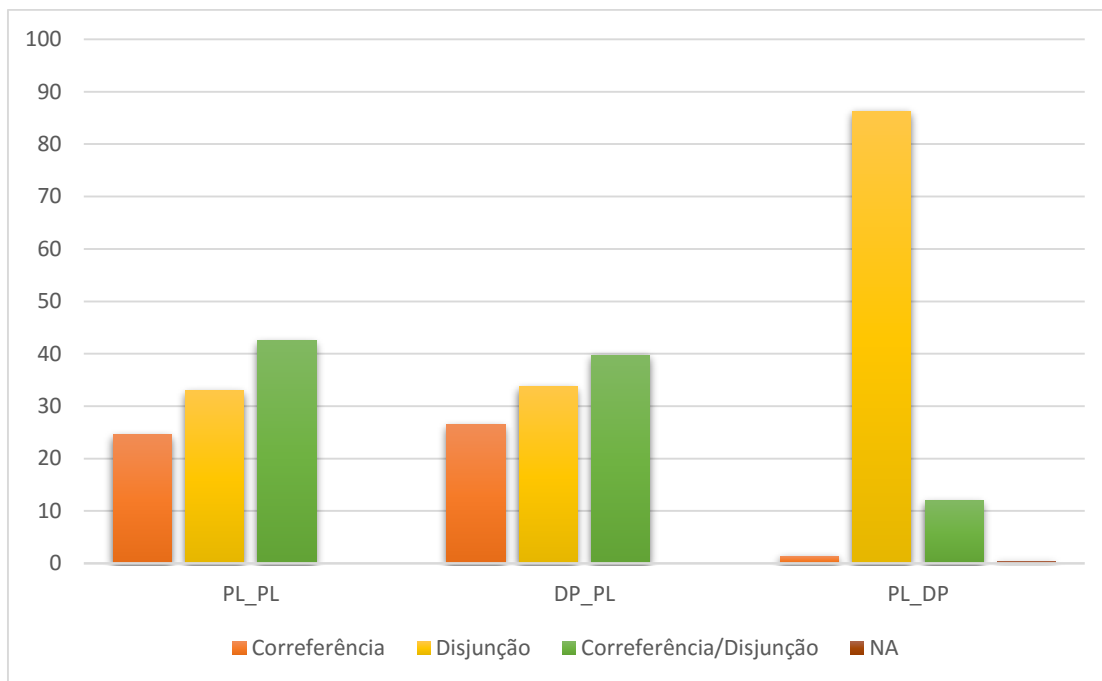
### **3.2. Teste 2: resultados por tipo de estrutura**

Apresentar-se-ão, nesta secção, os resultados obtidos na tarefa central deste trabalho, em que se testam frases finitas em que os sujeitos são realizados no segundo termo frásico. Note-se que, tal como referido, o teste 2 foi dividido em duas experiências, por esse motivo, os resultados que se apresentam nas secções seguintes correspondem à média de resultados obtidos nos dois testes. Porém, em anexo, é possível encontrar separadamente os resultados das duas experiências.

Os resultados serão apresentados em relação a cada tipo de estrutura testada: frases coordenadas aditivas, frases coordenadas adversativas, frases coordenadas disjuntivas, frases subordinadas adverbiais integradas, frases subordinadas adverbiais não integradas à direita e frases subordinadas adverbiais não integradas à esquerda. Na apresentação dos resultados, todas as condições serão referidas de forma abreviada: a condição PL\_PL corresponde a frases em que ambos os sujeitos são pronomes lexicais; DP\_PL corresponde a frases em que o primeiro sujeito é uma expressão referencial e o segundo é um pronome lexical; por fim, a condição PL\_DP será para os casos em que o primeiro sujeito é um pronome lexical e o segundo uma expressão referencial. Tal como referido anteriormente, foram calculadas as percentagens para os valores obtidos a partir dos dados da tarefa e apresentam-se agora os gráficos elaborados com base nos valores percentuais referentes às estruturas e condições testadas.

#### **3.2.1. Frases Coordenadas Aditivas**

O gráfico apresentado abaixo mostra os resultados dos juízos dos informantes relativos a todas as condições testadas em estruturas coordenadas aditivas, sendo que para a análise serão tidas em conta as leituras preferenciais, assumidas dessa forma pelo critério referido anteriormente.



**Gráfico 3 - Resultados da Tarefa - Frases Coordenadas Aditivas**

Como é possível verificar no gráfico 3, no grupo de estruturas coordenadas aditivas, observa-se uma clara preferência por leituras de disjunção quando o sujeito do segundo termo coordenado é uma expressão referencial. Porém, nas condições em que o sujeito do segundo termo coordenado é um pronome lexical, a diferença entre a opção de disjunção e simultânea aceitação de correferência/disjunção é bastante ténue: em relação à condição PL\_PL, 42,5% dos sujeitos aceitam simultaneamente as leituras de correferência/disjunção e 32,9% apenas aceitam a leitura disjunta; no caso da condição DP\_PL, a aceitação de interpretações de correferência/disjunção corresponde a 39,7% dos informantes e a de apenas disjunção corresponde a 33,8%.

O facto de um grupo de informantes aceitar como possível a leitura de correferência com o pronominal na posição de sujeito do segundo termo revela que estes falantes não seguem de uma forma estrita o Princípio Evitar Pronome (vejam-se os exemplos (155) e (156)), que, como foi já referido, descreve uma tendência para evitar a ocorrência de um pronome em contextos em que se pretende uma interpretação de sujeitos correferentes.

(155) Ele<sub>i</sub> deu aulas e ele<sub>i/j</sub> estudou Biologia.

(156) A Maria<sub>i</sub> aprendeu Inglês e ela<sub>i/j</sub> estudou Arquitetura.

No entanto, a clara preferência por leituras de disjunção na condição PL\_DP pode ser descrita como um efeito do princípio C da Teoria da Ligação, comprovando que o sujeito do primeiro termo c-comanda o do segundo na coordenação integrada, pelo que os sujeitos não podem ser correferentes. Veja-se o exemplo seguinte:

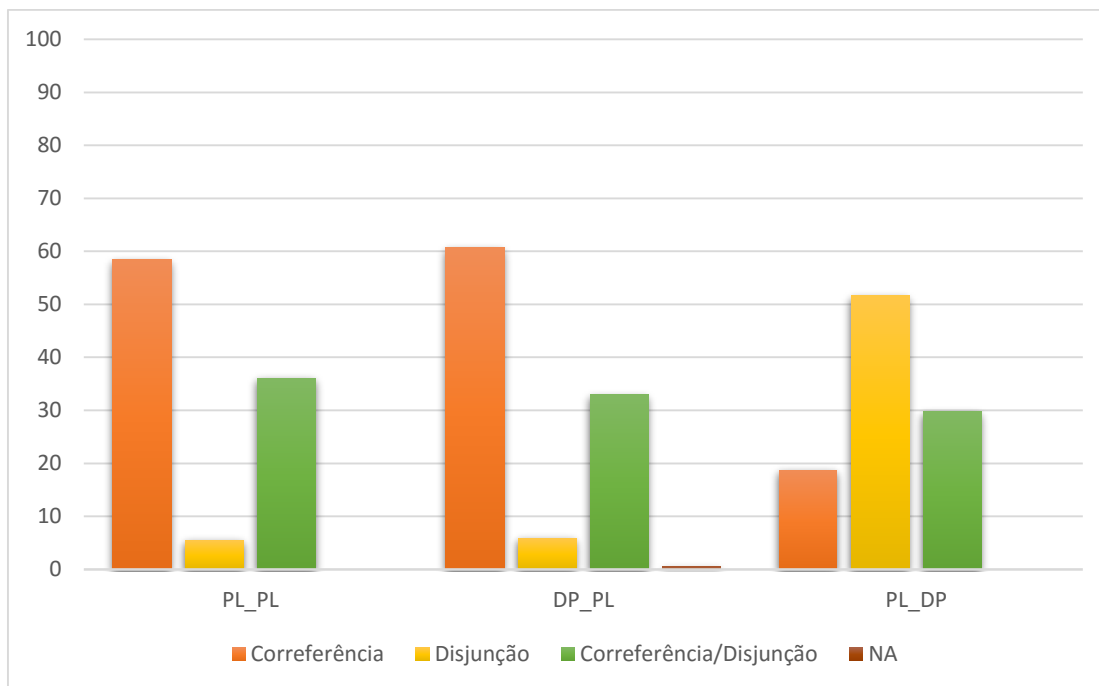
(157) Ele<sub>i</sub> aprendeu viola na escola e o Pedro<sub>j</sub> estudou Francês num centro de línguas.

Resumindo, nas construções que envolvem coordenação aditiva, verifica-se uma clara preferência pela interpretação disjunta quando o segundo sujeito é realizado por um DP. Considera-se que os casos de aceitação da interpretação de correferência são pouco relevantes, o que sugere que estas frases são referencialmente interpretadas como integradas. No entanto, em construções com um pronome lexical na posição de sujeito do segundo termo coordenado, um grupo de falantes aceita igualmente as duas interpretações.

Note-se que, adicionalmente, os resultados da condição DP\_PL comprovam que o segundo sujeito não c-comanda o primeiro, pois caso contrário não seriam esperáveis interpretações de correferência, que constituiriam violações do Princípio C. Este aspeto é captado pelas configurações estruturais adotadas para a coordenação, que são assimétricas.

### **3.2.2. Frases Coordenadas Adversativas**

De seguida, apresentam-se os resultados obtidos relativamente às estruturas coordenadas adversativas, sendo que este grupo mostra, relativamente a algumas condições, uma preferência por interpretações de correferência de sujeitos, tal como se verifica no gráfico abaixo, o que permite, desde já, constatar uma diferença relevante em relação aos resultados obtidos no caso da coordenação aditiva.



**Gráfico 4 - Resultados da Tarefa - Frases Coordenadas Adversativas**

Neste grupo, a leitura de disjunção é preferida (51,6% dos informantes) apenas num contexto: quando o sujeito do primeiro termo é um pronome lexical e o do segundo é realizado por uma expressão referencial, tal como no exemplo (158), o que pode ser atribuído a efeitos do princípio C, sugerindo a existência de c-comando do sujeito do primeiro termo sobre o do segundo:

(158) Ela<sub>i</sub> aprendeu Inglês mas a Maria<sub>j</sub> tirou um curso de Geologia.

Ainda assim, existe um grupo de falantes que, neste contexto, aceita igualmente as duas interpretações (de disjunção e de correferéncia de sujeitos).

Nas restantes condições testadas, a interpretação de correferéncia é preferida, o que não seria esperável tendo em conta o Princípio Evitar Pronome, tal como se apresenta nos exemplos (159) e (160):

(159) Ela<sub>i</sub> aprendeu Inglês mas ela<sub>i</sub> tirou um curso de Geologia.

(160) O João<sub>i</sub> fez o trabalho mas ele<sub>i</sub> esteve em Sintra.

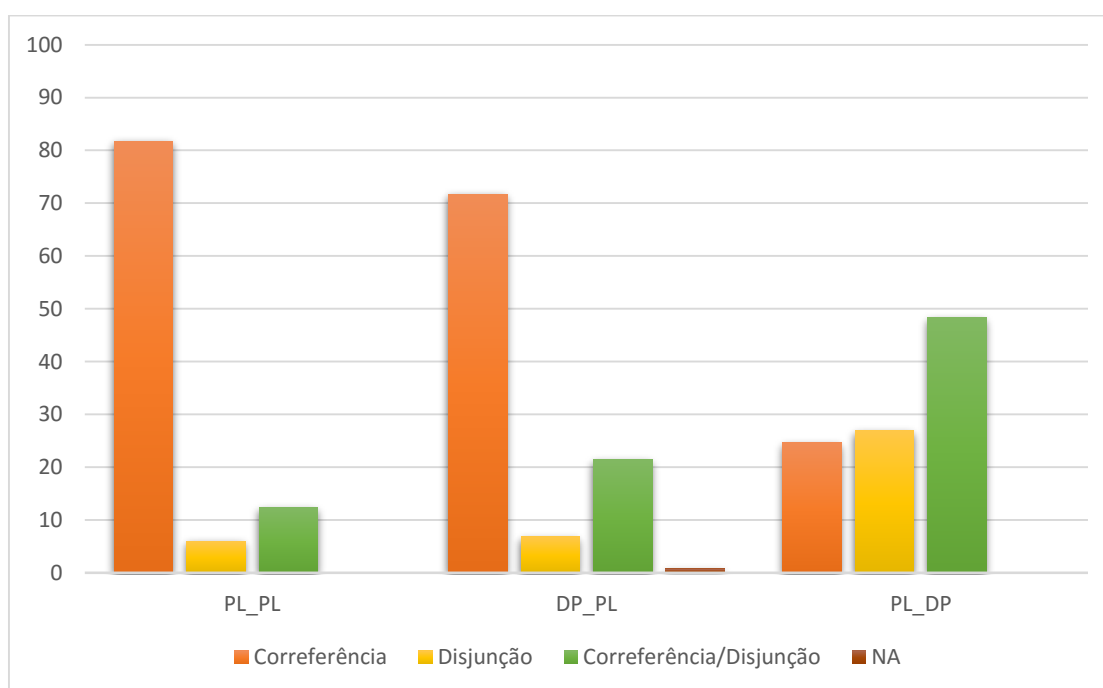
Em síntese, os resultados mostram que os juízos dos informantes relativamente às frases em que a coordenação é adversativa são bastante diferentes daqueles em que a

coordenação é aditiva. Com efeito, neste caso, existe um grupo de informantes cuja preferência vai claramente para uma interpretação de correferência dos sujeitos, exceto quando o sujeito do segundo termo é uma expressão referencial. No entanto, também neste contexto, existe um grupo considerável de informantes que aceita igualmente as duas interpretações (de disjunção e de correferência).

Neste caso, a clara preferência por leituras de correferência na condição DP\_PL mostra, como referimos atrás, a inexistência de c-comando do segundo sujeito sobre o primeiro.

### 3.2.3. Frases Coordenadas Disjuntivas

No grupo de construções coordenadas disjuntivas, observa-se uma preferência por juízos de correferência de sujeitos sempre que o sujeito do segundo termo coordenado é um pronome lexical, tal como se verifica no gráfico abaixo.



**Gráfico 5 - Resultados da Tarefa – Frases Coordenadas Disjuntivas**

Por outro lado, nas estruturas disjuntivas testadas, 48,4% dos informantes aceitam simultaneamente a interpretação de correferência e de disjunção quando o sujeito do primeiro termo é um pronome realizado e o do segundo termo uma expressão referencial (veja-se (161)). No entanto, 27% apenas aceita a interpretação de disjunção, e 24,6% a de

correferência, mostrando que, relativamente a esta condição, existe alguma oscilação em relação à interpretação preferida pelos informantes.

(161) Ela<sub>i</sub> trabalhou no computador ou a Joana<sub>i/j</sub> leu um livro.

Como já referido, nas restantes condições testadas, os informantes assumem como interpretação preferencial a de correferência dos sujeitos (vejam-se os exemplos (162) e (163)).

(162) Ela<sub>i</sub> participou na maratona ou ela<sub>i/\*j</sub> estudou Inglês.

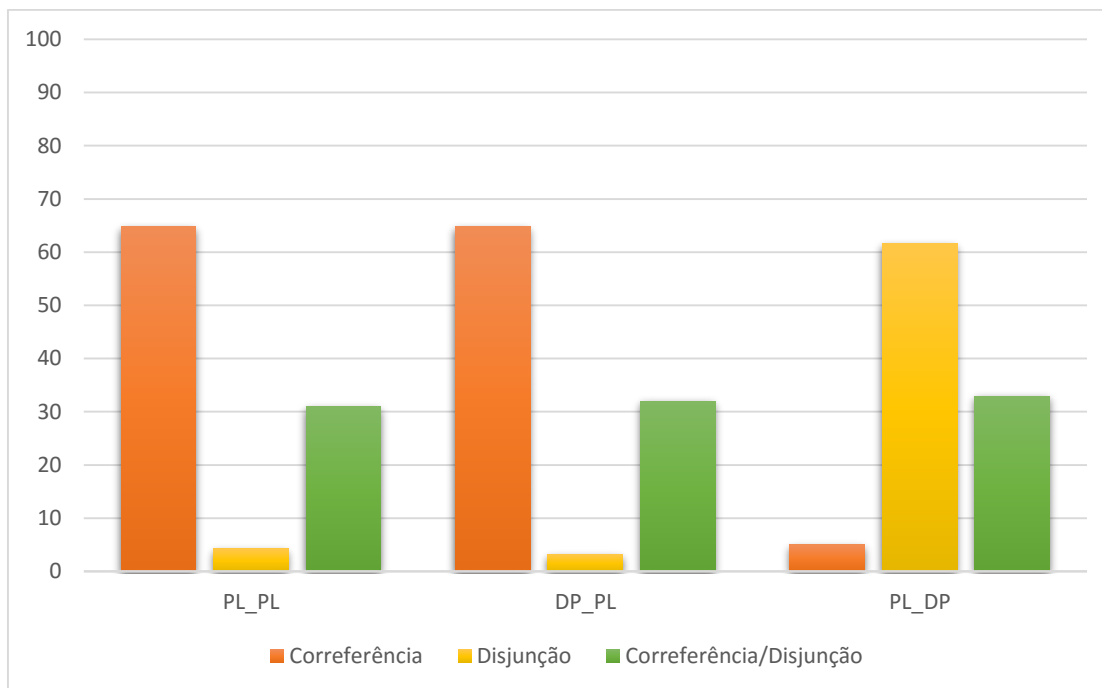
(163) A Mafalda<sub>i</sub> participou na maratona ou ela<sub>i/\*j</sub> estudou Inglês.

Podemos, então, notar que estes resultados se afastam daqueles em que a coordenação é aditiva. Em relação à coordenação adversativa, no caso de o segundo sujeito ser um DP, a interpretação é preferencialmente disjunta, o mesmo não se verifica na disjuntiva, em que as interpretações de correferência e disjunção vão a par.

Repare-se que estes resultados são, desde já, surpreendentes, na medida em que tradicionalmente se assume que uma mesma estrutura é atribuída a todas as coordenações, independentemente do núcleo que as instancia ser aditivo, adversativo ou disjuntivo.

### **3.2.4. Frases Subordinadas Adverbiais Integradas**

Apresentam-se, de seguida, os resultados que concernem as frases subordinadas adverbiais integradas. O gráfico mostra que, mais uma vez, a natureza do constituinte que ocupa a posição de sujeito da oração adverbial influencia o tipo de relação referencial que se estabelece entre os sujeitos.



**Gráfico 6 - Resultados da Tarefa – Frases Subordinadas Adverbiais Integradas**

Assim, os exemplos (164) e (165) mostram que nestas estruturas a leitura de correferéncia é preferida sempre que o sujeito da oração adverbial é um pronominal realizado, contrariando o que é descrito pelo Princípio Evitar Pronome.

(164) Ele<sub>i</sub> não fez uma festa porque ele<sub>i</sub> tem de entregar um trabalho amanhã.

(165) O Simão<sub>i</sub> jantou às 23.00 porque ele<sub>i</sub> saiu tarde do trabalho.

Note-se, no entanto, que existe ainda um grupo de falantes que aceita igualmente as duas interpretações (de disjunção e de correferéncia dos sujeitos).

Por outro lado, o exemplo (166) mostra que, em construções em que o sujeito da adverbial é uma expressão referencial, como já foi referido, a maioria dos informantes aceita unicamente leituras de disjunção, embora para alguns seja igualmente aceitável a interpretação de correferéncia e a de disjunção. Assim, embora 61,6% dos informantes prefiram a leitura disjunta, 32,9% aceitam simultaneamente a possibilidade de uma interpretação de correferéncia ou de disjunção dos sujeitos.

(166) Ele<sub>i</sub> jantou às 23.00 porque o João<sub>j</sub> saiu tarde do trabalho.

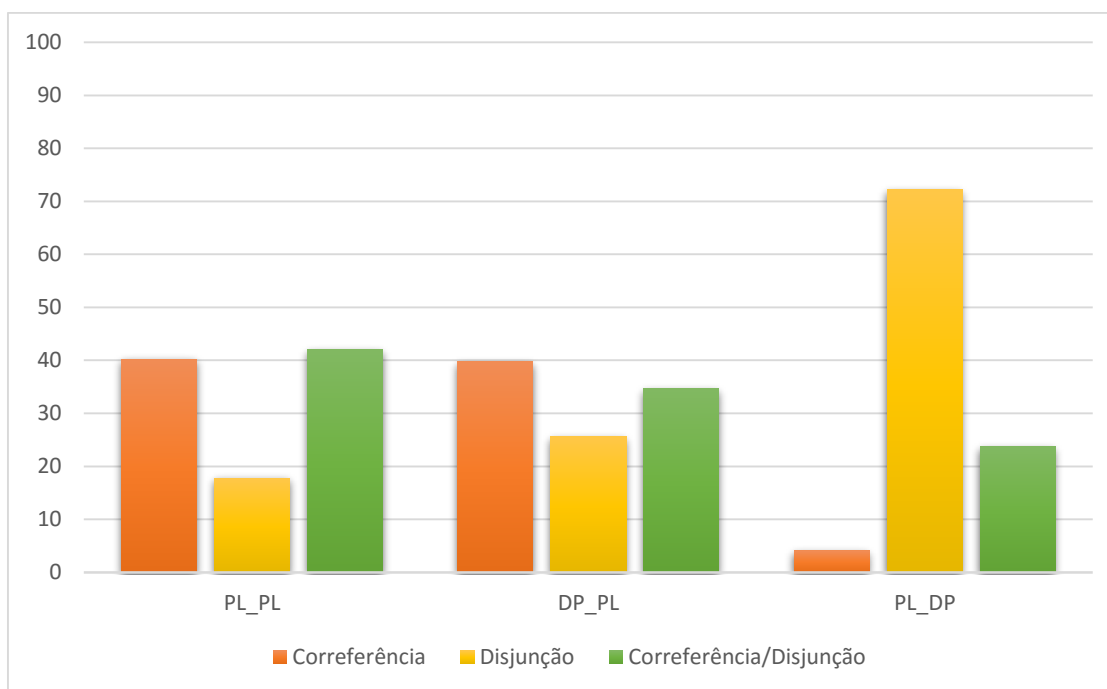


Estes dados sugerem que a oração adverbial está a ser interpretada como integrada e que, por isso, se verificam, pelo menos para a maioria dos falantes, efeitos do princípio C.

Tal como nas construções anteriores, e de acordo com o que era esperado, os resultados da condição DP\_PL indicam que o sujeito da adverbial não c-comanda o da matriz, pelo que são possíveis interpretações de sujeitos correferentes.

### **3.2.5. Frases Subordinadas Adverbiais Não Integradas à direita**

Os resultados relativos às frases subordinadas adverbiais não integradas à direita mostram uma grande oscilação nos juízos dos falantes. Quando o sujeito da oração adverbial é uma expressão referencial, os informantes mostram preferência pela interpretação disjunta dos sujeitos. Tal sugere que tendencialmente a não-integração pode ser, como apresentado em Lobo (2003), apenas uma questão de *merge* numa posição mais alta da frase. Porém, essa posição apesar de estar acima da negação frásica, pode ainda ser comandada pelo sujeito pré-verbal. Se forem interpretadas como parentéticas, o c-comando é cancelado. No entanto, como mostraremos adiante, nas construções em que o segundo sujeito é um pronome lexicalmente realizado, os juízos dos informantes parecem variar entre a igual aceitação de leituras de correferência e de disjunção e a aceitação apenas de leituras de correferência.



**Gráfico 7 - Resultados da Tarefa – Frases Subordinadas Adverbiais Não Integradas à direita**

A preferência por uma interpretação de sujeitos disjuntos quando o sujeito da oração adverbial é uma expressão referencial está ilustrada em (167):

(167) Ele<sub>i</sub> estava feliz, embora o António<sub>j</sub> chorasse.

Contudo, nas outras condições testadas, o juízo dos informantes não é completamente claro, embora seja possível verificar que, na generalidade, existe uma ligeira preponderância daqueles que aceitam igualmente a leitura de correferência e a de disjunção dos sujeitos. Nas construções em que ambos os sujeitos são realizados como pronomes lexicais (tal como em (168)), 42% dos informantes optam pela igual aceitação de uma interpretação de correferência e de disjunção e 40,2% escolhem apenas a leitura de correferência.

(168) Ela<sub>i</sub> comprou um bolo, embora ela<sub>i/j</sub> estivesse a fazer dieta.

No entanto, nas construções em que o sujeito da frase matriz é uma expressão referencial e o da adverbial é um pronome lexical, existe uma ligeira preferência pela interpretação de correferência (39,7%), face à igual aceitação das interpretações de correferência e de disjunção (34,7%), o que nos indica que, em estruturas como (169), a

ocorrência do pronome realizado não implica a disjunção e, por isso, assume-se que o Princípio Evitar Pronome não é verificado para a maioria dos informantes inquiridos.

(169) A Mariana<sub>i</sub> comprou um bolo, embora ela<sub>i</sub> estivesse a fazer dieta.

Em síntese, nas construções que envolvem subordinadas adverbiais não integradas à direita, verifica-se uma proximidade entre a preferência por uma interpretação de correferência dos sujeitos e a igual aceitação das duas interpretações (de disjunção e de correferência), exceto nos contextos em que o sujeito da oração adverbial é um DP referencial. Neste caso, os resultados mostram uma preferência clara pela interpretação de disjunção.

### 3.2.6. Frases Subordinadas Adverbiais Não Integradas à Esquerda

Apresentam-se abaixo os resultados obtidos para as frases subordinadas adverbiais não integradas à esquerda, que, como é possível verificar pelo gráfico abaixo, são bastante heterogêneos.

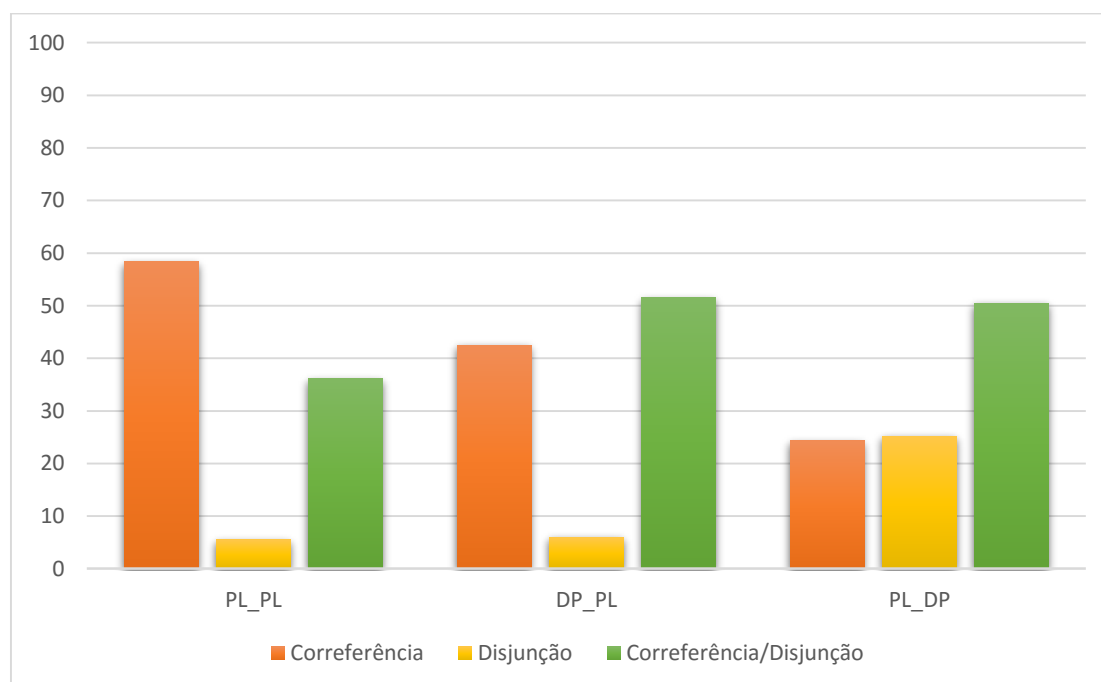


Gráfico 8 - Resultados da Tarefa – Frases Subordinadas Adverbiais Não Integradas à esquerda

Relativamente a estas construções, os juízos dos informantes apresentam, efetivamente, alguma oscilação. No entanto, exceto nas construções em que ambas as posições de sujeito são ocupadas por pronomes realizados, a maioria dos informantes ou atribui aos sujeitos uma interpretação de correferência ou aceita igualmente as interpretações de disjunção e correferência (exemplos (170) e (171)).

(170) Uma vez que ele<sub>i</sub> saiu às 19.00, o Luís<sub>i/j</sub> fez o jantar.

(171) Uma vez que o Pedro<sub>i</sub> gosta de doces, ele<sub>i/j</sub> trouxe trouxas das Caldas.

O facto de a correferência ser possível em estruturas em que o sujeito da matriz é uma expressão referencial e o da adverbial não integrada à esquerda é um pronome sugere, como está ilustrado em (172), a ausência de c-comando do sujeito da adverbial sobre o sujeito da matriz, já referida anteriormente e notada em Brito (2003), uma vez que não se verificam efeitos do Princípio C.

(172) Uma vez que ela<sub>i/j</sub> gosta de livros, a Maria<sub>i</sub> comprou “Guerra e Paz”.

A preferência por uma interpretação de sujeitos correferentes, tal como referido, só se verifica quando ambos os sujeitos são pronomes realizados, sendo que, nesta condição, a leitura de correferência é preferida por 58,4% dos informantes, face a 36,1% que aceitam igualmente a interpretação de correferência e a de disjunção:

(173) Uma vez que ela<sub>i/j</sub> gosta de livros, ela<sub>i</sub> comprou “Guerra e Paz”.

Em suma, nas construções que envolvem subordinadas adverbiais não integradas à esquerda, verifica-se uma clara preferência pela interpretação de sujeitos correferentes quando ambos os sujeitos são realizados por pronomes, embora um grupo de falantes aceite igualmente as duas interpretações. Nos restantes contextos, prevalece a aceitação de ambas as interpretações (correferência/disjunção). Nestes casos, o número de informantes que aceitam unicamente a interpretação disjunta ou a interpretação de correferência depende da natureza dos sujeitos: no contexto DP\_PL, é bastante superior o número de informantes que aceita unicamente a interpretação de correferência, o que sugere que o segundo sujeito não c-comanda o primeiro, pois, caso, contrário haveria violação do Princípio C; no contexto PL\_DP, o número dos falantes que apenas aceitam

a interpretação disjunta e o daqueles que aceitam unicamente a interpretação de correferência são bastante próximos.

### **3.3. Teste 2: resultados por condição**

Nesta secção, os resultados do teste são apresentados tendo em conta cada condição testada, o que permitirá analisá-los sob uma diferente perspetiva.

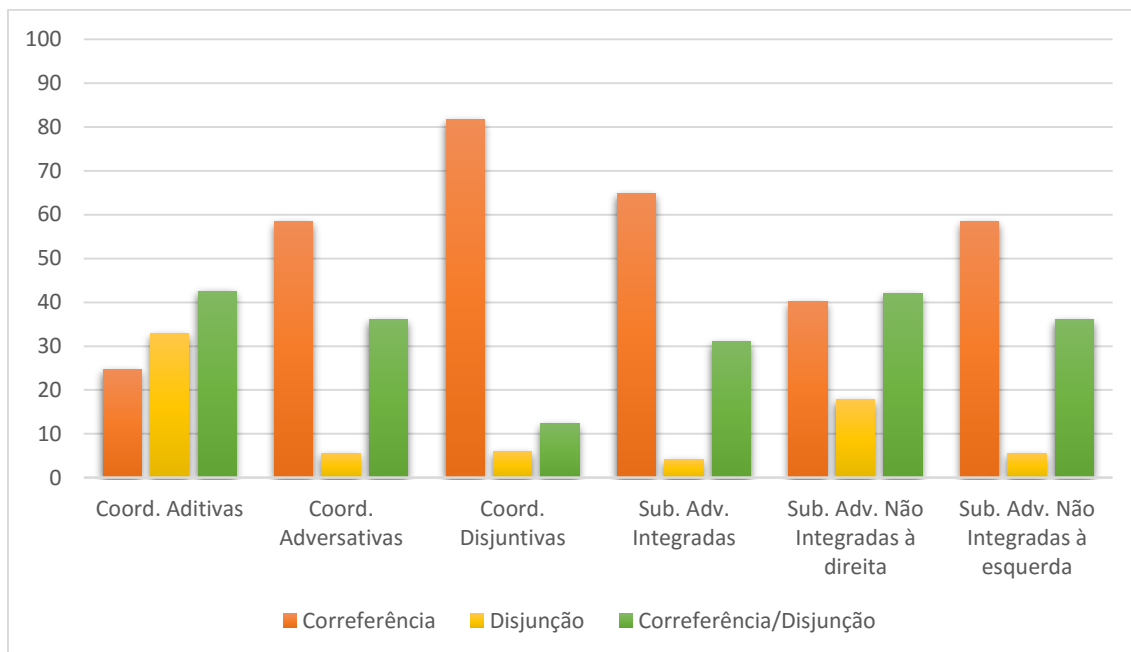
- Pronome Lexical\_Conjunção/Complementador\_Pronome Lexical
- Expressão Referencial\_Conjunção/Complementador\_Pronome Lexical
- Pronome Lexical\_Conjunção/Complementador\_Expressão Referencial

Note-se que estas designações não captam a ordenação linear, mas sim as relações hierárquicas assimétricas entre primeiro termo coordenado / segundo termo coordenado e frase matriz / frase adverbial. Caso estivesse em questão a linearidade, não seria possível recorrer a estas designações para as frases subordinadas adverbiais antepostas (Complementador, ... Sujeito Adverbial, ... Sujeito Matriz).

Com efeito, a apreciação dos resultados desta forma permite-nos perceber os aspetos que aproximam ou separam as construções em estudo, considerando o tipo de unidades que, em cada caso, ocupam a posição de sujeito.

#### **3.3.1. Pronome Lexical \_ Conjunção/Complementador \_ Pronome Lexical**

Apresentam-se abaixo os resultados referentes à condição PL\_PL, que mostra as relações referenciais que se estabelecem nestas estruturas complexas quando as posições de sujeito são ambas preenchidas por pronomes lexicalmente realizados. O gráfico mostra que, mais uma vez, é possível perceber que as relações referenciais estabelecidas entre os sujeitos apresentam diferenças entre os vários tipos de frases coordenadas e também entre os vários tipos de subordinadas adverbiais.



**Gráfico 9 - Resultados da Tarefa – Condição PL\_PL**

Os resultados obtidos mostram que, em estruturas coordenadas (adversativas e disjuntivas) e subordinadas adverbiais (integradas e não integradas à esquerda), há, de um modo geral, preferência por interpretações de correferência dos sujeitos, tal como se apresenta nos exemplos (174) a (177):

(174) Ela<sub>i</sub> aprendeu Inglês mas ela<sub>i</sub> tirou um curso de Geologia.

(175) Ela<sub>i</sub> participou na maratona ou ela<sub>i</sub> estudou Inglês.

(176) Ela<sub>i</sub> podia comer um bolo porque ela<sub>i</sub> foi à padaria.

(177) Uma vez que ele<sub>i</sub> saiu às 19.00, ele<sub>i</sub> fez o jantar.

As exceções relativamente aos resultados desta condição são as estruturas coordenadas aditivas e as subordinadas adverbiais não integradas à direita, uma vez que, nestas construções, a maioria dos informantes aceita ambas as leituras de correferência e de disjunção dos sujeitos. Contudo, no caso das subordinadas adverbiais não integradas à direita, a preferência pela aceitação de ambas as leituras, face à aceitação unicamente da leitura de correferência, é bastante ténue (40,2% optam por uma interpretação de correferência; 42% aceitam igualmente a leitura de correferência e a de disjunção). Em relação às estruturas coordenadas aditivas, a igual aceitação da leitura correferente e da

disjunta verifica-se relativamente a 42,5% dos informantes, seguida da interpretação obrigatoriamente de disjunção, que é escolhida por 32,9% dos sujeitos.

Assim, estes dados permitem perceber que as construções coordenadas não apresentam um comportamento uniforme, à semelhança do que se verifica com as subordinadas adverbiais. De notar que, no caso das construções subordinadas adverbiais, nesta condição, as estruturas integradas e as não integradas à esquerda apresentam um padrão semelhante de preferência interpretativa com uma clara preferência para a interpretação de correferência dos sujeitos (vejam-se os exemplos (178) e (179), respetivamente).

(178) Ele<sub>i</sub> jantou às 23.00 porque ele<sub>i</sub> saiu tarde do trabalho.

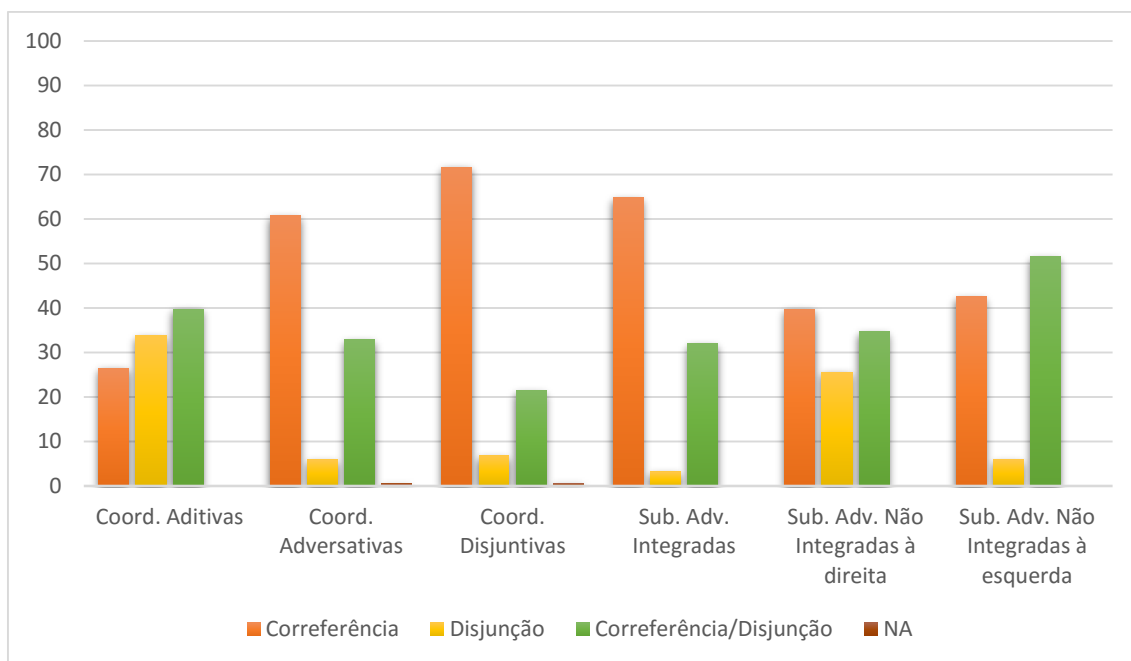
(179) Uma vez que ela<sub>i</sub> gosta de livros, ela<sub>i</sub> comprou “Guerra e Paz”.

Em suma, nos contextos em que ambos os sujeitos correspondem a pronomes lexicais, a preferência por uma interpretação de correferência verifica-se em todas as construções, exceto naquelas que envolvem coordenação aditiva e subordinação adverbial não integrada à direita. Com efeito, estas duas construções são aquelas em que a percentagem de sujeitos que atribui às frases uma interpretação de sujeitos disjuntos atinge valores mais elevados.

Em todas as construções, embora com oscilações, verifica-se uma preferência por leituras de correferência ou, pelo menos, pelas duas leituras (correferência / disjunção), contrariando aquilo que é descrito pelo Princípio Evitar Pronome.

### **3.3.2. Expressão Referencial \_ Conjunção/Complementador \_ Pronome Lexical**

De seguida, apresentam-se os resultados obtidos para as estruturas em que o sujeito do primeiro termo coordenado ou da oração matriz é realizado por uma expressão referencial e o sujeito do segundo termo coordenado ou da oração adverbial por um pronome lexicalmente realizado. Note-se que nas estruturas subordinadas antepostas, o pronominal ocorre na adverbial e a expressão referencial na oração matriz. Recorde-se que, tal como referido anteriormente, a formulação das condições não corresponde a uma ordenação linear, mas sim a uma dependência hierárquica.



**Gráfico 10 - Resultados da Tarefa – Condição DP\_PL**

Os resultados obtidos para esta condição mostram a preferência geral por interpretações de correferéncia, sendo que, mais uma vez, as estruturas aditivas apresentam um comportamento distinto face às restantes coordenadas. Também nas frases subordinadas adverbiais não integradas à esquerda, veja-se (180), a maioria dos informantes mostra uma igual aceitação de interpretações de correferéncia e de disjunção (51,5% aceitam estas leituras, face a 42,5% que apenas aceitam a interpretação correferente). Contudo, relativamente às estruturas coordenadas aditivas, embora 39,7% dos informantes aceitem igualmente a interpretação correferente e a disjunta, 33,8% escolhem a leitura obrigatoriamente disjunta, ilustrada em (181).

(180) Uma vez que ela<sub>i</sub> gosta de livros, a Maria<sub>i/j</sub> comprou “Guerra e Paz”.

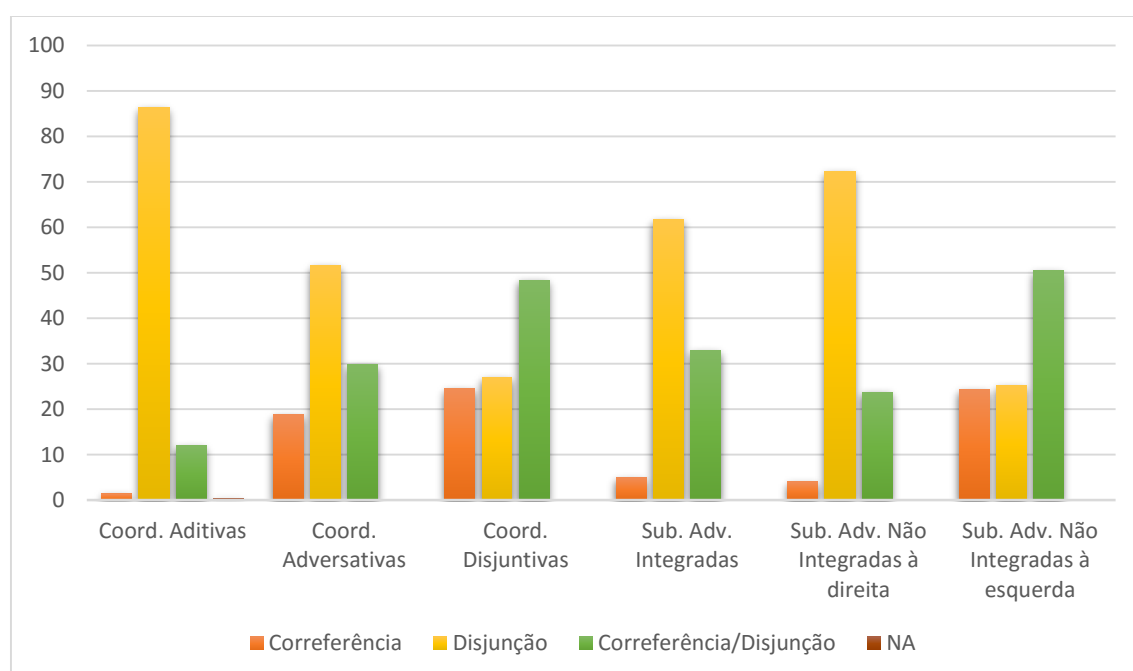
(181) O João<sub>i</sub> aprendeu viola na escola e ele<sub>i/j</sub> estudou Francês num centro de línguas.

Assume-se como hipótese que, nas frases coordenadas aditivas e nas subordinadas adverbiais não integradas à direita, as interpretações disjuntas sejam aquelas que atingem um valor percentual mais elevado por, nestas construções, se verificar uma maior tendência para seguir o Princípio Evitar Pronome. Os aspetos que podem levar a esta maior tendência, fogem ao âmbito deste estudo e serão, por isso, analisados em trabalhos futuros.



### 3.3.3. Pronome Lexical – Conjunção/Complementador – Expressão Referencial

Relativamente às estruturas testadas com a condição PL\_DP, pode observar-se no gráfico apresentado abaixo a oscilação nos juízos dos informantes. Verifica-se, mais uma vez, que os diferentes tipos de frases coordenadas apresentam um comportamento distinto entre si, à semelhança do que acontece com as frases subordinadas adverbiais.



**Gráfico 11 - Resultados da Tarefa – Condição PL\_DP**

Os resultados relativos a esta condição mostram-nos que, relativamente às estruturas coordenadas e subordinadas adverbiais em estudo, existe sempre um grupo de informantes que assumem como igualmente possível uma interpretação de correferência e de disjunção, embora a leitura apenas de correferência nunca seja assumida como preferencial.

No entanto, nas construções coordenadas aditivas, adversativas, e nas subordinadas adverbiais integradas e não integradas à direita, os juízos dos informantes favorecem a leitura disjunta, ilustrada respetivamente, nos exemplos abaixo:

(182) Ele<sub>i</sub> deu aulas e o João<sub>j</sub> estudou Biologia.

(183) Ela<sub>i</sub> aprendeu Inglês mas a Maria<sub>j</sub> tirou um curso de Geologia.

(184) Ele<sub>i</sub> jantou às 23.00 porque o João<sub>j</sub> saiu tarde do trabalho.

(185) Ele<sub>i</sub> ficou zangado, embora o João<sub>j</sub> tenha pedido desculpa.

Em relação às restantes construções, a igual aceitação da interpretação de correferência e da de disjunção, ilustrada nos exemplos abaixo, é a opção preferida. Estas são também as construções em que a aceitação da interpretação de correferência de sujeitos atinge valores percentuais mais altos. Em relação às estruturas subordinadas adverbiais não integradas à esquerda, embora 50,5% dos informantes aceitem igualmente a leitura de correferência e a de disjunção, 25,2% optam pela obrigatoriamente disjunta e 24,3% pela obrigatoriamente correferente. Verifica-se um comportamento idêntico nas coordenadas disjuntivas.

(186) Ela<sub>i</sub> trabalhou no computador ou a Joana<sub>i/j</sub> leu um livro.

(187) Ele<sub>i</sub> fez um bolo em casa ou o João<sub>i/j</sub> comprou pastéis de Belém.

(188) Uma vez que a Maria<sub>i</sub> gosta de livros, ela<sub>i/j</sub> comprou “Guerra e Paz”.

#### 4. Síntese

Tendo em conta os dados obtidos e descritos neste capítulo, é possível perceber que existem várias diferenças no que concerne as relações referenciais que se estabelecem entre os sujeitos no domínio das frases complexas.

Como foi possível notar ao longo da descrição efetuada nesta secção, os resultados obtidos não mostram uma oposição clara entre estruturas que envolvem coordenação e estruturas que envolvem subordinação adverbial. Pelo contrário, em vários contextos, foi possível, através das diferentes relações referenciais entre os sujeitos, estabelecer distinções no grupo das estruturas coordenadas e no grupo das estruturas subordinadas adverbiais. Com efeito, os dados mostraram que existem propriedades que distinguem a coordenação aditiva das restantes estruturas coordenadas testadas, existem outras que permitem aproximar a coordenação aditiva da subordinação adverbial não integrada à direita, e, finalmente, existem outros aspetos que nos permitem também aproximar as construções coordenadas adversativas das subordinadas adverbiais integradas. Repare-se que, aparentemente, o valor semântico da conjunção / complementador não influencia os

resultados. As adversativas expressam, tal como as concessivas, um valor de contraste, porém, aproximam-se das integradas (causais) e não das não integradas à direita (concessivas).

Na secção seguinte, apresentar-se-á a discussão dos resultados apresentados, que conduzirá a uma proposta com o objetivo de dar conta do comportamento referencial dos sujeitos observado nas diferentes construções em estudo e nos diferentes contextos considerados.

## **5. Discussão dos resultados e consequências relativamente à estrutura das frases coordenadas e subordinadas adverbiais**

Nesta secção, discutir-se-ão os dados descritos anteriormente e apresentar-se-á uma proposta que dê conta dos aspetos observados nestas construções. Assume-se que, na interpretação destas frases, além da influência exercida pelo constituinte em posição de sujeito, relativamente à sua caracterização em termos da Teoria da Ligação, existe também a possibilidade de os informantes recorrerem a outras estratégias, como a criação de um contexto discursivo ou situacional que desambigue a frase, ou a alteração do contorno prosódico que permita uma reinterpretação das estruturas e das propriedades referenciais dos sujeitos nestas construções, como é sugerido pela Hipótese da Prosódia Implícita de Fodor (2002a):

*Implicit Prosody Hypothesis (IPH): In silent reading, a default prosodic contour is projected onto the stimulus, and it may influence syntactic ambiguity resolution. Other things being equal, the parser favors the syntactic analysis associated with the most natural (default) prosodic contour for the construction.* (Fodor 2002a: 2)

Com efeito, Fodor (2002a: 2) refere que “whenever experimental materials are presented visually, there is a risk that processing outcomes will be affected by mentally projected prosody.” A autora assume também que “Prosody is not always overt. Implicit prosody is assigned even during silent reading, apparently influencing the preferred interpretation of some sentences.” (*op. cit.*: 7). Desta forma, Fodor (*op. cit.*: 5) sugere que não é possível analisar de forma segura os dados obtidos numa tarefa de leitura silenciosa sem que se considere o papel da prosódia implícita. Assim, e considerando que a Tarefa de Juízo de Referência foi realizada em leitura silenciosa, podemos assumir que, quando

confrontados com estruturas ambíguas, os informantes optaram por projetar o contorno prosódico que mais facilmente permitiria criar contextos, discursivos ou situacionais, que possibilitassem interpretações associadas a frases bem-formadas e, dessa forma, desambiguar a construção.

Deste modo, assumir-se-á que a estrutura atribuída a estas construções é influenciada por vários fatores, especialmente, pelos Princípios da Teoria da Ligação, pela Prosódia Implícita, pelo eventual contexto discursivo ou situacional que o informante associa à frase, etc. Tendo em conta que os resultados observados nos mostram alguns comportamentos que não eram esperados, e dada a oscilação de juízos manifestada pelos informantes, terá de ser considerada a influência que alguns aspetos, além da Teoria da Ligação, podem ter na definição das configurações estruturais destas frases.

Apresenta-se, de seguida, a discussão dos resultados relativos às frases subordinadas adverbiais e, posteriormente, as propriedades observadas em relação às construções coordenadas e as suas consequências. Iniciar-se-á a discussão com as construções subordinadas adverbiais, uma vez que a estrutura destas frases e as relações de correferência que se estabelecem entre sujeitos têm sido estudadas na literatura para várias línguas (Reinhart 1983, e.o.) e também para o Português (Lobo 2003, 2013).

## **5.1. Estruturas Subordinadas Adverbiais**

Tendo em conta as propostas clássicas adotadas para as estruturas subordinadas adverbiais, discutem-se os resultados obtidos para estas construções. Os gráficos apresentados nas secções anteriores mostram a existência de algumas diferenças que podem corresponder a diferentes graus de integração e decorrem da posição da adverbial em relação à frase matriz.

### **5.1.1. Estruturas Subordinadas Adverbiais integradas e não integradas**

Como foi referido no Capítulo II, Lobo (2003), através da aplicação ao PE de testes propostos para outras línguas, define a existência de duas classes sintáticas de adverbiais. O comportamento das adverbiais em relação a testes de clivagem, escopo de negação ou partículas de foco, etc., é o que determinará o grau de integração das estruturas, visto que as adverbiais não integradas rejeitam todos estes testes. A autora

refere também que, no grupo das adverbiais não integradas, é possível ainda identificar “uma subclasse de estruturas mais destacadas, as adverbiais de enunciação.” (Lobo 2003: 240).

O presente trabalho tomou como objeto de estudo estruturas com *porque*, *embora* e *uma vez que*. Lobo (2003, 2013) inclui as estruturas com *porque* no grupo de construções subordinadas causais<sup>37</sup> integradas; as adverbiais com *uma vez que* no grupo das subordinadas causais e explicativas não integradas; e as orações concessivas com *embora* no grupo das subordinadas adverbiais não integradas<sup>38</sup>.

A autora coloca também a hipótese de que a distinção entre estruturas adverbiais integradas e não integradas esteja relacionada com traços inerentes aos conectores, e propõe que “O estatuto sintático e discursivo das duas classes de adverbiais estaria de certa forma relacionado com propriedades lexicais dos seus conectores.” Lobo (2003: 182). Assim, a autora assume que os conectores das orações não integradas têm os valores [pressuposicional] e [conforme às expectativas] especificados positivamente no léxico, diferentemente dos das orações integradas, que têm estes valores subespecificados, e, por esse motivo, a sua ocorrência em diversos contextos discursivos é possível (cf. Lobo 2003: 183).

Tendo em conta as propriedades associadas a estas construções, e as que distinguem orações integradas de não integradas, retomam-se, de seguida, os gráficos apresentados nas secções anteriores e discutem-se as conclusões que se podem retirar dos mesmos, face ao que está descrito na literatura.

#### **5.1.1.1. Estruturas Subordinadas Adverbiais integradas**

De forma a proceder à análise das frases em estudo, comparemos os dados do teste 1 e do teste 2, que diferem entre si pelo facto de integrarem conjuntos de frases complexas em que o sujeito do segundo termo frásico é omitido (teste 1) ou se encontra realizado (teste 2).

---

<sup>37</sup> Lobo inclui as orações com *porque* também no grupo de orações explicativas.

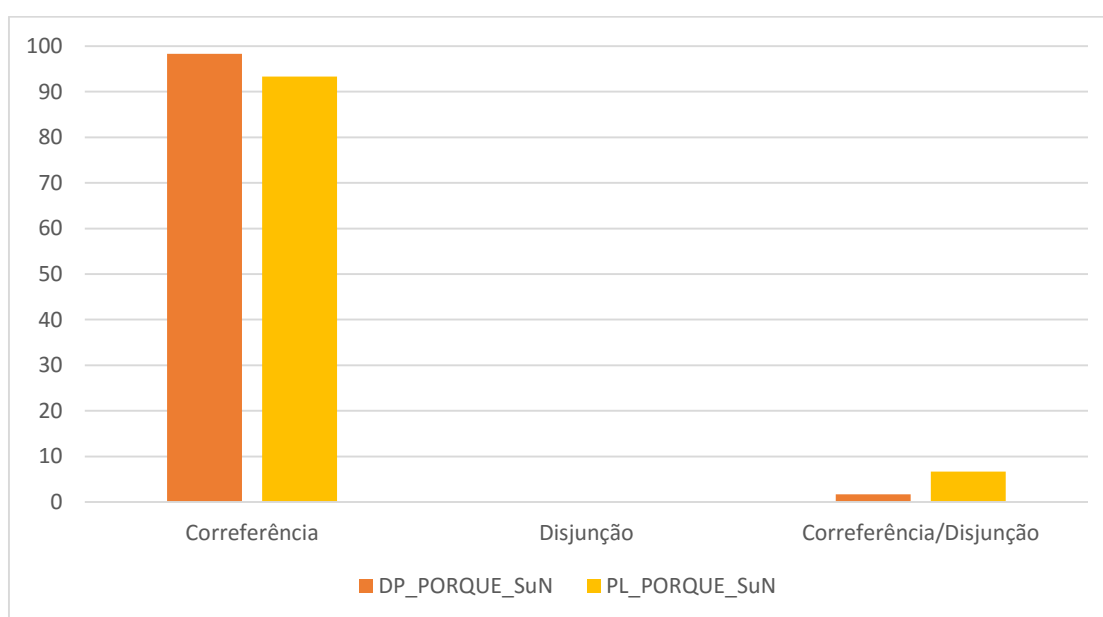
<sup>38</sup> A autora faz ainda a distinção entre orações subordinadas adverbiais concessivas factuais e não factuais (ou condicionais-concessivas). A autora define estas estruturas da seguinte forma: “Nas primeiras [concessivas factuais], a situação descrita na oração subordinada é apresentada como sendo verdadeira; nas segundas [concessivas não factuais], a situação descrita na oração subordinada não é assumida como verdadeira, tendo antes um valor hipotético ou contrafactual.” (Lobo 2013: 2015).

Apresentar-se-ão primeiramente os resultados obtidos com o teste 1. O objetivo deste teste foi confirmar que, em construções em que o sujeito da frase matriz é realizado e o da frase adverbial é nulo (vejam-se (189) e (190)), tal como descrito na literatura, a interpretação preferencial é a de correferência.

(189) Ele jantou às 23.00 porque saiu tarde do trabalho.

(190) O Pedro jantou às 23.00 porque saiu tarde do trabalho.

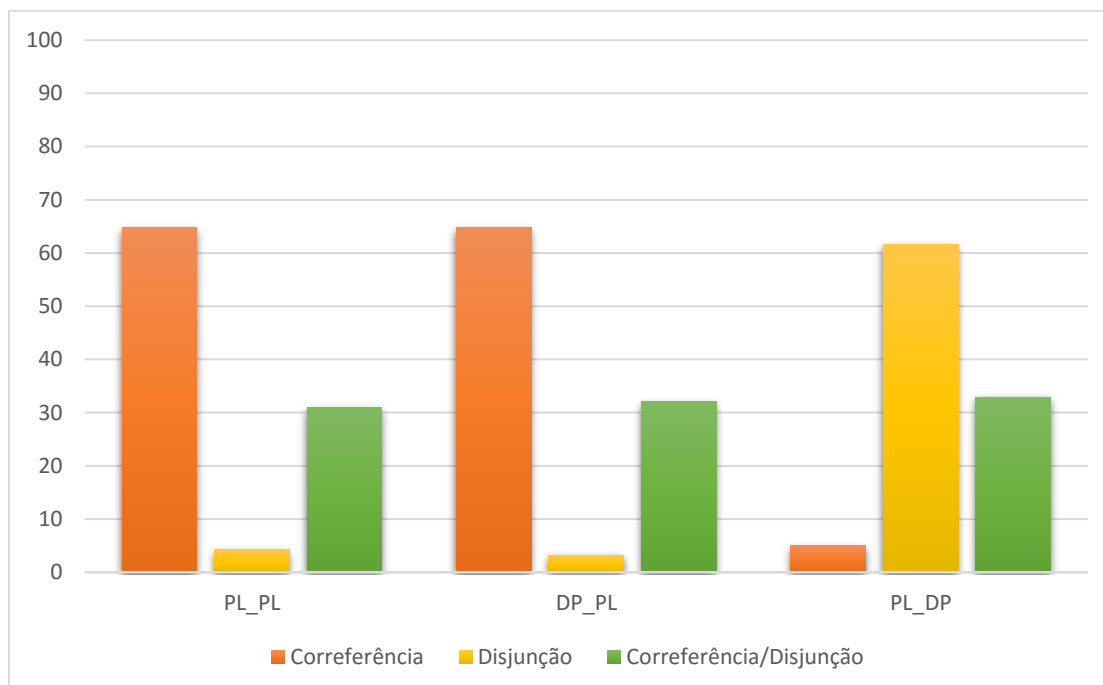
Apresenta-se, de seguida, o gráfico que ilustra os juízos dos sujeitos para esta condição:



**Gráfico 12 - Resultados do teste 1: Frases Subordinadas Adverbiais integradas**

Verifica-se, através da observação dos dados apresentados no gráfico 12, que em construções subordinadas adverbiais integradas em que o sujeito da oração adverbial é nulo, a interpretação claramente preferencial dos informantes é a de correferência. Deste modo, assumimos, que tal como descrito na literatura relevante, a posição de sujeito nulo, nas frases adverbiais, é preenchida por *pro*. Além disso, os dados obtidos com este primeiro teste sugerem a existência de uma relação de c-comando do sujeito da matriz, face ao da adverbial, quando a frase é interpretada com um valor causal (não explicativo) e, por isso, integrada. Porém, apenas com os dados do segundo teste será possível confirmar esta relação.

Considere-se seguidamente os resultados do teste 2. Tendo em conta a hipótese da existência de uma relação de c-comando, apresentam-se os resultados obtidos para as frases subordinadas adverbiais integradas em que os sujeitos são ambos realizados.



**Gráfico 13 – Referência dos Sujeitos em Estruturas Subordinadas Adverbiais integradas**

A análise dos resultados relativos às frases subordinadas adverbiais integradas mostra-nos que a interpretação (correferente ou disjunta) associada às frases estará dependente do tipo de sujeito da oração subordinada.

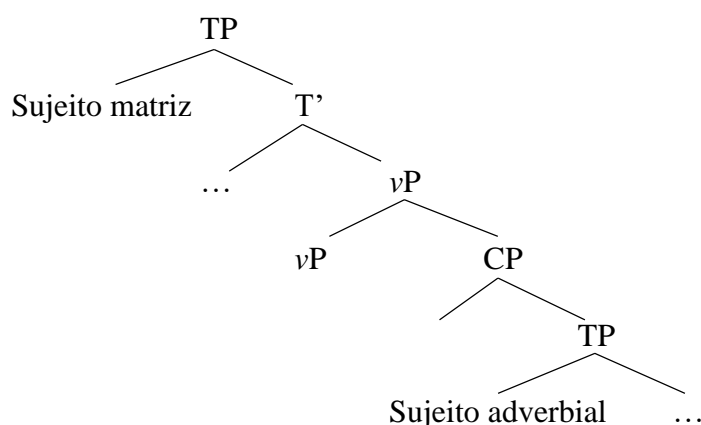
Em frases em que o sujeito da subordinada é uma expressão referencial, verifica-se uma preferência por interpretações disjuntas. Esta preferência por interpretações disjuntas sugere a existência de efeitos do Princípio C da Teoria da Ligação e, consequentemente, confirma a existência de uma relação de c-comando do sujeito da oração matriz sobre o sujeito da oração adverbial.

Nas construções em que o sujeito da subordinada é um pronome lexical, verifica-se uma clara preferência por leituras de correferência. Esta preferência não contraria o Princípio B da Teoria da Ligação, uma vez que, de acordo com este princípio, o pronome pode ser ou não ligado, fora do seu domínio frásico mínimo. A preferência por interpretações de correferência em estruturas em que o sujeito da adverbial é realizado por um pronome lexical mostra, no entanto, que o Princípio Evitar Pronome não se

verifica de uma forma obrigatória, visto que, caso fosse obrigatório, nestas construções a leitura preferencial seria a de disjunção.

Deste modo, considerando as propriedades que foram observadas para estas construções, apresenta-se em (191) a representação estrutural que dá conta destes aspetos:

(191) Configuração estrutural de frases subordinadas adverbiais integradas (*porque*)



Contudo, como explicar que, apesar de os efeitos do Princípio C se fazerem sentir, alguns falantes assumem que, quando o segundo sujeito é uma expressão referencial, pode haver correferência entre os sujeitos (a par da referência disjunta)?

Tendo em conta que as orações com *porque* são incluídas no conjunto de adverbiais integradas causais e também no de adverbiais não integradas explicativas, colocamos a hipótese de, através do recurso à Prosódia Implícita, as frases em teste (integradas causais) terem sido reinterpretadas, por alguns falantes, como não integradas. Assim, considerando que alguns informantes podem ter assumido implicitamente a existência de uma quebra entoacional entre a oração matriz e a oração adverbial, e, dessa forma, podem ter interpretado as frases como não integradas explicativas (Colaço e Matos 2016), consideramos que, de forma a obter resultados mais seguros, em trabalhos futuros, será necessário construir um teste em que se confrontem frases com *porque* sem vírgula, tal como neste teste, e outras graficamente assinaladas por vírgula, marcando, assim, claramente a diferente natureza das frases adverbiais testadas.

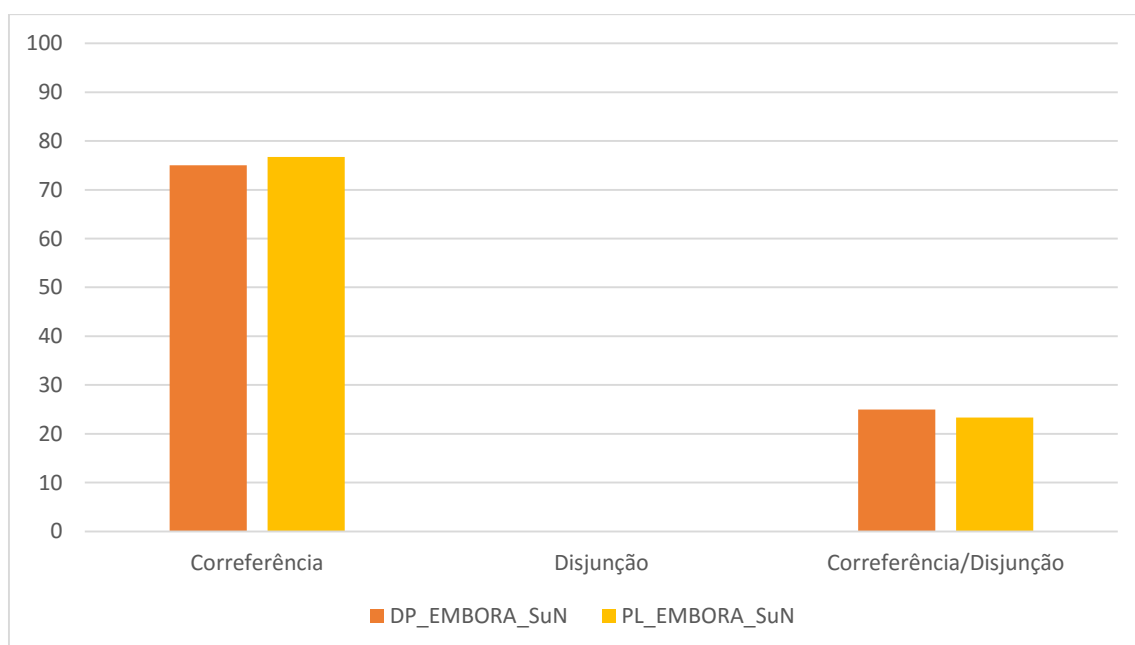


### 5.1.1.2. Estruturas Subordinadas Adverbiais não integradas à direita

O primeiro teste realizado mostrou que também no que concerne frases como as que se apresentam em (192) e (193), em que o sujeito da frase matriz é realizado mas o da frase adverbial é nulo, a interpretação preferida é a de correferência, tal como se verifica no gráfico 14.

(192) Ela comprou um bolo, embora estivesse a fazer dieta.

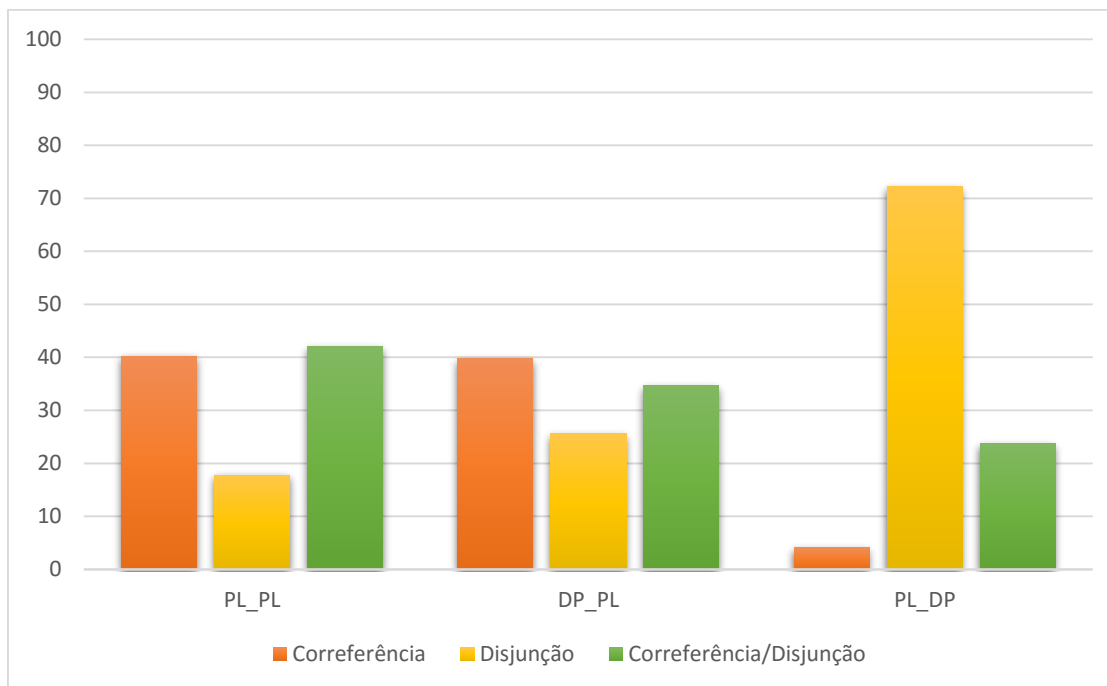
(193) A Mariana comprou um bolo, embora estivesse a fazer dieta.



**Gráfico 14 - Resultados do teste 1: Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à direita**

Sugere-se que nestas construções, tal como ocorre nas subordinadas adverbiais integradas, por se verificar a preferência por leituras de correferência, possa existir uma relação de c-comando do sujeito da matriz em relação ao sujeito da adverbial, tal relação poderá ser confirmada com os dados da segunda tarefa. Tendo em conta os resultados, e também aquilo que é descrito na literatura, assumimos que a posição de sujeito da oração adverbial corresponde a *pro*.

Tendo em conta esta propriedade, proceder-se-á à análise das estruturas em que ambos os sujeitos são realizados. Apresentam-se, no gráfico 15, os resultados referentes a estas construções.



**Gráfico 15 – Referência dos Sujeitos em Estruturas Subordinadas Adverbiais não integradas à direita**

Os dados obtidos relativamente às frases subordinadas adverbiais não integradas à direita são também heterogêneos, principalmente nas estruturas em que o sujeito da oração adverbial é um pronome realizado.

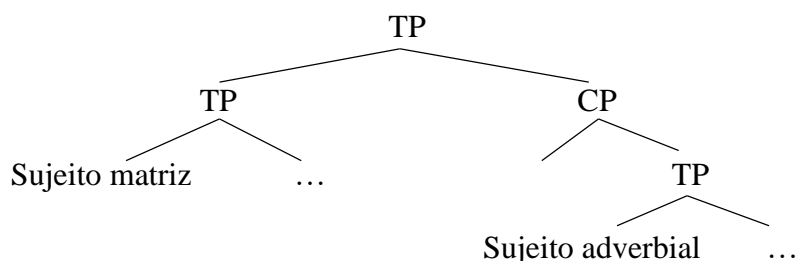
Em frases em que o sujeito subordinado é uma expressão referencial, verifica-se uma preferência muito clara por leituras disjuntas, o que confirma a existência de uma relação de c-comando do sujeito da matriz sobre o sujeito da adverbial. Esta relação de c-comando mostra que, embora estas estruturas sejam periféricas / não integradas, não são parentéticas, uma vez que, se o fossem, o c-comando seria bloqueado. Porém, em construções em que esta mesma posição é preenchida por um pronome lexical, dependendo do constituinte que se encontra na primeira posição de sujeito, a interpretação pode variar: se o sujeito da oração matriz corresponder a um pronome lexicalmente realizado, então um maior número de informantes irá aceitar simultaneamente a leitura de correferência e de disjunção, embora um número considerável opte pela aceitação apenas da leitura de correferência; em frases em que o sujeito da oração matriz é realizado como uma expressão plena, a interpretação preferida irá ser de correferência, embora um número considerável de informantes opte pela aceitação simultaneamente da leitura de disjunção e de correferência.

Tal como referido anteriormente para as estruturas subordinadas adverbiais integradas, a possibilidade de correferência nestas construções estará relacionada com o Princípio B, com o facto de não ser obrigatório cumprir o Princípio Evitar Pronome, ou

ainda com a possibilidade de, de alguma forma, o sujeito ser focalizado / enfatizado (Prosódia Implícita, Fodor 2002a, b). Assumimos que esta variabilidade nos juízos dos informantes também poderá estar relacionada com o menor grau de integração da oração adverbial face à matriz, isto é, em algumas frases a adjunção da adverbial pode ocorrer em diferentes níveis e, por isso, permitir diferentes interpretações. Porém, esta hipótese não será explorada neste estudo e será, por isso, objeto de trabalhos futuros.

Tendo em conta as propriedades descritas, apresenta-se, de seguida, a representação estrutural para estas frases:

(194) Configuração estrutural de frases subordinadas adverbiais não integradas à direita

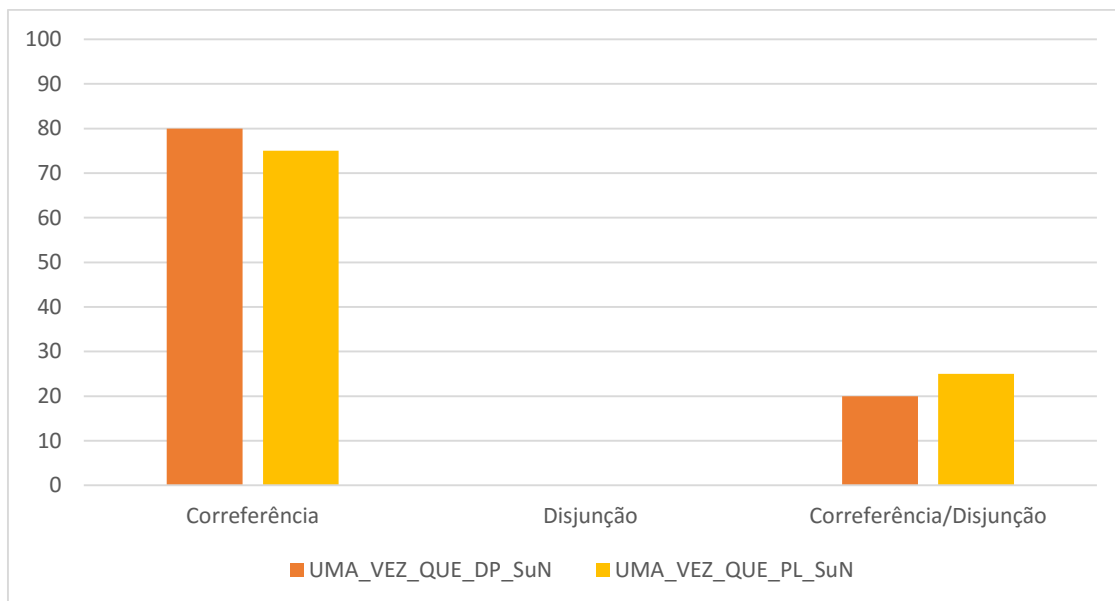


De notar que, nesta configuração, ainda que o CP seja periférico, relativamente à predicação expressa pela frase principal, não deve ser caracterizado com o traço parentético, uma vez que os dados revelam, tal como referido anteriormente, que existe uma relação de c-comando do sujeito da frase matriz sobre o da frase adverbial.

### 5.1.1.3. Estruturas Subordinadas Adverbiais não integradas à esquerda

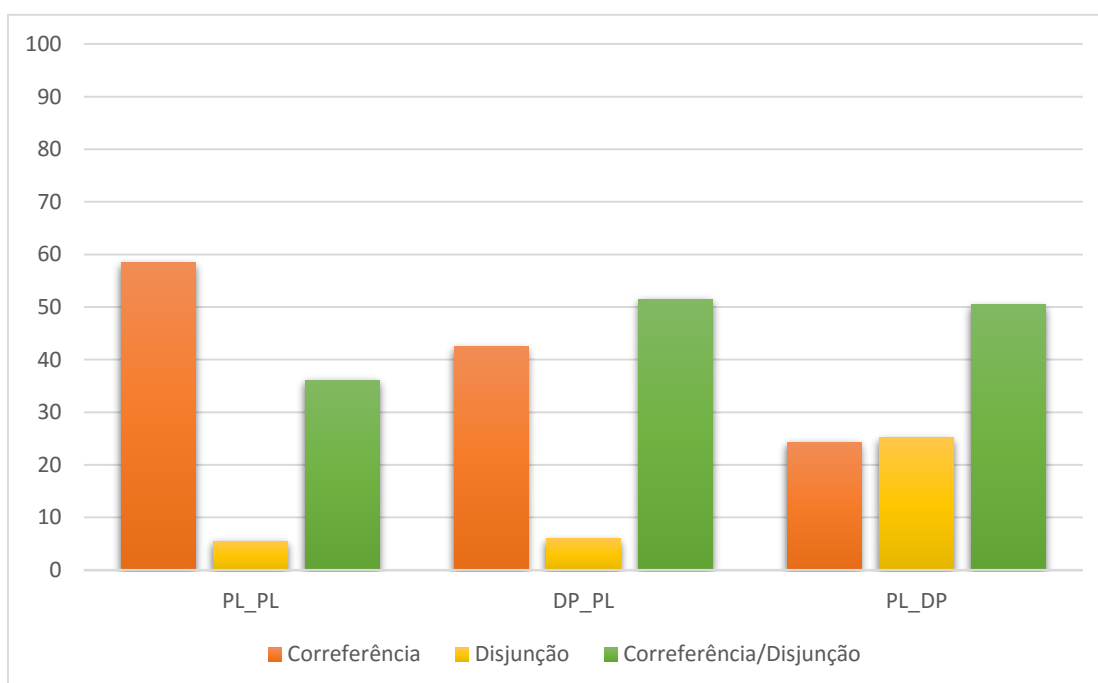
Também no caso das estruturas subordinadas adverbiais não integradas à esquerda se verifica a preferência por interpretações de correferência em construções em que o sujeito da oração matriz é omitido (veja-se (195)). Apresenta-se abaixo o gráfico que ilustra os juízos dos informantes.

(195) Uma vez que ela gosta de livros, comprou “Guerra e Paz”.



**Gráfico 16 - Resultados do teste 1: Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à esquerda**

Assim, tal como foi feito para as construções anteriores, tomar-se-á como ponto de partida estes dados obtidos com o teste 1 e proceder-se-á à análise das construções em que ambos os sujeitos são realizados. Os resultados obtidos, e também aquilo que está descrito na literatura, levam-nos a assumir que o sujeito nulo nestas construções corresponde a *pro*. Apresentam-se no gráfico 17 os resultados obtidos.



**Gráfico 17 – Referência dos Sujeitos em Estruturas Subordinadas Adverbiais Não Integradas à esquerda**

Os juízos dos informantes relativamente a estas frases mostram-se bastante heterogêneos, sendo que é possível que tal se deva à ausência de efeitos de c-comando entre os sujeitos, tal como referido em Brito (2003) e Lobo (2003): com efeito, pelos resultados obtidos na condição PL\_DP, verifica-se que não há preferência por uma interpretação disjunta ou por uma interpretação de correferência do DP da frase raiz sobre o PL que ocorre na subordinada anteposta.

Na condição PL\_PL, os informantes preferem a leitura de correferência, embora a interpretação correferente/disjunta seja escolhida por quase 40% dos informantes; assume-se que esta escolha se pode dever ao eventual paralelismo que se verifica entre o conteúdo das duas proposições que constituem a frase complexa. Os resultados relativos à condição DP\_PL mostram que, embora aproximadamente 50% dos informantes aceitem igualmente a leitura de correferência e de disjunção, mais de 40% preferem a interpretação de correferência. Porém, a interpretação apenas disjunta do pronome realizado na oração matriz corresponde à opção de um número muito reduzido de informantes.

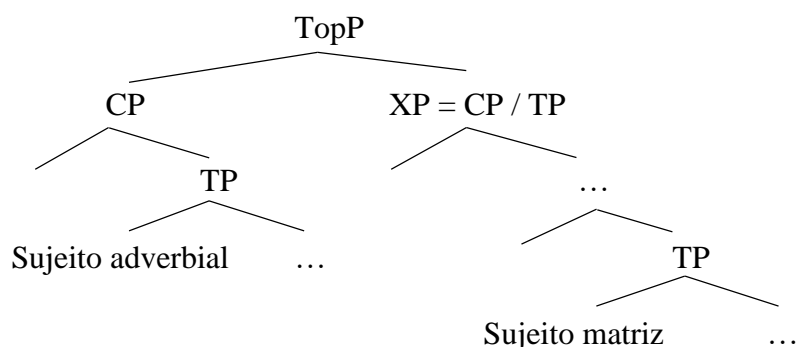
Através da análise dos dados acima apresentados, conclui-se que, tal como descrito na literatura, as estruturas adverbiais integradas diferem das não integradas, mas que as não integradas também são distintas entre si. Com efeito, tendo em conta os dados obtidos com a tarefa realizada, verifica-se que as estruturas adverbiais não integradas à direita – tal como as integradas – manifestam efeitos de c-comando do sujeito da matriz sobre o sujeito da adverbial. Diferentemente, nas construções subordinadas adverbiais não integradas à esquerda, os informantes aceitam igualmente a leitura de correferência e a de disjunção.

A ausência de c-comando do sujeito em frases adverbiais não integradas à esquerda (cf. Uma vez que o João<sub>i</sub> sai tarde, ele<sub>i</sub> chega atrasado.) parece prender-se com os traços [+ pressuposicional] e [+ conforme às expectativas] desta adverbial, tal como proposto por Lobo (2003: 183), que admite que estas construções são basicamente geradas numa posição alta, na periferia esquerda da frase matriz (Lobo 2002, 2003). Assumimos que estas se podem aproximar dos casos de topicalização, tratados em Duarte (2003), em que a posição de especificador de TopP acolhe constituintes topicalizados basicamente gerados. Para as frases adverbiais, esta posição é a adotada por autores, como Valmada (2009). Assim, e tendo em conta o que os resultados da tarefa realizada nos mostram, assumimos que a oração adverbial deve ser inserida diretamente na periferia

esquerda em especificador de TopP, de forma a dar conta do comportamento referencial observado.

Assim, consideramos que a configuração sintática que dá conta do comportamento destas frases será tal como se apresenta em (196):

(196) Configuração estrutural das frases subordinadas adverbiais não integradas à esquerda



### 5.1.2. Estruturas Subordinadas Adverbiais não integradas à direita e à esquerda

De acordo com Lobo (2003: 180), a posição das orações adverbiais (inicial ou final) influencia a sua interpretação, tal como havia sido notado por Cinque (1999) em relação aos adjuntos não oracionais. Assim, a autora assume que a adverbial em posição inicial corresponde “a um elemento que fornece as coordenadas de uma dada situação (*background*) ou que é topicalizado (correspondendo, portanto, a informação dada), mas não pode ser o elemento novo, i.e. o foco.” e que a adverbial em posição final, se for integrada, “pode ser o foco, ou pode constituir parte do foco. Não pode ser o tópico.” (Lobo 2003: 180).

Considerando o descrito na literatura, é também esperada a ausência de c-comando nas adverbiais não integradas à esquerda. No caso das subordinadas adverbiais não integradas à direita, diferentemente daquilo que é referido em Lobo (2003: 195) (cf. “(...) as adverbiais não periféricas à direita parecem ocupar posições baixas, uma vez que estão sob o domínio de c-comando do sujeito matriz, da negação, e de operadores de foco. As adverbiais periféricas à direita parecem ocupar posições mais altas, uma vez que escapam ao domínio de c-comando destes elementos”), verificam-se efeitos de c-

comando do sujeito da frase raiz em relação à adverbial, uma vez que mais de 70% dos informantes optam pela interpretação de disjunção dos sujeitos na condição PL\_DP.

Também nas restantes condições se verificam diferenças entre as orações não integradas à direita e à esquerda. Em construções não integradas à esquerda, com ambas as posições de sujeito realizadas por pronomes lexicais, cerca de 58% dos informantes optam pela interpretação de correferência, ao passo que em orações não integradas à direita com a mesma condição, os juízos se dividem: 42% aceitam leituras de correferência e de disjunção e 40,2% preferem apenas correferência. Nas estruturas não integradas à esquerda com a condição DP\_PL, 51,5% dos informantes aceitam a leitura de correferência e de disjunção, embora 42,5% apenas aceitem correferência, o que decorre do facto de o segundo sujeito não c-comandar o primeiro<sup>39</sup>; nas construções não integradas à direita, mais uma vez, os juízos dividem-se: 39,7% preferem a interpretação de correferência; 34,7% aceitam igualmente a leitura de correferência e a de disjunção; e 25,6% escolhem a leitura disjunta.

Assim, verifica-se que existe bastante variação nos juízos dos informantes, o que, de certa forma, se pode considerar que é esperado, visto que se trata de estruturas não integradas. Consideramos que uma hipótese que poderá dar conta desta oscilação é a existência de diferentes graus de integração dentro do grupo das estruturas não integradas, ou seja, em alguns casos a adjunção é feita ao nível de TP, e, de acordo com a interpretação de outro grupo de informantes há também a possibilidade de adjunção ao nível de vP. Além disso, terá sempre de ser tida em conta a possível influência de outros fatores já referidos, que interferem com a intervenção dos Princípios da Teoria da Ligação.

## 5.2. Estruturas Coordenadas

Tendo em conta o descrito nas secções 3.2.1, 3.2.2. e 3.2.3., é possível perceber que as relações referenciais que se estabelecem entre os sujeitos nas estruturas coordenadas em estudo não são homogêneas. De forma a melhor entender estas diferenças, retomam-se agora os gráficos relativos a estas construções. De notar que, no que concerne as representações estruturais, se assume que, na coordenação integrada, a

---

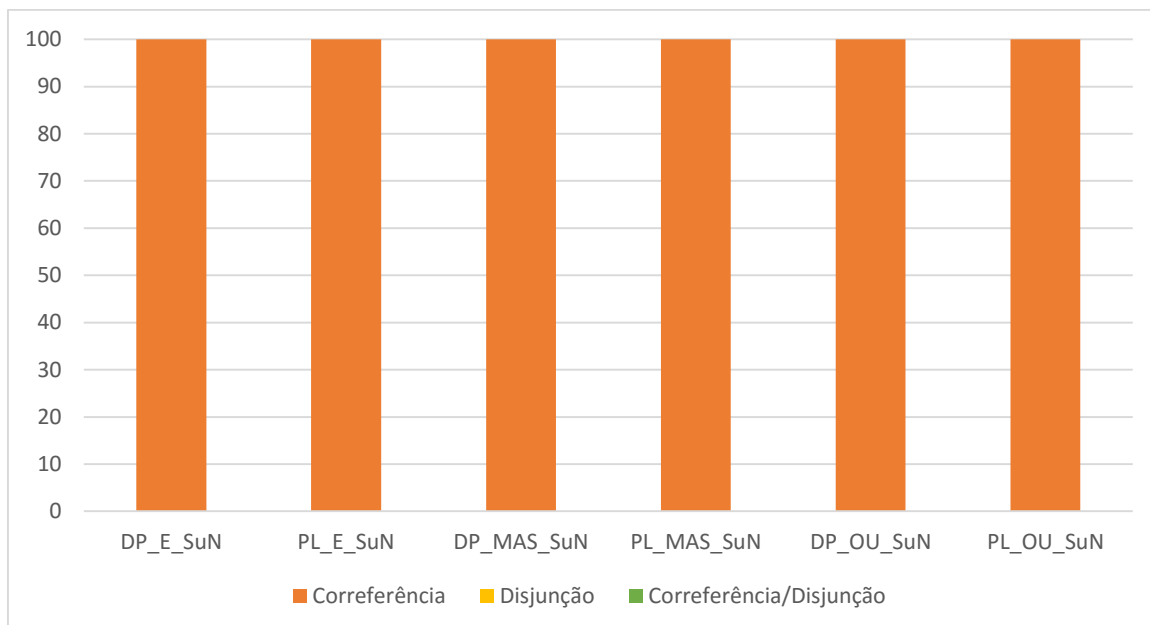
<sup>39</sup> Aqui, e doravante, a referência a “primeiro” e “segundo” sujeito, nas orações adverbiais não integradas à esquerda, está relacionada apenas com a ordem em que os sujeitos surgem na frase, não se tendo em conta aspetos estruturais.

existência de uma relação de c-comando do sujeito do primeiro termo sobre o do segundo se torna possível devido à natureza subespecificada de Conj e à operação *Agree* (Matos 1997, 2000, e.o.). Desta forma, tal como Matos e Colaço (2013: 18) referem que a projeção ConjP é interpretada como um segmento da categoria do primeiro termo coordenado e ambos os segmentos contam como uma categoria, o que possibilita que entre os sujeitos se estabeleça a referida relação estrutural.

### **5.2.1. Relações referenciais entre os Sujeitos de Estruturas Coordenadas Aditivas**

A análise dos resultados que se apresenta em seguida baseia-se nos resultados obtidos com o teste 1 e com a tarefa de tipo experimental do teste 2. A sua observação mostra-nos que, em construções em que o segundo sujeito não é realizado, a única interpretação possível em frases coordenadas aditivas é a de correferência, tal como se verifica pelos resultados do gráfico 10. Como foi referido anteriormente, assumimos que a não realização do sujeito no segundo termo coordenado decorre de extração *across-the-board*. Embora no âmbito do presente trabalho, esta questão não seja aprofundada, seguimos a perspetiva na linha de Nunes (1995, 2001, 2004), que já apresentámos, de acordo com a qual a configuração de sujeitos *across-the-board* implica o movimento de um constituinte que é inserido uma única vez na estrutura e que, durante a derivação sintática, se move (através de movimento lateral, *sideward movement*) para especificador do TP correspondente ao primeiro termo coordenado, deixando, na posição de especificador do TP correspondente ao segundo termo coordenado, uma cópia-A, que é por ele c-comandada. A obrigatoriedade da interpretação de correferência dos sujeitos decorre naturalmente desta análise.

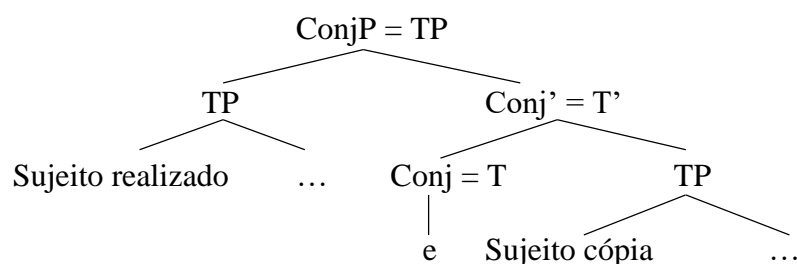




**Gráfico 18 - Resultados do teste 1: Frases Coordenadas**

Tal como se verifica no gráfico 18, os informantes, em todas as construções coordenadas em teste, consideram a interpretação de correferência como a única possível. Assim, assume-se que a representação estrutural associada a este tipo de construções será tal como se apresenta abaixo:

(197) Configuração com sujeitos extraídos *across-the-board* em frase coordenada aditiva<sup>40</sup>



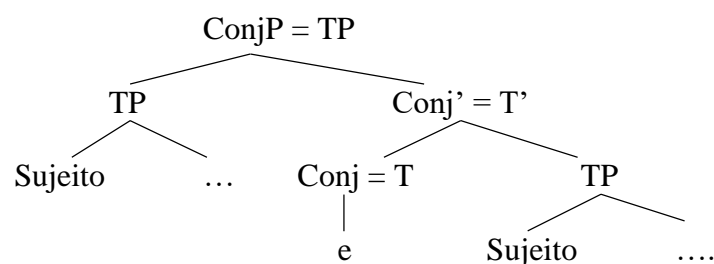
Diferentemente do que acontece no teste 1, nas estruturas que compõem a tarefa do teste 2, os sujeitos do segundo termo coordenado são sempre realizados, e por isso,

<sup>40</sup> Apresentamos esta estrutura por considerarmos que, como já referimos, para se obterem efeitos ATB, não é necessário que haja um constituinte exterior à configuração estrutural, uma vez que se considera que, nas estruturas de coordenação, o primeiro termo e a projeção que o encabeça são projeções da mesma natureza e, por isso, é possível obter efeitos ATB quando um constituinte do primeiro termo coordenado comanda uma categoria vazia no segundo termo.

admite-se a hipótese de que as interpretações sejam de disjunção, ou preferencialmente de disjunção, caso exista uma relação de c-comando do primeiro sujeito sobre o segundo, tal como é sugerido pelos dados obtidos no pré-teste.

**Gráfico 19 – Referência dos Sujeitos em Estruturas Coordenadas Aditivas**

Apresenta-se, de seguida, uma representação estrutural que se considera refletir os resultados obtidos na tarefa de natureza experimental realizada.



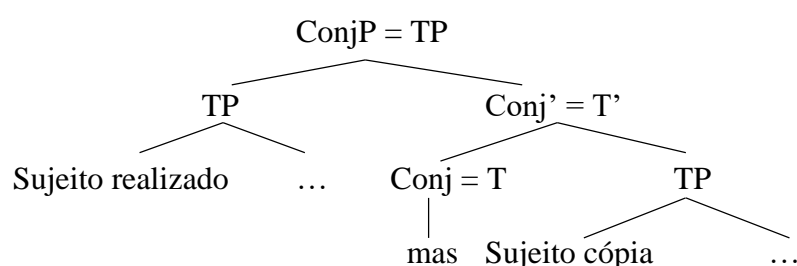
Assim, as estruturas de coordenação aditiva apresentam um comportamento que sugere a existência de uma relação de c-comando do primeiro sujeito sobre o do segundo termo coordenado, mostrando, desta forma, um padrão conforme o previsto na literatura, tendo em conta as representações apresentadas para a coordenação integrada.

Note-se que, tal como referido, o comportamento referencial mostra uma relação de c-comando do sujeito do primeiro termo sobre o do segundo, porém, diferentemente daquilo que era esperado, em frases em que o segundo sujeito é um pronome, a aceitação preferencial é por interpretações de apenas correferência, ou de correferência e disjunção simultaneamente, mostrando que a aplicação do Princípio Evitar Pronome não apresenta um carácter obrigatório.

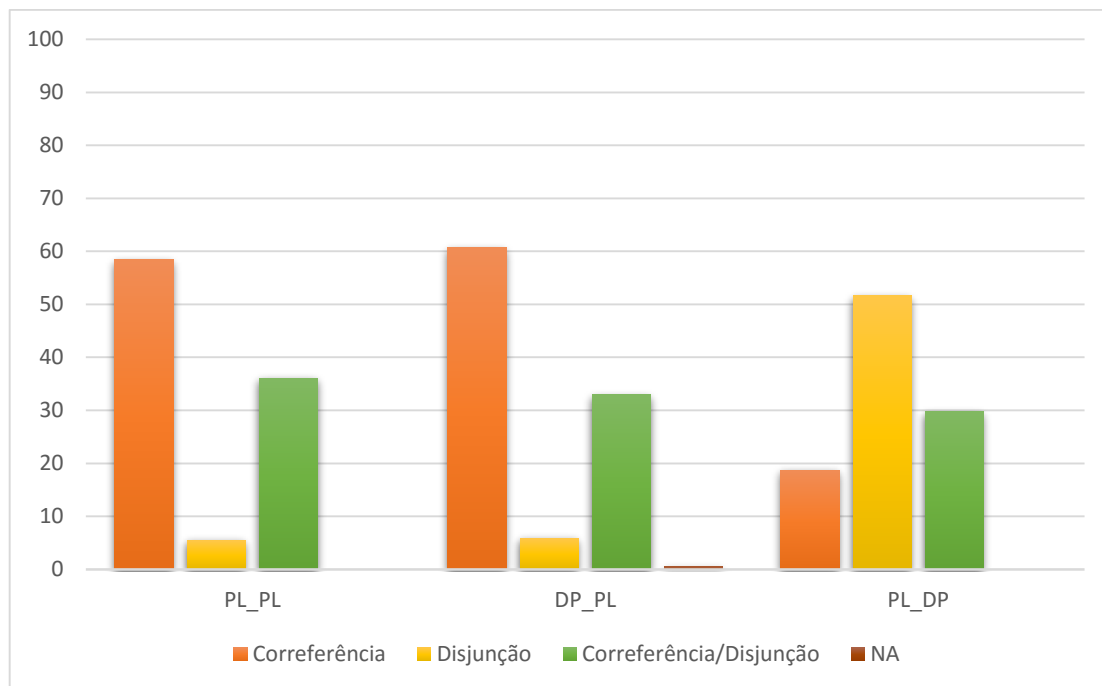
### 5.2.2. Relações referenciais entre os Sujeitos de Estruturas Coordenadas Adversativas

Considerando de novo os dados do pré-teste, também nestas estruturas se pode assumir que, em construções em que o segundo sujeito é nulo e o primeiro realizado, existe movimento *across-the-board*, que sugere que o sujeito omitido é uma cópia c-comandada pelo sujeito realizado em posição elevada na estrutura coordenada.

(199) Configuração com sujeitos extraídos *across-the-board* em frase coordenada adversativa



Retoma-se agora o gráfico referente às construções testadas com sujeitos realizados no segundo termo coordenado.



**Gráfico 20 – Referência do sujeito em Estruturas Coordenadas Adversativas**

Os resultados da tarefa realizada com sujeitos realizados mostram que quando o segundo sujeito é realizado sob a forma de uma expressão referencial (PL\_DP), os juízos dos informantes mostram maior oscilação, porém a interpretação preferida é a disjunta, o que evidencia a presença de uma relação de c-comando do sujeito primeiro do primeiro termo coordenado sobre o do segundo e de efeitos do Princípio C.

Assim, os dados referentes a construções em que o segundo sujeito é omitido, e também os que mostram efeitos do Princípio C, apontam para que as representações das construções adversativas sejam integradas. Contudo, face aos resultados obtidos para a coordenação aditiva, é de notar que a interpretação de disjunção nas adversativas não é tão expressiva.

Nas construções adversativas, há uma preferência expressiva pela correferência com pronomes realizados no segundo termo coordenado, independentemente de o antecedente no 1º termo coordenado ser um PL ou um DP. Assume-se que esta preferência indica que a coordenação opera ao nível do CP (cf. (200) (ii)).

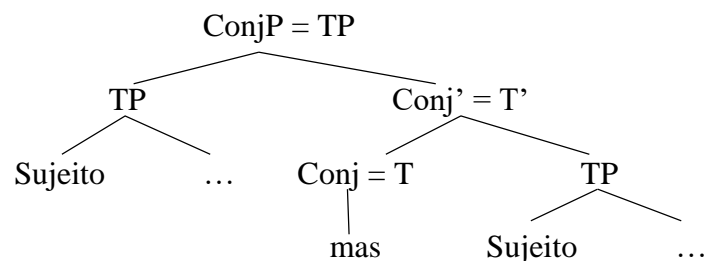
Considerando a variação de interpretações na condição PL\_DP, colocam-se, por isso, como hipóteses: (i) que os falantes, a par da interpretação de coordenação integrada, admitem a possibilidade de existência de uma coordenação menos integrada, que poderá estar relacionada com o nível a que se processa a coordenação – neste caso, os termos coordenados podem ser projeções que incluem o próprio sujeito (CP em vez de TP); ou

(ii) que poderá existir uma interpretação de coordenação não integrada parentética, sendo que, neste caso, o núcleo parentético cancela os efeitos de c-comando do primeiro termo coordenado (a frase hospedeira). Esta interpretação poderia inclusivamente explicar o facto de as estruturas adversativas por vezes serem graficamente antecedidas pela colocação de vírgula (veja-se Cunha e Cintra (1984: 643)).

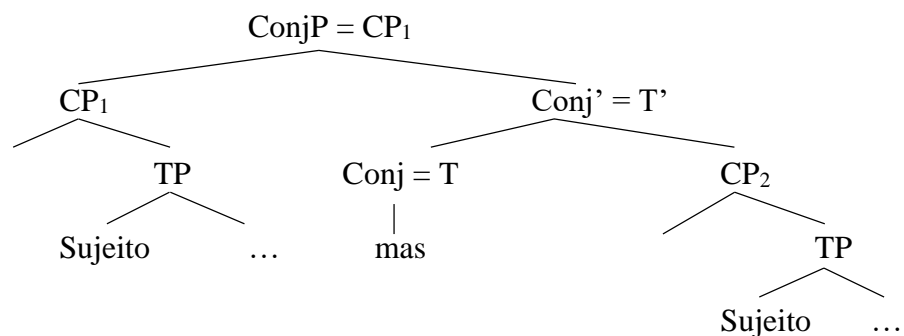
Assim, os dados obtidos em relação às estruturas coordenadas adversativas mostram que a configuração estrutural condiciona o tipo de constituinte que pode surgir em posição de sujeito. Desta forma, para que as configurações reflitam estas preferências, apresentam-se, de seguida, duas estruturas que dão conta destas interpretações.

(200) Representações estruturais das estruturas coordenadas adversativas

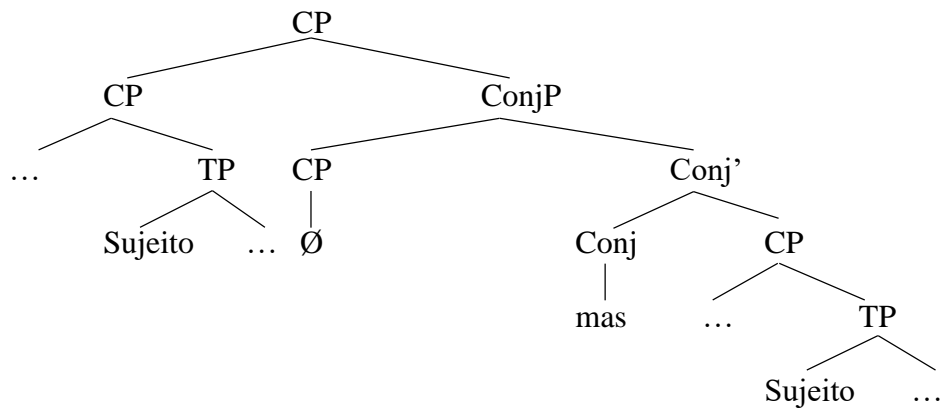
- (i) Coordenadas Adversativas (c-comando do primeiro sujeito sobre o segundo)



- (ii) Coordenadas Adversativas (ausência de c-comando do primeiro sujeito sobre o segundo)



- (iii) Coordenadas Adversativas (ausência de c-comando do primeiro sujeito sobre o segundo) – Representação parentética

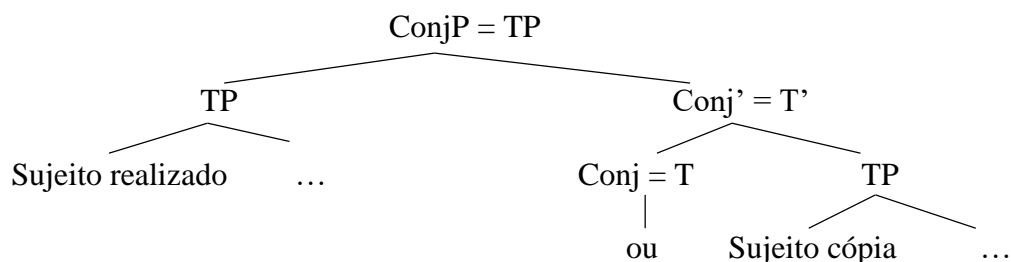


### 5.2.3. Relações referenciais entre os Sujeitos de Estruturas Coordenadas Disjuntivas

Os dados obtidos no pré-teste, referentes às construções coordenadas disjuntivas, mostram-nos que, em estruturas em que o segundo sujeito é nulo, a única interpretação possível será a de correferência dos sujeitos.

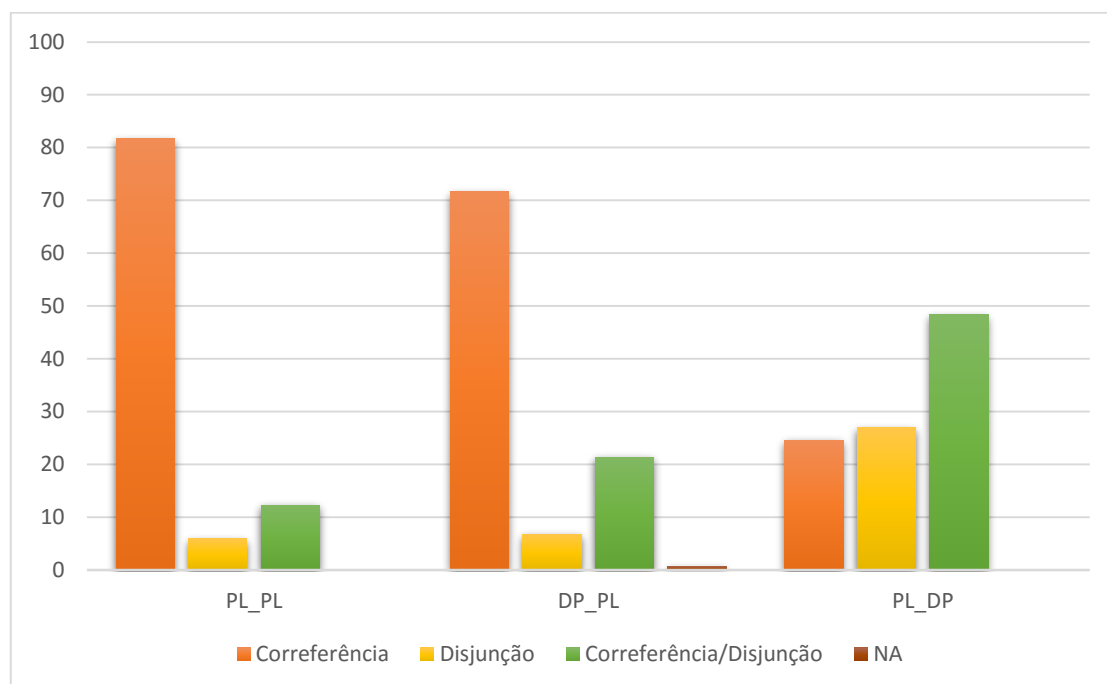
Tendo em conta estes resultados, apresenta-se em (201) a representação estrutural de uma frase com coordenação disjuntiva, admitindo que Movimento ATB ocorreu.

(201) Configuração com sujeitos extraídos *across-the-board* em frase coordenada disjuntiva



Retomando o gráfico referente às estruturas com sujeitos realizados, verifica-se um comportamento distinto daquele que as restantes coordenadas apresentam. Nestas frases, diferentemente das aditivas e das adversativas, não se verifica uma tendência marcada para se verificarem efeitos do Princípio C, o que é visível pelos resultados

obtidos no contexto PL\_DP, uma vez que um número significativo de falantes admite interpretações de correferência entre os sujeitos.



**Gráfico 21 - Referéncia do sujeito em Estruturas Coordenadas Disjuntivas**

No conjunto de condiéées testadas para as estruturas coordenadas disjuntivas, os informantes mostram preferéncia por interpretaéées de correferéncia, sendo que apenas na condiééa PL\_DP aceitam maioritariamente ambas as interpretaéées (correferente e disjunta).

De notar que, face a estruturas com a condiééa PL\_PL, em construéées DP\_PL, há um ligeiro decréscimo pela escolha da leitura correferente. Este resultado não é esperado, uma vez que as expresséées referenciais têm um maior potencial referencial do que os pronomes. Tendo em conta que não se esperaria que tal interpretaééa ocorresse, é necessário considerar a intervenééa de outros fatores nos juízos dos sujeitos.

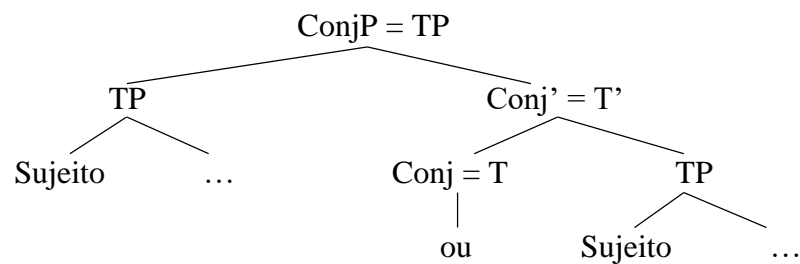
Considerando, tal como referido para as frases coordenadas adversativas, que existe oscilaééa nos juízos dos informantes na condiééa PL\_DP, consideram-se estas leituras como possíveís, se se assumir: (i) que a oraééa que funciona como segundo termo coordenado é interpretada como uma reformulaééa da predicacééa do primeiro termo coordenado, justificando-se assim um valor de énfase / focalizaééa; ou (ii) que há estruturas em que a coordenaééa é interpretada como não integrada, podendo

inclusivamente existir um valor parentético que, possivelmente, impede que se verifiquem os efeitos de c-comando do primeiro termo coordenado sobre o segundo.

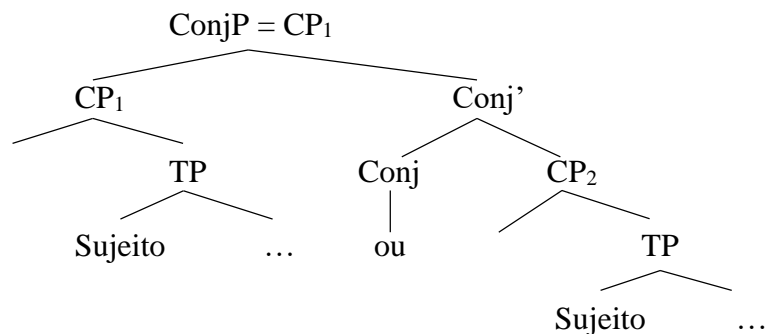
De seguida, apresentam-se as configurações estruturais para este tipo de construção, assumindo que, em construções com a condição PL\_DP, a não preferência por leituras de disjunção poder-se-á dever ao facto de os informantes interpretarem construções disjuntivas como alternativas que serão, mais facilmente, colocadas à mesma pessoa.

(202) Configurações estruturais das frases coordenadas disjuntivas

- (i) Coordenadas Disjuntivas (c-comando do primeiro sujeito sobre o segundo)

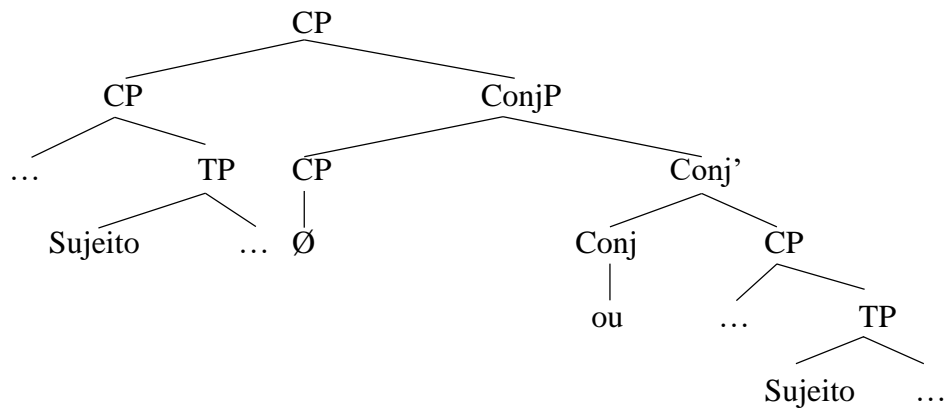


- (ii) Coordenadas Disjuntivas (ausência de c-comando do primeiro sobre o segundo)





- (iii) Coordenadas Disjuntivas (ausência de c-comando do primeiro sujeito sobre o segundo) – Representação parentética



Note-se que, para os falantes que apenas admitem uma interpretação de disjunção, a representação estrutural é tal como se apresenta em (i), para aqueles que interpretam os sujeitos como correferentes, consideram-se como possíveis as configurações em (ii) e (iii); e para os falantes que admitem simultaneamente a leitura de disjunção e a de correferência, existe uma situação de ambiguidade na sua gramática e estão disponíveis as duas estruturas.

### 5.3. Síntese Comparativa – Coordenação

Os resultados dos testes realizados mostraram que nos casos em que o sujeito do segundo termo coordenado é omitido (teste 1), o comportamento dos vários tipos de frases coordenadas é idêntico, uma vez que a opção dos informantes pela interpretação de correferência se verifica em 100% das estruturas em teste. No entanto, analisando os casos em que os sujeitos são realizados, os resultados mostram que, diferentemente do esperado, há ausência de homogeneidade no comportamento referencial dos sujeitos das estruturas de coordenação.

Esta ausência de homogeneidade verifica-se, antes de mais, nos resultados referentes à condição PL\_DP, relevante para estabelecer a existência, ou não, de uma relação de c-comando entre o sujeito do primeiro termo coordenado e o do segundo.

Nas estruturas coordenadas aditivas, os informantes mostram uma preferência clara por interpretações disjuntas, sendo que menos de 2% escolhem a interpretação

correferente e, pouco mais de 10% optam pela aceitação de interpretações de correferência e disjunção.

No caso das estruturas adversativas, na condição PL\_DP, os informantes continuam a mostrar preferência pela interpretação disjunta, embora quase 30% aceitem igualmente interpretações de correferência e de disjunção e quase 20% escolham apenas a leitura de correferência.

As construções coordenadas disjuntivas, em termos de comportamento referencial na condição PL\_DP, dissociam-se das restantes coordenadas, uma vez que não se verifica uma preferência pela interpretação disjunta, mas sim a igual aceitação das interpretações de correferência e de disjunção. A interpretação de disjunção é escolhida por 27% dos informantes e aproximadamente 25% optam pela leitura de correferência, mostrando, desta forma, e tal como referido, que algum fator, interfere com a Teoria da Ligação na interpretação dos sujeitos nestas construções. Nas estruturas analisadas, assume-se como possível: (i) a par dos casos de coordenação integrada (em que extração *across-the-board* se aplica), a existência de estruturas, para muitos falantes, em que a coordenação é interpretada como não integrada e em que, tal como acontece com construções parentéticas, há bloqueio dos efeitos de c-comando do primeiro termo sobre o segundo; (ii) no caso das coordenadas disjuntivas, o segundo termo coordenado é interpretado como uma reformulação face ao conteúdo do primeiro, sendo que, por isso, se justifica a existência de um valor parentético e / ou também de um valor de contraste / focalização percecionado através da prosódia implícita. Além disso, tal como referido anteriormente, assume-se como possível o facto de os informantes interpretarem estas frases como alternativas que se colocam à mesma pessoa.

Além das diferenças observadas na condição PL\_DP, os restantes resultados mostram que as estruturas coordenadas aditivas se afastam das adversativas e das disjuntivas. Nas condições testadas com o segundo sujeito realizado por um pronome lexical, PL\_PL e DP\_PL, a interpretação de correferência é aquela que apresenta valores mais elevados nas estruturas disjuntivas e adversativas, no entanto, nas aditivas é a que apresenta os valores mais baixos. Considera-se que as coordenações aditivas privilegiam representações integradas, e que neste caso, por questões de economia, as configurações ATB do sujeito são preferidas.

Tendo em conta estes resultados, verifica-se que o Princípio Evitar Pronome (cf. Chomsky 1981) não é obrigatório, nem preferencial, nas estruturas coordenadas, visto

que nestas condições a interpretação disjunta nunca é preferida<sup>41</sup> e que, nos casos de omissão do sujeito do segundo termo coordenado, ocorre tipicamente extração *across-the-board*.

Considerando que em todas as condições testadas os informantes aceitam todas as interpretações disponíveis (correferência; disjunção; correferência / disjunção) é necessário assumir que as frases coordenadas não são estruturalmente uniformes e que outros fatores, além dos Princípios da Teoria da Ligação, podem afetar na interpretação dos sujeitos.

Assim, considerando que as propostas tradicionais para a coordenação não têm em conta que as diferentes frases (aditivas, adversativas e disjuntivas) podem projetar representações com propriedades distintas e que existe uma interação entre o tipo de constituinte nominal que ocorre em posição de sujeito e a configuração estrutural da estrutura coordenada em que figura, o conceito de coordenação terá de ser reanalisado à luz desta nova informação.

Tendo em conta os resultados obtidos com a tarefa realizada, é necessário assumir que cada estrutura coordenada (aditiva, adversativa ou disjuntiva) deve ser analisada autonomamente, uma vez que, em termos referenciais, se apresentam como distintas. Desta forma, as propostas que têm em conta as características da coordenação aditiva e que, a partir daí, extrapolam conclusões em relação a outras construções coordenadas, devem ser reavaliadas.

A assunção da existência de uma estrutura de coordenação uniforme, que se aplica às construções aditivas, adversativas e disjuntivas, terá de ser repensada e de ter em conta as características de cada construção, de forma a captar essas propriedades.

Note-se, tendo em conta, o que foi apresentado nas secções anteriores, com exceção das frases em que assumimos que existe um valor parentético, é possível manter a estrutura básica da coordenação (Especificador-Núcleo-Complemento), considerando, porém, que esta pode ocorrer em diversos níveis (VP, TP, CP, ...).

---

<sup>41</sup> Contudo, de forma a atestar estes juízos, seria necessário um teste posterior em que se permitisse aos informantes optarem pela construção com ou sem o pronome realizado. Deste modo, seriam apresentadas duas estruturas (com e sem pronome realizado) e um contexto de referência, veja-se (i):

- (i) a. O João fez o trabalho mas [-] esteve em Sintra.
- b. O João fez o trabalho mas ele esteve em Sintra.

- Tendo em conta que o João realizou as duas ações (ter feito o trabalho e ter estado em Sintra), qual a frase mais adequada à descrição dos eventos?

## 5.4. Estruturas Coordenadas e Subordinadas Adverbiais: semelhanças e diferenças

Tal como foi referido anteriormente, através da observação dos resultados da tarefa de natureza experimental realizada é possível perceber que existem assimetrias entre estruturas coordenadas e subordinadas adverbiais, mas também entre os vários tipos de coordenadas e os vários tipos de adverbiais. A par das diferenças encontradas, por exemplo, no grupo de estruturas coordenadas, verificou-se também que o comportamento referencial de algumas destas construções se aproxima do de algumas adverbiais.

Tendo em conta as semelhanças observadas em termos de comportamento referencial, e as consequências que as mesmas podem ter, discutem-se, de seguida, os aspetos que se consideram mais relevantes.

### 5.4.1. Estruturas Coordenadas Aditivas e Subordinadas Adverbiais não integradas à direita

A observação dos resultados relativos às construções coordenadas aditivas e subordinadas adverbiais não integradas permite perceber que os sujeitos destas estruturas apresentam um comportamento referencial semelhante.

Retomam-se agora os gráficos relevantes:

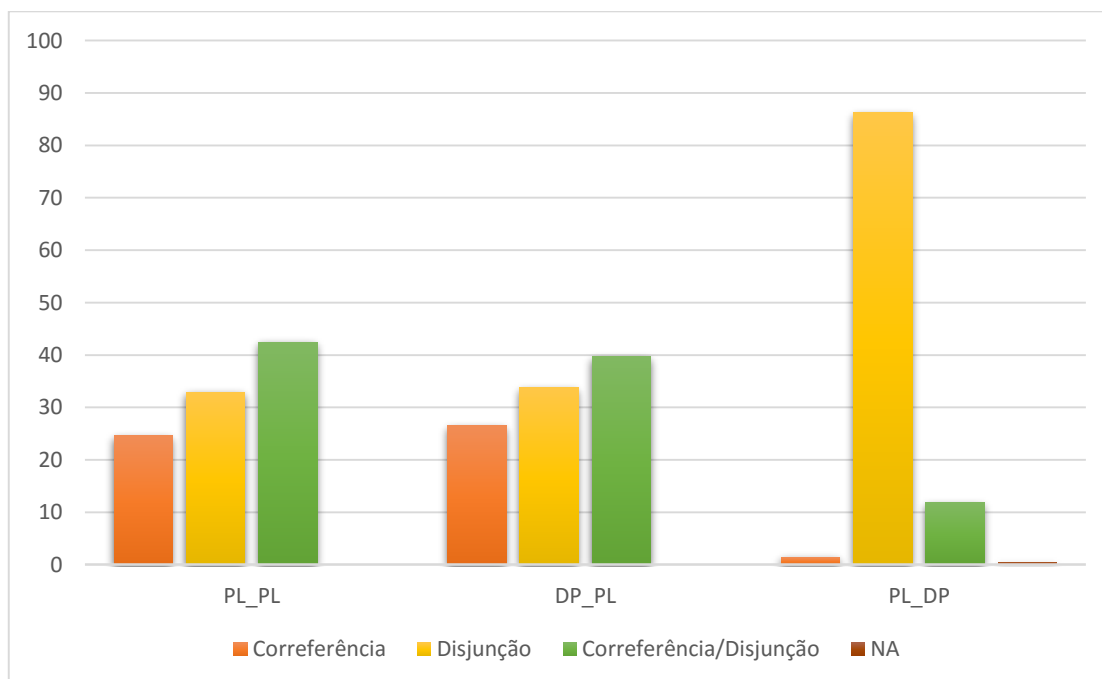
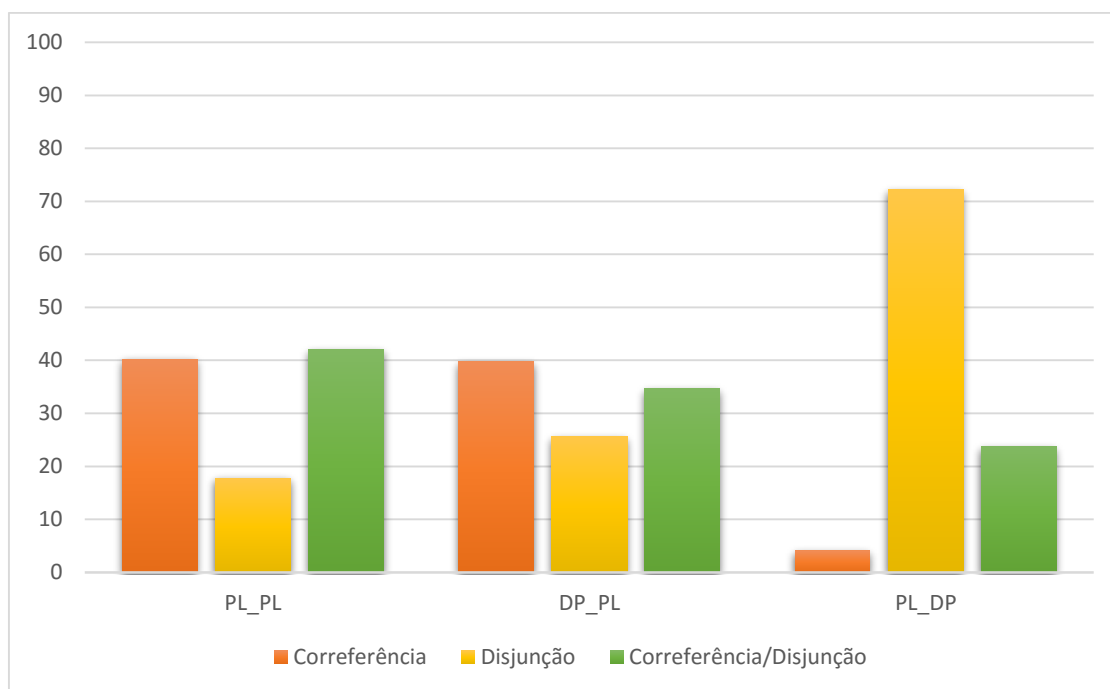


Gráfico 22 - Frases Coordenadas Aditivas



**Gráfico 23 - Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à direita**

Tal como referido, o facto de o grupo de estruturas coordenadas não apresentar um comportamento uniforme permite questionar a existência de uma estrutura única de coordenação. No entanto, assumimos que a mesma configuração estrutural descreve os diferentes subtipos de coordenação integrada, sendo que a variação entre eles decorre do nível estrutural (VP, TP, CP) em que ocorre a coordenação (o que pode afetar a relação de c-comando que se estabelece entre os sujeitos).

A observação do comportamento referencial das estruturas coordenadas aditivas permitiu verificar que, embora estas se diferenciem das restantes coordenadas, aproximam-se das orações subordinadas adverbiais não integradas à direita. Em ambas as construções se verificam efeitos de c-comando do sujeito primeiro termo coordenado ou da oração matriz em relação ao sujeito do segundo termo coordenado ou da oração adverbial, uma vez que na condição PL\_DP a leitura disjunta é preferida por um elevado número de informantes.

Os resultados obtidos na condição PL\_PL são também idênticos, visto que, em ambas as estruturas, um pouco mais de 40% dos informantes aceitam a leitura de correferência e de disjunção (esta preferência está conforme o descrito pelo Princípio B, que refere a possibilidade de o pronome ter um antecedente no domínio sintático).

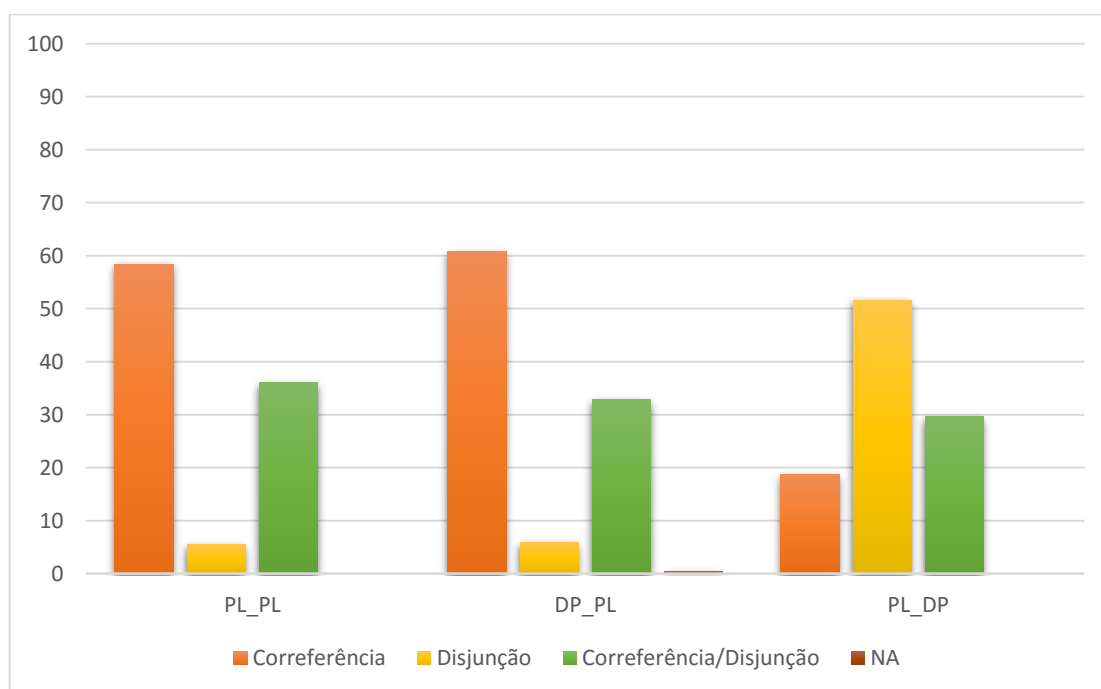
Nas estruturas testadas com a condição DP\_PL, as preferências alteram-se um pouco, mas deve, no entanto, ser notada a oscilação existente nos juízos dos informantes.

Nesta condição, os valores obtidos dividem-se pelas três opções de resposta<sup>42</sup> de tal forma que nenhuma delas tem um valor perto dos 50%.

Assim, é possível perceber que, além de ser necessário repensar a uniformidade tipicamente atribuída às estruturas coordenadas, é também necessário ter em conta que existem certos aspetos que aproximam algumas coordenadas de alguns tipos de subordinadas adverbiais.

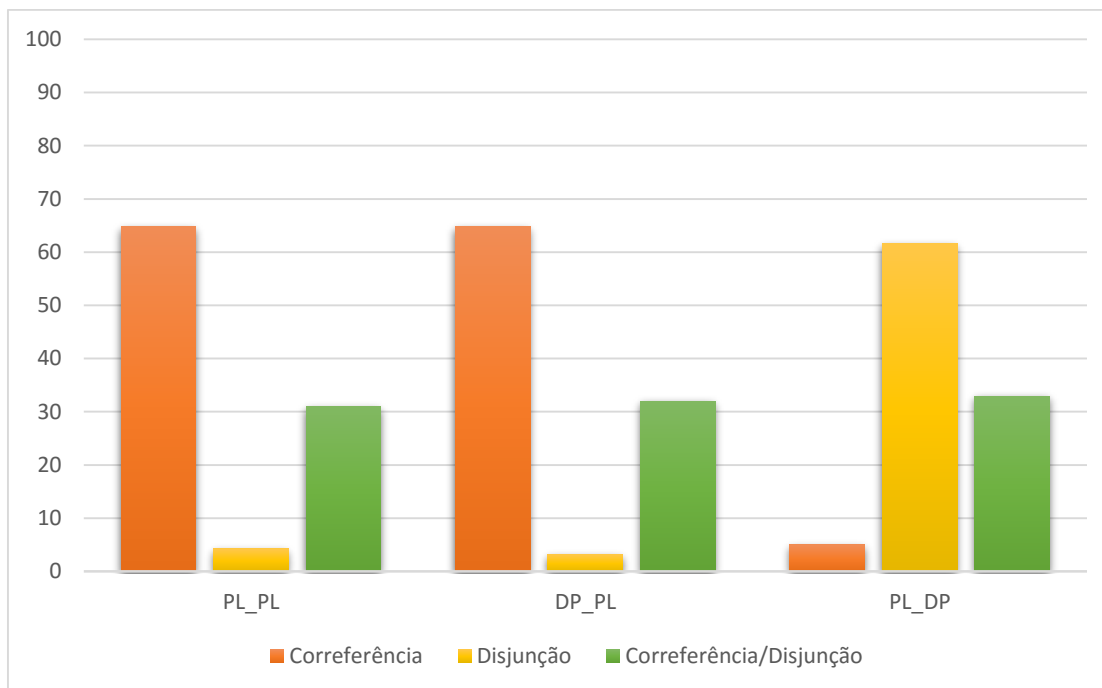
#### 5.4.2. Estruturas Coordenadas Adversativas e Subordinadas Adverbiais integradas

De seguida, retomam-se os gráficos relativos às estruturas coordenadas adversativas e às subordinadas adverbiais integradas, uma vez que os resultados obtidos permitem perceber que o seu comportamento referencial apresenta bastantes semelhanças.



**Gráfico 24 - Frases Coordenadas Adversativas**

<sup>42</sup> Embora existam valores referentes à opção sem resposta (NA), não se assume que tal seja uma possibilidade de resposta, uma vez que os valores contabilizados como NA correspondem a itens a que os informantes não responderam.



**Gráfico 25 - Frases Subordinadas Adverbiais integradas**

No que concerne à condição PL\_DP, que nos permite perceber se existe uma relação de c-comando entre os sujeitos da frase complexa, verifica-se, em ambos os casos, uma preferência pela interpretação disjunta do sujeito, o que sugere a existência de c-comando do sujeito do primeiro termo coordenado ou do sujeito da oração matriz sobre o sujeito do segundo termo ou o sujeito da adverbial.

Nas restantes condições testadas, em que o segundo sujeito é um pronome lexical, a interpretação preferida pelos informantes é a de correferência (o que parece reforçar que o Princípio Evitar Pronome não é obrigatório). Além disso, em construções com a condição PL\_PL, assume-se que a preferência por interpretações de correferência pode ser explicada pelo paralelismo que existe entre as proposições que constituem a frase complexa, e que influencia a leitura atribuída à mesma. Esta hipótese terá de ser confirmada com a aplicação de novos testes em trabalho futuro.

Verifica-se também que, em ambas as estruturas e em todas as condições, os valores atribuídos a interpretações disjuntas são muito baixos, exceto no caso PL\_DP.

### 5.4.3. Estruturas Coordenadas Disjuntivas e Subordinadas Adverbiais não integradas à esquerda

O comportamento das estruturas coordenadas disjuntivas e das subordinadas adverbiais não integradas à esquerda apresentam também algumas semelhanças. Retomam-se, de seguida, os seus gráficos.

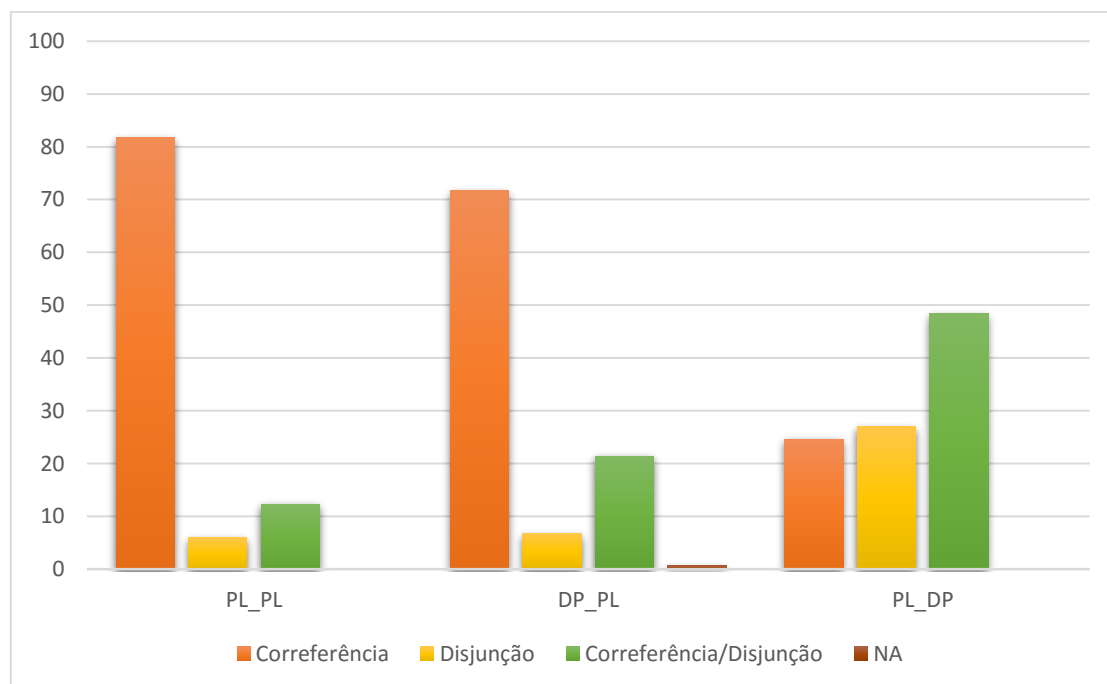


Gráfico 26 - Frases Coordenadas Disjuntivas

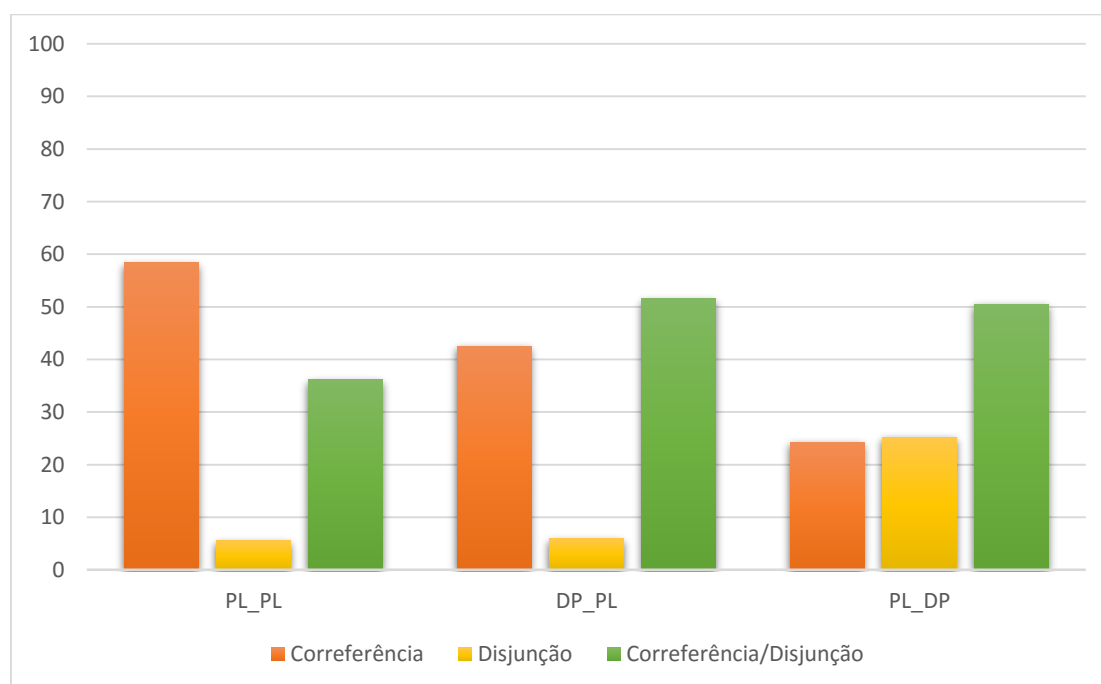


Gráfico 27 - Frases Subordinadas Adverbiais Não Integradas à esquerda



Embora estas estruturas não apresentem tantas semelhanças entre si como os grupos anteriormente referidos, verifica-se que, as condições testadas partilham bastantes propriedades.

A condição PL\_DP, pertinente por revelar a existência de uma relação de c-comando, apresenta nestas duas construções resultados semelhantes: a opção com maior valor percentual permite atribuir a estas construções leituras de correferência e de disjunção; os valores percentuais relativos às leituras exclusivas de correferência ou disjunção são bastante aproximados e abaixo dos 30%. Assim, tendo em conta estes resultados, é necessário considerar a existência, e influência, de vários fatores na interpretação associada a cada frase. Por consequência, as configurações estruturais terão de refletir esta variação.

Em ambas as construções, na condição PL\_PL, os informantes mostram uma preferência pela interpretação de correferência, embora, no caso das adverbiais não integradas à esquerda, exista um grupo de mais de 35% de informantes que aceitam como possíveis a interpretação de correferência / disjunção.

Embora na condição DP\_PL os resultados não sejam idênticos, assume-se que tal se deve apenas ao facto de os resultados desta condição estarem relacionados com o Princípio Evitar Pronome, que, como verificámos anteriormente, não apresenta um carácter obrigatório. Assim, é possível assumir que nas frases disjuntivas existe uma tendência menor para seguir o Princípio Evitar Pronome, face ao que acontece nas adverbiais não integradas à esquerda, tal como referido anteriormente, o motivo que leva a esta diferença está fora do alcance deste estudo e será analisado em trabalhos futuros.

#### **5.4.4. Estruturas Coordenadas Adversativas e Subordinadas Adverbiais não integradas à direita**

Lobo (2003: 56-57) refere que muitos autores analisam a proximidade semântica das estruturas coordenadas adversativas e das subordinadas adverbiais concessivas (não integradas à direita com *embora*), contudo, a autora também refere que, em termos sintáticos, estas construções apresentam comportamentos distintos, uma vez que as adversativas apresentam as propriedades típicas da coordenação, por oposição às subordinadas adverbiais.

Lobo (2003:96), ao descrever as estruturas adverbiais concessivas, refere que, apesar de ambas as construções veicularem um valor de oposição entre as duas proposições, estas possuem valores discursivos diferentes: “(...) adversativas e concessivas têm diferentes valores discursivos, só as segundas envolvem uma pressuposição, i.e., só estas referem uma circunstância que é contrária às expectativas (cf. Vera Luján 1981; Flamenco García 1999).”.

Tendo em conta estes fatores, sugerimos que as diferenças observadas nos resultados da tarefa realizada se poderão dever ao facto de as estruturas concessivas estarem, de acordo com Lobo (2003: 182), “inerentemente especificadas como dando uma informação contrária às expectativas (...)” e, por possuírem um valor discursivo distinto do das coordenadas, influenciam também as interpretações que lhes estão associadas.

Contudo, embora este comportamento possa ser esperado devido às propriedades discursivas, é pertinente notar que as construções adversativas não só se distanciam das adverbiais não integradas à direita (concessivas) (vejam-se os gráficos 4 e 7, respetivamente), como se aproximam das integradas (causais) (veja-se o gráfico 6).

## **5.5. Síntese**

Tomando como base os resultados apresentados do teste experimental, é necessário analisá-los à luz das hipóteses que guiaram este trabalho. É, por isso, necessário avaliar de que modo estes resultados contribuem para a compreensão das estruturas subjacentes aos vários tipos de frases coordenadas e de subordinadas adverbiais.

Nas secções 5.1. e 5.2., verificou-se que o grupo das estruturas coordenadas, e também o das subordinadas adverbiais, apresenta diferentes propriedades. Os resultados da tarefa realizada mostram, tendo em conta as relações referenciais que se estabelecem entre sujeitos, que, numa determinada configuração estrutural, só determinadas expressões nominais podem ocorrer. Além disso, tendo em conta alguns dos dados observados, é necessário assumir que outros fatores anteriormente referidos, como a idealização de um contexto externo ou a alteração do contorno prosódico da estrutura são utilizados de modo a desambiguar as frases que, podem, à partida, ter duas interpretações possíveis.

No início deste capítulo, avançaram-se três hipóteses principais relativamente às propriedades estruturais das frases coordenadas e das frases com subordinadas adverbiais,

tendo por base as propriedades classicamente descritas na literatura. Retomam-se agora essas hipóteses:

**Hipótese 1:** Há uma clara distinção estrutural entre coordenação e subordinação adverbial. Entre si, os diferentes tipos de frases coordenadas e os diferentes tipos de subordinadas adverbiais têm propriedades estruturais idênticas. Esta hipótese, conduz a um tratamento semelhante ao que é tradicionalmente proposto, separando coordenação de subordinação adverbial.

**Hipótese 2:** As frases coordenadas e as subordinadas adverbiais têm todas elas estruturas semelhantes. Esta hipótese remete a distinção entre coordenação e subordinação para fatores não estruturais.

**Hipótese 3:** Não existe uma distinção estrutural clara entre as frases coordenadas e as frases com subordinação adverbial, dado que nem umas nem outras apresentam propriedades estruturais homogêneas. De acordo com esta hipótese, a distinção a fazer poderá passar mais por aspetos como: o maior ou menor grau de integração das frases envolvidas, ou o valor semântico dos conetores que unem as frases do que propriamente pela distinção clássica entre coordenação e subordinação.

A observação dos resultados obtidos referentes às construções subordinadas adverbiais permitiu infirmar as hipóteses 1 e 2. No que concerne a hipótese 1, se, por exemplo, as estruturas subordinadas adverbiais apresentassem um comportamento referencial uniforme e, consequentemente, representações estruturais idênticas, então, os informantes teriam de, por exemplo, na condição PL\_DP optar consistentemente por interpretações disjuntas, de modo a que a este tipo de construções estivesse associada a mesma configuração, excetuando a particularidade de se tratar de adjunções à direita ou à esquerda. Da mesma forma, a hipótese 2 não é adequada para a descrição destes dados, visto que, tendo em conta outras análises que aproximam as construções, prevê comportamentos idênticos em todas as estruturas testadas (coordenadas e subordinadas adverbiais). De notar que, embora esta hipótese não se confirme, os dados mostram que

existem propriedades partilhadas por ambas as construções, nomeadamente a existência de relações de c-comando.

A hipótese 3 permite dar conta do comportamento referencial das construções em estudo, uma vez que prevê a possibilidade de se comportarem de forma distinta e, por isso, corresponderem a representações estruturais distintas no que diz respeito ao nível de articulação do termo coordenado ao termo coordenante e da oração adverbial à oração matriz, e à natureza parentética da frase. Observa-se, porém, que este comportamento não é consistente, visto que, como referido anteriormente, em todas as condições testadas, de acordo com os juízos dos informantes, é possível atribuir às construções leituras de correferência, disjunção e correferência/disjunção. De notar que, por exemplo, no caso das estruturas adverbiais não integradas, nas condições PL\_PL e DP\_PL, se verifica bastante variação nos juízos dos informantes, sendo que tal se pode dever ao facto de considerarem que existe mais do que um contexto subjacente possível e que tal viabiliza as duas leituras, ou à incapacidade de optarem por uma das hipóteses apresentadas.

Deste modo, a hipótese 3 permite dar conta do comportamento referencial observado nas construções coordenadas e subordinadas adverbiais. No caso das frases subordinadas, os resultados obtidos mostram-nos que o seu comportamento referencial está conforme o descrito na literatura relevante. As estruturas adverbiais integradas e não integradas à direita exibem efeitos de c-comando, embora exista também um número reduzido de informantes que aceita outras interpretações.

No caso das frases coordenadas, os dados mostram que é necessário analisar cada estrutura coordenada de forma isolada e ter em conta os vários fatores que podem influenciar as relações referenciais que se estabelecem. Os dados de natureza experimental obtidos mostram então que não é possível manter a assunção implícita de que a coordenação é um fenómeno homogéneo.

Tendo em conta estes resultados, verificou-se que as construções coordenadas aditivas apresentam um comportamento distinto das restantes. Os dados obtidos em relação às estruturas em que o segundo sujeito é omitido, mostram que as configurações preferidas são de extração *across-the-board* e, por isso, assume-se a existência de uma representação estrutural integrada. Esta representação sugere também a existência de uma relação de c-comando, assume-se que a coordenação aditiva privilegia estruturas integradas, em que existe c-comando do constituinte do primeiro termo coordenado sobre os constituintes do segundo termo.

Contudo, também se assume como possível a existência de uma configuração alternativa em que não ocorre extração *across-the-board*, sendo que a representação destas estruturas exibiria efeitos de c-comando<sup>43</sup> do constituinte do primeiro termo coordenado sobre o segundo termo.

A presença do pronome lexical em construções com as condições PL\_PL sugere que os casos de omissão do sujeito do segundo termo são sempre decorrentes de extração *across-the-board*, e não da inserção de *pro*, uma vez que a ocorrência de *pro* permitiria alternar entre *pro* e um pronome realizado sem que se alterasse a relação de referência estabelecida. Outra possibilidade que permite explicar a ocorrência do pronome lexical no segundo termo decorre da assunção de que é possível, em leitura silenciosa, atribuir ênfase a determinados constituintes (cf. Fodor 2002a, b).

Em relação às estruturas coordenadas adversativas, nas restantes condições testadas (PL\_PL e DP\_PL), o comportamento que estas exibem é semelhante ao das aditivas, uma vez que também mostram efeitos de c-comando do sujeito do primeiro termo coordenado em relação ao sujeito do segundo termo e, em construções em que o segundo sujeito é nulo, a leitura preferencial é a de correferência. Estes dados permitem-nos assumir que, além da existência de uma relação de c-comando, há preferência por representações estruturais integradas.

Contudo, nas restantes condições testadas, em que o sujeito do segundo termo coordenado é um pronominal, as frases coordenadas adversativas distanciam-se das aditivas, uma vez que dão preferência a interpretações de correferência. Considerando princípios de economia, como o Princípio Evitar Pronome, não é esperado que, em frases com as condições DP\_PL e PL\_PL, em que o sujeito do segundo termo é realizado, a interpretação preferencial seja a de correferência.

Em relação aos resultados obtidos para a condição PL\_DP, coloca-se como hipótese, tal como referido, que existam diferentes níveis de integração e que, a par de estruturas de coordenação integradas, existam outras menos integradas. Assim, assume-se que uma das interpretações menos integradas seja parentética e que, por isso, exista um bloqueio dos efeitos de c-comando do primeiro termo (correspondendo, neste caso, à frase hospedeira) sobre o segundo termo. Considera-se também que esta assunção está de

---

<sup>43</sup> Assume-se que a relação de c-comando, nestas configurações, seria não local, uma vez que o domínio de c-comando local do sujeito do primeiro termo coordenado são os constituintes contidos nesse primeiro termo (veja-se Matos e Colaço, 2014).

acordo com a regra gramatical que postula que a conjunção *mas* é antecedita por uma vírgula (veja-se Cunha e Cintra (1984: 643))

Os resultados relativos às frases coordenadas disjuntivas mostram que estas se comportam de uma forma distinta, face às restantes coordenadas analisadas. Este grupo de frases distancia-se principalmente pelo facto de, na condição PL\_DP, não exibirem uma tendência marcada para a interpretação disjunta, que revelaria efeitos do Princípio C. Porém, os resultados do primeiro teste mostram que também é possível que, associada a frases disjuntivas, esteja uma representação integrada quando se verifica extração ATB. Assim, a par destas representações integradas, assume-se que, tal como no caso das frases adversativas, é necessário considerar a existência de representações menos integradas que deem conta do comportamento observado nos testes de comportamento referencial.

Também como no caso das adversativas, considera-se que existem fatores que possibilitam a oscilação nas interpretações atribuídas às frases: (i) existência de um valor de ênfase / focalização; ou (ii) assunção de um valor parentético associado à frase, o que leva a que os efeitos de c-comando do primeiro termo face ao segundo sejam bloqueados. Adicionalmente, considera-se a possibilidade de o segundo termo coordenado funcionar como uma reformulação da predicação do primeiro termo.

Assim, considerando que todas as estruturas em teste são propositadamente ambíguas de forma a possibilitar a atribuição de qualquer leitura, sem tornar nenhuma delas preferencial, é necessário assumir que, uma vez que a tarefa foi realizada em leitura silenciosa, os informantes optaram por atribuir a cada frase uma estrutura prosódica que permitisse desambiguar a estrutura sintática.

O segundo teste mostrou, no entanto, que independentemente dos fatores que influenciam os comportamentos referenciais, existem propriedades que evidenciam a existência de aspetos distintivos no grupo das estruturas coordenadas, contrariamente ao que é tradicionalmente assumido.

Com os dados apresentados neste capítulo pretendeu-se mostrar que a distinção classicamente associada a construções coordenadas e subordinadas adverbiais não é muito clara e que há propriedades que as podem aproximar ou distinguir. Assim, o trabalho apresentado mostrou que a estrutura de coordenação tal como é classicamente proposta, não reflete todas as propriedades associadas a estas construções.

Com efeito, há que distinguir, em primeiro lugar, entre coordenação integrada e parentética, e, no caso da integrada, há que ter em conta o nível em que aplica a coordenação (VP, TP, CP...).

Em relação às frases subordinadas adverbiais, considerando os dados apresentados e as propostas classicamente sugeridas para estas estruturas, assume-se que, embora existam algumas particularidades associadas a estas frases, as propostas permitem dar conta do seu comportamento. Além disso, tendo em conta que se verificaram algumas semelhanças, em termos de efeitos de c-comando, entre todas as frases, sugere-se que a distinção entre coordenação e subordinação adverbial não seja claramente definida em termos estruturais. Consideramos, por isso, que, os resultados obtidos com este trabalho, apontam para a necessidade de um estudo mais aprofundado e sistemático das várias construções, que permita avaliar a existência de diferentes graus de integração estrutural e também a conexão que se estabelece entre os termos coordenados, ou a frase matriz e adverbial, em função dos conetores que as unem.

De seguida, apresentam-se as conclusões gerais deste trabalho e apontam-se pistas para trabalho futuro.





## Capítulo V – Conclusões

As propostas de tratamento da coordenação e da subordinação adverbial têm, classicamente, sido aproximadas, dado que ambas são, na literatura relevante, analisadas como estruturas de Adjunção e Especificador-Núcleo-Complemento. Por outro lado, tal como apresentamos no segundo capítulo desta tese, não há consenso nas abordagens, nem nos juízos dos informantes (cf. capítulo 4).

Com este trabalho pretendemos contribuir para o esclarecimento desta questão, perceber o que aproxima e separa a coordenação e a subordinação adverbial, refinar as configurações estruturais destas frases e definir as propriedades dos constituintes omitidos que ocorrem em posição de sujeito nestas construções. Neste sentido, foram elaborados dois testes de compreensão para aferir qual a interpretação preferencial associada a frases em que o segundo sujeito é omitido (teste 1) e frases em que ambos os sujeitos são realizados (teste 2).

Acreditamos que os resultados obtidos com as tarefas de juízo de referência contribuem para a compreensão de questões relacionadas com a coordenação e a subordinação adverbial, bem como das propriedades associadas aos constituintes omitidos nestas construções. Assim, decorrem deste estudo algumas conclusões principais, que aqui se apresentam:

- (i) As frases coordenadas e subordinadas adverbiais apresentam semelhanças e diferenças, contudo de uma forma diferente daquela que é descrita na literatura.
- (ii) Em relação às frases subordinadas adverbiais, tendo em conta os resultados obtidos na TJR, confirmamos o descrito na literatura relevante. Sendo que as orações subordinadas adverbiais não integradas à esquerda, diferentemente das não integradas à direita, não apresentam c-comando, mostrando que a posição que a oração adverbial ocupa influencia a estrutura e as relações que se estabelecem.
- (iii) Diferentemente daquilo que é referido em Lobo (2003), as frases subordinadas adverbiais não integradas à direita apresentam efeitos de c-comando do sujeito matriz sobre o sujeito da oração adverbial.

- (iv) Os resultados obtidos permitiram-nos ainda perceber que, dado o comportamento referencial dos sujeitos nas frases subordinadas adverbiais, quando o segundo sujeito é omitido ocorre sob a forma de *pro*.
- (v) Diferentemente daquilo que é descrito na literatura, a coordenação não é um processo de formação de frases complexas uniforme. Apesar de, aparentemente, a única diferença ser a conjunção que une os termos coordenados, os resultados mostram que tal não é verdade e que os três tipos de coordenadas testadas (aditivas, adversativas e disjuntivas) apresentam diferenças entre si.
- (vi) O comportamento referencial dos sujeitos em coordenadas aditivas mostra que estas apresentam as propriedades que tradicionalmente lhes são atribuídas. Assim, constatamos que existe uma relação de c-comando do primeiro sujeito sobre o segundo e que, em frases em que o segundo sujeito é omitido, preferencialmente ocorre movimento ATB. Porém assume-se que também é possível que ocorra *pro*, ou um pronome realizado, caso se considere uma estrutura alternativa em que se mantém o c-comando não local sobre o sujeito do segundo termo coordenado, mas não há extração ATB. Consideramos, desta forma, que, preferencialmente, o constituinte omitido é uma cópia, resultante da extração ATB, embora possa também, sob determinadas condições, ser realizado como *pro*.
- (vii) No que concerne as frases coordenadas adversativas, os resultados obtidos mostram que na condição PL\_DP se assemelham às aditivas, mas nas restantes (PL\_PL e DP\_PL) se aproximam das disjuntivas, uma vez que preferem interpretações de correferência. Contudo, a preferência por uma interpretação disjunta (na condição PL\_DP) nas coordenadas adversativas não é tão expressiva como nas aditivas. Assim, assume-se que é possível que, a par das estruturas integradas, que se assemelham às coordenadas aditivas, existam interpretações que permitem a existência de uma estrutura menos integrada.
- (viii) As frases coordenadas disjuntivas apresentam um comportamento referencial distinto das restantes coordenadas na condição PL\_DP, uma vez que os juízos

dos informantes indicam que estes preferem a interpretação de correferência/disjunção. Esta preferência levou-nos a assumir que as frases disjuntivas, a par da configuração estrutural integrada, apresentam a possibilidade de existência de uma estrutura não integrada, onde há bloqueio dos efeitos de c-comando, e que também há a hipótese de o segundo termo coordenados ser interpretado como uma reformulação face ao conteúdo do primeiro (associado a um valor parentético e/ou de contraste/focalização). Nas restantes condições testadas, estas construções apresentam resultados semelhantes às coordenadas adversativas, por darem preferência a interpretações de correferência.

- (ix) Embora seja necessário realizar, no futuro, um outro teste, de forma a confirmar os juízos obtidos neste teste, é possível perceber, a partir dos resultados, que o Princípio Evitar Pronome (cf. Chomsky 1981) não é obrigatório, nem preferencial, uma vez que, nas frases coordenadas, a leitura disjunta nunca é preferida (nas condições PL\_PL e DP\_PL).
- (x) Tendo em conta os resultados obtidos, é necessário assumir que as frases coordenadas não são estruturalmente uniformes. É, por isso, preciso analisar cada tipo de frase coordenada (aditiva, adversativa ou disjuntiva) de forma autónoma, visto que, em termos referenciais, apresentam comportamentos distintos. Por este motivo, o conceito de coordenação terá de ser reanalisado à luz desta nova informação, ao invés de extrapolar as características da coordenação aditiva para as restantes construções coordenadas, como acontece frequentemente na literatura.
- (xi) De notar, em relação às configurações sintáticas classicamente associadas à coordenação e subordinação, que, de acordo com os dados obtidos, em termos de c-comando, é possível analisá-las quer em termos de Adjunção, quer em termos de Especificador-Núcleo-Complemento. Porém, a estrutura de Especificador-Núcleo-Complemento será mais vantajosa para dar conta de estruturas em que o grau de integração é maior, face à de Adjunção.

Procurou-se que esta investigação respondesse aos objetivos anteriormente enunciados e consideramos que, em certa medida, os resultados obtidos permitem compreender melhor as construções coordenadas e subordinadas adverbiais. Porém, dadas as limitações de uma tese de mestrado, este não é um trabalho concluído e, embora se tenham obtido respostas para questões pertinentes, não foi possível analisar todas as implicações do tópico em estudo.

Assim, considera-se que, em trabalho futuro, se deverão desenvolver os seguintes aspetos:

- (i) Dar conta das semelhanças ou diferenças, em termos de comportamento referencial, entre frases coordenadas disjuntivas e disjuntivas correlativas.
- (ii) Analisar os dados obtidos em condições em que o primeiro sujeito é nulo e o segundo é realizado como um pronome ou uma expressão referencial.
- (iii) Realizar novos testes com o objetivo de perceber se existem diferenças no comportamento referencial de sujeitos em frases coordenadas (aditivas, adversativas e disjuntivas) quando apresentadas aos informantes com e sem vírgula antes da conjunção coordenativa.
- (iv) Testar novas estruturas em que se analisa a influência do número de constituintes que se interpõem entre o primeiro e o segundo sujeito, de forma a perceber se este fator altera a interpretação preferencial atribuída às frases.
- (v) Realizar uma tarefa experimental em que os informantes, além de indicarem a interpretação preferencial, leem as frases que constituem o teste, em voz alta, de forma a que se possa, posteriormente, analisar a gravação e confirmar os contextos em que os informantes efetuam pausas.
- (vi) Efetuar uma tarefa experimental em que os informantes ouvem as frases em estudo gravadas com diferentes contornos entoacionais (melodias diferentes da neutra), de forma a perceber qual a interpretação associada a cada contorno.

Além destas, existem outras questões de investigação pertinentes, uma vez que este trabalho é exploratório. Assim, as conclusões aqui apresentadas deverão no futuro

ser desenvolvidas e refinadas. Contudo, esperamos, com este trabalho, ter contribuído para a compreensão das questões que envolvem coordenação e subordinação adverbial e, principalmente, mostrar que o comportamento referencial dos sujeitos transpõe a oposição entre coordenação e subordinação.



## Referências

- Abney, Steven (1987) *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*, Dissertação de Doutorado, MIT, Cambridge MA.
- Antonenko, Andrei (2012) *Feature-Based Binding and Phase Theory*, Dissertação de Doutorado, Universidade de Stony Brook.
- Austin, John L. (1961) "Performative utterances," in J.O. Urmson and G.J. Warnock (eds.), *Philosophical Papers*, Oxford: Clarendon.
- Barbiers, Sjef (1995) *The Syntax of Interpretation*. Dissertação de doutorado, Universidade de Leiden.
- Becker, Misha (2014) *The Acquisition of Syntactic Structure: Animacy and Thematic Alignment*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Bianchi, Valentina (1997) On the structural position of time clauses, *Quaderni del Laboratorio di Linguistica* 11, Pisa, Scuola Normale Superiore.
- Bianchi, Valentina (2000) On Time Adverbials, *Italian Journal of Linguistics* 12.1, pp. 77-106.
- Black, Cheryl (1999) *A step-by-step introduction to the Government and Binding theory of syntax*, Consultado em 21 de dezembro de 2015 em: <http://research.uni-leipzig.de/lomo/images/IntroGB.pdf>
- Brito, Ana Maria (1991) Ligação, co-referência e o Princípio Evitar Pronome, *Encontro de Homenagem a Óscar Lopes*, Maia: APL, pp. 101-120.
- Brito, Ana Maria (2003) Subordinação Adverbial, In Mateus, M. H., et alii, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, pp. 695-766.

- Borsley, Robert (1994) In defence of coordinate structures, *Linguistic Analysis* 24, pp. 218-246.
- Borsley, Robert (2005) Against ConjP, *Lingua* 115, pp. 461-482.
- Büring, Daniel (2005) *Binding Theory*, Cambridge Textbooks in Linguistics, Cambridge University Press.
- Canceiro, Nádía (2013) *Sujeitos omitidos em frases coordenadas canónicas finitas e subordinadas adverbiais integradas e não integradas*. Textos Seleccionados do XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística.
- Canceiro, Nádía (2016) Omitted subjects in coordinate and adverbial clauses. In Pratas, F., Pereira, S. e Clara Pinto (eds.) *Coordination and Subordination: Form and Meaning – Selected Papers from CSI Lisbon 2014*. Cambridge Scholars Publishing.
- Chomsky, Noam (1980) *Rules and Representations*. New York: Columbia University Press and Oxford: Basil Blackwell Publisher.
- Chomsky, Noam (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris Publications.
- Chomsky, Noam (1982) Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding, *Linguistic Inquiry Monograph Six*, Cambridge: The MIT Press.
- Chomsky, Noam (1986) *Barriers*, Cambridge MA: The MIT Press.
- Chomsky, Noam (1995) *The Minimalist Program*, The MIT Press, Cambridge MA.
- Chomsky, Noam (2000) Minimalist Inquiries: The Framework. In *Step by Step: Essays in Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*, edited by Robert Martin, David Michaels and Juan Uriagereka, Cambridge MA: The MIT Press, pp. 89-155.



- Chomsky, Noam (2004) Beyond explanatory adequacy. In Adriana Belletti (ed.), *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 3, Oxford: Oxford University Press, pp. 104-131.
- Chomsky, Noam (2005) *On Phases*, Ms., Massachusetts Institute of Technology, Cambridge.
- Chomsky, Noam (2008) *The Essential Chomsky*, edited by Anthony Arnone, New York: The New Press.
- Cinque, Guglielmo (1999) *Adverbs and Functional Heads. A Cross-Linguistic Perspective*, New York/Oxford: Oxford University Press.
- Cinque, Guglielmo (2006) *Restructuring and Functional Heads. The Cartography of Syntactic Structures*, New York, Oxford University Press.
- Citko, Barbara (2005) On the Nature of Merge: External Merge, Internal Merge, and Parallel, *Linguistic Inquiry* 36, pp. 475-497.
- Colaço, Madalena (1993) *Construções "across-the-board" em português europeu*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Colaço, Madalena (1996) O Princípio "Across-the-Board" e o Movimento Sintático em Estruturas de Coordenação, In AAVV *Quatro Estudos em Sintaxe do Português*, Colibri, Lisboa, pp. 51-99.
- Colaço, Madalena (1998) Concordância parcial em estruturas de coordenação em Português Europeu, *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, vol. I, pp. 349-368.

- Colaço, Madalena (2005) *Configurações de Coordenação Aditiva: Tipologia, Concordância e Extracção*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Colaço, Madalena e Gabriela Matos (2008) *Coordenação com orações parentéticas em português*, Comunicação apresentada no 1º Workshop do Projecto Silent Categories in the Grammar of Portuguese (SILC), Faculdade de Letras de Lisboa, novembro (ms).
- Colaço, Madalena e Gabriela Matos (2010) “Estruturas coordenadas sem especificador realizado em português europeu”. *Diacrítica* 24(1): 267-288 – *Revista do Centro de Estudos Humanísticos*, Série Ciências da Linguagem. V.N. de Famalicão: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho & Edições Húmus. ISSN: 0807-8967.
- Colaço, Madalena e Gabriela Matos (2011) “Construções parentéticas coordenadas ancoradas oracionais e sintagmáticas”. In Brito, Ana M<sup>a</sup>., Fátima Silva, João Veloso & Alexandre Fiéis (eds.), *Textos seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística 2010*. Lisboa: APL.
- Colaço, Madalena (2012) Retomando a questão da concordância parcial no interior de constituinte nominais coordenados, In A. Costa, I. Falé & Pilar Barbosa (eds.), *Textos seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 153-170.
- Colaço, M. e Gabriela Matos (2016) Explicative clauses in Portuguese: a specifying coordination approach, In E. Carrilho, A. Fiéis, M. Lobo & Sandra Pereira (eds.), *Romance Languages and Linguistics Theory, selected papers from the Going*

*Romance 2014*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company [to appear November 2016).

Costa, Armanda, Isabel Faria e Gabriela Matos (1998) Ambiguidade referencial na identificação do Sujeito em estruturas coordenadas, *Actas do XIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, vol. I, pp. 173-188.

Costa, Armanda e Gabriela Matos (2012) Processamento da co-referência e sujeitos anafóricos – dados sobre o Português Europeu e Brasileiro, *Revista Linguística – Co-referência anafórica: representação, aquisição e processamento* 8 (2), dezembro 2012, ISSN Versão Digital: 2238-975X.

Crain, Stephen, Rosalind Thornton, Carole Boster, Laura Conway, Diane Lillo-Martin & Elaine Woodams (1996): “Quantification without quantification”. In *Language Acquisition* 5 (2).

Culicover, Peter e Ray Jackendoff (1997) Semantic Subordination despite Syntactic Coordination, *Linguistic Inquiry* 28.2, pp. 195-217.

Culicover, Peter e Ray Jackendoff (2001) Control is not movement, *Linguistic Inquiry* 32, pp. 493-512.

Cunha, Celso e Luis Filipe Lindley Cintra (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Ed. J. Sá da Costa, Lisboa.

de Vries, Mark (2009) *On Multidominance and Linearization*, *Biolinguistics* 3.4, pp. 344-403. ISBN 1450-3417.

Dik, Simon (1968) *Coordination: Its implications for the Theory of General Linguistics*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Amsterdão, Amsterdão.

- Duarte, Inês (1987) *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- Duarte, Inês (1991) Dependência vs independência referencial e co-referência: algumas reflexões, *Encontro de Homenagem a Óscar Lopes*, Maia: APL, pp. 141-154.
- Duarte, Inês (1996) ‘A Topicalização em Português Europeu: Uma Análise Comparativa’, in Inês Duarte & Isabel Leiria, orgs. *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, APL/Colibri, Lisboa; 327-360
- Engdahl, Elisabet (1983) *Parasitic Gaps*, Linguistics and Philosophy 6, D. Reidel Publishing Co., Dordrecht, Holland, and Boston, U.S.A., pp. 5-34.
- Ernst, Thomas (2000) *On the Order of Event-Internal Adjuncts*, In A. Alexiadou e P. Svenonius (eds.), pp. 33-49.
- Ernst, Thomas (2002) *The Syntax of Adjuncts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Estrela, Antónia (2006) *A Teoria da Ligação: dados do Português Europeu*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Fernández Lagunilla, Marina (1999), *Las construcciones sintácticas fundamentales, Relaciones temporales, aspectuales y modales*, In Ignacio Bosque e Violeta Demonte (orgs.) vol. 2, cap. 53.
- Ferreira, Marcelo (2009) Null subjects and finite control in Brazilian Portuguese, In: NUNES, J. (ed.). *Minimalist essays on Brazilian Portuguese Syntax*, Amsterdam: John Benjamins, p. 57-85.

- Fodor, J. D. (2002a) Psycholinguistics cannot escape prosody. In *Proceedings of the SPEECH PROSODY 2002 Conference*, Aix-en-Provence, France, April 2002.
- Fodor, Janet (2002b) Prosodic Disambiguation In Silent Reading, In *Proceedings of the North East Linguistic Society 32*, M. Hirotani (ed.), GSLA, University of Massachusetts, Amherst.
- Galán Rodríguez, Carmen (1999) 'La subordinación causal y final', in I. Bosque & V. Demonte, orgs., vol.3 *Entre la Oración y el Discurso*. Morfología; cap. 56
- Giusti, Giuliana (1991) 'Le Frasi Causali', In Renzi, L. Salvi, G. & Anna Cardinaletti (orgs), *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, Il Mulino, Bologna.
- Haegeman, Liliane (1991) *Introduction to Government and Binding Theory*. Oxford: Blackwell.
- Haegeman, Liliane (1994) *Introduction to Government and Binding Theory*. Oxford: Blackwell (2ª edição).
- Haider, Hubert (2000) 'Adverb placement - convergence of structure and licensing', in Alexiadou & Svenonius, eds., pp. 50-77.
- Haspelmath, Martin (2004) Coordinating constructions: an overview, In Haspelmath, Martin (ed.) *Coordinating constructions*. Amsterdam: Benjamins, 3-39.
- Holmberg, Anders & Sheehan Michelle (2010) Control Into Finite Clauses in Partial Null-Subject Languages. In: Biberauer T; Holmberg A; Roberts I; Sheehan M, ed. *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.125-152.
- Hornstein, Norbert (1999) Control as Movement. *Linguistic Inquiry* 30. 1, pp. 69-96

- Huang, James (1982) *Logical relations in Chinese and the theory of grammar*,  
Dissertação de Doutorado, MIT.
- Huddleston, Rodney, Geoffrey K. Pullum *et al* (2002), *The Cambridge Grammar of the English Language*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Jackendoff, Ray (1990) *Semantic Structures*. Cambridge, MA: MIT Press. p. 322
- Johanessen, Janne Bondi (1993) *Coordinate-alpha and unbalanced coordination*, In  
Kathol, A. og M. Bernstein (red.) ESCOL '93, Cornell University, Cornell, pp. 153-62.
- Johanessen, Janne Bondi (1998) *Coordination*, Oxford: Oxford University Press.
- Johnson, Kyle (2002) Restoring Exotic Coordinations to Normalcy, *Linguistic Inquiry*,  
33. 1, pp. 97–156.
- Kayne, Richard (1984) *Connectedness and Binary Branching*, Dordrecht: Foris.
- Kayne, Richard (1994) *The Antisymmetry of Syntax*, MIT Press, Cambridge MA.
- Kavalova, Yordanka (2007) 'And-parenthetical clauses'. In *Parentheticals*, Edited by  
Nicole Dehé and Yordanka Kavalova. *Linguistics Today*, 106, pp. 145–172.
- Kiss, Katalin É (2009) Principles of Syntactic Reconstruction, By Gisella Ferraresi &  
Maria Goldbach (eds.), *Diachronica* 26:3, pp. 448–455
- Landau, Idan (2000) *Elements of Control: Structure and Meaning in infinitival Contructions*, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht / Boston / London.
- Landau, Idan (2003a) Movement out of control. *Linguistic Inquiry* 34. 3, pp. 471-498
- Landau, Idan (2003b) Obligatory Control Can't be Raising or: Where Hornstein (1999)  
got it wrong, Introduction to Syntax, 24.951, MIT, Fall 2003. Consultado em 19 de

outubro de 2014 em: [http://ocw.mit.edu/courses/linguistics-and-philosophy/24-951-introduction-to-syntax-fall-2003/lecture-notes/ln15cont\\_vs\\_rais.pdf](http://ocw.mit.edu/courses/linguistics-and-philosophy/24-951-introduction-to-syntax-fall-2003/lecture-notes/ln15cont_vs_rais.pdf)

Landau, Idan (2014) *A Two-Tiered Theory of Control*, Cambridge, MA: MIT Press.

Larson, Richard (1988) On the Double Object Construction, *Linguistic Inquiry* 19. 3, pp. 335-391.

Larson, Richard (1990) Double Objects Revised: Reply to Jackendoff, *Linguistic Inquiry* 21. 4, pp. 589-632.

Lasnik, Howard (1989) *Essays on Anaphora*, Kluwer Academic Publishers.

Lobo, Maria (2002) *On the Structural Position of Non-Peripheral Adjunct Clauses*, *Journal of Portuguese Linguistics* 1 (1), pp.83-118.

Lobo, Maria (2003) *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Lobo, Maria (2013) Sujeito nulo: sintaxe e interpretação. In Raposo, Eduardo, Maria Fernanda Nascimento, Maria Antónia Mota, Luísa Segura e Amália Mendes, *Gramática do Português*, vol. II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 2309-2333.

Luegi, Paula (2012) *Processamento de sujeitos pronominais em Português: efeito da posição estrutural dos antecedentes*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Martins, Ana Maria (2013) Posição dos pronomes pessoais clíticos. In Raposo, Eduardo B. P., M<sup>a</sup> Fernanda B. Nascimento, M<sup>a</sup> Antónia C. Mota, Luísa Segura & Amália Mendes (orgs.), *Gramática do Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Mateus, Maria Helena (2003) et alii, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Matos, Gabriela (1991) Coordenação, Sujeito Nulo e Co-referência, *Encontro de Homenagem a Óscar Lopes*. Maia: APL, pp. 123-140.
- Matos, Gabriela (1992) *Elipse do Predicado em Português - SV Nulo e Despojamento*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Matos, Gabriela (1994) Estrutura-P, Transformações, Predicados Elípticos e Pronominais, *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Edições Colibri, pp. 305-319.
- Matos, Gabriela (1995) Estruturas binárias e monocêntricas em sintaxe: algumas observações sobre a coordenação de projecções máximas, *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 301-315.
- Matos, Gabriela (1997) “Configurações Sintáticas em Estruturas de Colocação Simultânea de Clítico”. In Brito, Ana Maria, Fátima Oliveira, Isabel Pires de Lima & Rosa Maria Martelo (orgs.) *Sentido que a Vida Faz — Homenagem a Óscar Lopes*, 705-717. Porto: Campo das Letras Editores SA. ISBN 972-610-047-X.
- Matos, Gabriela (2000) Across-the-board clitic placement in Romance languages. *Probus* 12, pp. 229-259.
- Matos, Gabriela (2003) Estruturas de coordenação in Mateus, M. H., et alii, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 549-592.
- Matos, Gabriela & Ana Brito (2003) “Estruturas comparativas canónicas em Português Europeu”. In Castro, Ivo & Inês Duarte (orgs). *Razões e Emoção — Miscelânea de Estudos para Maria Helena Mateus*, II: 43-72. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



- Matos, Gabriela (2004) Coordenação Frásica vs. Subordinação Adverbial, *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 555-567.
- Matos, Gabriela (2005) “Parataxe como coordenação e justaposição – evidência a partir de um caso de elipse”. *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp. 687-699.
- Matos, Gabriela & Edite Prada (2005) “Construções contrastivas de focalização: adversativas vs. concessivas”. In *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp. 701-713.
- Matos, Gabriela (2006) *Coordenação, Subordinação e adjunção*, Lição apresentada para Provas de Agregação, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Matos, Gabriela & Ana Brito (2008) ‘Comparative clauses and cross linguistic variation: a syntactic approach’. In Bonamy, Oliver & Patricia Cabredo Hofherr (eds.), 2008, *Empirical Issues in Syntax and Semantics 7*: 307–329, ISSN 1769-7158.
- Matos, Gabriela (2009) Appositive sentences and the structure(s) of coordination. In Tork, Danièle and Leo Wetzels (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2006*, Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 159-174.
- Matos, Gabriela e Eduardo Raposo (2013) “Estruturas de coordenação”. In Raposo, Eduardo B. P., M<sup>a</sup> Fernanda B. Nascimento, M<sup>a</sup> Antónia C. Mota, Luísa Segura & Amália Mendes (orgs.) *Gramática do Português*, vol. II, cap. 35, pp. 1761-1817. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Matos, Gabriela e Madalena Colaço (2011) “Floating parenthetical coordinate clauses”.

In Berns, Janine, Haike Jacobs & Tobias Sheer (eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2009*, 203-221, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Matos, Gabriela & Madalena Colaço (2013) *Padrões de colocação de clíticos em coordenação frásica*. Comunicação apresentada ao XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Coimbra, 23-25 de outubro.

Matos, Gabriela & Madalena Colaço (2014) Ênclise e Próclise na coordenação. *Linguística, Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, vol. 9

Mazzoleni, Marco (1991) cap. XIII §2.3., 2.4. 'Frase avverbiale: Ipotetiche e Concessive'

In Renzi, L. Salvi, G. & Anna Cardinaletti (orgs), *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, Il Mulino, Bologna.

McDaniel, D. & Cairns, H.S. (1990a) The child as informant: Eliciting linguistic judgments from young children. *Journal of Psycholinguistic Research* 19 (5), 331 - 344.

McDaniel, D. & Cairns, H.S. (1990b) The processing and acquisition of control structures by young children. In L. Frazier & J. de Villiers (eds.) *Language Processing and Language Acquisition*. Dordrecht: Kluwer.

McNally, Louise (1992) VP-Coordination and the VP-Internal Subject Hypothesis, *Linguistic Inquiry*, 23, pp. 336-341.

- Mendes, Amália (2013) Organização textual e articulação de orações. In Raposo, Eduardo B. P., M<sup>a</sup> Fernanda B. Nascimento, M<sup>a</sup> Antónia C. Mota, Luísa Segura & Amália Mendes (orgs.), *Gramática do Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Morgado, Sara (2011) *Processamento da co-referência pronominal: informação sintáctica e semântica*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Munn, Alan Boag (1987a) *Coordinate structure and X-bar theory*, McGill Working Papers in Linguistics, 4-1, 121-140.
- Munn, Alan Boag (1987b) *Coordinate structures, X-bar theory, and parasitic gaps*, Honours Thesis, McGill University.
- Munn, Alan Boag (1992) *A null operator analysis of ATB gaps*, The Linguistic Review 9, pp. 1-26
- Munn, Alan Boag (1993) *Topics in the Syntax and Semantics of Coordinate Structures*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Maryland.
- Munn, Alan Boag (1999) First conjunct agreement: Against a clausal analysis, *Linguistic Inquiry*, 30, pp. 643-668.
- Nilsen, Øystein (2000) *The Syntax of Circumstantial Adverbials*, Tromsø Studies in Linguistics 21, Novus Press, Oslo.
- Nunes, Jairo (1995) The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Maryland.
- Nunes, Jairo (2001) Sideward movement. *Linguistic Inquiry* 31, pp. 303-344.

- Nunes, Jairo (2004) Linearization of Chains and Sideward Movement. *Linguistic Inquiry Monograph 43*. MIT Press: Cambridge, MA.
- Nunes, Jairo (2010) A note on *Wh*-islands and Finite Control in Brazilian Portuguese, *Estudos da Língua(gem)* 8.2: 79-103. Consultado em agosto 2015 em: <http://estudosdalinguagem.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/viewFile/189/270>
- Papi, Marcella Bertucelli (1991) 'Frase subordinate al participio: Participio passato', In Renzi, L. Salvi, G. & Anna Cardinaletti (orgs), *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, Il Mulino, Bologna.
- Perlmutter, David (1970) The two verbs begin. In Jacobs & P. Rosenbaum (eds.), *Readings in English Transformational Grammar*, Waltham, Mass: Blaisdell Publishing Company, pp. 107-119.
- Pesetsky, David (1982) *Paths and Categories*, Dissertação de Doutorado, MIT.
- Pollard, Carl e Ivan Sag (1994) *Head-driven Phrase Structure Grammar*, Chicago: Chicago University Press.
- Quirk, Randolph, Sidney Greenbaum, Geoffrey Leech e Jan Svartvik (1972) *A Comprehensive Grammar of the English Language*, Longman, London / New York.
- Quirk, Randolph, Sidney Greenbaum, Geoffrey Leech e Jan Svartvik (1985) *A Comprehensive Grammar of the English Language*, Longman, London / New York.
- Raposo, Eduardo Paiva (1986) On the Null Object in European Portuguese, in *Studies in Romance Linguistics*, Foris.
- Reinhart, Tanya (1976) *The syntactic domain of anaphora*, Dissertação de Doutorado, MIT.

- Reinhart, Tanya (1983b) ‘Coreference and Bound Anaphora: A Restatement of the Anaphora Questions’, *Linguistics and Philosophy* 6, pp. 47–88
- Reinhart, Tanya e Eric Reuland (1993) Reflexivity, *Linguistic Inquiry* 24, pp. 657-720.
- Renzi, Lorenzo, Giampaolo Salvi e Anna Cardinaletti (1991) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, il Mulino, Bologna (3 vols.)
- Rodrigues, Cilene (2004) *Impoverished morphology and A-movement out of Case domains*, Dissertação de Doutorado, Universidade de Maryland, College Park.
- Rosenbaum, Peter (1967) *The Grammar of English Predicate Complement Construction*, Cambridge, MA: MIT Press.
- Ross, John R. (1967) *Constraints on Variables in Syntax*, Cambridge MA: MIT Press.
- Searle, John (1969) *Speech acts: An essay in the philosophy of language*, Cambridge, England: Cambridge University.
- Svenonius, Peter (2001) Subject Positions and the Placement of Adverbials, In P. Svenonius (ed.), *Subjects, expletives and the EPP*, Oxford University Press, New York.
- Uriagereka, Juan (2001) *Pure Adjuncts*, Ms., Comunicação apresentada no Colóquio de Gramática Generativa, Zaragoza, abril 2001.
- Valmada, Vidal (2009) *On the position of central adverbial clauses*, Anuario del Seminario de Filología Vasca “Julio de Urquijo”, XLIII, pp. 951-970.
- Williams, Edwin (1977) Discourse and Logical Form, *Linguistic Inquiry* 8, pp. 101-139.
- Williams, Edwin (1978) Across-the-board rule application, *Linguistic Inquiry* 9, pp. 31-43.

- Williams, Edwin (1980) Predication, *Linguistic Inquiry* 11, pp. 203-238.
- Williams, Edwin (1994a) A reinterpretation of evidence for verb movement in French, In D. Lightfoot e N. Hornstein (eds.), *Verb Movement*, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 189-205.
- Williams, Edwin (1994b) *Thematic Structures in Syntax*, The MIT Press, Cambridge MA.
- Zhang, Niina (2010) *Coordination in Syntax*. Cambridge Studies in Linguistics Series 123, Cambridge: Cambridge University Press.
- Zheng, Yi (2013) *Aquisição do sujeito nulo por parte dos alunos chineses que adquirem português como língua segunda*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Zheng, Yi (2014) Acquisition of Null Subjects in European Portuguese by Chinese Learners - Syntax and Discourse. In Kohlberger, Martin, Kate Bellamy & Eleanor Dutton, ed. 2014. *ConSOLE XXII: Proceedings of the 22nd Conference of the Student Organization of Linguistics in Europe (8-10 January 2014, Lisbon)*, pp. 231-254. Leiden: Leiden University Centre for Linguistics.
- Zwart, Jan-Wouter (2000) A dynamic theory of binding. In E. van Gelderen, & V. Samiiian (Eds.), *Proceedings of the Western conference on linguistics, volume 10*, Fresno: California State University, pp. 533-552

## **ANEXOS**





## Anexo 1

### Dados da Tarefa

- Frases teste

1. Ela aprendeu Inglês mas a Maria tirou um curso de Geologia.

Quem aprendeu Inglês?

- a. A Maria
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

2. Ela podia comer um bolo porque ela foi à padaria.

Quem foi à padaria?

- a. A mesma pessoa que podia comer um bolo
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

3. A Rita podia comer um bolo porque ela foi à padaria.

Quem foi à padaria?

- a. A Rita
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

4. O João aprendeu viola na escola e ele estudou Francês num centro de línguas.

Quem estudou Francês num centro de línguas?

- a. O João
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

5. Uma vez que ela gosta de livros, ela comprou “Guerra e Paz”.

Quem comprou “Guerra e Paz”?

- a. A mesma pessoa que gosta de livros
- b. A mesma pessoa que gosta de livros ou outra pessoa
- c. Outra pessoa

6. Ou ela leu um livro ou a Maria foi passear.

Quem pode ter lido um livro?

- a. A Maria
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

7. Ela estudou para o teste ou ela foi ter com as amigas.

Quem poderia ter ido ter com as amigas?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que poderia ter estudado para o teste
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

8. Estudou linguística mas o João quer ser advogado.

Quem estudou linguística?

- a. O João
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

9. Fez o trabalho mas o João esteve em Sintra.

Quem fez o trabalho?

- a. Outra pessoa
- b. O João
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

10. O Simão jantou às 23:00 porque ele saiu tarde do trabalho.

Quem saiu tarde do trabalho?

- a. O Simão
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

11. Ele fez o trabalho mas o João esteve em Sintra.

Quem fez o trabalho?

- a. O João
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

12. Ou aprendeu viola na escola ou o João estudou Francês num centro de línguas.

Quem poderia ter aprendido viola na escola?

- a. Outra pessoa
- b. O João
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

13. Uma vez que ele saiu às 19:00, ele fez o jantar.

Quem fez o jantar?

- a. A mesma pessoa que saiu às 19:00
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

14. Estudou para o teste ou ela foi ter com as amigas.

Quem poderia ter ido ter com as amigas?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que poderia ter estudado para o teste ou outra pessoa
- c. A mesma pessoa que poderia ter estudado para o teste

15. Ele estava feliz, embora o António chorasse.

Quem estava feliz?

- a. Outra pessoa
- b. O António
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

16. Ele deu aulas e ele estudou Biologia.

Quem estudou Biologia?

- a. A mesma pessoa que deu aulas
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

17. Uma vez que ele gosta de doces, ele trouxe trouxas das Caldas.

Quem gosta de doces?

- a. A mesma pessoa que trouxe trouxas das Caldas
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

18. Ela comprou um bolo, embora a Leonor estivesse a fazer dieta.

Quem comprou um bolo?

- a. Outra pessoa
- b. A Leonor
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

19. Ele estudou linguística mas o João quer ser advogado.

Quem estudou linguística?

- a. Outra pessoa
- b. O João
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

20. Ficou zangado, embora o João tenha pedido desculpa.

Quem ficou zangado?

- a. Outra pessoa
- b. O João
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

21. A Mafalda participou na maratona ou ela estudou Inglês.

Quem poderia ter estudado Inglês?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que poderia ter participado na maratona ou outra pessoa
- c. A mesma pessoa que poderia ter participado na maratona

22. Ou ele fez um bolo em casa ou o João comprou pastéis de Belém.

Quem poderia ter feito um bolo em casa?

- a. O João
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

23. Ela aprendeu Inglês e ela estudou Arquitectura.

Quem estudou Arquitectura?

- a. A mesma pessoa que aprendeu Inglês
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

24. Uma vez que ele saiu às 19:00, o Luís fez o jantar.

Quem saiu às 19:00?

- a. Outra pessoa
- b. O Luís
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

25. Aprendeu Inglês e ela estudou Arquitectura.

Quem aprendeu Inglês?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que estudou Arquitectura
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

26. Ou leu um livro ou a Maria foi passear.

Quem pode ter lido um livro?

- a. Outra pessoa
- b. A Maria
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

27. Ele ficou zangado, embora o João tenha pedido desculpa.

Quem ficou zangado?

- a. Outra pessoa
- b. O João
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

28. O António deu aulas e ele estudou Biologia.

Quem estudou Biologia?

- a. Outra pessoa
- b. O António
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

29. O Pedro não fez uma festa porque ele tem de entregar um trabalho amanhã.

Quem tem de entregar um trabalho amanhã?

- a. O Pedro
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

30. Ou fez um bolo em casa ou o João comprou pastéis de Belém.

Quem poderia ter feito um bolo em casa?

- a. Outra pessoa
- b. O João
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

31. Deu aulas e ele estudou Biologia.

Quem deu aulas?

- a. A mesma pessoa que estudou Biologia
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

32. Participou na maratona ou ela estudou Inglês.

Quem poderia ter participado na maratona?

- a. A mesma pessoa que poderia ter estudado Inglês
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

33. A Sofia estudou para o teste ou ela foi ter com as amigas.

Quem poderia ter ido ter com as amigas?

- a. A Sofia
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

34. Aprendeu viola na escola e ele estudou Francês num centro de línguas.

Quem aprendeu viola na escola?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que estudou Francês num centro de línguas
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

35. Estava feliz, embora o António chorasse.

Quem estava feliz?

- a. Outra pessoa
- b. O António
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

36. Aprendeu Inglês mas a Maria tirou um curso de Geologia.

Quem aprendeu Inglês?

- a. Outra pessoa
- b. A Maria
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

37. Uma vez que ela gosta de livros, a Maria comprou “Guerra e Paz”.

Quem gosta de livros?

- a. A Maria
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

38. Ela trabalhou no computador ou ela leu um livro.

Quem poderia ter lido um livro?

- a. A mesma pessoa que poderia ter trabalhado no computador
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

39. Jantou às 23:00 porque ele saiu tarde do trabalho.

Quem jantou às 23:00?

- a. A mesma pessoa que saiu tarde do trabalho
- b. A mesma pessoa que saiu tarde do trabalho ou outra pessoa
- c. Outra pessoa



40. Trabalhou no computador ou ela leu um livro.

Quem poderia ter trabalhado no computador?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que poderia ter lido um livro
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

41. Não fez uma festa porque ele tem de entregar um trabalho amanhã.

Quem não fez uma festa?

- a. A mesma pessoa que tem de entregar um trabalho amanhã
- b. A mesma pessoa que tem de entregar um trabalho amanhã ou outra pessoa
- c. Outra pessoa

42. Ele aprendeu viola na escola e ele estudou Francês num centro de línguas.

Quem estudou Francês num centro de línguas?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que aprendeu viola na escola
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

43. Uma vez que ele gosta de doces, o Pedro trouxe trouxas das Caldas.

Quem gosta de doces?

- a. O Pedro
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

44. Ele não fez uma festa porque ele tem de entregar um trabalho amanhã.

Quem tem de entregar um trabalho amanhã?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que não fez uma festa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

45. Ela participou na maratona ou ela estudou Inglês.

Quem poderia ter estudado Inglês?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que poderia ter participado na maratona
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

46. A Ana trabalhou no computador ou ela leu um livro.

Quem poderia ter lido um livro?

- a. Outra pessoa
- b. A Ana
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

47. Podia comer um bolo porque ela foi à padaria.

Quem podia comer um bolo?

- a. A mesma pessoa que foi à padaria
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

48. Comprou um bolo, embora a Leonor estivesse a fazer dieta.

Quem comprou um bolo?

- a. A Leonor
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

49. Ou ele aprendeu viola na escola ou o João estudou Francês num centro de línguas.

Quem poderia ter aprendido viola na escola?

- a. O João
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

50. Ele jantou às 23:00 porque ele saiu tarde do trabalho.

Quem saiu tarde do trabalho?

- a. A mesma pessoa que jantou às 23:00
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

51. A Ana aprendeu Inglês e ela estudou Arquitectura.

Quem estudou Arquitectura?

- a. A Ana
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

52. Ela trabalhou no computador ou a Joana leu um livro.

Quem poderia ter trabalhado no computador?

- a. Outra pessoa
- b. Outra pessoa ou a mesma pessoa que poderia ter lido um livro
- c. A mesma pessoa que achou a carteira

53. Uma vez que ela gosta de livros, a Maria comprou “Guerra e Paz”.

Quem gosta de livros?

- a. A Maria
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

54. O Pedro estudou linguística mas ele quer ser advogado.

Quem quer ser advogado?

- a. O Pedro
- b. O Pedro ou outra pessoa
- c. Outra pessoa

55. Ele jantou às 23:00 porque o João saiu tarde do trabalho.

Quem jantou às 23:00?

- a. Outra pessoa
- b. O João
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

56. Ou ele fez um bolo em casa ou ele comprou pastéis de Belém.

Quem poderia ter comprado pastéis de Belém?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que poderia ter feito um bolo em casa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

57. Trabalhou no computador ou a Joana leu um livro.

Quem poderia ter trabalhado no computador?

- a. A Joana
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

58. Jantou às 23:00 porque o João saiu tarde do trabalho.

Quem jantou às 23:00?

- a. O João
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

59. Ele não fez uma festa porque o João tem de entregar um trabalho amanhã.

Quem não fez uma festa?

- a. O João
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

60. Uma vez que ele saiu às 19:00, o Luís fez o jantar.

Quem saiu às 19:00?

- a. Outra pessoa
- b. O Luís
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

61. Não fez uma festa porque o João tem de entregar um trabalho amanhã.

Quem não fez uma festa?

- a. Outra pessoa
- b. O João
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

62. A Mariana comprou um bolo, embora ela estivesse a fazer dieta.

Quem estava a fazer dieta?

- a. A Mariana
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

63. Fez o trabalho mas ele esteve em Sintra.

Quem fez o trabalho?

- a. A mesma pessoa que esteve em Sintra
- b. A mesma pessoa que esteve em Sintra ou outra pessoa
- c. Outra pessoa

64. Estudou linguística mas ele quer ser advogado.

Quem estudou linguística?

- a. A mesma pessoa que quer ser advogado
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

65. Ela comprou um bolo, embora ela estivesse a fazer dieta.

Quem estava a fazer dieta?

- a. A mesma pessoa que comprou um bolo
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

66. Ou a Ana leu um livro ou ela foi passear.

Quem pode ter ido passear?

- a. A Ana
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

67. Ou o Pedro aprendeu viola na escola ou ele estudou Francês num centro de línguas.

Quem poderia ter estudado Francês num centro de línguas?

- a. O Pedro
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

68. Ele fez o trabalho mas ele esteve em Sintra.

Quem esteve em Sintra?

- a. A mesma pessoa que fez o trabalho
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

69. Estudou para o teste ou a Marta foi ter com as amigas.

Quem poderia ter estudado para o teste?

- a. Outra pessoa
- b. A Marta
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

70. Ou o António fez um bolo em casa ou ele comprou pastéis de Belém.

Quem poderia ter comprado pastéis de Belém?

- a. O António
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

71. Ela estudou para o teste ou a Laura foi ter com as amigas.

Quem poderia ter estudado para o teste?

- a. A Laura
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

72. Ela podia comer um bolo porque a Inês foi à padaria.

Quem podia comer um bolo?

- a. A Inês
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

73. O Pedro ficou zangado, embora ele tenha pedido desculpa.

Quem pediu desculpa?

- a. Outra pessoa
- b. O Pedro
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

74. Estava feliz, embora ele chorasse.

Quem estava feliz?

- a. A mesma pessoa que chorava
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

75. Ou aprendeu viola na escola ou ele estudou Francês num centro de línguas.

Quem poderia ter aprendido viola na escola?

- a. A mesma pessoa que poderia ter estudado Francês num centro de línguas
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

76. Ou ele aprendeu viola na escola ou ele estudou Francês num centro de línguas.

Quem poderia ter estudado Francês num centro de línguas?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que poderia ter aprendido viola na escola
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

77. Ele aprendeu viola na escola e o Pedro estudou Francês num centro de línguas.

Quem aprendeu viola na escola?

- a. O Pedro
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

78. O Pedro fez o trabalho mas ele esteve em Sintra.

Quem esteve em Sintra?

- a. O Pedro
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

79. O Manuel estava feliz, embora ele chorasse.

Quem chorava?

- a. O Manuel
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis



80. Uma vez que ele gosta de doces, o Pedro trouxe trouxas das Caldas.

Quem gosta de doces?

- a. O Pedro
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

81. Deu aulas e o João estudou Biologia.

Quem deu aulas?

- a. Outra pessoa
- b. O João
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

82. Aprendeu viola na escola e o Pedro estudou Francês num centro de línguas.

Quem aprendeu viola na escola?

- a. Outra pessoa
- b. O Pedro
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

83. Ela aprendeu Inglês e a Maria estudou Arquitectura.

Quem aprendeu Inglês?

- a. A Maria
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

84. Comprou um bolo, embora ela estivesse a fazer dieta.

Quem comprou um bolo?

- a. A mesma pessoa que estava a fazer dieta
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

85. Ele estudou linguística mas ele quer ser advogado.

Quem quer ser advogado?

- a. A mesma pessoa que estudou linguística
- b. A mesma pessoa que estudou linguística ou outra pessoa
- c. Outra pessoa

86. Aprendeu Inglês e a Maria estudou Arquitectura.

Quem aprendeu Inglês?

- a. A Maria
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

87. Participou na maratona ou a Maria estudou Inglês.

Quem poderia ter participado na maratona?

- a. Outra pessoa
- b. Outra pessoa ou a mesma pessoa que poderia ter estudado Inglês
- c. A Maria

88. Aprendeu Inglês mas ela tirou um curso de Geologia.

Quem aprendeu Inglês?

- a. A mesma pessoa que tirou um curso de Geologia
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

89. Ela participou na maratona ou a Leonor estudou Inglês.

Quem poderia ter participado na maratona?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que poderia ter estudado Inglês ou outra pessoa
- c. A mesma pessoa que poderia ter estudado Inglês

90. Ficou zangado, embora ele tenha pedido desculpa.

Quem ficou zangado?

- a. A mesma pessoa que pediu desculpa
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

91. Ou ela leu um livro ou ela foi passear.

Quem pode ter ido passear?

- a. A mesma pessoa que leu um livro
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

92. Ele ficou zangado, embora ele tenha pedido desculpa.

Quem pediu desculpa?

- a. A mesma pessoa que ficou zangada
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

93. Ele deu aulas e o João estudou Biologia.

Quem deu aulas?

- a. Outra pessoa
- b. O João
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

94. A Ana aprendeu Inglês mas ela tirou um curso de Geologia.

Quem tirou um curso de Geologia?

- a. A Ana
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

95. Ou fez um bolo em casa ou ele comprou pastéis de Belém.

Quem poderia ter feito um bolo em casa?

- a. A mesma pessoa que poderia ter comprado pastéis de Belém
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

96. Ele estava feliz, embora ele chorasse.

Quem chorava?

- a. A mesma pessoa que estava feliz
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

97. Ou leu um livro ou ela foi passear.

Quem pode ter lido um livro?

- a. A mesma pessoa que foi passear
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

98. Ela aprendeu Inglês mas ela tirou um curso de Geologia.

Quem tirou um curso de Geologia?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que aprendeu Inglês
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

99. Podia comer um bolo porque a Inês foi à padaria.

Quem podia comer um bolo?

- a. Outra pessoa
- b. A Inês
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

- Frases distratoras

1. A Diana esteve de férias no Brasil e em Marrocos.

Onde esteve a Diana de férias?

- a. Brasil
- b. Marrocos
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

2. A Mafalda teve férias em Agosto e trabalhou em Setembro.

Quando teve férias a Mafalda?

- a. Agosto
- b. Setembro
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

3. Ou a Madalena estudou Matemática ou Ciências.

O que estudou a Madalena?

- a. Duas disciplinas (Matemática e Ciências)
- b. Apenas uma disciplina (Matemática ou Ciências)
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

4. Ontem, a Laura e a Francisca leram revistas e ouviram música.

Quem leu revistas?

- a. A Laura
- b. A Francisca
- c. A Laura e a Francisca

5. A Maria disse que foi ao cinema e a Leonor também.

Quem disse que foi ao cinema?

- a. A Maria
- b. A Leonor
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

6. A Laura e a Francisca não foram ao teatro porque já era muito tarde.

Quem foi ao teatro?

- a. Nem a Laura nem a Francisca
- b. A Laura e a Francisca
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

7. A Laura podia ir à praia com a Mariana se já tivesse acabado o trabalho.

Quem podia ter ido à praia?

- a. A Mariana
- b. A Laura
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

8. A Francisca estudou em Lisboa e viveu em Oeiras.

Onde estudou a Francisca?

- a. Lisboa
- b. Oeiras
- c. Cascais

9. O João e o Pedro estiveram de férias mas tiveram de ler “Os Maias”.

Quem esteve de férias?

- a. O João
- b. O João e o Pedro
- c. O Miguel

10. A Leonor e o João partiram uns copos mas compraram outros para compensar.

Quem comprou os copos?

- a. A Leonor
- b. O João
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

11. O Guilherme comprou um telemóvel novo e a Maria ofereceu-lhe um computador.

Quem recebeu um computador?

- a. O Guilherme
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

12. A mochila da Ana era vermelha e a da sua colega era verde.

Quem tinha uma mochila verde?

- a. Outra pessoa
- b. A Ana
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

13. O João comprou um livro e o Pedro leu-o.

Quem leu o livro?

- a. O João
- b. O Pedro
- c. Outra pessoa

14. O Pedro e o Manuel compraram flores porque era o aniversário de uma amiga.

Quem comprou flores?

- a. O Pedro
- b. O Manuel
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

15. Ele voltou de Paris mas ainda não esteve com o Filipe.

Quem voltou de Paris?

- a. O Filipe
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

16. A Maria ofereceu um livro ao João e ele comprou uma gramática.

Quem comprou uma gramática?

- a. A Maria
- b. A Maria ou outra pessoa
- c. O João

17. Ontem à tarde, a Maria ouviu música e a sua colega leu um livro.

Quando ouviu a Maria música?

- a. Ontem à tarde
- b. Num dia diferente daquele em que a sua colega leu um livro
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

18. O Tiago viveu no Brasil mas a Maria disse-lhe para vir para Portugal.

Quem estava em Portugal?

- a. A Maria
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

19. A Maria colheu rosas no jardim e a sua amiga orquídeas.

Quem colheu orquídeas?

- a. A Maria
- b. A Ana
- c. Outra pessoa

20. O João comprou um livro à Maria e o Pedro uma flor.

Quem recebeu uma flor?

- a. O Pedro
- b. O João
- c. Outra pessoa



21. Ontem, a Marta leu muito e a Joana viu muita televisão.

Quem viu muita televisão?

- a. A Marta
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

22. Ficou a ver televisão até tarde e depois o André teve de o acordar.

Quem ficou a ver televisão até tarde?

- a. O André
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

- Itens de controlo

1. O Pedro só veio às 22:00 porque o Miguel saiu tarde.

Quem saiu tarde?

- a. O Pedro
- b. O João
- c. Outra pessoa

2. O António estava zangado, embora o Manuel tivesse pedido desculpa.

Quem pediu desculpa?

- a. O António
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

3. A Joana gostou d' "Os Maias" e a Ana adorou "O Memorial do Convento".

Quem gostou d' "Os Maias"?

- a. A Ana
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

4. Foi para a faculdade porque precisava de um livro da biblioteca.

Quem precisava de um livro da biblioteca?

- a. Outra pessoa
- b. A Ana
- c. A mesma pessoa que foi para a faculdade

5. Gostou dos bolos e adorou o chá.

Quem adorou o chá?

- a. A mesma pessoa que gostou dos bolos
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

6. Viveu em Lisboa ou trabalhou no Porto.

Quem trabalhou no Porto?

- a. A mesma pessoa que viveu em Lisboa
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

7. A Sofia leu um livro ou a Leonor viu televisão.

Quem leu um livro?

- a. A Leonor
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

8. Ou participou na conferência ou foi estudar para a biblioteca.

Quem poderia ter ido estudar para a biblioteca?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que poderia ter participado na conferência
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

9. A Ana leu “Os Miseráveis” mas a Sofia só viu o filme.

Quem viu o filme?

- a. A Ana
- b. A Maria
- c. Outra pessoa

10. Uma vez que o João precisava de um livro da biblioteca, o Pedro foi à faculdade.

Quem precisava de um livro da biblioteca?

- a. A mesma pessoa que foi para a faculdade
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

11. Uma vez que gosta de livros, foi ontem à Feira do Livro.

Quem foi à Feira do Livro?

- a. A mesma pessoa que gosta de livros
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

12. Foi passear com os amigos, embora estivesse de castigo.

Quem estava de castigo?

- a. Outra pessoa
- b. O Pedro
- c. A mesma pessoa que foi passear com os amigos

13. Ou o João participou na conferência ou o António foi estudar para a biblioteca.

Quem foi poderia ter ido estudar para a biblioteca?

- a. O João
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

14. Adora ir ao teatro mas não gosta de ir ao cinema.

Quem adora ir ao teatro?

- a. A mesma pessoa que não gosta de ir ao cinema.
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis.

## Anexo 2

### Dados do Pré-teste

- Frases teste

1. Ele deu aulas e estudou Biologia.

Quem estudou Biologia?

- a. A mesma pessoa que deu aulas
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

2. Ela aprendeu Inglês e estudou Arquitectura.

Quem estudou Arquitectura?

- a. A mesma pessoa que aprendeu Inglês
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

3. Ele aprendeu viola na escola e estudou Francês num centro de línguas.

Quem estudou Francês num centro de línguas?

- a. A mesma pessoa que aprendeu viola na escola
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

4. O João deu aulas e estudou Biologia.

Quem estudou Biologia?

- a. O João
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

5. A Marta aprendeu Inglês e estudou Arquitectura.

Quem estudou Arquitectura?

- a. A mesma pessoa que aprendeu Inglês
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

6. O Pedro aprendeu viola na escola e estudou Francês num centro de línguas.

Quem estudou Francês num centro de línguas?

- a. A mesma pessoa que aprendeu viola na escola
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

7. Ele estudou Linguística mas quer ser advogado.

Quem quer ser advogado?

- a. A mesma pessoa que estudou Linguística
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

8. Ela aprendeu Inglês mas tirou um curso de Geologia.

Quem tirou um curso de Geologia?

- a. A mesma pessoa que aprendeu Inglês
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

9. Ele fez o trabalho mas esteve em Sintra.

Quem esteve em Sintra?

- a. A mesma pessoa que fez o trabalho
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

10. O António estudou Linguística mas quer ser advogado.

Quem quer ser advogado?

- a. O António
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

11. A Mariana aprendeu Inglês mas tirou um curso de Geologia.

Quem tirou um curso de Geologia?

- a. A mesma pessoa que aprendeu Inglês
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

12. O Miguel fez o trabalho mas esteve em Sintra.

Quem esteve em Sintra?

- a. O Miguel
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

13. Ela trabalhou no computador ou leu um livro.

Quem leu um livro?

- a. A mesma pessoa que trabalhou no computador
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

14. Ela estudou para o teste ou foi ter com as amigas.

Quem foi ter com as amigas?

- a. A mesma pessoa que estudou para o teste
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

15. Ela participou na maratona ou estudou Inglês.

Quem estudou Inglês?

- a. A mesma pessoa que participou na maratona
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

16. A Joana trabalhou no computador ou leu um livro.

Quem leu um livro?

- a. A mesma pessoa que trabalhou no computador
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

17. A Sofia estudou para o teste ou foi ter com as amigas.

Quem foi ter com as amigas?

- a. A Sofia
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

18. A Maria participou na maratona ou estudou Inglês.

Quem estudou Inglês?

- a. A mesma pessoa que participou na maratona
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

19. Ela podia comer um bolo porque foi à padaria.

Quem foi à padaria?

- a. A mesma pessoa que podia comer um bolo
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

20. Ele não fez uma festa porque tem de entregar um trabalho amanhã.

Quem tem de entregar um trabalho amanhã?

- a. A mesma pessoa que não fez uma festa
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

21. Ele jantou às 23.00 porque saiu tarde do trabalho.

Quem saiu tarde do trabalho?

- a. A mesma pessoa que jantou às 23.00
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

22. A Diana podia comer um bolo porque foi à padaria.

Quem foi à padaria?

- a. A mesma pessoa que podia comer um bolo
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

23. O Pedro não fez uma festa porque tem de entregar um trabalho amanhã.

Quem tem de entregar um trabalho amanhã?

- a. O Pedro
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis



24. O João jantou às 23.00 porque saiu tarde do trabalho.

Quem saiu tarde do trabalho?

- a. A mesma pessoa que jantou às 23.00
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

25. Ela comprou um bolo, embora estivesse a fazer dieta.

Quem estava a fazer dieta?

- a. A mesma pessoa que comprou um bolo
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

26. Ele estava feliz, embora chorasse.

Quem chorava?

- a. A mesma pessoa que estava feliz
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

27. Ele ficou zangado, embora tenha pedido desculpa.

Quem pediu desculpa?

- a. A mesma pessoa que ficou zangada
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

28. A Violeta comprou um bolo, embora estivesse a fazer dieta.

Quem estava a fazer dieta?

- a. A mesma pessoa que comprou um bolo
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

29. O Vicente estava feliz, embora chorasse.

Quem chorava?

- a. O Vicente
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

30. O Miguel ficou zangado, embora tenha pedido desculpa.

Quem pediu desculpa?

- a. O Miguel
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

31. Uma vez que ele saiu às 19.00, fez o jantar.

Quem fez o jantar?

- a. A mesma pessoa que saiu às 19.00
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

32. Uma vez que ele gosta de doces, trouxe trouxas das Caldas.

Quem trouxe trouxas das Caldas?

- a. A mesma pessoa que gosta de doces
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

33. Uma vez que ela gosta de livros, comprou “Guerra e Paz”.

Quem comprou “Guerra e Paz”?

- a. A mesma pessoa que gosta de livros
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

34. Uma vez que o João saiu às 19.00, fez o jantar.

Quem fez o jantar?

- a. O João
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

35. Uma vez que o Pedro gosta de doces, trouxe trouxas das Caldas.

Quem trouxe trouxas das Caldas?

- a. A mesma pessoa que gosta de doces
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

36. Uma vez que a Mafalda gosta de livros, comprou “Guerra e Paz”.

Quem comprou Guerra e Paz?

- a. A mesma pessoa que gosta de livros
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

- Frases distratoras

1. Ela aprendeu Inglês mas a Maria tirou um curso de Geologia.

Quem aprendeu Inglês?

- a. A Maria
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

2. A Rita podia comer um bolo porque ela foi à padaria.

Quem foi à padaria?

- a. A Rita
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

3. A Laura e a Francisca não foram ao teatro porque já era muito tarde.

Quem foi ao teatro?

- a. Nem a Laura nem a Francisca
- b. A Laura e a Francisca
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

4. Uma vez que ele saiu às 19:00, ele fez o jantar.

Quem fez o jantar?

- a. A mesma pessoa que saiu às 19:00
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

5. O Pedro só veio às 22:00 porque o Miguel saiu tarde.

Quem saiu tarde?

- a. O Pedro
- b. O João
- c. Outra pessoa

6. Ele estudou linguística mas o João quer ser advogado.

Quem estudou linguística?

- a. Outra pessoa
- b. O João
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

7. Ela aprendeu Inglês e ela estudou Arquitectura.

Quem estudou Arquitectura?

- a. A mesma pessoa que aprendeu Inglês
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

8. A Francisca estudou em Lisboa e viveu em Oeiras.

Onde estudou a Francisca?

- a. Lisboa
- b. Oeiras
- c. Cascais

9. Ou participou na conferência ou foi estudar para a biblioteca.

Quem poderia ter ido estudar para a biblioteca?

- a. Outra pessoa
- b. A mesma pessoa que poderia ter participado na conferência
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

10. O Pedro estudou linguística mas ele quer ser advogado.

Quem quer ser advogado?

- a. O Pedro
- b. O Pedro ou outra pessoa
- c. Outra pessoa

11. Ele voltou de Paris mas ainda não esteve com o Filipe.

Quem voltou de Paris?

- a. O Filipe
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

12. Ela comprou um bolo, embora ela estivesse a fazer dieta.

Quem estava a fazer dieta?

- a. A mesma pessoa que comprou um bolo
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

13. Uma vez que o João precisava de um livro da biblioteca, o Pedro foi à faculdade.

Quem precisava de um livro da biblioteca?

- a. A mesma pessoa que foi para a faculdade
- b. Outra pessoa
- c. As respostas a. e b. são ambas possíveis

14. A Maria ofereceu um livro ao João e ele comprou uma gramática.

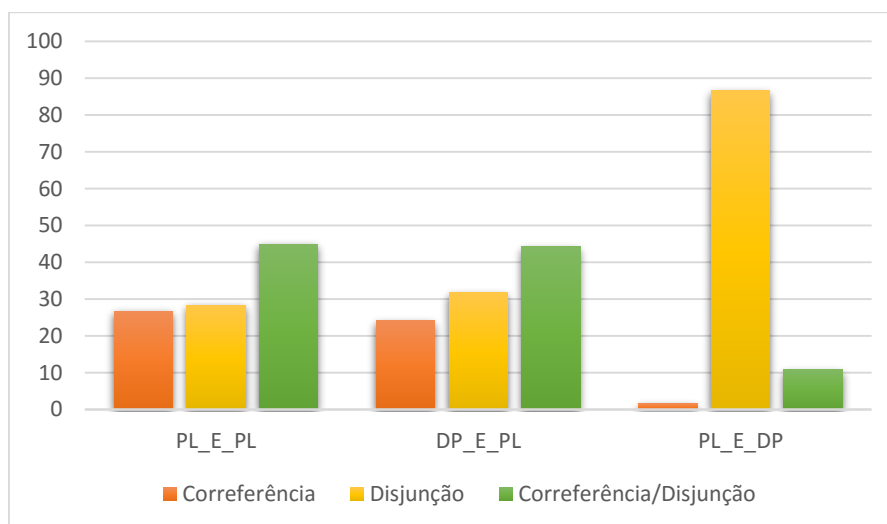
Quem comprou uma gramática?

- a. A Maria
- b. A Maria ou outra pessoa
- c. O João

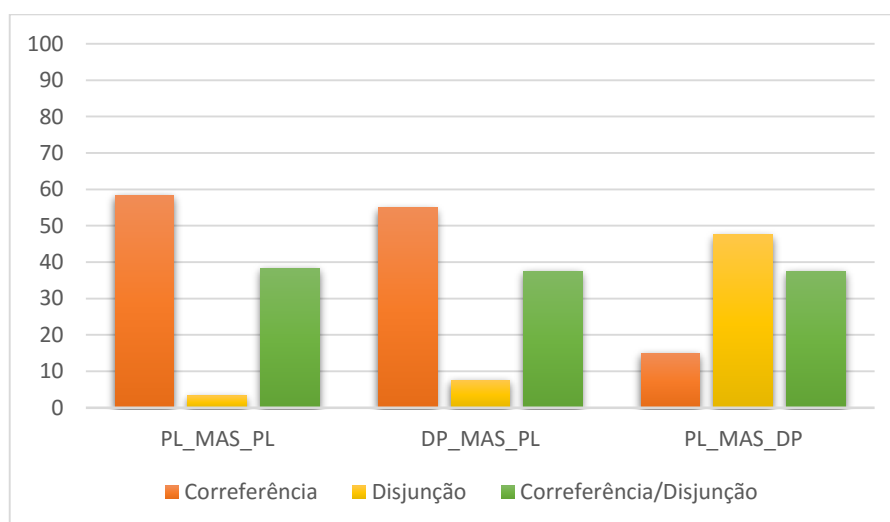


### Anexo 3

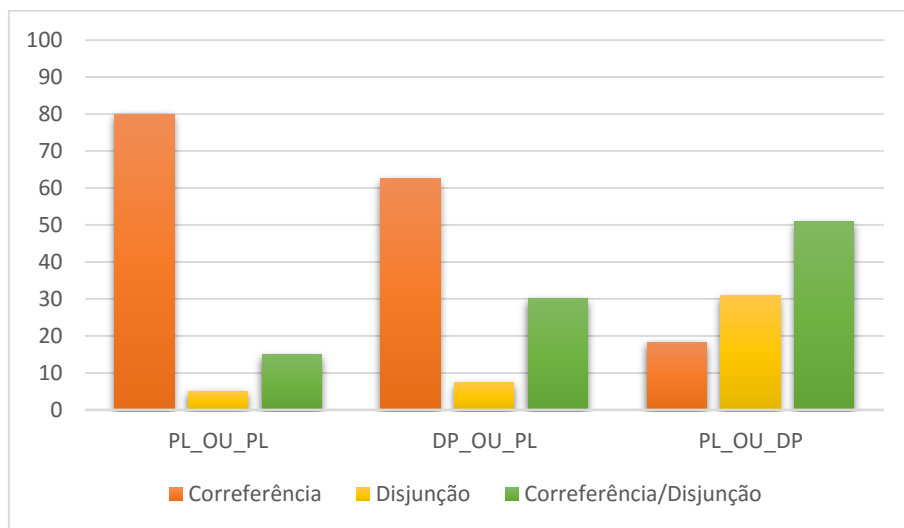
- Gráficos com os resultados da primeira experiência



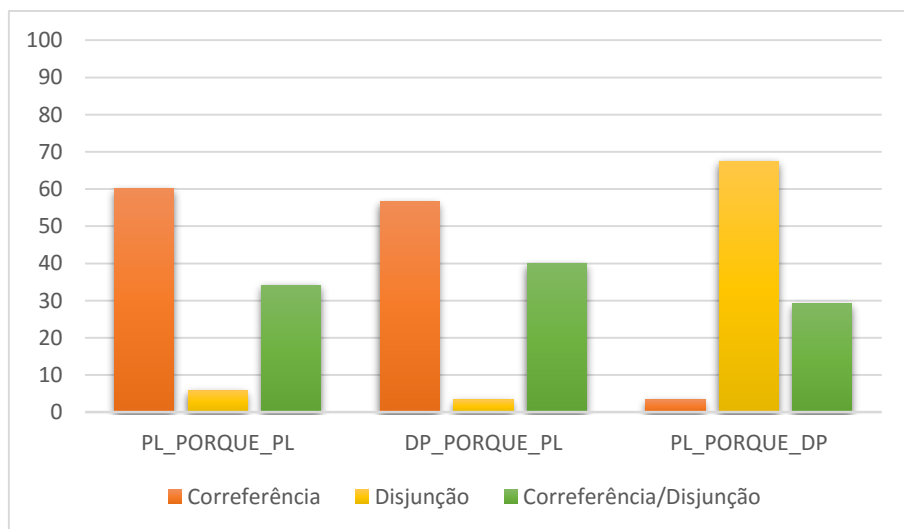
**Gráfico 28 - Frases Coordenadas Aditivas**



**Gráfico 29 - Frases Coordenadas Adversativas**

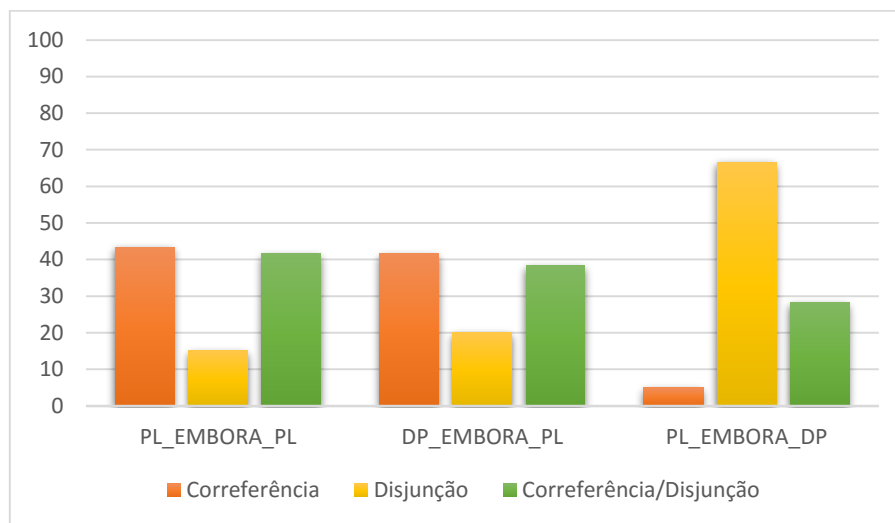


**Gráfico 30 - Frases Coordenadas Disjuntivas**

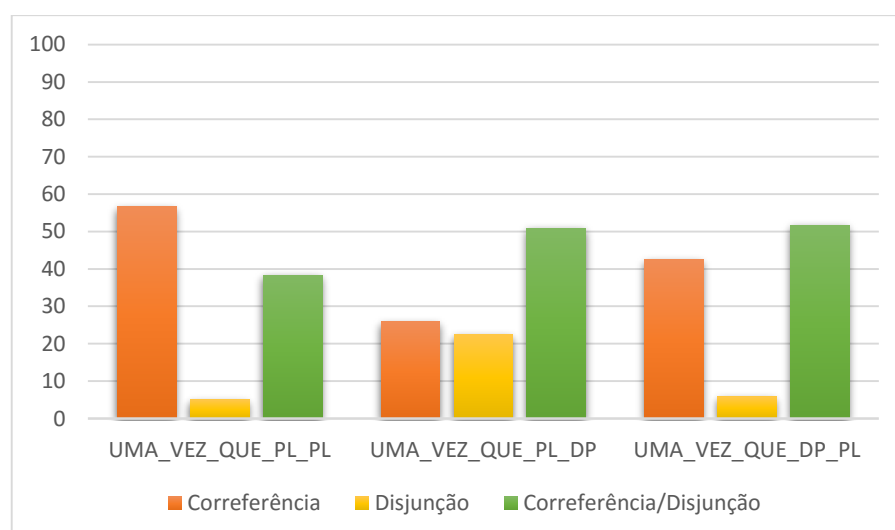


**Gráfico 31 - Frases Subordinadas Adverbiais Integradas**





**Gráfico 32 - Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à direita**

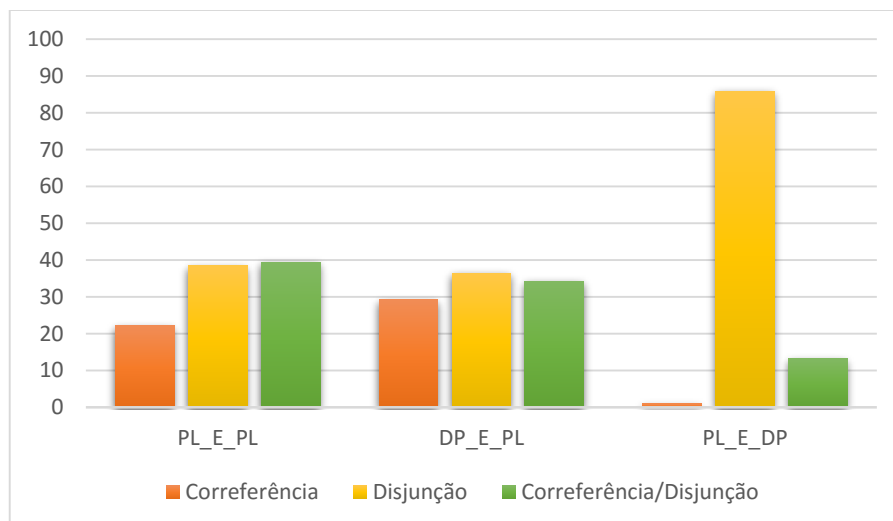


**Gráfico 33 - Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à esquerda**

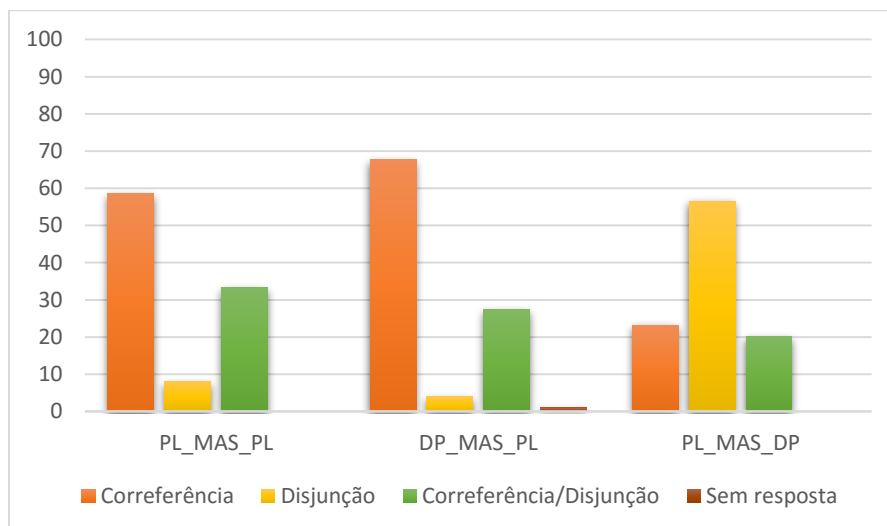


## Anexo 4

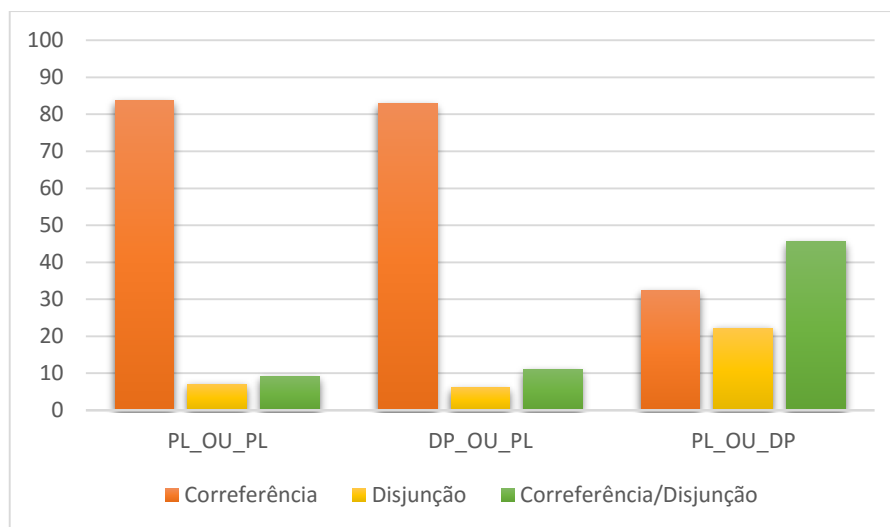
- Gráficos com os resultados da segunda experiência



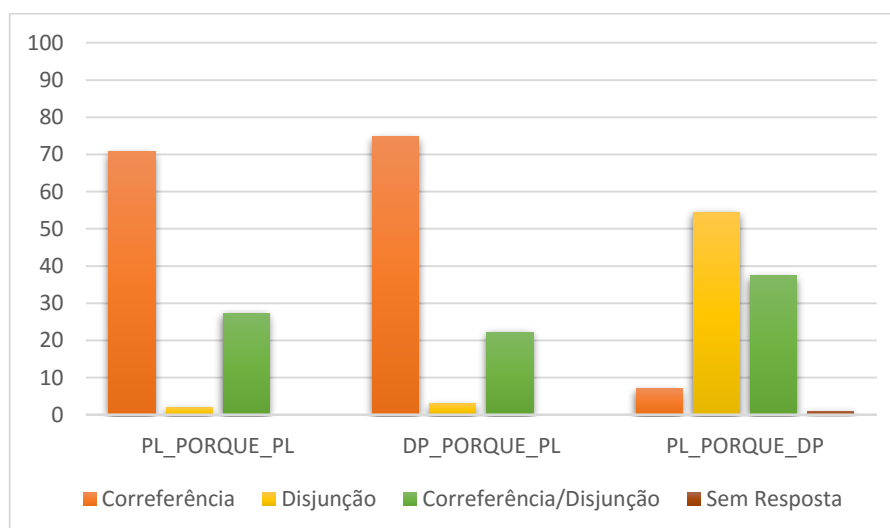
**Gráfico 34 - Frases Coordenadas Aditivas**



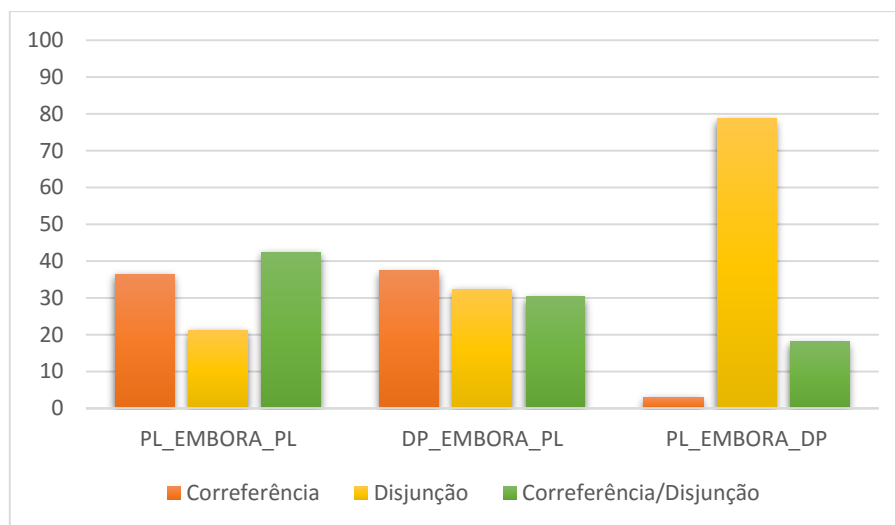
**Gráfico 35 - Frases Coordenadas Adversativas**



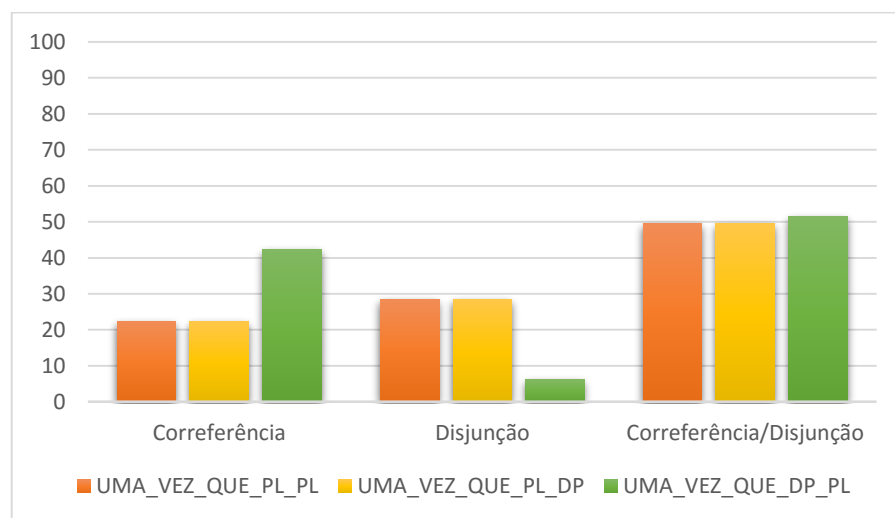
**Gráfico 36 - Frases Coordenadas Disjuntivas**



**Gráfico 37 - Frases Subordinadas Adverbiais Integradas**



**Gráfico 38 - Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à direita**



**Gráfico 39 - Frases Subordinadas Adverbiais não integradas à esquerda**